







A quante



SERMÕES

VARIOS.

952 = 69

PRIMEYRA PARTE

DEDICADA

AO REVERENDISSIMO SENHOR

PEDRO HASSE DE BELEM,

DOCTOR GRADUADO NOS SAGRADOS

*Canones, Comigo Prebendado na Sé de Lisboa, do Con-
celho de Sua Magestade, & do Geral do Santo
Officio, &c.*

Por Frey JOSEPH FERREYRA, RELIGIOSO
de Santo Augustinho.



LISBOA.

Na Officina de MANOEL, & JOSEPH LOPES FERREYRA

à sua custa impresso. M. DCC. VIII.

Com todas as licenças necessarias.

NM 139
R. 159

SERMONES
VARIOS
PRIMEIRA PARTE
DEDICADA
AO REVERENDISSIMO SENHOR
PEDRO HASSE DE BELEM

DOCTOR GRADUADO NOS SACRAMENTOS
Escrivão de Camara e de Real Fazenda na Cidade de Lisboa, do Con-
selho de Sua Magestade e do Real de Indiferente.
Officio &c.
TORREY JOSEPH FERREYRA RELIGIOSO
do S.anto Augustinho.



L I S B O A

Impressão de M. ANSELMO JOSEPH LOPEZ FERREYRA

Em Lisboa, na Officina de M. DCC. VIII.
Com todos os direitos reservados.

REVERENDISSIMO SENHOR.



AHE a luz das trevas dos meus borrões a primeyra parte dos Sermões, que tenho prégado; E a principal razão, que me move a sair a luz com elles, he o merecer por repetidas vezes ter a V. S. por meu ouvinte, mostrando-me sempre na sinceridade, com que costuma falar a todos, o quanto delles se satisfazia, E o muyto que lhe agradava o ouvirme: E fiado em hum tão recto, E verdadeyro Censor, que não tinha razão nenhũa para me li songear, antes muytas para me desenganar com a verdade, que costuma; E particularmente dizendo-me algũas vezes porque não imprimia os meus Sermões, suppus poderiam estes apparecer, senão à vista de todos, q̃ não tenho nada de presumido, ao menos à vista de muytos. Estes Sermões todos são irmãos daquelles, que V. S. me ouvio, porque são parto do mesmo entendimento, E como este no juizo de V. S. mereceu tantas vezes o seu abono, não me fica razão nenhũa para duvidar serà de V. S. bem aceyto este livro.

Só esta razão me bastava para fazer a V. S. esta pequena offerta do meu talento; mas são tantas as que me movem, quantas são as merces, que V. S. me tem feyto, como o meu agradecimento sabe publicar em toda a occasiã, que se offerece; E conhecendo-me tão obrigado, não só encorreria na censura de ingrato, se não fora buscar a V. S. com as primicias desta offerta,

ta, mas ainda punhame no perigo de não parecerem meus estes Sermões : porque não poderia ser parto do meu entendimento hũa notoria ingratitude.

Não peço a V. S. patrocine estes Sermões quanto àquelles que ouvirio, porque tenho por certo não terão nada, que censurar, quando mereceram a approvação do seu grande talento, & juízo, como he notorio a todos, que o conhecem ; para os mais he que peço a sua protecção : que posto sejam todos parto do mesmo entendimento, como sey que ha abortos, que sabem do mesmo parto, poderá algum parecer aborto a quem o ler ; & estando este debayxo da sua protecção, creyo se livrará de censura, porque se tera respeyto ao seu talento, ao seu juízo, à sua qualidade, às suas virtudes, & a todas as mais prerogativas, que concorrem no seu sujeyto, dignas todas de todo o mayor lugar ; & se este atégora lhe tem faltado, pôde V. S. entender que conhecem todos não he falta de merecimentos ; & não sey que possa haver mayor credito, que dizerem todos, sobejam os merecimentos, quando faltam as dignidades. Porém se atégora faltaram, ainda he tempo de chegarem, & espero ver a V. S. com a mayor, que lhe deseja

Este seu affectuoso, & muyto seu obrigado

Frey Joseph Ferreyra.

PROE



PROLOGO.

B Em sey dirás (Leytor, qualquer que sejas) que no tempo, em que os Sermouarios são tantos, & taõ repetidamente se estaõ dando ao prelo, escusado fora imprimir Sermões: mas essa mesma razaõ, porque me podes censurar, se quileres, foy a que me animou a imprimir os Sermões varios, que te offereço neste volume, naõ lo porq̃ quis seguir de tantos as piñadas; mas porque entre tantos vaõ tambem estes de companhia, & passarão por onde passarem os mais. Se te agradar a sua variedade, prometto offerecer-te segunda parte; se te naõ agradar, já preveni o meu sofrimento do primeyro instante, que me resolvi a fazellos publicos; & o que poderey fazer por te dar gosto, he emendarme, deyxando ficar os mais na sepultura dos borrões.

Vale.

T A.



T A B O A

DOS SERMÕES, QUE SE CON- tém neste Tomo.

- SERMAM I. De N. Senhora de Penha de França. Pag.1.
SERMAM II. Do Santissimo Nome de Jesus. pag. 25.
SERMAM III. Do Patriarca S. Joseph. pag.40.
SERMAM IV. Do Triunfo da Cruz. pag.59.
SERMAM V. Do Desaggravo de Christo Sacramétado. pag.78.
SERMAM VI. De N. Senhora da Encarnação. pag.99.
SERMAM VII. Do Martyr S. Sebastião. pag.115.
SERMAM VIII. Da Conceyção da Virgem S. N. pag.135.
SERMAM IX. Do Precursor S. Joáo Baptista. pag.154.
SERMAM X. Do Glorioso Santo Antonio. pag.169.
SERMAM XI. Do Martyr S. Gens. pag.191.
SERMAM XII. Do Menino Jesus. pag.205.
SERMAM XIII. Do Apostolo S. Bartholomeu. pag.225.
SERMAM XIV. Das Quarenta Horas. pag.241.
SERMAM XV. Da Ascensão de Nosso Senhor Jesu Christo,
pag.256.
SERMAM XVI. De N. Senhora da Esperansa. pag.272.
SERMAM XVII. Do Protomartyr Santo Estevam. pag.294.
— SERMAM XVIII. Da primeyra Dominga da Quaresma. p.311.
SERMAM XIX. De Exequias pelos Religiosos de Santo Au-
gustinho. pag.328.
— SERMAM XX. Da Payxaõ de Jesu Christo Nosso Salvador.
pag.347.

LICENÇA DA ORDEM.

O Bedecendo ao preceyto de V.P. muyto Reverenda, li os vinte Sermões, que prégou assim nesta Corte, como fora della, o muyto R. P. Fr. Joseph Ferreyra. E persuadome que seriam bem aceytos dos que os ouviram. Pois nelles vi ideas tão fermosas, assumptos de tanto engenho forma de discorrer tão grave, & huma graça de provar tanto ao intento dos assumptos, & verdade dos Evangelhos, que facilmente lhe acharà esta proporção, & tal ves connaturalidade quem assim nos Sermões dos mysterios, ou de titulos, ou de celebridades de Santos olhar para os Evangelhos, & Textos, em que fundam os assumptos, & donde se tiram as ideas, & deduzem os discursos.

Bem sey que se não prégam doutrinas novas, nem se inculcam novos mysterios, ou se solennizam celebridades, que se inventem; pois tudo confidero cõmum nos Prégadores; mas nisto mesmo pôde haver novidade pela disposição do engenho, & applicação do talento, como confiderou o Seneca Epistol. 64. nas materias da sabedoria: *Sed etiam si omnia aveteribus inventa sunt, hoc semper novum erit usus inventorum ab aliis scientia, & dispositio.*

Tal disposição tem este Religioso nestas materias tão commuas, & a tal fórma, & praxe reduzio o que nellas discorreu, que bem lhe podemos achar novidade, & novidade, que mereça ser bem recebida; pois lendo eu o primeyro Sermão, que he de N. Senhora de Penha de França, de quem confidero a este Religioso de todo o coração muyto devoto, logo nelle a chey a novidade de descobrir a origem da Penha em o mysterio do Padraõ, que levantou Jacob, acordando do seu sono. E posto que não fosse inventada, senão achada, com tudo às vezes ha cousas achadas, que parece tem a gloria de inventadas, quiza mereceria a devoção deste Religioso achar o que muytos não acharam. E assim nas mais ideas dos mais dos Sermões não discorre tão vulgarmente, que lhe não possamos achar, & dar algũa singularidade. Bem se podem contar por singularidades o estylo, invectivas, & claresa, com que escreve.

Por estas razões, que confidero nestes Sermões, me parece justo o conceder-lhe V.P. muyto Reverenda a licença que pede, para os imprimir. Este he o meu parecer: *Salvo meliori judicio.* Convento de N. Senhora da Graça em 15. de Fevreyro de 1707.

O Lente Jubilado Frey Joaõ de S. Joseph.

Vistas as informações dos muyto Reverendos Padres Lentos jubilados o Doutor Frey Bernardo de S. Antonio, & Frey Joaõ de S. Joseph, damos licença ao muyto R. P. Frey Joseph Ferreyra, para que possa imprimir o livro de Sermões varios, que appresenta, suppostas as mais licenças necessarias. Dada neste Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa aos 16. de Fevreyro de 1707.

O Presentado Frey Antonio de Magalhães Provincial.



LICENÇA DO SANTO OFFICIO.

Podem-se imprimir os vinte Sermões varios conteudos no volume, de que faz menção esta Petição, menos o riscado, & impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrà. Lisboa 15. de Julho de 1707.

Carneyro. Moniz. Haffe. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnação.

DO ORDINARIO.

Vista a licença do Santo Officio, podem-se imprimir os vinte Sermões varios, de que trata esta Petição, & depois de impressos tornarão para se dar licença para correr. Lisboa o primeyro de Agosto de 1707.

Frey Pedro Bispo de Bona.

DO PACO.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà à Menza para se taxar, & conferir, & sem isso não correrà. Lisboa 12. de Agosto de 1707.

Oliveyra. Lacerda. Andrade. Botelho.

Visto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa 31. de Agosto de 1708.

Carneyro. Haffe. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnação.

Pode correr. Lisboa 7. de Setembro de 1708.

Silva.

Taxação em cinco tostões. Lisboa 3. de Setembro de 1708.

Lacerda. Carneyro. Costa. Botelho.



S E R M A Õ

DE NOSSA SENHORA

DE

PENHA DE FRANÇA,

Prégado na sua Caza no ultimo dia do
seu Triduo de 1706.

Jacob autem genuit Judam. Matth. 1.n.2.



OMO o titulo da Penha, Senhor, foy tão agradavel aos olhos desta Senhora, como testemunham os admiraveis prodigios, & estupendos milagres, que continuamente está obrando com a invocação deste titulo, moveu-

me a sua devoção a investigar com toda a diligencia a origem deste admiravel titulo da Penha, & achey que, se este titulo não he o primeyro, que esta Senhora teve, não sey eu qual possa ser: porque, se todos os mais titulos (como se sabe) tive-

A ram

ram o seu principio na Ley da graça, o titulo da Penha he tão antigo, q̄ na ley antiga teve a sua origẽ: porque não só foy ideada a Imagem da Penha naquelle primitivo tempo, se não que realmente houve naquella ley, & naquelle tempo hum Escultor, que profeticamẽte artificiou de varias penhas a Imagem desta Senhora, collocando-a sobre hũa grande penha. Vamos ao Evangelho, que he aonde achey todo o fundamento desta grande novidade.

Vendo que o Evangelho consta dos Illustres ascendentes de Maria Sãtissima, & sendo hum destes o Patriarca Jacob: *Jacob autem genuit Judam*; nelle descobri, além daquella razão cõmua de Progenitor, hũa muyto particular para ser seu glorioso ascendente; & vem a ser: que não só foy pay desta Senhora, como os mais pela geração, se não pay, que concebendo a esta Senhora pela imaginaria, formou de varias penhas aquella Imagem, que se lhe

representou, collocando-a sobre hũa grande penha. Para vermos esta, he forso dar agora com Jacob alguns passos até Mesopotamia, que para ver hũa Imagem da Penha bem se podem dar muytos passos.

Para esta terra caminhava o Patriarca, & querendo hũa noyte descansar do trabalho do dia, tirando de hũ monte de penhas hũa penha mayor, sobre ella reclinou a cabeça, & vio aquella escada bem repetida nestes lugares. A cordou do sono, & mais do sonho, & diz o Texto q̄ levantára esta penha em titulo daquella visãõ: *Tulit de la pidibus: tulit lapidem, & erexit in titulum.*

Gen.
28.

Na versãõ dos Settenta, & na intelligencia de S. Boaventura este titulo, q̄ levantou Jacob, foy levantar hũa estatua da imagem, q̄ profeticamẽte se lhe representou: *Erexit statuam: verterem os Settenta: Imaginem erexit*; disse S. Boaventura: *Quid est statua, nisi imago representans imaginatum.*

Div.
Bo-
nav.
in
Glos.
sup.
Gen.

Se perguntarmos ao mes-

mo S. Boaventura de quem era esta imagem, que Jacob levantou sobre aquella penha? Responde com muyto boaventura minha que, como aqui se lhe representou o mysterio da Encarnação, daquella penha formou hũa imagem do mysterio, que se lhe revelou; & assim formou a imagem desta Senhora cõ seu Filho nos braços: *Ille lapis aptatus fuit in statuam representãtem Beatam Virginem habentem in brachijs Jesum*: & continúa o Santo, dizendo que aqui tivera principio o esculpir-se, & serem adoradas as Imagens, principalmente de Christo, & da Senhora; sendo esta a primeyra, q se vio no Mundo: *Hinc inferre licet, quod ex tunc expositio, & consecratio sacrarum imaginum, & earum adoratio, maximè Christi Jesu, & Beatæ Virginis, fuerit inchoata.*

Div.
Bo-
nav.
sup.
cit.

Ibi-
dem.

A materia, de que Jacob formou esta imagem, já se vé que foy de penha: *Ille lapis aptatus fuit in statuam*; porém o modo, com que a formou, (supposto o Santo

o não disse) a meu ver foy aquelle, de que usaram antiguamente os Egypcios na fabrica das suas estatuas: porque de muytas, & varias pedras unidas, conforme pedia a medição do corpo humano, formavaõ, & compunhaõ as suas estatuas os Escultores Egypciacos: disse o Diodoro no seu primeyro livro: *Egyptii statuæ compositionem metiebantur, ut ex variis, multisque lapidibus in unum corpus ad certam mensuram redactis, statua perficeretur.*

Di-
od.
lib.
1.º.
ult.

Mas porque se não diga que eu só com autoridade propria em materia tão se-rea como esta, supponho em Jacob este mesmo modo imaginario dos Egypcios, dem credito a Rabbi Nehemias, & ao livro intitulado Rabbot: *Putant Jacobum tres lapides accepisse, eosque conversos esse in unum*: Jacob daquelle monte de penhas tirou tres penhas: *Tulit de lapidibus*, as quaes unidas, & convertidas em hũa só penha: *Tres lapides accepisse, eosque conversos esse in unum,*

A-
lap.
in
Gen.
28.

conforme pedia a composi-
ção humana; dellas resul-
tou aquella 'maravilhosa
Imagem desta Senhora cõ
seu Filho nos braços, não só
na fôrma de imagem, mas
figurativamête Sacramen-
tado nas duas unidas pe-
nhas de seu Corpo, & de seu
Sangue, como disse S. Boa-
ventura: *Ille lapis aptatus*
fuit in statuam hoc fuit figu-
ra Jesu Christi, qui instituit
Sacramētum Eucharistiae, in
quo collocavit lapides Carnis,
& Sanguinis sui.

Div.
Bo-
nav.
sup.
cit.

De todos estes antecede-
tes se segue com toda a evi-
dencia q̄ aprimeyra imagē,
que vio o Mundo, foy a
Imagem da Penha com seu
Filho nos braços, ou já na
sua propria imagem, ou já
figurativamête Sacramen-
tado, como expressa figura
do que se vé naquella tri-
buna, porque nella se vé a
Senhora da Penha com seu
Filho nos braços em ima-
gē, & cõ o mesmo Filho nos
braços realmête Sacramen-
tado. Segue-se tambem q̄
Jacob foy o primeyro ima-
ginario, que artificiou esta

imagem por vifaõ sobrena-
tural, por cuja razão não só
devia ser nomeado Proge-
nitor desta Senhora, como
os mais pela geração, senão
pay, que concebendo esta
sua imagem, ou no intellec-
tual, ou na imaginaria, (cõ-
forme fosse a qualidade da
vifaõ) sahio a luz com a
mesma Imgem da Penha, q̄
de penhas, & sobre penha
fabricou: *Jacob autē... tulit*
lapidem... imaginem erexit.

Supposto que este titulo
era a imagem da Senhora da
Penha, como temos visto,
sendo esta hũa só penha cõ-
posta de tres penhas diver-
sas: *Tres lapides accepisse, eos-*
que conversos esse in unum,
devemos tambem afirmar
que este titulo, sendo hum
só, se compunha de tres di-
versos titulos; assim o per-
suade a boa Filosofia, & as-
sim o mostro tambem com
o Texto, para que a diversi-
dade dos titulos, & das pe-
nhas nos divida os discurs-
fos.

Finalizada a vifaõ, certi-
ficou logo Jacob duas cou-
sas, & fez huma, todas tres
diversas.

diversas. As duas, que certificou, foy dizer que naquella Penha não estava outra cousa mais que a caza de Deos, & a Porta do Ceo:

Gen. 28. *Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta Cæli,* & o que fez, foy levantar a penha, & constituilla Altar: *Erexit in titulū.*

A. lap. in *Titulus hic altare significat,* disse o Alapde: com

Gen. que nestas tres cousas deu

28. Jacob a esta penha, & a esta Imagem tres titulos; o primeyro caza de Deos: *Domus Dei*: o segundo Porta do Ceo: *Porta cæli*: & o terceyro Altar: *Erexit in titulum.* *Altare significat.*

Estes tres titulos lhe deu quiçá, para que correspondessem às tres penhas, de q̄ formou aquella Imagem; & assim levantou Jacob a primeyra penha: *Jacob autem tulit lapidem*; & como esta era a primeyra, correspondeu-lhe o primeyro titulo de caza de Deos: *Erexit in titulum ... domus Dei*, levãtou Jacob a segunda penha: *Jacob autem tulit lapidem*; & como esta era a segunda, correspondeu-lhe o

segundo titulo de Porta do Ceo: *Erexit in titulum: Porta Cæli*; levantou Jacob a terceyra penha: *Jacob autem tulit lapidem*; & como esta era a terceyra, correspondeu-lhe o terceyro titulo de Altar: *Erexit in titulum... Altare significat.*

Na primeyra Penha, & no primeyro titulo de caza de Deos: *Domus Dei*, faz esta Senhora com que Deos seja conhecido. Este serã o primeyro ponto. Na segunda Penha, & no segundo titulo de Porta do Ceo: *Porta Cæli*, faz esta Senhora cõ que as nossas petições entrem, & sayam com despacho: serã o segundo ponto. Na terceyra Penha, & no terceyro titulo de Altar: *Erexit in titulū... Altare significat*, he esta Senhora Pedra de Ara para os sacrificios: serã o terceyro ponto. E todos estes tres titulos se unem em hũ só titulo, porq̄ todas as tres penhas, de que Jacob formou aquella Imagem, se coadunãraõ em hũa só Penha: *Jacob autem tulit lapidem, erexit in titulū: Imagemem*

ginem erexit. Vamos vendo os titulos por sua ordem.

O primeyro titulo correspondête á primeyra Penha he o titulo de caza de Deos: *Domus Dei*; & por este titulo faz esta Senhora que Deos seja conhecido. O titulo de caza de Deos teve realmente esta Senhora naquelle primeyro instante, em que concebeu o Verbo Eterno, porque nesse instante foy constituido caza de Deos aquelle purissimo Ventre: *Templum repente fit Dei*. De repente (diz a Igreja) ficou esta Senhora sendo Templo de Deos: chama-lhe Templo, porq se os templos de pedras se fabricaõ, quereria mostrar a Igreja que de Penha teve logo o titulo; & diz q foy de repête, *repente*, para mostrar que naquelle instante, & naquelle repente, em que concebeu o Divino Verbo, teve logo de caza de Deos o admiravel titulo: *Templū repente fit Dei*.

Como caza, em q Deos tanto assistia, teve esta Senhora do mesmo Senhor

tres admiraveis conhecimentos, que sendo hum, como diga o do outro, (a nosso modo de explicar) chegou a ter de Deos o mais altissimo conhecimento, que se pôde ter. O primeyro foy conhecer a Deos como Senhor; assim o conheceu quando conhecendo-se a si por escrava, conheceu a este Senhor por seu Senhor naquelle instante: *Ecce ancilla Domini, fiat*. O segundo foy conhecer a este Senhor por Omnipotente; este conhecimento mostrou quando constituida já caza de Deos na visita, que fez a Santa Isabel, confessou a este Senhor por Omnipotente: *Fecit mihi magna qui potens est*, fez-me grande aquelle que he poderoso, & Omnipotête, assim cõmentta hum Douto este Texto: *Quæ in Virgine facta sunt, à Silo. manu Dei Omnipotentis vernerunt*. E o terceyro foy conhecer a Deos pelo que he. Conhecer a Deos pelo que he, todos sabem que he o altissimo conhecimento, q se pôde ter de Deos, porq Deos

Ex
Ec-
cl.

Luc.

1.

Luc.

1.

Silo.

tom.

1.

lib.

1. c.

7.º

10.

Ex-
od.
3. Deos só se conhece, quando se não conhece, só se cõpre-
hende, quando se não com-
prehende, & só se explica,
dizendo que elle he quem
he; assim se deu elle a conhe-
cer a Moysés: *Ego sum qui
sum*; eu sou quem sou; porq̃
achou que só dizendo que
elle he quem he, se dava bem
a conhecer.

Sup-
cit. Este altissimo conheci-
mento de conhecer a Deos
pelo que he teve tambem
aquella Senhora, como ca-
za de Deos; assim o deu a
entender nas mesmas pala-
vras do seu Cantico, que já
referi: *Fecit mihi magna qui
potens est*; o que he poderoso
me fez grandefas, não disse,
fez-me grãdefas o Senhor,
fez-me grandefas Deos, se-
naõ, o que he poderoso, *qui
potens est*; porq̃ não ha mais
alto conhecimento, nem ex-
plicação de Deos mais le-
vantada, que diffinillo, co-
mo elle a si mesmo se diffi-
nio pelo Verbo substãtivo
Sum, es, fui, qui potens est:
Ego sum qui sum. Estes tres
admiraveis conhecimentos,
que a Senhora teve com o

titulo da Penha, sendo Tê-
plo do Alcissimo: *Templum
repente fit Dei*, saõ os q̃ co-
mo caza de Deos nos com-
municã; porque nesta sua
caza da Penha faz esta Se-
nhora com que Deos seja
conhecido por Senhor, por
Omnipotente, & por quem
he.

Primeyramente commu-
nica-nos a Senhora da Pe-
nha o primeyro conheci-
mento de conhecermos a
Deos como Senhor, porque
o mesmo Deos querendo
como Senhor dar-se a co-
nhecer, achou que só pela
Penha como caza sua po-
dia bem communicar este
conhecimento: quis Deos
dar-se a conhecer no antigo
Testamento: *Ut sciatis quia
ego Dominus*; & deu-se a co-
nhecer pela sua Ley, q̃ deu
a Moysés escrita em duas
taboas de pedra, ou em duas
penhas: *Deditque Dominus
Moysi duas tabulas testimo-
nii lapideas*; & porque mais
em penhas, que em outra
qualquer materia deu Deos
a Moysés a sua Ley? Se res-
peytou à sua duração, ahi
está

estã o bronze, que promete eternidades, & o Cedro com privilegios de incorruptivel; quãto mais que a Ley de Deos só nas laminas dos corações humanos he que bem se guarda, como disse David: *Legem tuam in medio cordis mei*: assim he; mas nem o bronze, nem o Cedro, nem os corações humanos tem a propriedade de penha; & como o intento de Deos em dar esta Ley foy, como elle mesmo disse, querer dar-se a conhecer no Mundo, não com outro titulo, senão com o titulo de Senhor: *Ut sciatis quia ego Dominus*, achou que como Senhor só pela Penha se dava bem a conhecer: *Deditque Dominus duas tabulas testimonii lapideas: ut sciatis quia ego Dominus*.

Estã bem: mas para este conhecimento parece bastava hũa só penha, que contivesse escritos os dês preceytos do Decalogo, com que a segunda penha parece foy superflua para este conhecimento; não foy, se não muyto effencial, que como

Deos pela Penha como caza sua parece se quis dar a conhecer nesta occasiã, não quis ficasse a menor duvida do que estas penhas representavaõ: & assim na primeyra Penha representava-se esta Senhora, & na segûda figurava-se a penha, que lhe serve de throno, de quem tomou o titulo; que esta segunda penha figurasse o throno da Senhora bem se infere; porq se he segunda, sobre a segunda assenta a primeyra, & à primeyra serve de throno a segunda. E que a primeyra Penha representasse esta Senhora, prova-se: porque na communia opinião dos Catholicos nesta primeyra penha estavaõ escrittos sómente os tres primeyros preceytos da Ley de Deos, como diz o Alapide: *Catholici numerant tria primæ tabule lap. præcepta*; & os tres primeyros preceytos, sabem todos, pertêcem sómente a Deos, & à sua honra, a Deos pertence o primeyro, amar a Deos sobre todas as coufas, à sua honra pertencem os outros

outros dous; & penha, que contém sómente em si a Deos, & a sua honra, claramente se vé fer a Senhora da Penha.

Mas de que modo continha esta Penha em si a Deos? Continha-o em si como caza sua. O que na Penha se escreve, nella se grava, & se profunda, porque na penha se faz caza para o que nella se quer esculpir, & escrever; & contendo esta Penha em si a Deos, & a sua honra nestes tres preceytos, ficava esta Penha sendo caza de Deos, & da sua honra; pois se nesta primeyra Penha se figura esta Senhora como caza de Deos, & na segunda o throno, em que está posta, de quem tomou o titulo, querendo Deos dar-se a conhecer no Múdo como Senhor; achou que só na Penha como em caza sua se dava bem a conhecer, por quanto a Senhora da Penha com o titulo de caza de Deos faz com que seja certamente conhecido por Senhor: *Ut sciatis quia ego Dominus.*

O segundo conhecimento, que a Senhora da Penha nos communica como caza de Deos, he fazer o conhecamos como Omnipotete. Deos entao mais se mostra Omnipotente, quando se mostra mais miraculoso, q se o poder de fazer milagres passa muyto além as balizas da natureza, para esta se exceder nas suas obras, só o póde fazer a Divina Omnipotencia; & que esta com particularidade afflita na Senhora da Penha comprovaõ os continuos milagres, & admiraveis prodigios, q a Senhora tem obrado em cento & tãtos annos, que esta sua admiravel Imagem tem de existencia: & que estes prodigios excedaõ todas as forças da natureza, assim se ouve, assim se lé, & assim se vé; assim se ouve todos os Sabbados, porque em todos infallivelmente se publica naquelle Altar hũ prodigio desta Senhora, q nunca falta: assim se lé nos rotulos dos muytos paineis, que estaõ nessas paredes, & nos muytos q estaõ vindo

vindo de novo para supprir o lugar daquelles, que de antigos cahem já damnificados, que se se conservárao todos, não haveria já paredes em todo o Convento, em que coubessem. E ultimamente assim se vé nas muytas mortallas, cabeças, olhos, braços, pés, & corpos, & tudo o mais que se vé nessas paredes, sendo tudo trofeos do poder desta Senhora, & estandartes Reaes da Divina Omnipotencia, que lhe assiste particularmente para obrar tantos prodigios.

Mas se a Penha he caza de Deos, certo era dar-se a conhecer na Penha como taõ Omnipotente. Pedio Moysés a Deos lhe mostrasse a sua Gloria: *Ostende mihi gloriam tuam*; respondeulhe Deos que era decreto seu não o ver homem nenhum, ficando com vida: *Non videbit me homo, & vivet*; com tudo que junto d'elle estava hum lugar, no qual elle o poria; *est locus apud me, & stabis*; & que neste lugar veria a sua Gloria: *Cumque*

transibit gloria mea, videbis. *Ibidem.*
 Notavel privilegio devia ser o deste lugar, quando fez vencer taõ grandes impossiveis; fez vencer o impossivel de Deos derogar hum decreto seu, (falo no sentir Theologico, não nos decretos absolutos, que estes são irrevogaveis, mas nos decretos condicionados que Deos, suppostas as suas condições, pôde derogar quando quizer) fez vencer o impossivel de Deos derogar o decreto, que tinha passado, de que o não visse homem nenhum, ficando cõ vida: *Non videbit me homo, & vivet*, & fez vencer o impossivel de ficar Moysés cõ vida, merecêdo a morte por esta visaõ, supposto o decreto. Em Deos vencer estes impossiveis se deu a conhecer nesta occasiã a Moysés por Omnipotente, porque só Deos como Omnipotente pôde revogar hum decreto seu, & obrar hum milagre taõ evidente, como he livrar-se hũ homem da morte, a que está condenado por seu divino decreto; & tudo

Ex-

od.

33.

Ibi-

dem.

Ibi-

dem.

tudo isto foy causa motiva,
 o privilegio, & o sagrado
 daquelle lugar, que estava
 junto a Deos, em que elle
 poz a Moysés: *est locus a-*
pud me, & stabis. Que lugar
 taõ sagrado seria este? Este
 lugar foy hũa penha, em q̃
 Deos pos a Moysés: *Cum-*
que transibit gloria mea, po-
nam te in foramine petræ, &
videbis: como eu passar cõ
 a minha gloria, diz Deos,
 eu te porey no cõcavo desta
 penha: *Sic autem intelligitur*
rupes, diz hum Douto; &
 veràs a minha gloria: *Vide-*
bis: já logo se entende a ra-
 zão de Deos revogar o seu
 decreto, & obrar o milagre
 de naõ morrer Moysés; que
 se nisto dava a conhecer a
 gloria da sua Omnipotencia:
Cumque transibit gloria
mea, achou Deos que só por
 meyo de hũa penha: *Sic au-*
tem intelligitur rupes, se dava
 bem a conhecer como Om-
 nipotente: *Ponam te in for-*
amine petræ, & videbis.

E de que sorte estava
 Deos nesta penha quando
 assim se deu a conhecer? Ef-
 tava Deos nesta penha naõ

de outra sorte, se naõ como
 em caza sua. Estando Deos
 cõ a sua Gloria no concavo
 desta Penha, aonde Moy-
 sés o vio, bem se vé que o
 concavo da Penha estava
 servindo de caza a Deos; &
 como elle se quis nesta oc-
 casiaõ dar a conhecer como
 Omnipotente, achou que
 só estando na Penha como
 caza sua, se dava como tal a
 conhecer, para que se visse
 que este he o segundo co-
 nhecimento, (conforme a
 nossa direcção) que da Pe-
 nha, como caza de Deos,
 participamos: *Cumque tran-*
sibit gloria mea: ponam te in
foramine petræ... videbis.

O terceyro conhecimen-
 to finalmente, que a Penha
 nos communica como caza
 de Deos, he dallo a conhe-
 cer por aquelle altissimo
 conhecimẽto de o conhecer
 por quẽ he. Expirou Chris-
 to na Cruz, & diz o Texto
 que o Centurião, que alli
 estava, o confessára por Fi-
 lho de Deos com aquelle
 altissimo conhecimento ex-
 plicado pelo verbo *Sum,*
es, fui, que, como já mostrey,
 he

he este o modo unico, com que o ser de Deos se pôde explicar: *Verè filius Dei erat iste*: exclamou o Centurião: 27. Verdadeiramente este homem era Filho de Deos: exahi o altissimo conhecimento explicado pelo Verbo *erat*; & que vê o Centurião mais agora, que antes, para que não antes, senão agora tenha este conhecimento de Deos? Este homem, que elle confeça por Deos agora, não foy conhecido por Filho daquella Senhora, que vê estar junto da Cruz: *Stabant autem juxta Crucem Jesu Mater ejus*? He certo; porq̃ Filho desta Senhora foy conhecido logo do seu Nascimento: *Invenierunt puerum cū Maria Matre ejus*; que vê logo aqui de novo o Centurião?

Ponhaõ-se os olhos no Calvario, que todos veraõ o mesmo, que elle vio; era o Calvario (diz o Douto Sylveyra) hum monte todo saxoso, & cheyo todo de pedras: *Dicitur locus Calvarie totus saxosus*: & desta sorte o grande monte Calvario era

todo hũa grãde penha; está-^{8.º} do a Senhora sobre este mó-^{13.º} te, sobre esta penha estava a^{9.º} Senhora; & tão to que o Centurião vio a Senhora sobre a Penha, sabendo q̃ aquelle homem, sendo Filho desta Senhora, o seu purissimo Ventre lhe servio de caza nove mezes, logo achou que a Senhora da Penha não podia servir de caza se não a Deos; & assim agora que a vê na Penha como sua Mãe, & não antes, he q̃ se lhe comunica o conhecer a Deos por quem he, & por quem era: *Verè Filius Dei erat iste*.

Està provado o altissimo deste conhecimento de se conhecer a Deos por quem he com hum Texto do mesmo Deos: *Ego sum qui sum*; está provado cõ hum Texto da Senhora: *Fecit mihi magna qui potens est*: está provado cõ o Texto de hũ homem, q̃ foy o Centurião: *Verè Filius Dei erat iste*; com quem o havemos de provar agora? Com quem? Com hum testemunho do Diabo; porque o mesmo Diabo parece quis dizer em hũ texto que

que se vira a Penha ser caza de Christo, certamente o conheceria por Deos. Têta o Diabo a Christo no deserto com a primeyra tentação, & dizlhe desta sorte: *Ma-
th.4. Si Filius Dei es, dic ut lapides
isti panes fiant*: converte estas penhas em pão, que se as converteres, terey o conhecimêto de que es Filho de Deos, & este conhecimêto não serà qualquer, senão aquelle altissimo conhecimento explicado pelo Verbo *Sum, es, fui: Si Filius Dei es*. E que mysterio encerra a conversão destas penhas, para que della infira, & tenha o Diabo o alto conhecimento de que Christo he Deos? Se o Diabo se fundasó no milagre da conversão, elle já sabe que Christo nas bodas de Caná converteu a agoa em vinho, & quem converte a agoa em vinho, tambem pôde converter penhas em pão. Se isto he verdade, como he, confece o Diabo a Christo por Deos pela conversão da agoa, já que diz o conhecerà pela conversão das penhas; isso

não, diz o Diabo; & supposto elle o não diz, vejamos se lhe achamos algũa razão.

Estas palavras do Diabo no sentido literal dizem o mesmo, que soam, porque realmente dizia o Diabo a Christo que convertesse as pedras em pão para satisfazer a debilitação das forças, que lhe suppunha naquelle quadragenario: porém como a Escriitura tem varios sentidos, & qualquer palavra sua está cheia de mysterios; estas palavras explicadas no sentido mystico podem ter esta intelligencia. O pão vulgarmente na Escriitura, conforme a communia exposição dos Padres, entende se pelo Sacramento, & querendo o Diabo (neste sentido) que Christo convertesse as pedras em pão, era querer que Christo convertesse as pedras em Sacramento, & para Christo fazer esta conversão havia de converter em pão as pedras, assim como agora converte o pão em seu Corpo. Na conversão do Sacramento ficam os accidentes de pão,



paõ, & a substancia passa a ser Corpo de Christo; por fóra o que se vé são accidentes, & por dentro o que está he o Corpo, cõ que ficam os accidentes, que estão por fóra, servindo de caza ao Corpo de Christo, que está por dentro.

Fazendo Christo deste mesmo modo a conversão das penhas em Sacramento, ficam por fóra os accidentes de penha, & a substancia passava a ser Corpo de Christo, & estando os accidentes de penha por fóra, & o Corpo de Christo dentro, estavam os accidentes servindo de caza ao Corpo. Diz pois o Diabo. Se eu vir que a Penha serve de caza ao Corpo de Christo, certamente o conhecerey por Deos, não com qualquer conhecimento, se não com aquelle altissimo, q̃ de Deos se póde ter: *Si Filius Dei es*; porque a penha servindo de caza àquelle Corpo até ao mesmo Diabo communicarà este altissimo conhecimento; & se o Diabo o vira nesta occasião, quando

não fosse por vontade, por forsa das suas mesmas palavras o havia assim de conhecer naquelle deserto: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant.*

Estes foram os tres conhecimentos, que a Senhora da Penha teve, tanto que foy caza de Deos, & estes mesmos são os que como caza de Deos nos communica, fazendo com que o conhecamos nesta sua caza como Senhor, como Omnipotente, & como quem he; & sendo este titulo para a Penha de tanta singularidade, com razão foy este o primeyro que Jacob lhe deu para correspondencia da primeyra Penha, de q̃ formou aquella Imagé: *Jacob autem... tulit lapidem.. erexit in titulum.. Imaginẽ erexit.. Domus Dei.*

O segundo titulo correspondente à segunda Penha he o titulo de Porta do Ceo: *Porta Cæli*. Este titulo deu depois a Igreja a esta Senhora, chamãdo-lhe Porta do Ceo felis: *Felix Cæli* ^{Ex} *porta*. Porta felis lhe chama, ^{Ec-} ^{cl.} porque toda a nossa felicidade

7of. 24. *Ibi- dem. n. 27.*
 dade está em termos no Ceo esta Porta, pois por ella só entram, & sahem as nossas petições despachadas. No Santuario collocou antiguamente Josuè hũa grande penha: *Tulit lapidem pergrandem, posuitque in Sanctuario*: dizendo a todo o povo que esta penha daria testemunho das palavras, que Deos dicesse ao seu povo: *Et dixit ad omnem populum: En lapis iste erit vobis in testimonium, quòd audieritis omnia verba Dòmini, quæ locutus est vobis.* Dar testemunho do que se diz, he referir fielmente o que eu digo, & o que outro me diz a mim, & se esta penha havia de dar fiel testemunho das palavras de Deos para com o povo, parece se inferre havia tambem de dar testemunho das palavras do povo para com Deos, porq se Deos falava ao seu povo, també o seu povo havia de falar com elle: isto supposto, não achou Josuè outra testemunha mais fiel para repetir as palavras de Deos, & as palavras do seu povo,

que hũa grande penha: *En lapis iste erit vobis in testimonium?* Não; porque nessas palavras do povo haviam de entrar tambem as suas petições, & nas palavras de Deos haviam tambem de cõterse os seus despachos, & achou Josuè q para entrarem fielmente as petições do povo para Deos, & sahirem cõ despacho, só podia ser pelo instrumento de hũa grande Penha: & *tulit lapidem pergrandem: En lapis iste erit vobis in testimonium.*

Mas de que sorte entravam estas petições, & sahiam aquelles despachos por esta penha? Entravam, & sahiam por esta Penha como porta do Ceo. O Santuario, em que Josuè pos esta grande penha, diz Laureto que he figura da Igreja triunfante, que he o Ceo: *Sanctuarium dici potest Ecclesia triumphans*: & aparte, em q a pos, diz Nicolao de Lyra, não foy outra, senão o portal do Santuario: *Lapis iste fuit positus prope ingressum Sanctuarii*; & estando esta penha naquelle portal, fi-

cava fervindo de porta ao Santuario, que era o Ceo; & como Josuè queria que as petições do povo entrassem para Deos, & sahisssem despachadas, achou que só entrando por hũa grande penha, que servisse ao Ceo de porta, poderiam sahir com o despacho de Deos: *Et tulit lapidem pergradem, posuitque in Sanctuario, & dixit ad omnem populum: En lapis iste erit vobis in testimonium, quòd audieritis omnia verba Domini, quæ locutus est vobis.*

Estava esta Penha figurando a porta do Ceo no Santuario, porque sendo a Penha esta Senhora em figura. *Virgo fuit petra*, he a Senhora da Penha a porta mystica do Ceo, & posto que nelle hajam muytas portas, como vio o Evangelista no seu Apocalypse, que em cada hum dos quatro ventos vio tres portas.*

Ab Oriente portæ tres: & ab Aquilone portæ tres: & ab Austro portæ tres: & ab Occasu portæ tres; he a Penha hũa porta, que equival por

todas, porque em todas se vê multiplicada a presença desta Senhora com tanto empenho, que parece se necessita referir as nossas petições a Deos, & traernos os seus despachos, ou já no effeyto, ou já nas suas inspirações. Isto parece quis dar a entender aquelle Divino Esposo quando chamou a esta Senhora Pomba assistindo nas grutas de hũa penha: *Columba mea in foraminibus petrae*: a pomba diz que he hũa só: *Columba mea*, & que hũa só he tambem a Penha; *petrae*, porque a Senhora da Penha he hũa só; porém as grutas desta Penha não diz quãtas são, mas sim que são muytas, *in foraminibus*; era cada hũa destas grutas hũa porta do Ceo, que por todas se podia ver aquelle divino Amante, supposto estava detrás de hũa parede vendo esta soberana Pomba, como ella disse nestas palavras pouco antecedentes: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos;* & sendo tantas

Cāt.

2.

Cāt.

2.

as portas, em todas estava a Pomba, que como a Penha he porta mystica do Ceo, he porta que equival por todas, porque em todas se vê multiplicada a sua presença: *Columba mea in foraminibus petræ.*

Naõ se contaõ as portas desta Penha, porque seriaõ contados os pretendentes, & contadas as petições; mas como os pretendentes, & as petições saõ sem numero, primeyro que cada hum ache hũa porta para a sua petição, & para o seu despacho, sem numero saõ as portas desta Penha, *in foraminibus petræ.* Em cada hum dos quatro ventos, como já disse, vio São João só tres portas no Ceo, porém em cada hũa das quatro partes do Mundo vé cada hum de nõs tantas portas nesta Penha, quantos saõ os seus devotos, que nellas assistem. Na Asia, na Africa, na America, & na Europa està a Senhora da Penha despachando com Deos as petições, que se lhe fazem, porque em todas

estas quatro partes se achãõ portas nesta Penha, pelas quaes a Senhora como Pomba multiplica a sua presença: *Columba mea in foraminibus petræ.*

E na Penha he que estaõ todas estas portas? Sim; he de advertir, que nas grutas das penhas he que se fórma o eco, o qual naõ he outra coufa mais, que hũa fiel repetição das mesmas palavras, que nas grutas se proferem. Isto supposto, notem agora. Chega hum devoto a hũa porta do Ceo na gruta desta Penha, & profere a sua petição; faz logo eco a gruta, & retumba a mesma petição nos ouvidos de Deos. Despacha Deos esta petição, torna a fazer eco na gruta da Penha, & retumba em nõs o despacho, ou pelo effeyto, ou pelas inspirações, que este he o divino Eco, que entrando nos ouvidos, retumba nas nossas almas. Pergunto agora. O eco pôde deyxar de repetir as mesmas palavras, que na gruta se proferem? He certo que naõ;

porque se deyxar de as repetir, deyxará de fer eco, porque perderá a sua essencia, que he repetir fielmente as mesmas palavras, que se lhe dizem: exahi o como a Penha he Porta do Ceo, que tanto não pôde deyxar de repetir as nossas petições, que parece se necessita de as presentar a Deos, & nos trafer o seu despacho, como faz o eco na gruta da penha, *in foraminibus petrae.*

Veja-se a confirmação de todo este discurso no mais claro espelho, que pôde haver, q̄ he o purissimo Crystal do Sacramento: *Mittit crystallum suam, sicut buccellas*: manda Deos, diz David, & dá-nos o seu Crystal como boccados de pão: estas palavras entende São Boaventura pelo divinissimo Sacramento: *Mittit crystallum suam, scilicet, ministrans escas dulcissimas sui Corporis*: se o Sacramento se figura nos boccados de pão, *sicut buccellas*, que serventia tem esta especie de crystal no Sacramento: *Mittit*

crystallum suam? Tem a serventia de ser desse mesmo Sacramento a porta; assim parece o dá a entender o Texto, porque primeyro põem o crystal: *Mittit crystallum suam*, & o Sacramento depois, *sicut buccellas*, como dizendo, que para se entrar para o Sacramento, se deve entrar pela porta do crystal; & de que sorte he o crystal porta do Sacramento? He porta da mesma sorte, que o espelho he porta para as imagens, que representa.

He o crystal hũa penha dura, & solida: *Crystallus est lapis solidus*, diz Laureto: he o crystal a materia, de que se faz o espelho, ou he o mesmo espelho o crystal: he o espelho hũa crystallina, & transparente porta, por onde entra, & fahe a imagem, que se lhe põem diante; & por esta crystallina porta do Sacramento fahe Christo a unir-se com os homens, & entram os homens a unir-se com Christo: *In me manet, & ego in illo*. Do mesmo modo, q̄ entram,

&

Pf.

47.

Sum

Bo-

nav.

in

Pf.

47.

Al-
leg.

70.

an.

& fahem as imagens no espelho, entram, & fahem as nossas petições, & os seus despachos por esta crystallina porta. Chega cada hũ de nós ao Ceo do Sacramento, profere a sua petição, entra por esta porta, faz eco naquella Penha de crystal, & chega a petição a Christo Sacramentado: despacha Christo a petição, faz eco na mesma Penha, faher por esta porta, & chega-nos o seu despacho.

Muytos (diz David) são os boccados do Sacramento: *Sicut buccellas*, sendo hũa só a Penha de crystal: *Mittit crystallum suam*; porque como esta Penha he a porta do Sacramento, postoque em cada bocado esteja hũa porta, porque o Sacramento está em cada bocado, para todas essas portas basta hũa só Penha de crystal, q̃ como esta he a porta mystica do Ceo: *porta Cæli*, esta porta equival por todas tãto, que multiplicando a sua presença, em cada hũa se vê hũa só, & a mesma crystallina Penha: *Mittit crystallũ*

suam, sicut buccellas. Pergunto agora; pôde o crystal fazer com que em si se não represente a imagem, que se lhe põem diante? He certo que não, porque perderà a essencia de espelho, que he representar toda a imagem; pois dessa mesma sorte devemos suppor he aquella crystallina Penha com as nossas petições, & com os seus despachos, que parece se necessita, & não pôde deyxar de propor diante de Deos as petições, & communicarnos tambem os seus despachos.

Estas são as admiraveis propriedades da Penha como porta do Ceo; vio-se porta do Ceo na Penha de Josuè, porta do Ceo no Santuario, que he o Ceo da terra; porta do Ceo na Penha dos Cãtares, que era o Ceo, em que se via aquelle divino Amãte, & porta do Ceo finalmente na crystallina Penha do Sacramento, em que Christo realmẽte assiste; & como em toda a parte que se vir o Ceo, se verá tambẽ a Penha como porta

sua, com razão lhe deu Jacob o titulo de porta do Ceo, correspondente à segunda Penha, de que formou a sua Imagem: *Jacob autem: & tulit lapidem... erexit in titulum... imaginem erexit. Porta Cali.*

O terceyro titulo finalmente, que Jacob deu a esta imagem para correspondencia da terceyra Penha, foy constituilla altar: *Erexit in titulum.. altare significat.* He a Penha o mais perfeyto altar, em que a Deos se offerecem os nossos sacrificios, porque só na Penha como altar he q̄ estes se devem offerecer. Mandou Moysés ao povo de Deos que edificasse hum altar, em que lhe offercessem os seus sacrificios, & as circumstancias, com q̄ o mandou fabricar, são estas: *Et edificabis altare de lapidibus, quos ferrum non tetigit, & de saxis informibus, & impolitis: & offeres super eo holocausta:* edificareis hum altar de pedras, as quaes não corte o ferro, & de penedos impolidos, & informes, &

sobre elle offerecereis os vossos sacrificios: & não seria melhor edificar hum altar de polidas, & perfeytas pedras conforme o primor de toda a arte, que razão era fosse em tudo perfeyto hū altar, que tinha de servir para os sacrificios de Deos? Assim he, mas se assim fora, seria o altar de perfeytas pedras, mas não seria o altar de perfeytas penhas, seria o altar nas pedras perfeyto, mas não seria o altar perfeyto nas penhas; seria o altar na união das mais pedras hūa perfeyta pedra, mas não seria o altar na união das mais penhas hūa perfeyta penha.

Quanto mais, que se o ferro cortára esta Penha, haveria na Penha coufa, q̄ cortar, & haveria na Penha coufa que lançar fóra: se o ferro cortára esta Penha, accrescentava selhe algũa perfeycão de artifice humano, & as perfeycões da Penha todas são do Artifice divino, & como à Penha não se accrescenta, nem se diminue, não se tira, nê se põem per-

Deu
ter.
27.

perfeição alguma, porque toda a perfeição tem a Penha no seu nascimêto. Querendo Moyses que o povo tivesse hum perfeyto altar, em que a Deos offerecesse os seus sacrificios, achou que só em hũa perfeyta penha como altar, he que se devem offerecer, & assim hũ altar, que fosse em tudo perfeyta penha, he q mandou fabricar: *Et ædificabis altare de lapidibus, quos ferrum non tetigit, & de saxis informibus, & impolitis: & offeres super eo holocausta.*

Foy esta penha altar para os sacrificios daquelle povo, & he a Penha de Maria pedra de Ara para os nossos sacrificios; aqui se offerecê a Deos as nossas lagrymas, as nossas tribulações, as conformidades, que temos com a divina vontade, & finalmente tudo quanto a Deos offerecemos em sacrificio, nesta sagrada Pedra de Ara he q o offerecemos como tributo dos nossos corações, de cujas fontes devem nascer os sacrificios para serem de Deos bem

aceytos; & se os sacrificios levam a pos si os corações, lá estão os corações aonde se offerecem os sacrificios. Ha cento & tantos annos, que a Imagem da Penha existe, & em todos estes annos sempre naquella Penha estiveram presos os corações dos homens com os laços da sua devoção; & como estes laços não quebraram nunca, em todo este tempo foy sempre esta Senhora a Senhora dos nossos corações. A hera (como mostra a experiencia) com as pedras se enlaça, & com as penhas se prende, & a razão moral he, que como em cada hũa folha da hera se veja a figura de hum perfeyto coração, com quem podia melhor a hera enlaçar, & prender os seus corações, se não com hũa penha; he cada hum dos homens hũa arvore racional, & se não vive, se não cõ o tempo, agora mais que nunca lhe podemos chamar arvore pelà era, pois ha cento & tantos annos, como já disse, que os corações daquella, & desta hera sempre

viveram enlaçados, & presos a esta Penha.

Deyxa-se esta Penha tanto prender dos corações dos homens, para que sendo Senhora dos seus corações, seja Pedra de Ara dos seus sacrificios, & assim não faltará nunca na Penha o coração dos homens: *Sicut enim fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus; sic erit Filius hominis in corde terræ tribus diebus, & tribus noctibus*; assim como esteve Jonas (diz Christo) no ventre da balea tres dias, & tres noytes, assim estará também o Filho do homem tres dias, & tres noytes no coração da terra; isto disse Christo para mostrar que no sepulcro estaria tres dias sepultado. O sepulcro de Christo todos sabem que foy feyto de hũa nova penha. *Et posuit illud in monumento suo novo, quod exciderat in petra*, & não sabemos que esta penha fosse o coração da terra; q̄ quis logo dizer Christo quando chamou ao sepulcro coração da terra? O coração da

terra estava por ventura no sepulcro? Parece que sim: o coração da terra, vulgarmente falando, he o coração dos homens, & parece quis Christo mostrar que, sendo hũa penha o seu sepulcro, *quod exciderat in petra*, & sendo aqui o sepulcro propriaméte pedra de Ara, era tanto a Penha Senhora dos corações dos homens, que sendo pedra de Ara dos seus sacrificios, consequentemente não podiam faltar nesta Penha os seus corações: *Sicut enim fuit Jonas in ventre ceti, sic erit Filius hominis in corde terræ*.

Sendo esta Senhora Pedra de Ara dos sacrificios dos homens, nestes tres dias a vemos sagrada Pedra de Ara do mais altissimo sacrificio, que a Deos se offerece, que he o altissimo Sacrificio do Corpo, & Sangue de Christo Sacramentado. Este altissimo sacrificio offerecem estes Irmãos nestes tres dias naquella Pedra de Ara da Penha, porque nella está exposto, como se vé, aquelle divinissimo Sacramento;

Ma-
th.
12.
n.40

Ma-
th.
27.
n.60

mento; & neste sacrificio assim offerecido nestes tres dias resulta àquella Senhora hũa gloria particular. Serà glorioso o sepulcro de Christo, diz Isaias; porque de ter o seu Corpo lhe resultará hũa gloria particular, por ser devida só àquelle sepulcro: *Erit sepulchrum ejus gloriosum*; & porque razão ha de resultar a gloria particular deste divino deposito ao sepulcro, & não ao mesmo Corpo de Christo? No sepulcro he que ha de resultar o particular desta gloria? Sim; o sepulcro he a Penha, na qual como sagrada pedra de Ara estava offerecendo Christo a seu Eterno Pay naquelles tres dias o mesmo, que *ex vi verborum* se Sacramenta, porque *ex vi verborum* só se Sacramenta o seu Corpo, & mais o seu Sangue; & o seu Corpo, & o seu Sangue sómente no sepulcro Sacramentado, porque escondido, he o que elle offerecia naquelles tres dias a seu Eterno Pay, como Redemptor do genero humano; pois

se o sepulcro naquelles tres dias era pedra de Ara do altissimo Sacrificio do Corpo, & Sangue de Christo, a particularidade desta gloria não se diz q̄ resulta no Corpo, & Sâgue, mas dis-se que resulta na pedra de Ara da Penha: *Erit sepulchrum ejus gloriosum*. Grande altar, & grande pedra de Ara temos na Senhora da Penha; grande altar, & grande pedra de Ara para os nossos sacrificios vimos nas duas penhas de Moysés, & do sepulcro; & grande sobre todas pedra de Ara, para se offerecer o precioso Corpo, & Sangue de Christo Sacramentado, vimos na mesma penha, em que se sepultou; & se a Penha como altar, & pedra de Ara recebe tanta gloria, cõ muyta razão deu Jacob o titulo de altar a esta sua imagem para correspondencia da terceyrapenha, de que a formou: *Jacob autem... tulit lapidem... erexit in titulum... imaginem erexit... altare significat*.

Minha Senhora nestes dous dias tivestes por Ora-

dores das vossas excellencias dous sujeytos tão singulares, que verdadeiramente só seguíndolhe eu as pisadas, pudera subir a este lugar; & agora tomára eu que tornaram elles outra vez a seguirse para ver novamente com a sua agudeza engrãdecida a nova, & primeyra imagem vossa, que vio o Mundo, & ver juntamente com relevancia exaltados os tres titulos, que o vosso Progenitor Jacob, inventor desta admiravel imagẽ, lhe impos para correspondencia das tres penhas, de que a esculpio; mas tambẽ vejo ser impossivel naturalmente modular os mysterios profundos destes titulos àquellas tres penhas impostos, & conhecer a grandesa, & singularidade desta vossa Imagem: porque se o mesmo Jacob seu inventor não tivera a luz profetica, & sobrenatural que teve, não fora tão extensivo no seu co-

nhecimento, & aonde os talentos humanos mais levantados não sobem, menos subiria o meu, sendo tão rasteiro; o que supposto, se não tive a gloria de bem discursar, fica-me a gloria de vos dar a conhecer, porque se Jacob teve a gloria de vos inventar, quizestes vòs dar-me a gloria de vos descobrir; porém toda esta gloria não he minha, senão vossa, porque a vòs, & a esse divino Senhor vosso Filho he toda devída; & assim o que quero somente, & vos peço para todos os que vos veneram, he, que se sois sagrada Pedra de Ara dos nossos sacrificios, façais que sejam todos de Deos bem aceytos para o merecimento; se sois Porta do Ceo, que por essa Porta nos venha de Deos hum provimento de graça; & se sois Casa de Deos, nos deis a todos entrada livre nessa Gloria.



S E R M A Õ

DO SANTÍSSIMO NOME

DE JESUS,

Prégado na Igreja de N. Senhora do Loreto de Lisboa no anno de 1693.

*Vocatum est nomen ejus * Jesus. Luc. 2. n. 21.*

DIA, em que se circuncida o Menino Deos, & se appellida cõ o santíssimo Nome de Jesus, he dia proprio de se levantarem figuras à nossa adequada Redempção; que manifestarse hoje este Menino Deos com o santíssimo

Nome de Jesus foy querer indicar com evidencia a salvação de todo o Mundo; não he dito meu, senão de S. Cyrillo: *Vocatum est nomen ejus Jesus, quod interpretatur Salvator: editus enim fuit ad totius Mundi salutē, quam sua Circuncisione præfiguravit.*

figuravit. Mas se a Mathematica, de que se usa, só en-
fina a levantar figura pelas
estrellas do Ceo, em que li-
vro poderemos lér esta no-
va Mathematica, quando as
figuras, que queremos levã-
tar, não são pelo influxo das
estrellas, mas sim pelas in-
dicações do mesmo Sol Di-
vino nacido de oyto dias. *

*Ma-
lach.* *Et postquam consummati sūt
dies octo. Orietur vobis Sol.*

4. O Livro está tão patente, q̄
se vé com os rayos do Sol,
porq̄ no mesmo Sol Divino
he que se vé impresso o Li-
vro.

Sol, & Livro he o Meni-
no Deos; Sol pelo seu luzi-
do Nascimento: *Orietur vo-
bis Sol;* & Livro, porque ho-
je se lhe imprimiram as sin-
co letras do santissimo No-
me de Jesus: *Christus dici-
tur liber: nomen Jesu scrip-
tum quinque literis,* differaõ
o Autor da Glosa, & mais
Viegas; & com a luz de tan-
tos rayos quem deyxará de
ver dictam as novas letras
deste Livro hũa nova Ma-
thematica, com a qual se le-
vantam infalliveis figuras

da nossa adequada Redep-
ção? Mas se houver ainda
algun cego, que com tantos
rayos de luz não veja clara-
mente estas figuras naquel-
las letras significadas, eu lhe
quero abrir os olhos, por-
que lhe quero explicar as
figuras, que evidentemente
se levantam com as admira-
veis letras daquelle Livro.

As figuras que se levan-
tam, já disse q̄ eram da nossa
adequada Redempção, &
para esta ser adequada, ha-
via-se de começar, havia-se
de consumir, & havia de ser
eterna: havia-se de come-
çar, porq̄ havia de ter prin-
cipio: havia-se de consumir,
porque havia de ter fim: &
havia de ser eterna, porque
havia de ser para sempre.
Isto foy o que depois se vio
realmente naquelle divino
Sol nacido; & isto mesmo
he o que se lé impresso nas
letras do santissimo Nome
de Jesus, para que muyto
tempo antes se pudessem cõ
estas letras levantar estas
tres figuras. Jesus quer di-
zer Salvador: *Jesus idest*

Salvator; & se o Salvador *Al-
leg.*
como

*Glos.
Vie-
gas.
in
A-
poc.
10.*

como Jesus tinha de começar a nossa Redempção, tinha de a consumir, & tinha de a fazer eterna; nestas letras de Jesus se vê em figura a nossa Redempção começada; vê-se também em figura a nossa Redempção consummada, & vê-se finalmente em figura a nossa Redempção eterna. Estas são as tres figuras, que hoje se levantam com as letras, que hoje naquelle Livro se imprimiram: *Christus dicitur Liber. Vocatum est nomē ejus* Jesus.* Temos assumpto, devam-nos alguma attenção as letras deste Livro, que não fomos nós tão pouco interessados nestas figuras.

Glos. sup. Luc. 2. O Livro de Jesus não ha mais de oytto dias completos que sahio a luz: *Christus dicitur liber... Et postquam consummati sunt dies octo;* & se não esteve mais que oytto dias sem se imprimir estas letras, bem se vê apressa, cō que hoje se lhe imprimiram à custa do seu Sangue as letras do santissimo Nome de Jesus: *Vocatum est nomen ejus* Jesus.* Abrio-se este Livro

não menos que ao golpe de hum cutello, que o rompeu: *ut circumcideretur puer;* & não se rompeu este divino Livro por ser necessario, q̄ a Christo já se sabe não lhe era necessaria a Circuncisão, porque nelle não havia peccado, q̄ he o que significa aquella ferida: *Cicatrix illa peccati signum erat;* rompeu-se sem porque quis; não só para mostrar que feridas soas póde sofrer quem quer, & só quem quer, como elle quis, não repara em dar o sangue; mas também porq̄ quis se lhe imprimissem já a todo o custo, & com toda apressa as letras do santissimo Nome de Jesus, para q̄ nestas letras impressas se pudessem levantar a primeyra figura da nossa Redempção começada.

Diz S. Boaventura, falando da Circuncisão deste dia, que este santissimo Nome todos os annos se vê cō effusão de sangue: *Ut semper hoc Nomen appareat sanguinis effusione;* reparem q̄ não diz o Santo, apparece este santissimo Nome esgottado todo

Silv. 10m. 1. lib 2. c. 3. q. 6. n. 29.

Div. Bon. in Luc. 2.

todo o Sangue, que se tal dicera, daria a entender que Christo consumára a nossa Redempção neste dia; & como isto não he assim, também elle o não podia dizer; o que só diz he, que apparece lançando parte de seu Sangue: *Sanguinis effusione*: para mostrar que, se Christo começando a derramar o seu Sangue, começou a nossa Redempção, por isso diz o mesmo S. Boaventura, te chamam estes oytto dias consumados. * *Et postquam con-*

Luc. *summata sunt dies octo*; para mostrarem a perfeição, q aqui houve do principio da

Sum. nossa faude: *Recte dicuntur Bon.* *dies isti consummati propter in perfectione inchoationis nostræ salutis*; sendo este o seu

Luc. *2.* principio, cõ razão he esta a primeyra figura, q hoje se levanta cõ as letras deste santissimo Nome. *Ut semper hoc Nomen appareat sanguinis effusione.*

E a razão, porque estas letras de Jesus mostram logo a nossa Redempção começada, he, porq não sofre Deos dilações a nossa Re-

dempção, quando vé as letras de Jesus impressas de pouco no santissimo Livro de Christo. Chama Deos a Moysés da Carça, & diz-lhe que vá logo dar principio à redempção do povo de Israel, que está em poder do cattiveyro de Faraõ: *Moyses, Moyses.... Sed veni, & mittam te ad Pharaonem, ut educas populū meum, filios Israel de Egypto.* Desculpa se

Moysés, mas nenhũa desculpa lhe admitto Deos, porq da sua presença o fez logo ir dar principio ao resgate do seu povo; & Deos não só hũa, senão duas vezes chama a Moysés: *Moyses, Moyses?* Notavel pressa mostra ser esta! Dá Moysés a Deos tantas desculpas, quantas no mesmo Texto se podem lér, & nenhũa lhe aceyta Deos, se não que a toda a pressa o manda, *veni, & mittam te?* Sim; reparou Deos na vara, que Moysés tinha na mão, porque a Moysés mandou Deos também fazer o mesmo reparo: *Quid est quod tenes in manu tua?* Que he o q tens na tua mão?

*Ex-
od.
3. n.
4. 10.*

*Ex-
od.
4. n.
2.*

Disse

Diffe Deos a Moysés, & ad-
 vertindo elle q era aquella
 tão celebre, como prodigic-
 fa vara: *Respondit: Virga*;
 Sup. achou parece Deos que o
 figurado naquella vara pe-
 dia a muyta pressa, com que
 mādava a Moysés dar prin-
 cipio à redempção do seu
 povo. Era aquella vara fi-
 gura de Christo, como di-
 zem os Padres, & antes de
 todos em figura de vara o
 profetizou David: *Virgam*
 P. fel. *virtutis tuæ emittet Domi-*
 109. *nus ex Sion*, & se ant guam ê-
 2. te não havia mais livros que
 as arvores, porque nestas he
 que cada hũ escrevia o que
 queria; Livro era tambem
 esta vara, porque nella (diz
 S. Boaventura citando aos
 Rabbinos) estavam escrit-
 tas as letras do santissimo
 Nome de Jesus: *Transfer*
 Div. *mētē ad virgam Moysis, in*
 Bon. *cujus sumitate, secundum tra-*
 in *ditionem Rabbinarum, scriptū*
 Luc. *erat nomen Dei Tetragrāma-*
 2. *ton, quod figurabat nomen Je-*
 su: & vendo Deos hũa fi-
 gura de Christo naquella
 vara com semelhança de Li-
 vro, por ter impressas as le-

tras de Jesus, lendo parece
 nellas a primeyra figura, q
 indicam, que he dar princi-
 pio à Redempção, cõ toda
 apressa, não hũa, senão duas
 vezes chama a Moysés:
Moyse, Moyse, para q logo Ex.
 sem mais detença comece a od.
 redempção do seu povo: 3.
Veni, & mittam te ad Pha-
 raonem, ut educas populum Ex-
 meum, filios Israel de Ægyp- od.
 to. 3.

E para que se veja mais
 claramente não he diversa
 a figura, que então se vio na
 mão de Moysés, da que eu
 hoje tambẽ levãto fundado
 naquellas letras, se não que
 hũa, & outra figura he a mes-
 ma nas circũstancias; advir-
 tam, que se eu levanto figu-
 ra em Christo recém naci-
 do, de pouco circuncidado,
 & lançando sangue ao gol-
 pe de hum cutello, parecen-
 do Livro moderno, por ter
 de pouco impressas as letras
 de Jesus; todas estas circun-
 stancias se advertem com ad-
 miração naquella vara: no-
 te-se; não figura esta vara a
 Christo de muytos annos,
 senão de muyto poucos dias
 nacido,

nacido, porque hũa vara não he tronco de muytos annos, he sim hũa tenra vergôtea de muyto poucos dias brotada da arvore, & não estando já na arvore esta vara, mas sim na mão de Moysés, bem figura també a Christo circuncidado lançando Sangue ao golpe de hum cutello, porque as varas ao golpe de hum agudo ferro se cortam cõ violencia das arvores, & pelo golpe lançam o sangue que tem, que he aquelle tal humido, de q se animam. Finalmente figura esta vara a Christo como moderno Livro com as letras de Jesus, q ha pouco se lhe imprimiram, porque se esta vara era tão tenra, & livros eram as arvores antigamente, bem parece era moderno este Livro, & q se lhe tinham impresso de pouco as letras de Jesus: *In cujus summitate scriptum erat nomen Dei Tetragrammaton*, sendo pois a figura, que mostrava aquella vara, suppostas as circunstancias, a mesma que eu levanto, razão tenho para di-

zer, não podia Deos soffrer dilacões à redempção do seu povo, supposto o que succedeu, tendo à vista naquella vara esta figura: *Moyfes, Moyses... Sed veni, & mittam te ad Pharaonem.*

Diz o Abulense q a vara, que Moysés tinha na mão, era de quatro lados, porque tinha quatro ilhargas, ou quatro angulos: *Virga Dei erat quadrangulata.* Mysteriosa foy esta vara pelas maravilhas, q obrou no Egypto, mas agora de novo mysteriosa pela fórma, que tem. Que vara se pôde considerar, que do seu nascimento tenha quatro lados? Que vara pôde haver, que na arvore, dõde brota, se mostre quadrangular? Nenhũa; porque se houvera outra semelhante, não fora singular esta vara de Moysés; & que mysterio encerraraõ estes quatro angulos, em cuja fórma naceu esta vara: *Virga Dei erat quadrangulata?* Eu cuydo, se me não engano, q acerto cõ o mysterio. Em cada hum dos angulos, diz o mesmo Abulense,

Abul. in Exod. 4.

Sup. cit.

lenfe, estava escrita hũa letra do Nome de Jesus: *Virga Dei, quia in ea scriptum erat nomen Dei Tetragrammaton, erat quadrangulata, & in quolibet laterum habebat unam de quatuor literis nominis Dei*; & hum só angulo, ou ilharga que esta vara tivesse, não bastava para se escrever todo o Nome de Jesus? Sim bastava; mas como neste santissimo Nome se lê a Redempção de todo o Mundo, constando este de quatro partes diversas, quatro deviam tambem ser as ilhargas daquella vara, & em cada hũa devia tambem ter impressa hũa letra daquelle santissimo Nome; & a razão he: porque se esta vara tivera hum só lado, ou ilharga, mostraria o Nome de Jesus a Redempção para hũa só parte do Mundo; & se tendo quatro lados, como tinha, tivera em hũa só todo o Nome de Jesus, em quanto deste lado se não voltava Jesus para os outros, estariam esperádo pelo principio da sua Redempção, q̃ como não viam este Nome

santissimo, não podiam levantar figura à sua Redempção começada; pois tenha quatro lados a vara, & esteja em cada lado escrita hũa letra deste Nome, para que se não dilate a todas as quatro partes do Mundo o poderem levantar figura à sua Redempção começada: q̃ se isto he o que figura este Nome santissimo logo que se imprime, vejam todas as quatro partes do Mundo o mesmo ao mesmo tempo, para que ao mesmo tempo levantem todas as quatro partes a mesma figura: *Virga Dei erat quadrangulata, & in quolibet laterum habebat unã de quatuor literis nominis Dei.* 4.

A' vista de todas as quatro partes do Múdo se propõem as quatro letras de Jesus nos quatro angulos daquelle vara, para que se veja que Jesus como Salvador não dilata o nosso remedio. He a vista tão apressada no ver, que no breve tempo de hũ abrir, & fechar de olhos percebe o objecto, que se lhe propõem; & sendo tão apressada

apressada a vista no perceber, mais apressado he o objecto em mandar as especies à vista, para que perceba; & a razão natural he: porq̃ sem se mover recebe a vista as especies, que pelos ares lhe vem de longe, & como não pó de haver cousa mais apressada, que aquella, que vindo de lóge por esses ares vem correndo; esta mesma he apressa, com que as letras de Jesus correm a dar principio à Redempção. Sempre reparey em David usar de hũa funda para lançar por terra aquella maquina Gigantea, *tulitque unum lapidẽ,* Reg. c. 17 n. 49 & *funda jecit*; porq̃ se usou da funda, para que a pedra levasse mais forza, não era tão pouco alentado David, que se despedisse hũa pedra da mão, não deyxasse de fazer o mesmo emprego, que fez, quando confeçava que à forza do seu braço não havia feróz Leão, nem forroso Urso, que lhe resistisse, & quem tem braços para suffocar Leões, & mais Ursos: *Apprehendebam mentum eorum, & suffocabam,* tambem

póde ter mão para com hũa pedra derribar a hum Gigante; sendo isto assim, para que usa da funda para despedir a pedra, *funda jecit*? Direy; a mão de David bem podia dar forza à pedra para prostrar ao Gigante, mas não podia a mão de David dar tanta ligezyresa à pedra, como lhe deu a funda, que bem mostra a experiencia corre mais ligeyra hũa pedra despedida de hũa funda, que atirada de hũa mão; & como naquella pedra (como dizem Calamato, & Escobar) estava escripto o Nome de Jesus: *Cur igitur dicit se Cadimicaturum in nomine Domini? Quia lapidi isti inscriptum erat nomen Jesu;* & no Gigante ferido com a pedra se figurava o demonio vencido por Christo: *Lapis, Alquo percussus est Goliath, leg. idest Christus, quo percussus est diabolus,* disse Laureto. É indo o Nome de Jesus naquella pedra dar principio a vencer ao diabo, não havia de ir atirada a pedra com a mão, q̃ hia com menos ligezyresa, havia sim de ir despedida

r.

Reg.

c. 17

n. 49

Ibi-

dem

n. 35.

Dolam.

hoc

loco.

Escob.

leg.

pedida de hũa funda, para ir correndo por esses ares com a mayor pressa, *tulitque unum lapidem, & funda jecit.*

70b
19.
n.23
Apressa da Redempção começada bem pudera o Gigante ler, como em hum livro, nas letras daquella pedra, porque de folhas de pedra não faltaram tambem livros, & hũ destes não foy pouco appetecido de Job, quando disse: *Quis mihi tribuat ut scribantur sermones mei? quis mihi det ut exarentur in libro. Stylo ferreo, & plumbi laminâ, vel celte sculptantur in silice?* Quem medera q̃ as minhas palavras se esculpissẽ em hum livro, que tivesse folhas de pederneyra; mas se o Gigãte não leu naquelle livro de pedra a Redempção começada cõ pressa, levantemos nós esta figura, que não a pôde haver mais certa, & reparemos, que o livro defejado por Job em carne o temos hoje à vista, que se elle desejava hum livro de pederneyra abrazado em vivas chammãs, *sculptantur*

in silice; pederneyra bê abrazada, porque bem amorosa, por ser o mesmo fogo do amor, he o Menino Deos, & se não haja quem o toque, ainda que seja aço duro, & verá as amorosas faiscas, q̃ despede, & se aquelle livro appetecido de Job dizia elle que havia de ser escrito com os golpes de hum ferro, *ut exarentur in libro stylo ferreo*; aquelle divino Livro com o duro golpe de hum ferro foy hoje aberto; *ut circũcideretur puer*; para que imprimindo selhe as letras de Jesus, ficasse facil o levantar-se a primeyra figura da nossa Redempção começada, aqual só cegos não veraõ naquelle Livro: *Vocatum est nomen ejus Jesus. Christus dicitur liber.*

A segunda figura, que cõ as letras deste santissimo Nome se levanta, he verse em figura a nossa Redempção consummada. Na Cruz com o precioso Sangue de suas Chagas he que Jesus como Salvador cõsummou a nossa Redempção, porq̃ depois de ter as Chagas na

70- Cruz he que disse : *Consum-*
 an. *matum est*, agora está já con-
 19. summada a Redempção.
 n. 30 Isto no Calvario se vio na
 realidade; mas isto tambem
 se vio logo figurado no No-
 me santissimo de Jesus. Es-
 te santissimo Nome ou se
 escreve Jesu com quatro le-
 tras, ou se escreve Jesus com
 cinco; de ambos os modos,
 que se escreva, se vé nelle a
 figura da nossa Redempção
 consummada na Cruz com
 Chagas; porque escripto
 Jesu com quatro letras, diz
 São Boaventura, são estas
 quatro letras figura dos
 quatro lenhos, de que se
 compos a Cruz de Christo:

Sum. *Nomen est quadrilaterum,*
Bon. *formans veluti Crucem;* aqui
in se vé já a Cruz figurada: &
Luc. escripto o Nome de Jesus
 2. n. com cinco letras, diz a Glo-
 69. sa de Lyra, são as cinco le-
 tras das cinco Chagas hũa
 expressa figura: *Nomen Jesu*
Glof. *scriptū quinque literis, idest,*
in *quinque vulneribus,* & aqui
Luc. se vem tambem em figura
 2. as cinco Chagas.

Já sey me dizem, q' posto
 fossem necessarias Chagas,

& Cruz (supposto o decre-
 to divino) para se consum-
 mar a nossa Redempção, he
 certo que Cruz, & Chagas
 sómente não bastavam, se
 a Divindade se não unisse à
 Humanidade para levar a-
 quella Cruz, & padecer
 aquellas Chagas; como tã-
 bem he certo não bastar só
 hum homem, nem bastar só
 Deos pela incapacidade de
 padecer, para se consum-
 mar a Redempção; por quar-
 to he Theologia certa, não
 podia satisfazerse à divina
 Justiça, senão por hum ho-
 mem, que fosse juntamente
 Deos, o que supposto, já se
 vé que quatro cousas foram
 necessarias para se consum-
 mar a nossa Redempção, q'
 eram Divindade, Humanida-
 de, Cruz, & Chagas. A
 Cruz, & mais as Chagas já
 as vimos figuradas no No-
 me santissimo de Jesus, mas
 Divindade, & Humanidade
 ainda se não viram: Estará
 tambem figurado o divino,
 & o humano naquelle san-
 tissimo Nome? Tambem;
 tenho Padre que o diz, &
 Texto que o prova. O Pa-
 dre

Sum.
Bon.
in
Luc.
2.n.
64.

dre não he menos que São Boaventura, & boaventura foy achar hum tão grande Padre para desempenho do que digo: *Jesus dicitur Deus, & homo*; em Jesus (diz o Padre) se lé Deos, & em Jesus se lé homem; porq̃ D. vindade, & Humanidade, divino, & humano se diz este santissimo Nome: *Jesus dicitur Deus, & homo*. Està visto o Padre, vejamos agora se achamos tambem boaventura no Texto.

Psal.
88.
n. 14

Thabor, & Hermon in nomine tuo exultabunt: tuum brachium cum potentia. O monte Thabor, & o monte Hermon (diz David) farão festa no vosso nome, Senhor, ao vosso braço com o vosso poder; & porque os montes não são capazes de se alegrarem, & fazerem festa; S. Basilio entende por estes montes aos homens seus habitadores: *Non autem ipsos montes, sed homines, illorum habitatores*; que os homens se alegrem, & festejem são racionais, & bem o podem fazer; mas que seja o motivo da sua alegria o

Ba.
fil.
Ma.
gn.
in
Psal.
88.

braço de Deos cõ o seu poder no seu nome: *In nomine tuo exultabunt: tuum brachium cum potentia*, não o entendo: que Deos tenha nome, & tenha poder, assim o confego; mas que tenha braços, como o posso afirmar, sendo Deos todo espirito? Se esta he a verdade, como todos sabemos, não sey como diz David que os homens farão festa ao braço de Deos com o seu poder no seu nome? Já vejo o porq̃; eu o digo.

Os homens q̃ se alegrem, são os habitadores daquelles dous montes Thabor, & Hermon, pelos quaes quis David significar toda a terra da promissaõ, diz S. Basilio: *Per hos montes totam B. promissionis terram significavit*; & a terra da promissaõ, como se sabe, he a terra, aonde se finalizou a redempção do povo de Israel, porque depois do seu cattiveyro nesta terra vieram parar os que cattivos fugiram: supposto este antecedente, respondendo agora à duvida. He verdade q̃ Deos em quanto

Deos sómente tem nome, & tem poder, & de nenhũa forte tem braços, por ser todo espirito; mas Deos em quanto homem, tem braços, tem poder, & tem nome; tem braços, porque he verdadeyramente homem; tem poder, porq̃ he Deos; & tem nome, que he Jesus; alegrem-se pois os homẽs, (diz o Profeta Rey) que habitam os mōtes Thabor, & Hermon; festejem aquellos homens, que habitando a terra da promissãõ, nesta terra vem já a sua redempção consummada: *Exultabunt non autem ipsos montes, sed homines illorum habitatores;* & vem a sua redempção cõsummada não em outro tempo, senãõ quando no Nome de Jesus se une o braço de Deos cõ o seu poder; o braço como homem, & o seu poder como Deos; porque neste santissimo Nome, não só se lé humanidade, senãõ Divindade; não só se lé homem senãõ Deos: *In nomine tuo exultabunt: tuum brachium cū potentia.*

Supposto este santissimo

Nome tem tanto de divino, & humano, tem tudo de Deos, & tudo de homem: *Jesus dicitur Deus, & homo.* Div.
Bon.
sup.
cit. Perguntára eu agora de qual destes dous extremos participa mais, se do divino, se do humano? S. Boaventura diz que primeyro participa do divino, que do humano, porque primeyro chama a Jesus Deos, & depois homem: *Jesus dicitur Deus, & homo:* mas para que a este teu ditto não falte também Texto, em Isaias me parece que o estou vendo expressamente: *Ecce nomen Domini venit de longinquo;* o nome do Senhor vem lá de longe. Já se sabe que o nome do Senhor he o Nome de Jesus, agora pergunto, & porque não virá de perto este Nome, senãõ de longe? Direy; se viera de perto, vinha da terra, & vindo de longe, vem do Ceo; se viera de perto, vinha da terra, porque seria imposto por algum homem; vindo de longe, vem do Ceo, & vem de Deos, porq̃ por hũ Anjo do Ceo foy trasido: *Vocatum*

Luc. 2. n. II. *tum est nomē ejus Jesus, quod vocatum est ab Angelo. Sēdo isto assim, diga o Profeta q̄ o Nome de Jesus vem lá de longe, & não de perto, para mostrar que este Nome tendo mais do Ceo, que da terra, tem mais de divino, que de humano: Ecce nomen Domini venit de longinquo, & se para se consummar a nossa Redempção foram necessarias Divindade, & Humanidade, Cruz, & Chagas; de divino, & humano tem tanto este Nome, como se vé, & de Cruz, & Chagas bẽ o mostram as suas letras. Com grande fundamento logo se levanta a segunda figura da nossa Redempção consummada nas letras de Jesus impressas hoje no Livro de Christo: *Vocatum est nomen ejus Jesus. Christus dicitur liber.**

Finalmēte com as letras deste santissimo Nome se levanta a ultima figura da nossa Redempção eterna, aqual mostro cõ toda abrevidade. O primeyro, que deu a conhecer a eternidade da nossa Redempção,

(que tu sayba) foy o Apóstolo S. Paulo, quando disse que Christo como Pontifice na Cruz achára a Redempção eterna: *Christus assistens pontifex introivit semel in sancta aeterna redemptione inventa*; & he taõ efficaçamente infallivel a eternidade desta Redempção, que redemio Christo ao Mundo dos peccados passados, presentes, & futuros de forte, que se este Mundo durasse eternamente, eternamente o redimira o precioso Sangue de Jesu Christo; disse-o Caetano explicando o Texto referidõ de S. Paulo: *Christus autem redemptionem invenit aeternam, non ad tempus, sed in aeternū, si in aeternum durasset Mundus.*

Supposta como certa a eternidade da nossa Redempção, poderã versẽ tambem esta eternidade no santissimo Nome de Jesus? Tambem nelle se vé; porque este santissimo Nome foy, he, & ha de ser eterno; assim o vaticinou David no Plalmo settẽta & hum: *Benedictum*

Paul ad Hebr. c. 9. n. 11

Ca. 1. c. 1

Psal. 71. n. 19

nomen maiestatis ejus in eternum; & que este nome de majestade vaticinado por David seja o santissimo Nome de Jesus, prova-se com dizer S. Basilio Magno na exposição deste Psalmô q̄ todo elle he hum vaticinio de Christo Senhor nosso: *Christus est, de quo praesens hic Psalmus vaticinatur*. A eternidade deste Nome não faltou quem intentasse riscalla, porq̄ não faltou quem quizesse apagar de todo este Nome, *eradamus eum de terra viventium, & nomen ejus non memoretur amplius*: he profecia de Jeremias entendida pelos Padres de Christo nosso Salvador. Risquemos totalmête (vaticina o Profeta) o Nome de Jesus, porque se este Nome for riscado, não haverà delle mais memoria. E com tanta facilidade se risca hũa eternidade, como aquella? Com tanta facilidade se apaga o Nome de Jesus? Não se risca, nem se apaga, porq̄ não he possível; mas querse riscar este Nome, & querse extinguir a sua eter-

nidade.

Esta profecia vio-se cumprida, quãdo os Judeus lendo o titulo da Cruz, q̄ Pilatos tinha escrito, com toda a instancia lhe pediram que riscasse aquelle titulo; & he muyto para reparar no que elles differam somête se riscasse: *Noli scribere, Rex Judaeorum*; diziam elles a Pilatos: Riscay aquelle titulo naquella parte, q̄ diz, Rey dos Judeus; & no principio do titulo não està Jesus, porque lhe não pedem que o risque? Não se atreveram; porque ao Nome de Jesus querese ha riscar tambem, supposto dizem que risque o titulo: *Noli scribere*; mas não se pôde riscar: porque quando vão exprimir a petição, não dizem que se risque só, Rey dos Judeus: *Noli scribere, Rex Judaeorum*; & a razão disto he; porque o que se risca, supposto acaba, não he eterno; & conheceram tanto os Judeus a eternidade deste Nome, que tendo vontade de o riscar, *eradamus eum de terra viventium, & nomen ejus non memoretur*

Basil.
Mag.
gn.
in
Psal.
71.
vers.
17.
7e.
rem.
11.
n.19

moretur amplius ; quando quizeram pôr esta sua vontade em execução, não puderam ; & assim só dizem q risque o mais do titulo: *Noli scribere, Rex Judæorum* ; porém o Nome de Jesus não pedem que se risque, porq nelle estariam lendo conforme a profecia de David, que foy, he, & ha de ser eterno: *Benedictum nomen maiestatis ejus in æternum*, & se este Divino Nome figura a nossa Redempção, como já vimos, sendo eterno este Nome, forçosamente tambem ha de ser eterna a Redempção. Esta he a terceyra, & ultima figura, que cõ as letras daquelle Nome santissimo se levanta, impressas hoje, para que se veja naquelle livro de Christo: *Vocatum est nomen ejus Jesus. Christus dicitur liber.*

Temos visto as tres figu-

ras da nossa adequada Redempção no sãtissimo Nome de Jesus ; vimos a nossa Redempção começada, cõsumada, & eterna ; resta agora que a estas tres figuras correspondamos com tres singulares agradecimentos. A' nossa Redempção começada havemos de corresponder, dando principio a hũa nova vida, amando muyto a Deos, & temendo-o. A' Redempção consummada havemos de corresponder, consummando tambem os annos da vida, q nos restarem, no serviço de Deos, q estes são os bons annos, que este Deos Menino queyra a todos dar ; & se desta sorte correspondermos agradecidos, corresponderemos à Redempção eterna, amando a Deos em hũa eternidade de gloria.





S E R M A Õ

DO GLORIOSO

S. JOSEPH,

ESPOSO DA VIRGEM SENHORA NOSSA,
prégado na Paroquial Igreja de São
Juliaõ em hũa Missa nova. Lisboa
no anno de 1695.

Hac autem eo cogitante. Matth. i. n. 20.



UE tambem São Joseph tenha cuydados, que lhe dem cuydados? Sim; que se a sua dignidade o elevou sobre a suprema jerarquia dos homens, para que não cuyde o Mundo, que he mais q

homem S. Joseph, tenha cuydados, que lhe dem cuydados nessa sua superior dignidade: *Hac autem eo cogitante*; & viva sujeyto às pensões de homem, porque não he mais que homem Joseph, como mysteriosamēte adverte

Ma- adverte o Evangelista: Jo-
ib. 1. *seph autem vir ejus.*

Mas se Joseph por eley-
ção do Altissimo, & revela-
ção muyto particular sua
(como ouvio o Sacerdote
no Templo, & se provou
depois no mesmo Templo
quando lhe floreceu de re-
pente na mão a vara) foy
unicamente o escolhido en-
tre todos os homens para
esposo da Mãe de Deos, cõ
quem verdadeyramente se
desposou: *Cum esset despon-
sata Mater Jesu Maria Jo-
seph*; como tem cuydados,
que lhe dem cuydados? Se
Joseph foy tambem entre
todes os homens sómente
o escolhido, para que sendo
pay legal do mesmo Chris-
to, fosse como homem pu-
rissimo na terra hũa expres-

Silv. fa figura do Eterno Pay *Ve-
tom. rum est, quòd Joseph sit homo,
1. at homo purissimus, in terra
lib. 1 æterni Patris figurã gerens;
cap. deyx Joseph cuydados, q
10. lhe daõ cuydados.*

9. 2. Se Joseph com particu-
lar privilegio foy santifica-
do no ventre de sua mãe:
uterque sanctificationem reci-

piens, disse Gerson falando *Gers.
de S. Joseph, & de sua pu- Can-
rissima Esposa, & conservã eel.
do esta graça, foy com ad. Pa.
miração justo em todos os vis.
dias de sua vida: Joseph au- serm.
tem vir ejus cum esset justus, de
que cuydados saõ estes, que Na-
lhe daõ cuydados? Se Jor- tiv.
seph parece mais cortesaõ Virg
do Ceo, que cidadão da ter- Ma-
ra, pois com o mesmo Deos th. 1.
familiarmente està falando
todos os dias, experimen-
tando os amorosos, & ex-
cessivos affectos de tal Fi-
lho para tal Pay; & os Anjos
quiçã para q não perca estes
favores, das horas, em que
ao sono se entrega, cuyda-
dosamente o despertam,
*Angelus Domini apparuit in Ma-
somnia Joseph*, semelhantes th. 1.
cuydados nenhuns cuyda-
dos lhe podem dar. E final-
mente se hum Anjo certifi-
ca a Joseph, & com particu-
laridade o adverte, que lan-
ce fora todos os seus rece-
yos, porque nada tem que
remer: *Joseph fili David, noli ibi-
timere*, que cuydados podem dem.
ser os cuydados de S. Jo-
seph?*

São muytos, muyto grãdes, & muyto particulares cuydados: porque, se bem se adverte, quatro nem menos são os motivos dos cuydados de Joseph. O primeyro motivo de seus cuydados he o seu admiravel desposorio: *Cum esset despōsata Mater Jesu Maria Joseph.* O segundo motivo de seus cuydados he, que sendo justo antes de desposado, conservar-se depois de desposado, tambem justo: *Joseph autem vir ejus cum esset justus.* O terceyro motivo de seus cuydados he, não deyxar a assistencia do desposorio para não ter cousa nenhuma que recear: *Joseph fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* O quarto motivo finalmente de seus cuydados he, as particulares advertencias, que lhe faz hum Anjo, *Angelus autem Domini apparuit in somnis Joseph, dicens.*

Para sustentar o grande peso destes quatro motivos, & poder cō a pensão de todos estes grandes cuydados parece eram bẽ necessarios

quatro Josés, & não hũ só, como vemos no Evágelho; mas se nelle vemos hum só Joseph, tambem o vemos no seu nome quatro vezes reproduzido; porque quatro vezes sómente, & não mais, se vé no Evangelho expresso o nome de Joseph, para que se veja que tantos cuydados jutos por quatro Josés he razaõ q̃ se dividam. Vaõ contando. Estã o nome de Joseph expresso nos seus primeyros cuydados, que são os cuydados do seu admiravel desposorio: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.* Estã o nome de Joseph expresso nos seus segundos cuydados, que são os cuydados de ser, & se cōservar justo: *Joseph autem vir ejus cum esset justus.* Estã o nome de Joseph expresso nos seus terceyros cuydados, que são os cuydados de assistir ao seu desposorio para se livrar de tudo o que pòde temer: *Joseph fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* Estã o nome de Joseph ultimamente expresso nos seus quartos cuy-

cuydados, que são os cuydados das advertencias do Anjo, *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph, dicens.*

Se o nome de S. Joseph mysteriosamente se reproduz no Evangelho quatro vezes sómente, para que se veja que os cuydados de S. Joseph só por quatro Josés ficam propria, & perfeytamente divididos; hoje tem o nosso Santo não só quatro nomes de Joseph, mas quatro Josés nas proprias pessoas, com quem repartirá todos os seus grandes cuydados. O primeyro Joseph he o mesmo Santo; o segundo Joseph he o novo Sacerdote; o terceyro Joseph he o que faz esta pompofa festa; & o quarto Joseph he o Prégador, porq todos tem o mesmo nome; com q temos por assumpto S. Joseph reproduzido no seu nome quatro vezes para os seus cuydados: *Hac autem eo cogitante.*

No primeyro Joseph, q he o Santo, veremos os grandes cuydados que lhe deu o seu desposorio: *Cum esset*

desposata Mater Jesu Maria Joseph. Hac autem eo cogitante. No segundo Joseph, que he o novo Sacerdote, veremos, & verá elle os cuydados, que deve ter em estar justificado antes do desposorio, que hoje faz a sua alma com Christo, & q depois delle justificado se deve conservar como Joseph: *Joseph autem vir ejus cum esset justus. Hac autem eo cogitante.* No terceyro Joseph, que he o que festeja ao nosso Santo, veremos, & advertirá elle os cuydados que deve ter em não perder a devoção, de assistir ao desposorio de S. Joseph, se quer livrar-se como elle se livrou, de tudo o que pôde recear, assistindo ao seu desposorio: *Joseph fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam. Hac autem eo cogitante.* No quarto Joseph finalmente, que he o Prégador, se verá, & verey eu os cuydados, que devo ter em referir os cuydados destes tres Josés, nos quaes direy as advertencias, q Deos pelo Anjo me quereria ministrar,

trar, estando eu desperto: q̄ como não sou S. Joseph, para elle he que se reservou falarlhe o Anjo, estando dormindo, quando estava mais cuydadolo, *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph, dicens. Hæc autem eo cogitante.* Supposto os meus cuydados não mostrar os cuydados destes tres Josés, começemos pelo Santo.

Os cuydados de S. Joseph no seu desposorio foram, & são os meus primeyros cuydados, porque com o seu desposorio vejo a S. Joseph logo no principio do Evangelho muyto cuydadolo: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph. Hæc autem eo cogitante.* Foy o desposorio de S. Joseph desposorio verdadeyro, desposorio santo, & desposorio do Ceo: *Oh conjugium verum, & sanctum, conjugium celeste!* exclamou Ruperto Abade. Foy desposorio verdadeyro, porque o vinculo do amor, com q̄ avontade de Joseph se unio com a vontade da Virgem sua Esposa, foy tão excessiva-

mente apertado: *Amoris vinculo Virgini conjunctissimum fuit,* que sendo as vontades duas, por forsa daquelle vinculo não eram diversas as vôtades no querer, & como tão reciprocamente se amavam, tambem de mutuo consenso o que queria o Esposo, era só o q̄ a Esposa tambem queria. Foy desposorio santo o desposorio de S. Joseph, porq̄ a terceyra Pessoa da Santissima Trindade, que he aquelle Divino Espirito, Santo por Antonomasia, foy o q̄ amorosamente unio estes dous santos extremos: *Spiritus Sanctus amborum conjugalis amor,* disse Ruperto, & tendo o Espirito Santo o que na sua graça recebeu estes dous Santos desposados, nenhuma duvida pôde ter o ser santo este desposorio. Foy finalmente o desposorio de S. Joseph desposorio do Ceo, porque tendo Maria santissima feyto voto de castidade, como tambem tinha feyto S. Joseph, no templo, aonde a Senhora estava, foy ouvida hũa voz do Ceo,

Rup.
lib.
1. de
gloria
Filii
ho-
mi-
nis.

Rup.
in
c. 1.
Ma-
th.
ad
illa
ver-
ba:
Jo-
seph
virgẽ
Ma-
rie.

Ceo, que disse se ajuntasse
 todos os homês no templo,
 têdo cada hum na mão hũa
 secca vara, & que se despo-
 sasse a Senhora cõ aquelle,
 aquem sómente a sua vara
 floreceffe; só a de Joseph
 floreceu, & por isso tanto do
 Ceo foy este seu desposo-
 rio, he de S. Jeronymo cita-
 do por Carthagen. Sendo
 pois o desposorio de S. Jo-
 seph tão verdadeyro, tão
 santo, & tão celeste; dá-lhe
 tantos cuydados este seu
 desposorio, porque teve in-
 tentos de o deyxar, deyxan-
 do a sua purissima Esposa:
Voluit occultè dimittere eam.
 Queror Joseph deyxar
 este seu desposorio, dizem
 1. in muytos com Origenes que
 foy: porque sendolhe reve-
 lado o altissimo mysterio da
 Encarnação, (que não he
 facil de crer occultasse a-
 quelle amoroso Filho este
 mysterio a tão querido Pay)
 conheceu-se Joseph indig-
 no da sociedade, & compa-
 nhia de sua santissima Espo-
 sa: *Ideo eam dimittere vole-*
bat, quoniam virtutem mys-
terii in eadem cognoscebat, cui

approximare se indignum ex-
istimabat. Conheceu-se Jo-
 seph Esposo da Mãe de
 Deos, conheceu se Pay le-
 gal do mesmo Christo, &
 vendo que a sua muyta hu-
 mildade fortemente o con-
 trangia deyxar este verda-
 deyro, celeste, & santo des-
 posorio; desunirse de sua
 Esposa, & arriçarse do mes-
 mo Christo não podia ser
 sem grandes golpes de seus
 cuydados.

Na intelligencia de S.
 Jeronymo vaticinou Isaías
 parece o desposorio de S.
 Joseph, & a Encarnação do
 Verbo Eterno nestas pala-
 vras: *Egredietur virga de*
radice Jesse, & flos de radice
ejus ascendet. Et requiescet
super eum spiritus Domini.
 Na raiz de Jessè (diz o
 Profeta) se verá mysterio-
 samente unida huma vara,
 & nessa raiz hũa flor també
 com admiração se verá uni-
 da, sobre quem descerá o es-
 piritito do Senhor. A flor he
 Christo, a vara he Maria,
 diz o mesmo S. Jeronymo:
Nos autem virgam de radice
Jesse Sanctam Mariam Vir-
ginem

apud
 Car-
 thag.
 tom.
 2.
 lib.4
 Ho-
 mil.
 10.

Hie-
 ron.
 sup.
 cit.

Isai.
 11.

Hie-
 ron.
 lib.4
 in c.
 11.
 Isai.

Hie-
 ron.
 lib.
 de
 ortu
 Vir-
 gin.
 apud
 Car-
 thag.
 tom.
 2.
 lib.4
 Ho-
 mil.
 1. in
 prin-
 cipio
 Ori-
 gen.
 Ma-
 th. 1.

*ginem intelligamus, & florem
Dominum Salvatorem; & se
esta he a flor, & aquella a
vara; pela vara, & pela flor
se póde conhecer na raiz a
S. Joseph Esposo de Maria;
& prova-se có a razaõ mais
evidente que póde ser: por-
que Jessé foy o Illustre pro-
genitor de David, como se
vé na arvore dos seus ascen-
dentes, q̄ escreveu S. Mat-
theus: *Jesse autem genuit
David regem;* & sendo S.
Joseph não de outra fami-
lia, senão da caza real de
David, como lhe disse o An-
jo: *Joseph fili David,* bem
se conhece ser S. Joseph Es-
poso da Senhora raiz; erda-
deyra de Jessé.*

Ma-
th. I.

Supposta esta intelligencia, porque se figura Christo em mimosa flor, Maria em tenra vara, & Joseph em antiga raiz? Direy o que me parece. Entre a tenra vara, & a antiga raiz dá se hũa união tão estreya, que só por morte da vida vegetativa, que tem a raiz, & a vara, se defune a vara da raiz; & desta mesma qualidade era o vinculo do desposo-

rio da Senhora, porque só com a morte de hũ dos dous extremos se dissolveu; com que sendo Maria de poucos annos desposada có Joseph de mayor idade, bem mostra ser tenra vara unida estreitamente à antiga raiz de Jessé, & estando Joseph, & Maria desposados, de Maria sempre Virgem naceu Christo, não só para nosso remedio, mas para mimo de seus Paes, & por isso mimosa flor. Supposto tudo isto, advirta-se agora.

Deyxando S. Joseph o seu desposorio, defunia-se de Maria, & de Christo se separava, q̄ por isso o Profeta advertte, que não só a vara de Maria, se não també a flor de Christo estavam unidas à raiz de Jessé: *Egre-
dietur virga de radice Jesse, Isai.
& flos de radice ejus ascendet,* II.
& como a vara, & a flor só se dividem, & separam da raiz, dando-se hũ golpe na flor, & hum corte na vara, por isso na figura de raiz se figura S. Joseph, para q̄ se visse, que tendo intentos de deyxar este seu desposorio verdadeyro,

dadeyro, do Ceo, & santo; verdadeyro, porque verda-
deyramente a vara estava
bem unida à raiz; do Ceo,
porque em Maria estava
Christo; & santo pela affi-
tencia do Espirito Santo:

Sup. *Requiescet super eum spiritus Domini: deyxando Joseph como humilde a Christo, & a Maria, naõ podia ser sem que os seus cuydados lhe dessem fortes golpes, quando como humilde raiz se separava daquella tenra vara, & se dividia daquella mimosa flor, a que por amor estava taõ unido: Egre- ditur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet.*

A raiz de Joseph todos sabem que he inferior à flor de Christo, & à vara de Maria: porque a flor, & a vara estando levantadas sobre a humilde raiz, bem se vé que lhe saõ superiores; mas oh grandesa sem igual! pois nessa mesma superioridade a vara de Maria, & a flor de Christo. mostram à humilde raiz de Joseph a mayor sujeyção: Maria lhe obede- cia como Esposa, & Christo

se lhe sujeytava como filho: Christo o estimava como Pay, & Maria o tratava cha- mandolhe senhor: *Oh mi- randa prorsus Joseph subli- mitas tua: Oh dignitas in- comparabilis, ut Mater Dei, Regina Celi, Domina Mun- di, te Dominum appellare non indignum reputaverit!* excla- ma Gerson: Oh grandesa maravilhosa! oh dignidade sem igual, pois a Mãe de Deos, Rainha do Ceo, & Se- nhora do Mundo, naõ teve por indigno o chamarvos Senhor! Tudo isto via o Mundo, & tudo isto via Jo- seph; via o Mundo q Christo era filho de Maria, & de Joseph se cuydava tambem que era Christo filho, & do Mundo conhecer q Joseph era Pay de Christo sobrevi- nha a Joseph hũa gloria sin- gular. *Pater* (diz Christo) *ego te clarificavi.* Pay, & Se- nhor, eu vos clarifiquy; q no sentir de S. Joaõ Chry- sostomo quis dizer; eu vos dey hũa singular gloria na terra: *Ego te clarificavi glo- rificavi in terra;* & o motivo desta gloria (diz o mesmo Christo)

*Gers.
sup.*

*Joan.
17.*

*Chry-
sost.*

*apud
Hug.
in
Joan.
17.*

Christo) foy manifestar, & fazer publico o seu nome.

Joan. 17. *Manifestavi nomen tuum hominibus.* Este nome, que Christo manifestou na terra, he certo não ser o nome de Deos, porque este já do principio do Mundo estava manifesto. *In principio creavit Deus Caelum:* pois que nome he este, que Christo manifesta? Elle o diz: *Pater, manifestavi nomen tuum hominibus.* Este nome foy o nome de Pay, que pelo nome de Pay he conhecida a primeyra Pessoa da Trindade do tempo de Christo para cá; & acha Christo q quando o Mundo conhece a seu Eterno Pay por seu Pay, deste conhecimento lhe sobrevem hũa grande accidental gloria: *Ego te clarificavi glorificavi in terra Pater, manifestavi nomen tuum hominibus.*

Se o Eterno Pay teve tãta gloria quando Christo por seu Pay o deu a conhecer aos homens; que gloria teria S. Joseph quando no Mundo por Pay de Christo foy taõ conhecido! Se o E-

terno Pay tem por gloria conhecerem os homens que seu Filho he o precioso relicario de seu peyto: *Unigenitus qui est in sinu Patris,* Joan. que gloria teria S. Joseph quando considerava o Mundo ser este Filho tanto do seu coração, que ao peyto o trasia como preciosa joya, quando com elle milhares de vezes se abraçava! Se o Eterno Pay tem gloria finalmente de gerar eternamente a seu unigenito Filho: *Filius meus es tu, ego hodie genui te;* que da geração eterna entendem todos este Texto; que gloria teria S. Joseph quando se não gerou a Christo, ao menos deulhe muyto cuydado conservar lhe a vida como Pay com o suor do seu rosto! *Puerum tanquam pater alit, & nutrit,* disse Gerson; pois do alimêto que elle lhe dava, dependia a sua vida como homem. Descubramos outra vez aquella raiz de Isaias, que se me não enganou, cuydo que desta vez lhe chego ao mais fundo. *Egre-*

Psal. 2.

Gers. apud

Jo-

sep

de S.

Jo-

sep.

dis- curs. 6.

Isai. 11.

Et

& flos de radice ejus ascendet.
 Da raiz de Jessé (diz o Profeta) sahirá huma vara, & da mesma raiz brotará tambem hũa flor. Não fora a vara, a flor, & a raiz quem são, & logo se não vira prodigiosamente pervertida a ordem da natureza; pede a ordem da natureza q a flor esteja na vara, & não na raiz, porque da vara, & não da raiz he que costuma brotar toda a flor; assim he: mas não he assim o que o Texto diz, porque certifica que a flor está na raiz, & não na vara; que mysterio será este tão occulto? Eu direy o q alcanço; & se muytas vezes tenho feyto este reparo, querme parecer que só agora lhe acertei com a razaõ. Já disse que a flor he Christo, a vara Maria, & a raiz S. Joseph; toda a flor certamente vive em quanto na sua raiz está presa, porque della se alimenta: que se a raiz lhe falta, mostra a experiencia que por falta do seu alimento desfalece tanto a flor, atè que desmayada morre; & como S. Joseph foy o que

teve particular cuydado de alimentar a Christo, para como homem lhe conservar naturalmête a sua vida; essa parece a razaõ de Isaias dizer que na raiz de Joseph, & não na vara, estava presa a flor de Christo, para que se visse que dependia tanto a sua vida, como homem, do alimento, que Joseph lhe dava, como depende hũa flor da sua raiz, em que está presa: *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet.*

Mas q muyto assim quizesse Christo parecer dependente, quando assim se quis sujeytar a lhe chamarem filho de S. Joseph. *Nonne hic est fabri filius?* E que muyto que Joseph assim fosse cuydadoso, quando toda a ley ordena q o pay he obrigado a dar alimentos a seu filho. Mas oh Jesus, que cuydados teria Joseph na conservaçoõ dessa vida! Oh Maria, que cuydados teria Joseph quando a sua muyta humildade o constringia a deyxarvos! Oh Joseph, que cuydados tão grandes tivef-

*Isai.
11.*

*Mat.
th.*

13.

tes neste voffo desposorio! Teve Joseph cuydados, quando teve intentos de deyxar hũ desposorio taõ verdadeyro, taõ santo, & tanto do Ceo. Teve Joseph cuydados, quando se quis separar de sua Espõsa, sabendo q̃ era Mãe do mesmo Deos. Teve Joseph cuydados, quando por sua muyta humildade a si mesmo queria tirar-se a gloria de ser conhecido no Mundo por Pay legal do mesmo Christo.

Teve finalmente Joseph cuydados, quando com o suor do seu rosto alimentava este querido Filho, & esta amante Senhora: *Matrem pariter, & Filium ejus aluit*, disse hũ Douto. Saõ cuydados estes para darem muyto grandes cuydados? Sim saõ por certo; pois estes saõ os cuydados, q̃ S. Joseph teve neste seu desposorio: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph. Hæc autem eo cogitante.*

Os segundos cuydados do nosso Santo, com que segunda vez se exprime no Evangelho o seu nome, saõ

os cuydados de se conservar justo antes, & depois do seu desposorio: *Joseph autem vir ejus cum esset justus. Hæc autem eo cogitante*; & estes saõ, & devem ser os cuydados do segundo Joseph, que he o novo Sacerdote; porq̃ no espiritual desposorio, q̃ hoje faz a sua alma com Christo Sacramentado, naõ só deve receber este desposorio justificado, senaõ que justificado se deve conservar depois do desposorio.

Que em S. Joseph desposado se represente expressamente o Sacerdote, que vemos no altar, he contemplação de Santo Athanasio referida por Garciano. Contempla o Santo a S. Joseph desposado com Maria santissima no portal de Be'em, & diz que o portal lhe parece hum sagrado templo, aonde o presepio era o altar, o Menino Deos vestido de carne humana o Santissimo Sacramento; & S. Joseph o Sacerdote: *Divus Athanasius contemplabatur portum Bethlemiticum, velut sacerrimum templũ, ubi præsepe apud*

70-
seph.
Mã-
sius
de S.
70-
seph
dis-
curr.
6.

lian.
lib. 3
c. 4
apud

Car- sepe erat altare, infans Deus
thag. carne indutus Sanctissimum
lib.4 Sacramentum, Sacerdos Jo-
Ho- seph.
mil. 8. in
me-
dio
tom. 2.

Já vimos a Joseph Sacerdote no altar: *Joseph Sacerdos*, desposando se espiritualmente com Christo; mas para que passemos da contemplação de Athanasio para a realidade, q vemos; contemplemos na realidade os motivos, que Athanasio sem duvida teve para a sua figurativa contemplação. Desposou-se verdadeiramente Joseph cõ Maria santissima; & hoje a alma de Joseph novo Sacerdote desposando-se espiritualmente com Christo, desposa-se com toda a verdade no Sacramento: *Verè est, verè est.*

Joan. 6. O vinculo do desposorio de S. Joseph foy o com que o amor se achou de mayor aperto: *Amoris vinculo Virgini conjunctissimus fuit*; & o vinculo do desposorio de Joseph novo Sacerdote he taõ estreitamente apertado, q ficando Christo nelle, fica elle tambem feyto hum Christo: *In me manet, & ego*

in illo. O ministerio de São Joseph todo se occupava em guardar o Corpo natural de Christo, que trasia entre os braços: *Ministerium Joseph immediate versabatur circa Corpus naturale Christi protegendum*, disse Carthagena; & o ministerio de Joseph novo Sacerdote todo se occupará em guardar não só no sacrario, mas no peyto o natural Corpo de Christo Sacramentado, q de hoje por diante se lhe porá nas suas mãos: *Accipite, & comedite: hoc est Corpus meum.* E finalmente se Christo se mostrava obediente às palavras, que S. Joseph lhe dizia: *erat subditus illis*; quanto palavras, que hoje profere o novo Sacerdote, bastam para Christo se lhe vir logo pòr nas suas mãos: *hoc est Corpus meum.* Oh Joseph novo Sacerdote! *Joseph Sacerdos!* não Sacerdote em figura, como em S. Joseph contemplou a devoção de Santo Athanasio; mas Joseph verdadeiramente Sacerdote: *Tu es Sacerdos in æternum secundum ordinem*

Car-
thag.
sup.
cit.

Ma-
th.
26.

Luc.
2.

Ma-
th.
26.

Psal.
109.

Melchisedech; desposando-vos hoje verdadeyramente com Christo.

Que o Sacerdote Joseph se despose hoje verdadeyramente com Christo quando dignamête o recebe, disse-o o mesmo Christo quando ordenou Sacerdotes a seus sagrados Discipulos; vejamos primeyro o como se desposa o Sacerdote, & depois veremos a verdade do desposorio, *deditque discipulis suis, & ait: Accipite, & comedite: hoc est Corpus meum: accipite, & bibite: hic est Calix sanguinis mei.* Deu Christo o paõ Sacramentado a seus Discipulos, dizendo: Recebey, & comey, este he o meu Corpo: recebey, & bebey, este he o meu Sangue. Esta palavra, *accipite, accipite*, recebey, recebey, duas vezes repetida, parece que foy superfluo dizella Christo; porque bastava dizer; comey, Discipulos meus; este he o meu Corpo: bebey, este he o meu Sangue; pois para q̄ lhe accrescenta esta palavra: recebey, *accipite*, não só quando lhês

dá o Corpo, mas tambem quando lhês dá o Sangue? Direy o que entendo. No nosso idioma, & na locução vulgar esta palavra, *receber*, como sabem todos, he a mesma, com que se explica o desposar, porque ao desposorio costumamos chamar recebimento; & para Christo mostrar que quando o Sacerdote communga o seu Corpo, & bebe o seu Sangue, em hũa, & outra vez com elle se recebe, por isso não diz sómente; comey, q̄ este he o meu Corpo: bebey, que este he o meu Sangue; senão; recebey, & comey, recebey, & bebey: porque quando comeis, & bebeis, comigo sem duvida vos desposais: *Accipite, & comedite: accipite, & bibite.* Està visto o desposorio; vejamos a verdade d'elle.

Para o desposorio ser verdadeyro, devem preceder palavras significativas, & mutuo consento de vontades, como sabem jos Theologos; & no desposorio espiritual, que os Sacerdotes fazem com Christo, forsofamente

famente deve haver palavras significativas, & mutuo consento de vontades. Tudo mostrou o mesmo Christo quando a seus Discipulos ordenou Sacerdotes; mostrou neste desposorio palavras significativas, porq̃ não diz o Texto que só obrára a maravilha do Sacramento, senão q̃ tambem dissera com palavras: Este he o meu Corpo, & este he o meu Sãgue, *deditque*

Ma-
1h. *discipulis suis, & ait: hoc est*
26. *Corpus meum: hic est calix*
Sanguinis mei; & estas pala-
bras: Hoc est Corpus meum:
hic est calix Sanguinis mei,
saõ taõ verdadeyramête sig-
nificativas, que proferidas
pelo Sacerdote, he de fé es-
tar o Corpo, & Sangue de
Christo debayxo daquelles
accidentes. Mostrou tam-
bem neste desposorio o mu-
tuo consentimêto das von-
tades, porque a vontade de
Christo na consagração su-
jeyta-se à vontade do Sacer-
dote; & a vontade do Sacer-
dote deve tambem estar tã-
to sujeyta à vontade de
Christo, que se o Sacerdote

não tiver vontade de fazer o que Christo lhe manda fazer, que val o mesmo, se não fizer tenção de consagrar o Corpo, & Sangue, como elle consagrou, não se desposará com Christo debayxo daquelles accidentes, porque de nenhũa sorte fará o Sacerdote Sacramento: *Hoc facite in meam commemorationem*: todas as vezes que consagardes, (disse Christo a seus Discipulos) adverti que deveis ter de mim commemoração, ou lembrança, como diz a Igreja nestas palavras: *Hæc quotiescunque feceritis, in mei memoriam facietis*. Bem sey q̃ os Padres fundados em São Paulo, entendem esta lembrança da memoria, que o Sacerdote deve ter da Payxão de Christo, cujos altissimos mysterios se encerram no sacrificio da Missa; mas não faltou tambem hum Doucto, que dicesse não pe- dia só Christo a lembrança da sua morte: *Nec enim Sacerdotes consecrantes jubentur hic meminisse duntaxat mortis Christi*; pois que memo-

Luc²22¹Ex
Eccle²1.
Pan²
li ad
Cor.
6. 11A-
lab.
in
Ma²
1h.
26²

ria mais pede? Eu o digo.
 Dizer Christo a seus Discipulos que quando consagraffem, tivessem delle lembrança, parece foy dizer-lhes que quádo quizessem consagrar, se lembraffem do como elle consagrou, & a razão hé: que se o Sacerdote, não se conformando cõ avontade de Christo, & não tendo tenção de fazer o q̃ elle fez, não faz Sacramento, nem com Christo se desposa, para que verdadeiramente consagre, & com elle espiritualmente se despose, lhe adverte q̃ fórsofamente delle se deve lembrar, lembrando-se o como elle a si mesmo se consagrou, quando com seus Discipulos na ultima Cea se chegou a desposar: *Hæc quotiescunque feceritis, in mei memoriam facietis: consecrate, sicut & ego eadem consecravi*, disse o Apolapide. E se no desposorio Sacerdotal ha palayras significativas, & ha tambem mutuo consentimento de vontades, certo he ser verdadeyro o desposorio espiritual, que hoje faz com

Christo o novo Sacerdote Joseph: *Joseph Sacerdos.*

Mas que cuydados cuydarà o novo Sacerdote deve ter neste seu novo, & verdadeyro desposorio? Que cuydados? Deve ter os cuydados de Joseph: *Joseph autem vir ejus cum esset justus*, deve estar justificado para receber este desposorio, & justificado depois delle se deve conservar. Deve estar justificado para receber este desposorio, porque deve estar muyto puro, supposto ha de ter nas suas mãos ao proprio Deos Sacrametado: *Venter tuus sicut aceruus tritici, vallatus li- Cãt.*
 lis; o voffo ventre, Esposa 7.
 minha (diz aquelle divino Amante) he hum monte de trigo cercado todo de lirios. Se os vallados se inventaram para guardar o que dêtro nelles se encerra, não parece que o Esposo quer guardar muyto o trigo quádo com vallado sómente de lirios o quer guardar; quererà o Esposo que lhe furttem aquelle trigo? Não; q̃ furtar este divino trigo, sobre

Ex
 Eccl.

fobre ser furto, he sacrilegio execrando; pois q̄ quer o Esposo dizer, quando diz que aquella trigo está cercado de lirios? Direy. O lirio he jeroglyfico da pureza,

Ghis sa, diz Ghislerio: *Lilia sunt symbolum pudicitiae, ac puritatis*; & o trigo he figura do Sacramento, diz Laureto: *Fruentum saepe significat Corpus Christi*; & se para se chegar a colher o que dentro de hum vallado se cerca, he necessario passar pelo vallado; sayba o Sacerdote (diz o Esposo) q̄ se elle só he, & nenhũ outro, o q̄ colhe às mãos o trigo do Sacramento, deve passar pelo vallado dos lirios, deve pôr os pés sobre elles; porq̄ só estando firme na pureza, pôde colher nas mãos dignamēte aquelle divino Trigo. *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis. Lilia sunt symbolum pudicitiae, ac puritatis.*

Consideray, novo Sacerdote, a pureza de hum lirio, & nelle vereis como em espelho a pureza, que deveis ter para receber taõ divino desposorio; & naõ só de-

veis ser como lirio antes de desposado, senaõ que depois vos haveis de conservar lirio com a pensaõ de perpetua, supposto que no exercicio divino desse desposorio tendes de continuar todos os dias. Estes devem ser os vossos cuydados, porq̄ estes devem ser os cuydados de Joseph Sacerdote à imitação do nosso Santo: *Joseph Sacerdos*; supposto estes foram os seus cuydados quando desposado: *Joseph autem vir ejus cum esset justus. Hæc autem eo cogitante.*

Os terceyros cuydados ultimamente do nosso Santo, com que o nome de Joseph se exprime no Evangelho, saõ assistir ao seu desposorio para naõ ter nada que temer: *Joseph fili David, noli timere. Hæc autem eo cogitante*; & estes seraõ, & devem ser os cuydados do terceyro Joseph, q̄ ao seu, & nosso Santo hoje festeja; que applaudir os desposorios de Joseph isso mesmo he livrar-se de cuydados, q̄ dem cuydados, & este conceytuoso remedio naõ he

menos que remedio Angelico, pois para que S. Joseph não tivesse o menor cuydado, o remedio que o Anjo lhe applicou, foy, q' alli tiffie com os seus cuydados no seu desposorio: *Joseph fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam*; & se este devoto Joseph não só assiste aos desposorios de S. Joseph, mas com tanto applauso os celebra, bem pôde entender se livrará dos cuydados, que lhe podem dar cuydados.

Para este devoto alcançar de S. Joseph este singular favor, não só tem a razão cômua, q' tem todos aquelles, que festejam o seu desposorio, mas tem tambem a razão particular de se appellidar com o mesmo nome do Santo, q' por ter este seu nome está S. Joseph obrigado ao livrar dos cuydados, que lhe podem dar que recear, supposto que a si mesmo parece se livrou daquelles grandes cuydados, por se chamar Joseph. Já vejo me dizem encontro o que diz o Texto, porque

delle consta, foy o Anjo o que o livrou de seus cuydados: *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph, dicens: Joseph fili David, noli timere.* Não duvido do Texto; mas advirto nelle, q' o Anjo, querendo que Joseph se livrasse de seus cuydados, chamou-o pelo seu nome, nomeando-o Joseph: *Joseph fili David*, em que parece quis mostrar o Anjo q' tanto q' Joseph advertisse que se chamava Joseph, não podia deyxar de se livrar daquelles cuydados, que tanto lhe davam que recear: *Joseph fili David, noli timere*; & se o nosso Santo se devia livrar a si por advertir que era Joseph, bem digo eu que tem este Santo obrigação de livrar a quem como elle Joseph se chama.

Oh que singular protecção tem todos os Josés no seu Santo: porque tem hũ Santo, que como os mais Santos pede pelos seus devotos; tem hum Santo, que pôde pedir como quem manda, pois Jesu Christo lhe obedeceu neste Mũdo como filho;

filho; & tem hũ Santo, que de nenhũa forte deyxã a quem ama: em Maria santissima sua Esposa o vemos claramente, porque ainda que o amor, q̃ lhe teve Joseph, seja aos mais incomparavel; com tudo bastará para prova saberse que se não atreveu a deyxar esta Senhora pelo muyto q̃ lhe queria, não obstante ter intentos de a deyxar: *Voluit occultè dimittere eam.* Se este he o Santo, com cujo nome se ampara este devoto, não deyxẽ nunca este seu Santo, continue em lhe assistir, como faz todos os annos, applaudindo o seu desposorio; sejam estes todos os seus cuydados, & verã como S. Joseph o livra dos cuydados, que póde recear, assim como elle se livrou dos cuydados, que lhe deram tanto que temer: *Joseph fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam. Hęc autem eo cogitante.*

Meu Santo, se atégora se empenharam os meus cuydados em dizer, no que Deos pelo Anjo me quere-

ria ministrar, os grãdes cuydados, que tivestes, & os grandes cuydados, que tendes; agora novamente se empenham em vos mostrar tambem os cuydados, que deveis ter. Os cuydados, q̃ tivestes, bem se vio foram os cuydados do vosso desposorio. Os cuydados que tendes, bẽ se vé saõ os cuydados dos vossos Josés; & os cuydados que deveis ter, vede-os na petição, que vos fazem todos os vossos devotos; na qual dizem que, posto não sejam Josés no nome, saõ sim Josés no affecto, na devoção, & no amor. E se os vossos cuydados tanto nos vossos Josés se empregam, como testemunha o grande cuydado q̃ delles tendes, sendo elles tambem Josés affectuosos, Josés devotos, & Josés amâtes, bem merecem ser tambem digno emprego dos vossos cuydados.

Esta he a sua petição; & o despacho della supponho sey já qual ha de ser; porque sey qual he o despacho, que na vossa caza se põem às petições

tições dos homês. Em vossa
caza estava Maria santissi-
ma vossa Esposa (como he
opinião mais seguida dos
Padres) quando o Anjo lhe
veyo com aquella celestial
embayxada, na qual vinha
inclusa a petição de todo o
genero humano; & vejo q̃
o despacho, que teve esta
petição, foy hum *fiat*. Se
Lnc. este he o despacho, que se
1. dá na vossa caza, por credi-
to della naõ deveis, meu
Santo, mudar de despacho.

Aquelle *fiat*, despacho an-
tigo da vossa caza, he o des-
pacho, que os vossos devo-
tos sô querem nesta sua taõ
justa petição; porq̃ aquel-
le *fiat* os assegura, que vós
delles tereis cuydado: aquel-
le *fiat* os certifica q̃ o vosso
cuydado he bastante para
lhes sollicitar desse Deos, q̃
vos quis como Pay, a sua
divina graça, com aqual es-
peram lograr com vosco a
sua Gloria.





S E R M A Õ

DO TRIUNFO

D A C R U S ,

Prégado na Igreja Paroquial de Nossa
Senhora do Socorro em Lisboa
no anno de 1694.

Quasi cedrus exaltata sum in Libano, & quasi cypressus in monte Sion: quasi palma exaltata sum in Cades: quasi oliva speciosa in campis. Ecclesiastici 24. n. 17.



MAIS que de Sol a Sol se dilatam neste dia os applausos, porque mais que de Sol a Sol duram neste dia os triunfos. Triunfou Christo de manhã, & triunfa de tarde a sua Cruz; triunfou

Christo de manhã com admiração de todos, *commota est universa civitas, dicens: Quis est hic? & triunfa de tarde a sua Cruz para gloria só do mesmo Christo: Gloriam meam alteri non dabo. Gloria est Crux, diz Laureto,*

Mat
21.

Mat.
48.

reto,

reto, citando a S. Basilio, & Saõ Jeronymo. Começou Christo a triunfar de manhã, & como era Sol: *Sol justitiæ Christus*, triunfou até que como Sol se pos no occaso da sua Cruz: *Stetit Sol in medio Cæli*, & de tarde a este divino Sol posto começou a triũfar a sua Cruz, para que mais de Sol a Sol durassem neste dia os triunfos.

Triunfou Christo de manhã, & os verdes ramos cortados das arvores, & lançados por terra foram despojos de triunfo tão estupendo: *Alii cædebant ramos de arboribus, & sternebant in via*, & triunfa de tarde a sua Cruz, & os seus seccos troncos tambem cortados de arvores, mas exaltados no ar, são os de que se compõem o seu glorioso triunfo. E que diria que os verdes ramos, q' esta manhã se viram por terra, ao pôr do Sol são seccos troncos no ar triunfantes? Quem diria que os verdes ramos, servindo pela manhã de despojos, ao pôr-se o Sol são da Cruz triun-

fos? Quem o diria? Salamaõ; porque nas palavras, que tomey por thema, diz elle que o Cedro, o Cypreste, a Palma, & a Oliveyra se vem no ar triunfantes, porque no ar se vem exaltados: *Quasi cedrus exaltatusum, & quasi cypressus: quasi palma exaltatusum: quasi oliva.*

Fala Salamaõ em figura da Sabedoria encarnada nestas palavras, diz Hugo Cardinal: *Loquitur autẽ Sapientia, idest Christus, de se; Eccl. triumphando esta manhã em Jerusalem: Ego exaltatusum in Libano, idest, in Jerusalem, lap. verte o Alapide; & diz que o seu triunfo desta manhã em Jerusalem fora quasi como o triunfo do Cedro, do Cypreste, da palma, & da oliveyra; que val o mesmo que dizer, fora este seu triunfo quasi como o triunfo da Cruz, porq' destas quatro arvores se formou a Cruz de Christo, disse Ludolfo citando a muytos Autores neste verso: *Ligna Crucis palma, cedrus, cypressus, oliva; & da Cruz falou Salamaõ**

Hug.
in

24.

A-

in

lap.

in

Eccl.

24.

Lud-

dolf.

2. p.

663.

Salamaõ neste lugar enigmaticamente no sentir do

A- lap. *Comparat se quatuor arboribus sacris, puta, cedro, cypresso, palma, & olea; sacris dico, unde ex his composita dicitur Cruz Christi, quam proinde hic enigmaticè adumbrat Syracides.* Nas ruas de Jerusaleem se viram por terra esta manhã, como despojos do triunfo de Christo, os ramos verdes dos cedros, dos cyprestes, das palmas, & das oliveyras: *alii caedebant ramos de arboribus, & sternebant in via;* mas ao pôrse o Sol da divina Sabedoria no occato da sua Cruz passaram aquelles verdes ramos esta tarde a ser seccos troncos exaltados, por serem da Cruz glorioso triunfo; & tanto mayor parece ser o triunfo da Cruz esta tarde, que o triunfo do mesmo Christo esta manhã, q a mesma Sabedoria Encarnada diz que o seu triunfo desta manhã toy quasi como o triunfo da Cruz esta tarde: *Quasi cedrus, quasi cypressus, quasi palma, quasi oliva.*

Mat 21.

Quatro vezes, adverte Salamaõ, se exalta a Cruz nas quatro arvores, de que se compõem; exalta-se no cedro: *Quasi cedrus exaltata sum;* exalta-se no cypreste; & quasi cypressus; exalta-se na palma; *quasi palma exaltata sum;* & exalta-se na oliveyra: *quasi oliva;* & se quatro vezes se exalta, he, porque se bem se adverte, quatro são os triunfos da Cruz. Triunfou a Cruz do genero humano, triunfou da morte, triunfou do diabo, & triunfou do mesmo Deos na sua justiça; & assi m a cada hum destes triunfos corresponde na Cruz hũa das exaltações das suas arvores. Exaltou-se a Cruz como cedro: *Quasi cedrus exaltata sum;* porque como cedro triunfou de todos os homens. Exaltou-se a Cruz como cypreste, & quasi cypressus, porq como cypreste triunfou da morte. Exaltou-se a Cruz como a palma: *Quasi palma exaltata sum;* porque com a palma triunfou do diabo. Exaltou-se finalmente a Cruz como a oliveyra:

oliveyra: *quasi oliva*, porque como a oliveyra triunfou do mesmo Deos na sua justiça. Temos assumpto, o qual seguiremos com a divina graça.

AVE MARIA.

Quasi cedrus exaltata sum.

NAs memorias da Fama estampou Roma os muytos, & admiraveis triunfos de seus invictos Capitaes, mas não estampou Roma triumpho nenhum universal, q̄ como não teve Capitaõ nenhum, que vencesse a todo o Mundo, tambem não teve Capitaõ nenhum, que de todo o Mundo triumphasse. Este universal triumpho nunca já mais visto, não estampado nas memorias da Fama, sim impresso nos bronzes da eternidade, he o primeyro, & singular triumpho da Cruz, porque com o seu cedro triumphou de todo o genero humano. Contra as cabeças se empenham nos exercitos todas as forças, porque ven-

cidas as cabeças, he certa a vittoria, & indubitavel o triumpho; & como a cabeça do genero humano foy Adão, querendo a Cruz de todos os seus descendentes triumphar, todo o seu empenho foy vencer esta cabeça, porque della se vé hoje gloriosamente triumphar com o seu cedro.

Diz Ludolfo citando a *Ludolf. 2. p. c. 63.* muytos Padres, q̄ constando a Cruz das quatro arvores, que já disse, a parte infima, donde a Cruz se fixou na terra, foy de cedro: *Dicuntur quoque in Cruce Domini fuisse quatuor ligna diversa, scilicet, truncus in rupe defossus, cui Crux erat affixa, de cedro.* Seria, porq̄ o cedro pela sua fortaleza he o forte bronze das arvores, & só hũa arvore, que fosse das arvores o bronze, podia servir de firme alicerce ao grande peso, q̄ a Cruz tinha dos nossos peccados? Não duvido, mas como o cedro foy o alicerce da Cruz, ao fazer felhe a cova, na terra se descobre para o q̄ quero dizer o melhor fundamento;

Aug. mento; he sentir de Santo
 Cy- Augustinho meu Padre, &
 pri- de S. Cypriano citados por
 an. Carthagená, que ao pé da
 apud Cruz estava sepultada a ca-
 Car- beça de Adaõ: *Creditur A-*
 thag- *dam humatus in Calvaria*
 lib. 9 *sub loco, quo Crux Dòmini fi-*
 10. *xa est;* & sendo esta cabeça a
 Ho- cabeça do genero humano,
 mil. havendo a Cruz de triun-
 21. far de todo o Mundo, lá de-
 de bayxo da terra com a forte-
 im- lesa do seu cedro lhe foy
 mani descobrir a cabeça. A arvo-
 Cru- re da sciencia arruinando a
 xis- todo o Mundo, bem mos-
 xio- trou que a sua fortaleza po-
 ne. dia competir com o mais
 forte cedro do Libano; mas
 tambem sabem todos que
 todas as suas forças se ter-
 minaram sómente a Adaõ
 como cabeça, & se para ven-
 cer a todo o Mundo bastou
 que a fortaleza desta arvore
 desse na cabeça a Adaõ, com
 muyto mayor razão se deve
 dizer que, se a sagrada Ar-
 vore da Cruz chegou a em-
 penhar a sua fortaleza, dan-
 do tambem na cabeça de
 Adaõ, certo era triúfar não
 só d'elle, senão de todo o

genero humano com o seu
 cedro: *Creditur Adam hu-*
matus in Calvaria sub loco,
quo Crux Dòmini fixa est.

Mas se todo o triunfo
 suppõem antecedentemen-
 te a vittoria, qual foy a que
 o cedro da Arvore da Cruz
 alcançou dos homens em
 Adaõ como cabeça, suppos-
 to que com o seu cedro tri-
 unfa sobre a cabeça de A-
 daõ? A vittoria foy taõ grã-
 de, que foy hũa vittoria de
 seus peccados; destes he que
 se acclamou a Cruz vitorio-
 sa, & por isso dos homens
 he que com a fortaleza do
 seu cedro triunfa. O pec-
 cado de Adaõ foy o general
 do exercito peccaminoso,
 contra quem contendeu a
 fortaleza daquelle sagrado
 Cedro, & bastando a forsa
 da sua vista para vencer a-
 quelle general peccado, &
 todo o seu exercito, como
 disse Origenes: *Est enim*
tanta vis Crucis Christi, ut si
ante oculos ponatur, peccati
fugatur exercitus; não quis-
 ió com a sua vista vencello,
 senão que de bayxo da terra
 na cabeça de Adaõ foy ven-
 cer,

Ori-
 gen.
 Ho-
 mil.
 8. de
 Epi-
 st.
 10m.
 3.

lib. cer, & triunfar do seu Ge-
 6. in neral; mas se o peccado de
 Ep. Adão foy a rais de todos os
 ad mais: *Hoc enim est radix om-*
 Rom. *nium malorum*; por isso com
 apud o cedro o vence, & com o
 Lo- cedro triunfa, que como es-
 pes. ta foy a rais da Arvore da
 Sum. Cruz; *truncus in rupe defos-*
 Bon. *sus, de cedro*; lá foy esta rais
 in buscar na cabeça de Adão a
 Gen. rais dos mais peccados, pa-
 3. n. ra delles triunfar; que ven-
 722. cida a cabeça, já de todos
 Lu. nòs era infallivel o triunfo.
 dof. No Parayso disse Deos
 sup. q' a mulher venceria aquel-
 cit. la taõ pestifera, como ve-
 nenosa serpente, & para pro-
 va efficàs do seu triunfo diz
 que lhe poria os pés sobre a
 cabeça: *ipsa conteret caput*

Gen. *tuum*. Não quero agora es-
 3. picular qual seja esta mu-
 lher nas diversas opiniões
 dos Padres, porque alguns
 querem fosse Heva esta mu-
 lher triunfando do seu pec-
 cado com a penitencia, que
 fez. Oh que admiravel tri-
 unfo para se imitar! Ou-
 tros querem que esta mu-
 lher seja a Virgem Senhora
 Nossa na sua purissima Con-

ceyção triunfando do pec-
 cado original; devêdo tri-
 unfo a hũa Senhora Mãe de
 Deos; & alguns não lem: *Lj-*
ipsa conteret caput tuum, se- *ran.*
 não: *ipse conteret caput tuum*, in *Gen.*
 referindo a Christo este tri- *3.*
 unfo; seja o que for; que a
 minha duvida só he, porque
 razão esta tal pessoa não tri-
 unfa da serpente, pondolhe-
 o pé no pescoço, (acção
 propria de quem triunfa)
 ou pondolhe os pés sobre
 qualquer parte do seu cor-
 po, se não que todo o seu
 empenho (diz Deos) ha de
 ser em lhe pôr os pés na ca-
 beça: *ipsa conteret caput tu-*
um? Oh que bem fundado
 he este tal empenho, & tan-
 to, que o mesmo Deos o
 avalia, como quem sabe que
 vencida a cabeça, de todos
 os mais membros se triun-
 fa. Adão como cabeça, &
 nòs como membros seus fa-
 zemos hum corpo mysti-
 co; & aquelle peccado, que
 em Adão esteve como cabe-
 ça, figurado naquella vene-
 nosa serpente, por todos se
 diffundio, & espalhou: tu-
 do disse Laureto: *Serpens est* *Al-*
peccatum, *leg.*

peccatum, quod genus humanum depascebatur, quodque variis modis venenum hominibus infundit; & querendo Deos mostrar neste triunfo o triunfo de todo o Mundo, achou que bastava que triunfasse daquella cabeça: *ipsa conteret caput tuum.*

Já sey me dizem q̄ bem provado naquella serpente estava o triunfo da cabeça de Adão, & mais de nós como membros daquelle corpo, & que bem se vé o triunfo do seu, & do nosso peccado, se na opinião dos Padres, como já disse, não fora este triunfo nem de Christo, nem da Senhora, nem de Heva, senão da Cruz. Aceyto a instancia, & respondendo que este triunfo, sendo de quem quer que fosse, não só foy evidente figura do triunfo da Cruz, senão q̄ nelle se vé a Cruz triunfar em figura com o seu cedro da cabeça de Adão, & mais de nós, do seu, & do nosso peccado; & mostroo assim. Todo o corpo humano tem perfeyta figura, & fórma de Cruz, porque tem cabeça,

braços, altura, & fundamento; na cabeça, porque bem se inclina, tem a oliveyra da misericordia, nos braços como vencedores tem a vittoria nas palmas; na altura cõ que se exalta, tem o levantado do cypreste, & nos pés como forte fundamento, tem o forte do cedro. Esta quiçã foy aquella Cruz racional, com que Deos mostrou se triunfaria daquella serpente, quando disse: *ipsa conteret caput tuum*; & perguntára eu agora; nesta racional Cruz qual foy a parte, que da serpente triunfou? Por ventura triunfou a oliveyra da cabeça? Triunfou a palma dos braços? Triunfou o cypreste do corpo? Não; triunfou sómente o cedro dos pés: porque se a Cruz triunfou de Adão, & mais de nós, do seu, & do nosso peccado cõ o cedro, que no pé tem, veja se clara esta figura naquella Cruz racional quando triunfa, porq̄ pisa aquella cabeça com os pés: *ipsa conteret caput tuum.*

No campo com a serpen-

te peleja singularmente a cegonha, & para se defender dos grandes golpes, que a serpente lhe atira à cabeça, abre as azas, formando hũa Cruz, (& com razão, porque não ha Cruz sem penas) debayxo da Cruz de suas azas esconde a cegonha a cabeça, & livra todo o corpo dos venenosos golpes da serpente: dura tempo esta batalha, a qual se finaliza em ficar sempre a serpente vencida, & logo a cegonha toda vitoriosa, por final do seu triunfo lhe põem os pés sobre a cabeça. A' cabeça de Adão atirou a serpente no campo do Parayso os seus venenosos golpes, & tanto que venceu esta cabeça, nós que somos o seu corpo, miseravelmête tambem nos rendemos; mas foy porque logo não houve Cruz, que tanto que a houve, & Adão debayxo do seu sagrado pé lhe submetteu a cabeça, livrou-se a si, & ficámos nós tambem livres, porque na cabeça de Adão triunfou o cedro do pé da Cruz daquella serpentina cabeça.

O toque daquelle sagrado Cedro, como se fosse este pedra Iman, attrahio a si a cabeça de Adão, & a nós tambem nos attrahio, para que todos crucificados na Cruz, como de si dizia S. Paulo: *Christo confixus sum Cruci*, Ad fôssemos todos despojos da sua grande victoria, & trofeos do seu admiravel triunfo; & se o pé da Cruz he de cedro, como tenho dito: *truncus in rupe defossus de cedro*, porque com o cedro se conseguiu a universal victoria de todo o Mundo, por isso tanto com o cedro triunfa a Cruz, quanto com o cedro se exalta: *Quasi cedrus exaltata sum*.

Et quasi cypressus.

V Ay subindo o triunfo da Cruz, porque do pé de cedro sobe já ao alto do seu cypreste, que he a segunda arvore, de que se formou a hastea da Cruz: *palus, sive lignum de cypresso*, disse Ludolfo. Da morte triunfou a Cruz com o cypreste, que se o triunfo primeryo

meyro foy do noſſo peccado, da pena delle, que he a morte, bem he que foſſe o ſegundo triunfo. Da arvore do Parayſo tirou a morte hũa maçã, que verdadeyramente foy hũa bala, cõ que a todos nos matou taõ depreſſa, que foy no meſmo dia, & instante, em que ſe comeu: *in quocunque enim die comederis ex eo, morte morieris*: & ſe a morte para nõs teve mortiferas balas em figura de maçãs para a ſua vittoria, tem o cypreſte da Cruz (como ſe vê em todo o cypreſte) para a morte maçãs como balas para o ſeu triunfo.

De dous diverſos modos acho nos Autores pintada a figura da Vittoria; porque Pierio diz que os antigos a pintavam cõ azas nas mãos, não ſey ſe porque cuſta hũa vittoria, primeyro que ſe alcance, muytas penas, ou ſe porq̃ as vittorias ſão taõ poucas, que cada hũa ſe deve eſtimar tanto como hũa rara ave na terra; mas ſe as pinturas antiguas parecem muytas vezes figuras das

verdades Catholicas, digo que lhe punham as azas nas mãos, para que ſe veja que ſe as noſſas almas querem ter vittorias, nas mãos as têm, & ſe por ſua deſgraça as perdem, he tanto por ſua culpa, que abrindolhe as mãos, dentre as mãos nos fogem, porq̃ dentre as mãos nos voam. Eſta foy da vittoria a pintura mais antiga, & ſe as pinturas por antigas não perdem, não ſe perca de viſta por mais antiga eſta pintura.

A ſegunda pintura mais moderna he dos Athenienſes, dos quaes diz Pausanias ^{Pausan.} q̃ não queriam pintar a vittoria com azas nas mãos, ſe não com maçãs, que ſe não ha vittoria ſem morte, achavam elles que ſão as maçãs contra a morte as mais proprias balas. A eſtes faltou-lhes a Fé, & por iſſo não alcançaram que eſtas maçãs fó de cypreſte podiam ſer. Oh pinturas verdadeyras da deſgraçada vittoria do Parayſo! Mas oh pinturas evidentes do venturoſo triunfo da Cruz no Calvario!

Alcançou a morte a nossa desgraçada vittoria no Parayso com hũa maçã, que Adaõ teve na mão: *tullit de fructu, deditque viro suo*, sendo esta mortifera bala, cõ que se matou a si, & a nõs, *morte morieris*; & foy esta vittoria tão apressada, que bem mostrou Adaõ teve as suas azas nas mãos, quando tão depressa comeu: *deditque viro suo, qui comedit*. Esta foy a pintura antigua da vittoria do Parayso; & a pintura mais moderna da vittoria foy a da Cruz, quando da morte alcançou glorioso triumpho, porque teve no seu cypreste maçãs como balas para triunfar da mesma morte. As maçãs naquella sagrado Cypreste estaõ bem à flor da cara de Christo, que este foy o fructo daquella sagrada Arvore; este fructo foy hũa bala para a morte, & para ella correu com azas tão ligeiras, que no mesmo instante, em que espirou Christo, cõ elle tambem a morte espirou, por ser este divino fructo o bocado, que ella de

nenhũa sorte pode tragar naquelle instante.

Nesta vittoria ficou a morte sendo despojo daquella sagrado Cypreste; & se de Hercules se diz que depois da singular batalha, que teve com aquelle celebre Leaõ, da sua pelle se vestio, para q̄ sendo esta pelle morta o despojo da sua victoria, fosse tambem final evidente do seu singular triumpho; a Cruz santissima de Christo compoz-se tambem de cypreste, porque sendo este jeroglyphico da morte, (como diz Valdecebro citando a Pierio) ficasse a morte na Cruz crucificada, como despojo do seu nunca já mais visto triumpho. *Fasciculus myrrhæ dilectus meus*, o meu Esposo (disse aquella querida alma) he hum ramallete de myrrha. Oh que ramallete tão funebre, pois saõ as flores da myrrha entre todas o retrato triste da morte: *Nomina myrrhæ mors Christi*, disse in Hugo Cardinal. E que desengano tão claro he este para quem como flor presu-

Valdecebro.

Cat. 1.

Hug. Cat. 1.

me

me de ser vistosa; pois de-
fenganay-vos, ò flores, por-
que entre vòs anda certa-
mente a flor da morte. E
naõ achou a Esposa (tor-
nando ao nosso ponto) ou-
tras flores, de que compor
aquella seu ramallete, se-
naõ da flor da morte? Sim
acharia; mas para este ra-
mallete era esta a propria
flor, que nunca hum rama-
llete serà vistoso, se nelle as
flores lhe naõ vierem como
nascendo.

Era este ramallete figura
de Christo posto na Cruz,
diz S. Boaventura: *Attende,*
Bon. quòd alludit ad Christũ cru-
ifixum; & se o ramallete só
consta de hũa levantada
has tea, em que as flores se
prendem, corresponde a has-
tea deste ramallete ao cy-
preste da Cruz, por ser de
cypreste a has tea, aonde se
prende a melhor Flor, que
viram os campos: *Ego flos*
campi; pois se a has tea deste
ramallete symboliza aquel-
le sacrosanto Cypreste, cer-
to he q̃ naõ havia de pren-
der em si outra flor, senaõ
a flor da morte, naõ só por

ser o cypreste da morte ex-
pressa figura, mas porque
triunfando a Cruz da mor-
te no seu cypreste, ficando
nelle crucificada, fosse des-
pojo do seu triunfo a morte
daquella myrrhada Flor, q̃
no ramallete da Cruz se
prende: *Fasciculus myrrhæ*
dilectus meus. Nomina myr-
rhæ mors Christi.

Já para os homens naõ
ha morte, porque da Cruz
he já presa por forsa; já esta
morte morreu, porque no
cypreste espirou crucifica-
da; & que desgraça grande
serà tirarmos nòs o triunfo
à Cruz, desprendendo a nossa
morte, dandolhe vida outra
vez. Desprende-se a morte
certamente com as nossas
solturas; dà-se vida à morte
sem duvida pelos nossos
peccados; & tira-se o triun-
fo à Cruz infallivelmente,
porque de nòs torna a mor-
te a triunfar. Oh naõ tire-
mos, naõ este triunfo à
Cruz, que se naõ houver
peccados, he certo que naõ
haverà morte. Vendo Chri-
sto na Cruz a morte diante
dos olhos, disse q̃ lhe havia

Sum.

Bon.

in

Cãt.

1.

Cãt.

2.

Osee
13. de tirar a vida: *ero mors tua, o mors.* Este valor foy de Christo, & assim não me admira o seu valor; porém reparo, q̄ sendo Christo morte da mesma morte, diga que espera por tempo para a matar; se lhe ha de tirar a vida, tire-lha logo, já que diante dos olhos a vé, & não lhe espere por tempo: *ero mors tua o mors.* Deyxem, que em quanto Christo não morre, vivem os peccados no Mundo, porque Christo na Cruz, como sabem todos, ao tempo que espirou, he que consummou a Redempção: *Consummatum est: expiravit*; pois diz Christo; em quanto houver peccados no Mundo, também certamente haverà morte; mas tanto q̄ com a minha morte espirarem os peccados dos homens, nesse mesmo tempo he que a morte também espirará; & assim não logo, & já tiro a vida à morte, se não que de futuro, quando eu morrer, morrerà ella também: *ero mors tua o mors.* Se em quanto houver peccados ha de haver morte,

evite cada hum de nós o seu peccado, para q̄ a sua morte outra vez não viva; deyxemos estar crucificada a morte na Cruz, que muyto bem o merece, porque se he ley que morra quem mata, justo he morra de todo hũa morte, q̄ tantas vidas tirou, & tantas almas fez morrer; & assim triunfarà deffa morte a Cruz eternamente com o seu cypreste, em que se symboliza, para que eternamente com o seu cypreste se exalte, & *quasi cypressus.*

Quasi palma exaltata sum.

Joan.
19.
Mar
ti
16. JA o triunfo anda em braços com a Cruz, porque aos seus braços he q̄ lhe foram dadas as palmas. He a palma a terceyra arvore, de que se formaram os braços da Cruz: *Transversale de palma*, diz Ludolfo; & na palma se vé também o terceyro triunfo da Cruz. Verdadeiramente que, se houve no Mundo triunfo do diabo, foy este, porque verdadeiramente do diabo triunfou a Cruz com a palma.

Div.
Hic-
ron.
apud
Lu-
dolf.
2. p.
vita
Chri-
sti, c.
63.

ma. He opiniaõ de S. Jero-
nymo, q̃ ao espirar Christo
estava o diabo nos braços
da Cruz para examinar-se
naquella santissima Alma,
quando do Corpo se aparta-
tasse, haveria algum defeyto,
ou macula peccaminosa,
de que a arguisse: *Legitur
dæmonem stetit super bra-
chium Crucis, & considerasse
an Christus aliquam macu-
lam peccati haberet.* Tal vi-
gilancia como esta só hum
demonio a pudera ter; por-
que estar com muyto pro-
posito vigiando os defeytos
alheyos para os accusar, eu
naõ digo que o farã homem
algum, digo sim que quem
desta sorte obra he hum dia-
bo em figura. Advirta cada
hum em si, que he certo terã
muyto que ver, & que ad-
vertir, que se o diabo olhá-
ra, & advertira para o que
era, escusára querer ver de-
feytos na Alma de Christo;
mas se elle olhára, & adver-
tira o que era no Ceo, nun-
ca fora hum diabo do infer-
no. Na Alma de Christo
esperava o diabo ver defey-
tos, & quando na Alma de

Christo fundou atrevida-
mente esta sua errada espe-
rança, veja cada hum de nõs
se perderã o diabo a espe-
rança de achar muytos de-
feytos nas nossas almas,
quando do corpo se aparta-
rem; mas espero eu em Deos
que perca elle totalmente
estas esperanças pelo triun-
fo, que hoje considero na
palma da Cruz: porque se
o diabo se levanta da terra
aos seus braços, elle verã co-
mo nesta luta espira a sua
esperança, sendo daquelles
braços presa.

Diz Lucano que lutando
Hercules com Antèon, o
lançou na terra algũas ve-
zes, sem q̃ de nenhũa dellas
se dèsse Antèon por venci-
do, porque todas as vezes,
que cahio à forsa do Hercu-
leo braço, persistia na luta
como d'antes; & assim se re-
solveu Hercules a levantar-
lo ao alto, apertando-o for-
samente tanto entre os
braços, que entre elles sem
nenhum remedio exhalou
os ultimos alentos da vida.
No Parayso contendeu a
serpente infernal cõ a mes-

Lu-
can.

ma Divindade, prometten-
do a Heva, & a Adaõ o ser-
divino: *eritis sicut Dii*; & o
castigo q' lhe deu a Divin-
dade de Deos, foy lançar a
serpente por terra todos os
dias de sua vida: *ait Dominus Deus ad serpentem: Super
pectus tuum gradieris.* E
deu-se a serpente infernal
por vencida, vendo-se lan-
çada por terra? He certo
que não, pôde cada hum de
nós dizer; porque na terra
ainda persiste na luta, fazê-
donos todo o mal, que pô-
de; pois se a serpente infer-
nal se não vence por Deos
lançada por terra, adverti-
damente a Cruz a levanta
hoje a seus braços para della
triunfar, & nesta luta se ve
taõ apertada, & presa, que
já dá por vencida de todo a
sua esperanza: *In Cruce cap-*
tus est diabolus, & victus,
disse hum Douto.

Ludolf.
2. p.
vita
Chri-
sti, c.
63.

E porque mais nos bra-
ços da Cruz, que em outra
qualquer parte della he vên-
cido o diabo? Porque mais
na palma, que no cedro, no
cypreste, & na oliveyra tri-
unfa do diabo a Cruz? A ra-

zaõ, que se me offerece, he:
porque advertindo bem na
palma, nella vejo ter a Cruz
mayor triunfo, do que já vi-
mos no aperto de seus bra-
ços. Diz Brecorio que nas
folhas da palma formou a
natureza a verdadeyra figu-
ra de espada: *Folia palmæ ad
similitudinem gladii sunt for-*
mata; (com razaõ tem a
Cruz os braços de palma, &
a palma figura de espada,
porque só nos braços, & nas
palmas he que as espadas
vencem) & se nem o cedro,
nem o cypreste, nem a oli-
veyra tem folhas de espadas
nas folhas, que lhes deu a
natureza; essa he a razaõ,
porque só na palma vence
a Cruz ao demonio, o qual
se ate este tempo foy inven-
cível, veja todo o Mundo
agora que foy taõ grande
este triunfo, que não só foy
a poder de braço, senão que
a poder de espada triunfou
delle a Cruz: *Folia palmæ
ad similitudinem gladii sunt
formata.*

Ainda não está visto de
todo este triunfo do pode-
roso braço da Cruz, & da
sua

Bre-
ch.
Re-
duct.
Mo-
ral.
cap.
112.

A. sua palma, porque se cuy-
 darà que neste triunfo do
 demonio venceu a Cruz
 hũa só cabeça; mas cuydarà
 isto quem não souber que
 he o demonio hũa bicha de
 sette cabeças, como S. João
 vio no seu Apocalypse: *ecce*
draco magnus habens capita
septem. Sette cabeças, que
 são os sette peccados mor-
 taes, levou de hum golpe a
 Cruz com a folha de espada
 da sua palma; mas não sey,
 não sey, se tornarão a nascer
 outra vez estas cabeças?
 Funda-se esta minha duvi-
 da em saber que não teve o
 Mundo mais que hum Alcides.
 Com a Hydra, bicha
 de sette cabeças, pelejou o
 valor de Alcides, & vendo
 que cortando hũa cabeça,
 nascia logo outra à Hydra,
 tratou com toda apressa de
 cauterizar com fogo o tron-
 co, donde cortava a cabeça,
 & com este cauterio a Hy-
 dra, que tantas cabeças ti-
 nha, ficou sem hũa só cabe-
 ça. As sette cabeças da Hy-
 dra infernal estão cortadas
 pela espada da Cruz à forsa
 do seu braço, seja agora cada

hum de nós hum valeroso
 Alcides, q̄ lhe chegue o fo-
 go do amor de Deos à quel-
 les cortados troncos: *Amor*
divinus est ignis, que este *Al-*
leg. cauterio não só he effiçs
 para fazer rayvar aquella
 bicha, mas ainda para que
 deyxem de nascer as cabe-
 ças, que tem cortadas; &
 para que não haja desculpa
 de q̄ falta materia para tão
 grande fogo, a Cruz nos
 offerece os seus seccos le-
 nhos, aonde o fogo do amor
 de Deos com toda a facili-
 dade se atea.

E se dado caso (que Deos
 tal não permitta) tornaram
 aquellas cabeças a nascer, a
 Cruz neste seu triunfo nos
 mostra o com que se devem
 cortar. Tem ramos a Cruz
 para o fogo, & na palma
 tem folhas, & folhas de es-
 padas para estes golpes; lan-
 ce cada hum de nós a mão a
 hũa folha daquellas, & acê-
 damos o fogo dos nossos af-
 fectos naquelles ramos, que
 isto he o q̄ Christo nos quis
 dizer, quando disse q̄ cada
 hum de nós lançasse a mão
 a hũa Cruz, & o seguisse:

Tollat

Mat. 26. *Tollat Crucem suam, & sequatur me*; na Cruz nos mostra a espada, & no sequito o fogo, porque só a quem o ama convida Christo para o seu sequito: *Voluntates invitat*, disse São Boaventura; & com esta espada na mão junta com o fogo do amor de Deos ateadado nos lenhos da sua Cruz temos certo o triunfo daquella infernal bicha: que se cõ sette cabeças foy vista, a Cruz tanto já lhas tem cortadas, que dellas hoje com a palma triunfa, quando como a palma se exalta: *Quasi palma exaltata sum.*

Quasi oliva.

Chegamos ultimamente ao mais alto da Cruz, & chegamos também a ver o mais alto do seu triunfo. O mais alto da Cruz he o titulo, q̃ nella vemos, o qual por ser de oliveyra:

Lu. *Tabula superposita de oliva*, he jeroglyfico da divina misericordia, como diz S. Boaventura: *Quasi oliva ratione misericordiae.* Com a divina

misericordia triunfa hoje a Cruz da divina Justiça: que *Eccl.* se a justiça, & a misericordia se puzeram hoje em campo, da parte da misericordia se havia de ver o triunfo, por ser a oliveyra também simbolo da vittoria: *Oliva symbolum est victoriae.* Bem pudiera a oliveyra occupar qualquer dos lugares, que occupou hũa das outras arvores, porque pudiera servir à Cruz de fundamento como o cedro, de hastea como o cypreste, & de braços como a palma; mas dispos Deos que ficasse a oliveyra no titulo, para que este triunfo fosse o que desse titulo à Cruz; & por este titulo estima Deos tanto este triunfo da oliveyra, que parece o não pôde estimar mais. Não faltou quem advertisse porq̃ razão se não pos este titulo aos pés de Christo, se não sobre a cabeça: *Script. Joan.* *sit autem & titulum Pilatus: 19.* & *posuit super Crucem*, quando só atençaõ de quem o pos foy que todos o lessem, que essa he a razão, porque se escreveu nas tres linguas Grega,

Grega, Latina, & Hebraica, ficando este titulo aos pés, mais perto ficava para a vista; assim he; mas se ficava mais perto para a vista, ficava muyto longe para a estimação; & mostra Deos que estima tanto a oliveyra pelo triunfo, que symboliza da sua misericordia, que não põem debayxo dos pés este triunfo, senão que em cima da sua cabeça o exalta: *imposuerunt super caput ejus.*

Mat. 27. *Caussin.* lib. I. *parab.* 30. Do grande Alexandre refere Causino, que descangando nas ribeyras do Occaso, junto do leyto, em que reclinava a cabeça, rebentou hũa copiosa fonte de azeyte; este caso de Alexandre (se me não engano) vejo mais propriamete succedido em Christo posto na Cruz. Nas ribeyras do seu sangue, & no occaso da sua morte descangava já Christo, quando naquella parte do leyto da sua Cruz, em que reclinava a cabeça, brotou de repente da fonte da oliveyra superabundante oleo da sua misericordia. A Cruz de Christo chamou

a Esposa leyte de flores. *Leetulus noster floridus*, cuja sem duvida, porque ainda q̃ a vittoria fosse de Christo, o triunfo foy tão da Cruz, que na Cruz he q̃ estavam as flores para o triunfo. *Leetulus noster floridus.* E reparo eu, diga tambem a Esposa q̃ do nome de Christo, que está no titulo desse leyto, ou dessa Cruz, se espalha, & corre hũa fonte de oleo. *Oleum effusum nomen tuum*; mas escusado reparo, quando já se ve que, se no leyto da Cruz era o titulo de oliveyra, em que estava aquelle divino Nome: *Jesus Nazarenus*, deste Nome, & deste titulo, & desta oliveyra, que estava junto ao leyto, aonde Christo na Cruz descangava a cabeça, certo era brotar hũa fonte de oleo da sua misericordia tão copiosa, que havia de ser hũa fonte corrête. *Leetulus noster floridus. Oleum effusum nomen tuum. Jesus Nazarenus.*

Corre a fonte da divina misericordia daquella sagra da Oliveyra para triunfar da

Cát. I.

Cát. I.

Cát. I.

Joan. 19.

da divina Justiça, q se esta pedia castigo dos nossos peccados, & prevaleceu a misericordia,perdoando-os, bem se infere o seu triumpho.

Assim como no oleo se figura a misericordia, tambem na agoa se figura a divina Justiça; assim o deu o mesmo Christo a entender por São Mattheus: *Beati, qui sitiunt*

Mat. justitiam; bemaventurados

os que tem sede da justiça.

E quem não sabe que quando o oleo pugna có a agoa, sempre sobre a agoa fica o oleo. Em Christo como Deos na Cruz estava a sua Justiça, & mais a sua misericordia; porém vejo que a agoa figura da justiça estava no peyto, donde sahio:

Joán. 19. Unas militum lanceâ latus ejus aperuit, & continuo exivit sanguis, & aqua; & a oliveyra figura da misericordia estava sobre a cabeça,

donde não desceu: *Tabula superposita de oliva*; para que se visse que o oleo da sua misericordia quer o mesmo

Lu. doff. sup. Deos que fique sempre por cima da agoa da sua justiça; & se nós vemos que sobre a

agoa da justiça apparece hoje a oliveyra da misericordia, bastante fundamento temos para dizer que a misericordia hoje da justiça triunfa.

Depois de acabado aquelle universal diluvio, em que a divina Justiça tanto empenhou o seu braço, abriu Noé a arca, & lançando fóra o corvo, que não tornou, lançou depois fóra duas vezes a pomba; & adverte o Texto, q da segunda vez, que a pomba tornou para a arca, entendeu Noé que as agoas tinham cessado, & estava já livre a terra.

Intellexit ergo Noe, quod cessassent aquæ super terram. E 8.

porque mais desta segunda vez, que a pomba tornou, que da primeyra, porq mais na vinda da pomba, que na retirada do corvo se certifica Noé cessaram as agoas do diluvio? O Texto dá a razão. *At illa venit ad eum, portans ramum oliveæ*: da segunda vez q a pomba tornou, trafia no bico hum ramo de oliveyra; & tanto q Noé parece vio que estando

do

do naquellas agoas a divina Justiça figurada, tambem na oliveyra estava expressa a figura da divina misericordia, tanto que vio que a oliveyra não só vinha correndo, mas voando por cima das agoas com as azas da pomba, agora que vê a misericordia triunfando por cima da justiça, porque na oliveyra (diz o Alapide) trafia a pomba hũa segurança das agoas para Noé, & para o Mundo: *Columba hæc cum ramo olivee Noe, & Mundo securitatem ab aquis afferbat*; agora, & não antes entende cessaram as agoas da justiça. *Intellexit ergo Noe quod cessassæt aqua super terram.* Oh que triunfo tão glorioso! Mas só este podia ser o triunfo da Cruz, & trinunfo tão singular, que he triunfo sobre todos os seus triunfos, porque sobre as suas mais arvores se exalta com a oliveyra: *Quasi oliva.*

Temos visto os quatro triunfos da Cruz nas qua-

tro exaltações das suas arvores, quizera eu agora q, supposto a Cruz estã cõ os braços abertos, recebessemos da Cruz aquelle amoroso abraço, que nos offerrece; mas não poderã ser, se cada hum de nós não triunfar, como triunfou a Cruz. Triunfe cada hum de nós de si mesmo, & dos seus peccados com a fortaleza daquelle cedro, para que com elle triunfe, & se exalte cada hum de nós: *Quasi cedrus exaltata sum*: triunfe cada hum de nós da morte com as maças daquelle cypreste, se quer cõ elle triunfar exaltado, & *quasi cypressus*: triunfe cada hum de nós do demonio com aquella palma, & levarã a palma no seu triunfo: *quasi palma exaltata sum.* Façamos finalmente por merecer a misericordia da oliveyra, porque exaltados com ella, *quasi oliva*, nesta vida teremos graça, & na outra teremos gloria.



SERMAO

DO DESAGRAVO DE CHRISTO

SACRAMENTADO

No Triduo, que se lhe faz no Convento da Rosa,
 com o Laus perenne, & todas as circunstancias
 do Compromisso dos Escravos. Lisboa
 no anno de 1693.

Caro mea, Sanguis meus. Joan. 6.

E UM enigma dous
 enigmas, Senhor,
 são por Antonoma-
 fia mysterio da Fé: *Myfte-*
rium Fidei; hum enigma he
 o Sacramêto do altar; dous
 enigmas taõ o mesmo Sa-
 cramento no Corpo: *Caro*
mea, & o mesmo Sacramen-
 to no Sangue: *Sanguis meus*;

o enigma do Corpo bem se
 deyxã entender no motivo,
 que Christo teve para o
 dar, que como era taõ fino
 amante, & se partia desta
 vida para a outra, *ut transeat*
ex hoc mundo ad Patrem, não ^{Joan.}
 se contentou aquelle divi-
 no Amor com deyxar o seu
 retrato, senaõ que a si mes-
 mo

mo verdadeiramente se
 7oan. deyxou: *verè est*; mas o enig-
 6. ma do Sangue não deyxá de
 ter muyto grande duvida
 pela claufula, que Christo
 nelle accresentou, em que
 lhe chama mysterio da Fé:
Mysterium Fidei.

He certo que taõ myste-
 rio de fé he o Corpo, como
 o Sangue, porque tudo o
 que Christo deu no seu Sã-
 gue, tinha já dado no seu
 Corpo; parece devia logo
 dizer quãdo deu o Corpo:
 Ex *Hoc est Corpus : mysterium*
 Ecc. *Fidei*; este meu Corpo he
 Mat. mysterio da Fé, já que disse
 26. era mysterio de fé o seu Sã-
 gue; duvida he esta, que nos
 Padres, que li, não achey re-
 soluta, & o que nelles não
 achey, encontrey no livro
 do Cõpromisso desta Illus-
 tre Irmandade. Abra se o
 livro, & advirta-se o mes-
 mo, que eu adverti, porque
 todas as suas circumstancias
 tenho de observar no dis-
 curso deste Sermaõ.

Na primeyra folha deste
 livro se ve illuminada hũa
 hostia sobre hum calix, re-
 tratos verdadeyros daquel-

les dous enigmas; na hostia
 se representa o enigma do
 Corpo: *Caromea*, & no ca-
 lix o enigma do Sangue:
Sanguis meus. Oh quanta
 razão tiveram para ser illu-
 minada esta pintura! porq̃
 estes dous enigmas só en-
 tende quem tiver hũa divi-
 na, & sobrenatural illumina-
 ção. Mais abayxo se lé
 que esta Illustre Irmandade
 se instituhio debayxo
 deste titulo, *Mysterio de fé*;
 pelo que se corhece não se
 fundou no enigma do Cor-
 po, mas sim no enigma do
 Sangue, q̃ só a este chamou
 Christo mysterio de fé: *Mys-
 terium Fidei*; & porque mais
 no enigma do Sangue, que
 no enigma do Corpo se fũ-
 dou esta Illustre Irmandade?
 Não pôde dar-se razão mais
 efficã, que aquella, q̃ Chris-
 to parece teve para dar o
 seu Sangue Sacramentado,
 & pela mesma razão, que
 Christo o deu, sem duvida
 se fundou esta Illustre Ir-
 mãdade no enigma daquel-
 le Sangue. Declare-se já o
 enigma.

Vio Christo que Judas
 lhe

lhe roubava aquelle Corpo Sacramentado, que actualmente estava repartindo :

Mat
26.
The-
oph.
in
Joan.
13.

Accipite, & comedite, que na opinião de Theofilato foy Judas o primeyro que roubou o Corpo Sacramentado, & à sua imitação não lamentamos só aquelle roubo de Judas, porque outro Judas houve; (como testemunha o caso, que hoje se lamenta) & vendo Christo que hum sacrilego lhe roubava aquelle Corpo, advertindo naquelle tão grande aggravado, que a seu Corpo se fazia, achou q' só aquelle Sangue podia desaggravar aquelle Corpo roubado; & assim para desagravo deste Corpo: *Caro mea*, he q' deu logo aquelle Sangue: *Sanguis meus*.

O fundamento desta minha razão he dizerem algũs Padres q' Christo não dera o seu Sangue logo immediatamente depois do Corpo, senão depois de hũa larga practica, que com seus Discipulos teve: *Christum non statim post consecratum panem consecrasset calicem, sed*

A-
lap.
in
Mat
26.

plura intercessisse, plures scilicet locutiones; & a materia desta practica naquella menza (dizem os Evangelistas) foy dizer Christo que hum de seus Discipulos entregaria o seu Corpo, que lhe roubára, *unus vestrum me traditurus est*; & tanto que Christo vio que o seu Corpo estava roubado por Judas, tratou logo de dar o seu Sangue: *Sanguis meus*, para que este fosse o que desagravasse o seu Corpo roubado: *Caro mea*; & assim não deu logo o Sangue depois do Corpo, senão depois da practica, em que se entendia o furto, *plura intercessisse, plures scilicet locutiones unus vestrum me traditurus est*.

Se pois aquelle Sangue he o que desagrava o Corpo de Christo roubado, & esta Illustre Irmandade se instituhio para tambem desagravar aquelle Corpo; levantando esta o estandarte da Fé na estampa daquelle livro, seja este rubricado com o purpureo daquelle precioso Sãgue; neste enigma tenha o seu fundamento

de

debayxo do titulo de Myf-
 terio da Fé: *Mysterium Fi-*
Eccl. dei; supposto que o estan-
 darte, q̄ Christo levantou
 para desaggravo do seu
 Corpo, com a purpura do
 seu Sangue o rubricou, dan-
 dolhe por titulo o titulo de
 Myfterio da Fé: *Mysterium*
Fidei.

Neste purpureo estãdar-
 te, que Christo levantou
 para o desaggravo de seu
 Corpo, creyo de fé que està
 hum Sangue, & dous mais
 lhe supponho eu unidos;
 creyo que està naquelle Sa-
 cramêto o verdadeyro San-
 gue de Christo: *Sanguis*
70. an.6. meus verè est; & supponho
 unidos por amor a este San-
 gue o fangue daquelles Ir-
 mãos, & o fangue daquellas
 Irmãs; (que de Irmãos, &
 Irmãs consta esta Illustre
 Irmandade) não tenho me-
 nos fundamento, que o mes-
 mo Texto; que se Christo
 diz se identifica naquelle
 Sacramento com quem o
 recebe: *in me manet*; tendo
 estes Irmãos, & aquellas Ir-
70. an.6. mãs recebido aquelle Sa-
 cramento nestes dias, (que

assim o manda o seu Com-
 promisso) bem se segue que
 àquelle divino Sãgue estaõ
 unidos estes dous Illustres
 fangues; & se Christo porq̄
 sacramentou o seu Sangue,
 chama àquelle Sacramento
 Sangue seu: *Sanguis meus*;
 os Irmãos, & Irmãs por tã-
 bem unirem amorosamente
 o seu fangue àquelle Sãgue,
 pôde cada hum dizer com
 muyta razaõ que aquelle
 fangue, q̄ por amor lá està
 unido, he Sangue seu: *San-*
guis meus.

E para que se unem estes
 dous Illustres fangues nes-
 tes tres dias àquelle divino
 Sangue? Unem-se para to-
 dos tres desaggravarem a-
 quelle divino Corpo offen-
 dido, que se todo o fangue
 he hũa rosa encarnada; pois
 (como fabularam os Poe-
 tas) sendo a rosa branca de
 sua natureza, a Deosa dos
 amores com a purpura do
 seu fangue a fez rubicũda;
 sendo na Rosa este desag-
 gravo, unem-se estas tres
 Rosas de fangue para des-
 aggravar aquelle Corpo de
 tres offensas, que se lhe fi-
 zeram

*Apb-
 tho-
 nius
 in
 Fa-
 bu-
 lis.
 Clau-
 dian-
 de
 rap-
 tu
 Pros-*

zeram naquelle furto.

Se este Judas, do qual hoje se defaggrava aquelle Corpo, imitou aquelle primeyro Judas no roubo, tambem o imitou nas mesmas tres offensas. As tres offensas do primeyro Judas temo-las no Texto, & nelle veremos tambem as tres offensas deste segundo Judas. A primeyra foy perder o respeyto àquelle divino Corpo, porq̃ sabendo muyto bem q̃ debayxo daquellas especies estava o verdadeyro Corpo de Christo: *Caro mea verè est*, sacrilegamente roubou este Corpo; & desta qualidade foy tambem a offensa deste segundo Judas, pois devia crer estava debayxo das especies daquelle paõ o verdadeyro Corpo de Christo, por elle

Mat. assim o affirmar: *Hoc est Corpus meum*; & quem pôde defaggravar este pouco respeyto, que se teve àquelle Corpo: *Caro mea*, he sómente a propria Rosa do Sangue de Christo: *Sanguis meus*; que rubicunda Rosa lhe chamou Santo Ambrosio:

Carpis rosam, idest, Dominici Corporis Sanguinem. Esta he a primeyra offensa, este o primeyro defaggravo, & este o primeyro discurso.

A segunda offensa de Judas foy a cegueyra da ambição, que pela ambição he que roubou aquelle Corpo: *Quid vultis mihi dare?* E se a ambição he sempre o motivo de todo o furto, roubando este segundo Judas aquelle Corpo, sem duvida que algũa ambição o moveu, & quem tomou por sua conta defaggravar a offensa desta insaciavel ambição cõmettida cõtra aquelle Corpo: *Caro mea*, he a rosa do sangue deste Irmãos todo liberal, que para este defaggravo unio cada hum nestes dias a vermelha rosa do seu sangue amorosamente à rosa daquelle Sangue Sacramentado: *Sanguis meus*. Esta he a segunda offensa, este o segundo defaggravo, & este o segundo discurso.

A terceyra offensa, que houve em Judas, foy a sua ingraticidãõ, pois comendo

no mesmo prato cō Christo:
 Mat 26. *Qui intingit mecum manum
 in paropside*, rouboulhe atre-
 vidamente o Corpo; & de-
 cer he que este segundo Ju-
 das muytas vezes comesse
 na sua menza antes de o
 furta; & quem desaggrava
 desta ingratitude aquella
 Corpo: *Caro mea*, he a Ro-
 sa do sangue das Irmãs toda
 amorosa, que para este de-
 saggravo unem nesta Rosa
 o sangue por amor à Rosa
 Sacramentada daquelle Sã-
 gue: *Sanguis meus*. Esta he
 a terceyra offensa, este o
 terceyro desaggravo, & ef-
 te o terceyro discurso. Co-
 mecemos agora a colher a
 primeyra Rosa, que he a do
 Sacramento.

Sanguis meus: a Rosa do
 meu Sangue (diz Christo)
 he a que desaggrava o pou-
 co respeyto, que se teve ao
 meu Corpo roubado, & se
 quem toma por sua conta
 hum desaggravo, forsofa-
 mente deve tomar por sua
 conta a offensa, (que he
 certo em quanto hũa pessoa
 se considera offendida não
 pòde considerar-se desaggra-

vada (tomando a Rosa do
 Sangue de Christo por sua
 conta o desaggravar o seu
 Corpo, não podia deyxar
 de tomar a si aquella offen-
 sa. Com a rosa deste san-
 gue se suppõem o Corpo de
 Christo desaggravado, cer-
 to he logo se não considera
 já offendido; & a razão he:
 porque o pouco respeyto,
 que se teve ao Corpo de
 Christo roubado, não he of-
 fensa, que naquelle Corpo
 já se considere, he aggravo
 sim, que só se considera na
 rosa daquelle Sangue. Nin-
 guem senão Judas pòde
 provar melhor este pensa-
 mento, porque elle conhe-
 ceu muyto bem aonde este-
 ve o seu peccado: *Peccavi,*
tradens sanguinem justum:
 pequey, (diz elle) & todo
 o meu peccado vejo no San-
 gue, que fuy entregar. Es-
 pera hum pouco, Judas;
 defata o laço, & não te en-
 forques, que eu te mostro
 com evidencia não ser esse
 o teu peccado; tu dizes que
 entregaste só aquelle San-
 gue; isto he falso, porque
 fizeste entrega do que rou-

baste, & se o teu furto foy
 aquelle Corpo, confeça q̄
 neste Corpo se ve o teu ag-
 gravo, & não digas que o
 teu peccado está todo só na-
 quelle Sangue: *Peccavi, tra-*
dens sanguinem justum. Não
 pareça delirio de homem,
 que se enforca, este dito de
 Judas, q̄ por conhecer muy-
 to bem o seu peccado he q̄
 disse estava todo na rosa da-
 quelle Sangue. He verda-
 de que o peccado de Judas
 foy roubar aquelle Corpo,
 perdendolhe o respeyto ;
 mas como parece vio que
 Christo deu a rosa de seu
 Sangue para este desaggra-
 vo, olhou Judas para o Cor-
 po, & olhou tambem para
 o Sâgue; no Corpo não vio
 Judas o seu peccado, porq̄
 o não confessou, & só no
 Sangue o vio; não vio no
 Corpo o seu peccado, porq̄
 não vio o Corpo já offen-
 dido, por estar desaggrava-
 do com a rosa daquelle San-
 gue, só no Sangue vio esta
 offensa, q̄ para este desag-
 gravo era forsa a tomasse o
 Sangue à sua conta; & assim
 não confeça q̄ este peccado

está no Corpo, confeça só
 que o seu peccado está todo
 na rosa daquelle Sangue:
Peccavi, tradens sanguinem
justum.

Desta sorte desaggravou
 a rosa daquelle Sangue o
 pouco respeyto, que o pri-
 meyro Judas teve ao seu
 Corpo roubado, & desta for-
 te desaggrava hoje aquelle
 mesmo Sangue o pouco res-
 peyto deste segundo Judas
 no ronbo daquelle mesmo
 Corpo; se no primeyro rou-
 bo tomou aquelle Sangue
 por sua cõta aquelle aggra-
 vo, neste segundo furto
 tambem devia advocar a si
 aquella offensa. Não pode
 este Sangue deyxar de assis-
 tir àquelle Corpo, porque
per concomitantiam naquelle
 Sacramento está exposto; &
 a razaõ, àlem de outras, a
 meu ver he: q̄ como Christo
 parece instituhio a rosa da-
 quelle Sangue para o seu
 desagravo, assista-lhe sem-
 pre a Rosa deste Sangue
 àquelle Corpo offendido,
 que se houve mãos sacrile-
 gas, que com violencia che-
 garam a profanar o sagrado
 daquelle

70-
an.
18.

daquelle Corpo, affista-lhe promptamente a Rosa daquelle Sangue para o seu desaggravo. Atrevidamente arrojado, & sacrilegamente atrevido levantou a mão hum ministro do inferno, & deu hũa bofetada naquella divina face: queyxa-se Christo desta bofetada, & diz assim: *Cur me cædis*, porque razão me feres? Com vossa licença, meu Senhor, hũa bofetada não he ferida, porque toda a ferida suppõem effusão de sangue, & não nos consta que lançasse nenhum sangue a vossa divina face dessa bofetada; para que vos queyxis logo, dizendo que vos feriram: *Cur me cædis?* He verdade que toda a ferida suppõem sangue, & tambem he sem duvida q̃ não consta sahisse da face de Christo sangue nenhum à violencia deste golpe; mas he certo que assim como se dá hũa bofetada, acode logo à face hũa vermelha rosa de sangue, como se sabe por experiencia; & sabendo Christo muyto bem tinha obriga-

ção a rosa do seu Sangue de acodir à parte offendida para o seu desaggravo, vendo que hum sacrilego atrevidamente perdia o respeyto àquelle divino Corpo, pondo-lhe mão violenta na sua face, não chamou a este golpe bofetada, que este nome não mostra sangue, chamoulhe sim ferida, para mostrar que posto não corresse sangue da face, ao menos logo lhe affistio nella para desaggravar este pouco respeyto a purpurea rosa de seu Sangue: *Cur me cædis?*

Com a mesma pressa, cõ que na face se ve hũa rosa de sangue depois do golpe de hũa bofetada, com essa mesma pressa acode a rosa daquelle sangue à parte offendida daquelle corpo para o seu desaggravo; & se esta Illustre Irmandade se instituhio para tambem desaggravar aquelle Corpo, não podia ter melhor fundamento para este desaggravo, q̃ a Rosa daquelle Sangue, nem podia buscar lugar mais a proposito para o

seu intento, q' o lugar desta Rosa; não podia ter melhor fundamento que a Rosa daquelle Sangue para este desfaggravo pela muyta pressa com que este logo assiste a desfaggravar aquelle Corpo: que se o desejo destes Irmãos neste Desfaggravo he tão excessivamente feryoroso, não podiam buscar fundamento mais apressado; tambem não podiam achar lugar mais a proposito, que o lugar desta Rosa, que se o seu intento he, que àquelle Corpo não perca mais o respeyto nenhum sacrilego, toda a Rosa tem espinhos para o defender, & ferir as mãos sacrilegas, que intentarem perder o respeyto àquelle Corpo.

E na rosa do Sangue de Christo verfehaõ tambem espinhos, como se vem em toda a rosa? Sim. Em caza de Herodes vestiram a Christo hũa vestidura, com aqual fizeram zôbaria delle; & em caza de Pilatos querendo tambem perder-lhe o respeyto, outra vestia lhe vestiram; & reparey que

em caza de Pilatos com esta vestidura lhe puzeram hũa coroa de espinhos: *Plectentes coronam de spinis, imposerunt capiti ejus*; & em caza de Herodes nenhuns espinhos lhe puzeram. Se os ministros são os mesmos, porque lhe não puzeram os espinhos em hũa, & outra parte, quando em hũa, & outra caza lhe vestiram hũa nova vestidura? Advirta-se na diversidade das vestiduras, & logo se verá a razão. Em caza de Herodes vestiram a Christo de branco: *illu sit indutum veste alba*; em caza de Pilatos vestiram a Christo de purpura, *veste purpurea circumdederunt eum*, Christo em caza de Pilatos com aquella vestidura brãca, como se tinha de pouco Sacramentado, estava o seu Corpo debayxo daquelles candidos accidentes, & Christo com a purpura vestido he o mesmo Christo Sacramentado na purpura de seu Sangue: *Gestabat in Passione, chlamide speciem sanguinis*, disse Santo Athanasio; pois quãdo o Corpo de Christo

70-an. 19.

Luc. 23.

70-an. 19.

Div. Athan. de Passione, & Crucc.

Christo se veste de branco com aquelles candidos accidêtes, não tenha espinhos, porque *ex vi verborum* não se consagra a rosa de seu Sangue quando se consagra aquelle Corpo; porém Sacramentado na purpura, agora sim tenha espinhos, já que apparece com a purpurea rosa de seu Sangue, mysteriosamente logo vestido de branco em caza de Herodes lhe não puzeram espinhos: *illiusit indutum veste alba*; & só em caza de Pilatos vestido de purpura, de espinhos lhe tesseram a coroa, *veste purpurea circumdederunt eum plectentes coronam de spinis*.

Nem a rosa do Sangue de Christo pode escapar sem espinhos; mas o certo he são estes bem necessários à Rosa para o seu desaggravo; quando até à rosa do Sangue do mesmo Christo parece foram necessários aquelles espinhos, não só para desaggravo do seu Corpo, mas tambem para o defender. No mesmo lugar temos a prova. De caza de

Herodes (diz o Texto) foy Christo remettido com aquella vestidura branca para caza de Pilatos, *remisit ad Pilatum*; & algus Expositores dizem que em caza de Pilatos entrara Christo assim vestido, aonde logo lhe vestiram a purpura, & lhe puzeram os espinhos na cabeça. E que mysterio tem esta diligencia? Eu o digo. Vinha o Corpo de Christo como Sacramentado naquelles candidos accidentes, & vinha affrontado aquelle Corpo, por lhe terem atrevidamente perdido o respeyto: *illiusit indutum veste alba*; pois nem lhe dilatam a purpura, nem lhe detenham os espinhos; não lhe dilatam a purpura do Sangue para o desaggravo do Corpo, nem lhe detenham os espinhos, para que estes defendam aquelle Corpo: que aonde os espinhos estavam, he certo lhe não haviam de pôr as mãos violentas, porque estes lhe defendiam a cabeça: *Plectentes coronam de spinis, imposuerunt capiti ejus*.

Luc.
23.Luc.
23.Jo.
19.

Oh que bem se advertio nesta defenſa, quando na primeyra folha do Compromiſſo ſe eſcreveu a quella letra ao pé do calix. *Non accedet ad te malum*, não he poſſivel chegue mal algum a eſſe Corpo Sacramentado. E porq̃ mais no calix, que na Hoſtia ſe eſcreveu a quella letra? Não vejo agora q̃ poſſa ſer outra a razaõ mais que; a Hoſtia, com que ſe figura o Corpo, não tem cõ que ſe defenda porque foy roubada; o Calix, aonde ſe representa a roſa daquelle Sangue, tem tâtos eſpinhos naquella corõa, que não ſó ſe defende a ſi, porque nunca ſe furtou, mas tambem promette defender a quella Corpo Sacramentado, na ſuppoſiçãõ de que já mais poſſa haver mãos, q̃ o queyram offender. *Non accedet ad te malum*. Que melhor fundamẽto logo podia buſcar eſta Illuſtre Irmandade para o deſaggravo daquelle furto, que o enigma deſte Sangue, quando vem que eſta divina Roſa não ſó tomou por ſua conta a offenſa

do reſpeyto perdido àquelle Corpo, como já confeſſou Judas; não ſó eſtã prõpta para aſſiſtir com toda a brevidade à parte, que naquelle Corpo ſe offende, como podia teſtemunhar o que deu aboſetada; mas tem eſpinhos eſta Roſa para defender a quella Corpo de todo o ſacrilego, que lhe quizer perder o reſpeyto, como promette naquella letra do *Psalmo. Non accedet ad te malum*; que deſaggravar o reſpeyto perdido ao Corpo de Chriſto: *Caro mea*, ninguém o pòde fazer, ſe não a Roſa do ſeu meſmo Sangue: *Sanguis meus*.

A ſegunda offenſa foy a ambiçãõ, por ſer eſte o geral motivo de ſe furtar, & por iſſo motivo de ſe furtar a quella divino Corpo: *Quid vultis mihi dare? Caro mea*; 26. & para deſaggravar eſta exorbitante ambiçãõ. diz eſta Illuſtre Irmandade q̃ a Roſa do ſeu Sangue todo liberal une amorofamente à roſa do Sangue de Chriſto: *Sanguis meus*. Deſta uniãõ ſe privou Judas, porq̃ não

unio

unio o seu fangue à rosa daquelle Sangue, & quem o privou desta liberal união, foy o muyto que teve de ambiciofo. Dizem muytos Padres que Judas não commungára o Sacramento, & já diffe tambem que na opinião de Theofilato não commungou por querer furtar o Corpo de Christo, mas poffa de parte esta razaõ, ainda descubra mais duas, pelas quaes se prova não devia Judas commungar o Sacramento: a primeyra razaõ he, que se quem communga o Sacramento, une com a fua alma a rosa de feu fangue todo liberal à rosa daquelle Sangue, *in me manet*, como podia dar o proprio fangue das veas quem do Sangue de Christo foy taõ ambiciofo? *Peccavi, tradens sanguinem justum.*

Se já não foy, & he a segunda razaõ, que não podia Judas commungar o Sacramento, porq não tinha fangue, que amorofamente liberal uniffe àquelle Sãgue; tudo o que lhe sobejava de ambição, era falta de fan-

gue, que nelle se via, & se teve tanto de ambiciofo, q chegou a furtar o Corpo de Christo, como era poffivel que houeffe fangue em Judas? (Isto he fundado naquelle ditto commum, que não pòde ter fangue quem taõ peffimamente obra.) Reparem na morte de Judas, que pela mayor parte na morte de hum ambiciofo nunca faltou em que se fizeffe reparo. Quis Judas dar fe a fi mefmo a morte, & escolheu a morte de enforcado, *laqueo se suspendit.* E fe Judas quer apressar a fua morte, que effe he todo o intento, com que hum defesperado se mata, não he mais apressada a morte de hum punhal no coração, que a morte de hũ barão na garganta? Affim he, mas fe Judas dera com hum punhal no coração, mostrava que tinha fangue, quando pela ferida lhe correfse, & morrendo Judas enforcado, não mostrava nenhum fangue, por não fer fanguinolento este genero de morte; & como Judas se matou pela ambição,

The-
oph.
fup.

70-
an.
6.
fup.

Mas
27.

bição, que teve em furtar o Corpo de Christo, não elegeu a morte de hum punhal, por lhe não estar bem o mostrar que tinha sangue quando tinha tanto de ambicioso, escolheu sim a morte de hum barço por não dar sangue: que parece he propriamente de hum ambicioso o morrer com o barço na garganta, *laqueo se suspendit.*

A muyta ambição, que houve em Judas até do seu proprio sangue, foy a q̄ deu motivo à liberalidade da Rosa deste Illustre Sangue. Por ambiciosos, furtaram este, & aquelle Judas o mesmo Corpo de Christo, & para desaggravar esta vil ambição, com singular liberalidade daõ os Irmãos nesta Rosa o de que são senhores, se são senhores pelo sangue das veas, unido este à rosa daquelle divino Sangue: *Sanguis meus*, bem mostram desaggravar aquelle Corpo com o proprio sangue das veas, & se são tambem senhores pela sua fazenda, que a esta tambem se

chama sangue, por estar nas veas da arca, bem sangradas se vem estas veas para este Desaggravo, como testemunham de vista a pomba, ornato, & grandesa, cõ que aquelle Corpo nesse throno se ve exaltado: toda esta liberalidade lhes nasce com o seu Sangue, por ser hũa rosa, & para seu exemplo com a mesma liberalidade nasce toda a Rosa, que por rubicunda tem cor de sangue.

Abre a rosa quando nasce a verde arca das suas folhas, para que liberal se deyxer colher tudo o de que era taõ senhora; a tudo o que tem, perde as esperanças certamente a rosa, quando com resolução chega a romper a verde arca das suas esperanças. E que dá hũa rosa, quando se dá, & que colhe quem colhe hũa rosa? Dá a rosa o rubicundo de seu sangue, que pelas veas de suas folhas tem espalhado, & dá tambem hũa coroa, que lhe tesseu a natureza de huns pequenos grãos como de ouro, os quaes guardaya fechados

dos bem no meyo da vea da
arca das suas esperanças;
mas não fora a rosa tão se-
nhora, logo não fora tão li-
beral. Não ha liberalidade
semelhante à liberalidade da
rosa, porque dar sangue, &
dar ouro he tudo o q se põ-
de dar; sangue, & ouro dá a
rosa quando se dá, & sangue,
& ouro colhe quem colhe
hũa rosa; sangue, & ouro dá
esta Illustre Irmandade à
quelle Sacramento nestes
tres dias; dá-lhe sangue pa-
ra a sua amorosa união, dá-
lhe ouro para a pompa, com
que o festeja; & dá-lhe este
sangue, & este ouro para
desaggravo daquella vil
ambição.

Pela vil ambição do pou-
co sangue deste segundo, &
daquelle primeyro Judas
(que tanto, & tão bom san-
gue teria este, como aquel-
le) se via o Corpo de Chris-
to offendido; pois aonde, se-
não na Rosa deste subido
sangue de seus Irmãos po-
dia ter o seu desaggravo?
Aonde se não nesta Rosa se
podia achar tanta liberali-
dade para o seu desemepe-

no? Quis Christo obri-
gar-se a pagar o tributo a
Cesar, (que posto se lhe pe-
dia, he certo q o não devia)
& disse a S. Pedro que fosse
pescar, & na bocca do pri-
meyro peyx, que subisse,
acharia a moeda para o tri-
buto, que por elle daria,
vade ad mare, & eum piscem, Mat
qui primus ascenderit, tolle: & 17.
aperto ore ejus, invenies staterem: illum sumens, da eis pro
me. Repararam os Padres em
Christo mandar q se achasse
este dinheyro na bocca de
hum peyx, & suppostas as
suas razões, darey eu agora
a que só serve para o nosso
intento. q

He hum peyx no mar
figura de qualquer homem
na terra: *piscis in mari homi-* *Sylv.*
nem, diz o douto Sylveyra: *rom.*
os peyxes colhidos na rede 4.
saõ jeroglyfico de hũa Ir- *lib. 6*
mandade, cuja rede he o seu *cap.*
Compromisso, que a todos *19.*
colhe igualmête; & he pro- *q. 11.*
verbio vulgar dizerse q os
peyxes tem sangue no olho;
com q he esta Irmãdade Ir-
mandade, q tem sangue. Na
bocca do peyx he que se ve
o seu

o seu sangue mais vivo, por ser a sua bocca de sangue hũa vermelha rosa; pois se o Corpo de Christo se pode considerar offendido pela ambição do Cesar em lhe pedir o que lhe não devia, aonde podia buscar o seu desfagravo, senão na Rosa do sangue de hũa Irmandade? Aonde, senão na rosa de sangue daquella bocca se podia achar a liberalidade de todo o dinheyro, q̄ para este desfagravo lhe fosse necessario: *Et aperto ore ejus, invenies staterem: da eis pro me.* Notem, que diz Christo, se não acharà este desfagravo naquelles peyxes, q̄ andam no mais infimo do mar, senão naquelle peyxẽ mais principal, *qui primus*, & naquelle peyxẽ mais subido, *ascenderit*, porque na Irmandade do desfagravo daquelle Corpo não se vem humildes peyxes, mas sim o sangue mais subido, & o sangue mais principal, *qui primus ascenderit*.

Naõ ha rosa de sangue mais subido, que esta Rosa, & por isso não ha rosa de

sangue mais liberal; & se he proprio da ambição a falta de sangue, que tiveram este, & aquelle Judas, he natural à liberalidade o ter taõ bom sangue, como tem esta Irmandade; pois quando aquelle Corpo Sacramentado se ve offendido de hũa vil ambição, desfagrava esta Irmandade aquelle Corpo: *Caro mea*, não só com o sangue das veas da arca, como testemunha essa grandeza, mas a rosa do sangue das veas todo liberal unem com amorosa união à rosa daquelle divino Sangue: *Sanguis meus.*

Tarde chegámos à terceyra offensa daquelle Corpo: *Caro mea*; mas ainda q̄ tarde, tambem lhe chega o seu desfagravo, que he o amoroso sangue destas Irmãs. He a rosa do coração humano a officina do sangue mais puro, em que se conservam os espiritos vitales, com que sempre o coração està palpitando; & he tambem a rosa do coração a officina do amor, por ser o deposito fiel de todos os
feus

feus affectos; ao mesmo movimento com que no coração se purifica o sangue para os seus espiritos, se refina também o amor para os seus affectos, & se aquelle sangue, & este amor são partos da alma daquella rosa, certo he nascer com grandes espiritos da rosa do coração o amor. Não ha espirito mais bayxo, que o espirito de hum ingrato, & para desaggravar o bayxo sangue daquelle espirito, não só uniram no tempo passado estas Irmãs a rosa de seus corações com todos os seus espiritos à rosa daquelle divino Sangue, nem só unem esta rosa àquella rosa as Irmãs, q de presente lhe assistem, mas ainda promettem esta amorosa união na união das suas almas para sempre.

O fundamêto que tenho para esta minha razão, não he na Escrittura sagrada, he fim em hũa escrittura feyta por estas Religiosas, como se lé nas ultimas folhas do Compromisso; & posto q a esta escrittura se lhe não

deva fé divina, por não ser sagrada, parece se lhe pôde dever fé mais que humana, não só porque não deve faltar esta Escrittura, senão também por ser feyta a hũa Irmandade fundada no mais divino Mysterio da Fé, como já mostrey: *Mysterium Fidei*. Na Escrittura sagrada parece que tem algum fundamento esta humana escrittura. Unio-se Christo amorosamente a primeira vez, que se deu Sacramento a seus Discipulos, *in me Joan. manet, & ego in illo*. Une se 6.

Christo com quem o communga, & unirseha também daqui até o fim do Mundo com quem dignamente o receber, porque aquelle Evangelho em todo o tempo he verdadeyro; & Christo fez algũa obrigação de se unir não só naquelle tempo, mas neste tempo, & no tempo que ha de vir? Parece q fim; & quando menos fez hum eterno testamêto (que he hũa eterna escrittura) na instituição do seu Sangue: *Hic calix aeterni testamenti*. Pois se Christo a primeira

Ex
Eccle.

Joan.

Ex
Eccle.

meyra

meyra vez que unio a rosa de Sangue do seu coração, (que do seu coração sahio aquelle amoroso Sangue:

De latere Christi exierunt

Div. Sacramenta) nesse Sangue instituhio hũa eterna es-

Aug. crittura, æterni testamenti, que com o mesmo Sangue firmou: *Hic sanguis novum*

Sylv. testamentum confirmat, disse

tom. o Padre Sylveyra; não só

5. devia unir a rosa de seu Sã-

lib.7 gue a primeyra vez que se

c.7. deu, mas tambem se obriga

Exp. a unirse de presête, & a unir-

5. se em quanto o Mundo for

70- Mundo: in me manet, & ego

an.6. in illo. Ecce ego vobiscum sum

Mat usque ad consummationē se-

28. culi. Vejam agora lá se tem

bastante fundamento nesta

Escrittura divina aquella

humana escrittura. Naquel-

la divina Escrittura pro-

mette Christo unir para

sempre a divina Rosa de Sã-

gue do seu coração, & nesta

humana escrittura se obri-

gam estas Irmãs não apar-

tarem as rosas dos seus co-

rações daquella divina Ro-

sa. Oh que bem se quer pa-

recer hũa Rosa com outra

Rosa nas uniões ! E se a se-
melhança he causa do amor,
certo he se quererão tanto,
que se desejem unir em to-
do o tempo.

Já sey medizem que re-
tratar hum coração huma-
no em hum divino coração
nunca pòde ser o retrato
verdadeyro pela infinita

distancia ; assim o confeço ;

mas eu não sey que possa ha-

ver neste Mundo cousa, a

que se compare o amor des-

tas Irmãs, porque as rosas

de sangue de seus corações

parece não tem em todo o

creado cousa, a que propria-

mente se assemelhem. Quis

Salamaõ hũa vez fazer hũ

retrato, & todos os que ad-

vertidamente o lerem, en-

tendo o acharão claramente

diminuto, porque achando

semelhança a todas as fey-

ções de hum corpo, que re-

tratou, só o coração, lá deu

huns longes, que lhe ficava

por retratar, *absque eo, quod Cãt.*

intrinsecus latet ; & acha Sa-

4. lamaõ a todas as mais fey-

ções semelhanças, como no

seu retrato se pòde ver em

seus Canticos, & só no co-

ração

ração não fala? Deyxem, que o coração deste Corpo nem hum Salamaõ parece se atreveu a retratallo. Eram estas feyções de hũa Irmã daquelle divino Amante. *Soror nostra*, o qual não affirmo q̃ o roubaram, mas he certo que por mais diligencias, que se fizeram em o buscar, não foy possível que se achasse: *quasi vi illũ, & non inveni*; retrate logo Salamaõ todas as feyções desta Irmã com proprias semelhanças, mas o coração não o retrate: porque a rosa de sangue, q̃ tem no seu coração qualquer Irmã de hũ Deos, que buscando-se, não se achou: *quasi vi illum, & non inveni*, tal coração como este parece não tem em todo o creado cousa, a que se compare, *absque eo, quod intrinsecus latet*.

Sendo estes amorosos corações de tão grande esfera, bem desaggrava a sua finela aquella bayxa ingraticidã, & he isto tanto assim, que o mesmo Christo Sacramentado parece se dá já por seguro de q̃ não experimen-

tarã mais semelhante ingraticidã, quando tem a assistencia dos corações destas suas Irmãs. *Ego dormio, & cor meum vigilat*: eu durmo, & o meu coração vigia. E quem ferã este, q̃ dorme, & quem ferã o coração, que vigia? O que dorme diz Salamaõ he aquelle divino Amante parece que Sacramentado, não só porque se quem dorme, está morto na representação, & vivo na realidade, & assim está Christo no Sacramento, vivo na realidade: *Ego sum panis vivus, & mortem Domini annuntiabit*; mas também porque nas palavras antecedentes convida o divino Amante a que o comam, & bebam Sacramentado: *Comedite amici, & bibite, & inebriamini charissimi. Ego dormio*; que de Christo Sacramentado entende Titelmano esta comida, & esta bebida. E quem ferã o coração que vigia? Diz Saõ Gregorio que he aquella Esposa, a quem o Sabio já chamou Irmã daquelle divino Amãte: *Soror*

nostra;

nostra; que se esta era toáo o seu amor, tambem devia ser todo o seu coração. *Ego dormio, & sponsa, quæ cor meum est, vigilat*, diz o Santo; assistindo este coração àquelle Deos Sacramentado, assistia-lhe todo o amor de hũa sua Irmã, pois com a assistencia, & vigia de tal coração parece està seguro Christo Sacramentado de que nenhum ingrato já o offenda, & assim bem pôde deytarse a dormir. *Ego dormio, & cor meum vigilat.*

Div.
Gre-
gor.
apud
Ghif
ler.
in
Cãt.
5.

Cãt.

5.

Naõ reparou o Sabio na vigia do coração desta Irmã em outro lugar, se naõ nos seus Cantares, porque igualmente se deve reparar nos Cantares, & na vigia; vigiar cantando he o que fazia aquella amorosa Irmã,

Cãt.

2. &

5.

sonet vox tua in auribus meis. Cor meum vigilat; & vigiar tambem cantando he o que fazem as Irmãs deste Sacramento nesta Rosa; vigiam, porque de dia, & de noyte se desvelam na assistencia daquelle Sacramento, & cantam de dia, & mais de noyte, louvando perenne-

mente aquelle Deos desagravado, q̃ para este effeyto naõ tem esta Rosa hũa só lingua, senaõ muytas; se tivera hũa só lingua, naõ poderia louvar perennemẽte, porque naturalmente cansaria; mas tem muytas linguas, para que em quanto hũas descançam, louvem outras. Cem folhas deu a natureza a hũa rosa, & dando-lhe em cada folha a figura de hũa lingua, parece quis provar a natureza com a rosa flor o que agora vemos na Rosa Convento; à rosa flor naõ lhe deu a natureza hũa só folha, que he pouco, deulhe cem folhas, que he o que lhe basta; & à Rosa Convêto naõ lhe deu o Altissimo hũa só folha, que para o louvarem neste seu desagravo hũa só lingua he pouco, cem folhas lhe deu, que bastam cem linguas para os cantares destes dias. Contem-se agora lá as folhas desta Rosa, & se lhe acharem cem folhas, saybam que todas estas linguas só lhes foram dadas para louvarem perennemẽte aquelle

Deos

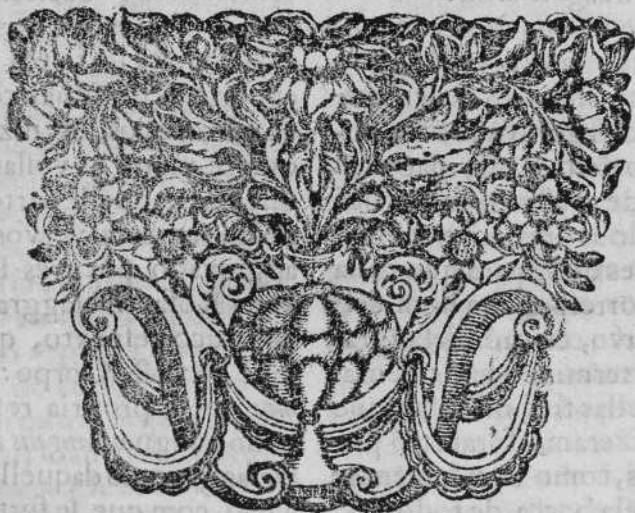
Deos desaggravado nesta Rosa de hũa vil ambição pela purpurea rosa de sangue dos corações de suas Irmãs unidas amorosamente à divina Rosa daquelle Sangue: *Sanguis meus.*

Meu Deos tres vezes offendido no furto do vosso Corpo, mas tres vezes tambem desaggravado no Convento desta Rosa, não sem grande mysterio se vos daõ aqui louvores perennes nestes tres dias, para que cada dia corresponda a hum desaggravo, & cada desaggravo se termine a hũa offensa. Aquellas tres offensas, que vos fizeram, foram taõ publicas, como bem lamentadas pela bocca de todos; & estes tres desaggravos saõ taõ manifestos, como muyto bem cantados perennemente pelas altas vozes destas vossas Irmãs. Isto mesmo parece mandou já a vossa Sabedoria quando pos aquella divina menza, porque mandou às suas Virgês levãrassẽ as vozes, & chamassẽ para a fortaleza, *mis-
cuit vinum, & proposuit men-*

sam. Misit puellas suas (assim le Pagnino) ut vecarent ad arcem. Virgens em fortaleza com a menza posta? 9.
Sem duvida saõ estas vossas Religiotas neste Convento com aquelle Sacramento exposto nestes tres dias. Das ameas desta fortaleza estaõ em vozes continuas convidando a todos, & dizendo que se viram as vossas tres offensas naquelle furto, venham tambem vervos desaggravado por tres Rosas nesta Rosa. Desaggravado do pouco respeyto, que se teve ao vosso Corpo: *Caro mea*, pela propria rosa do vosso Sangue: *Sanguis meus.* Desaggravado daquella ambição, com que se furtou o vosso Corpo: *Caro mea*, pela rosa do sangue destes Irmãos, unido por liberal a esse Sangue: *Sanguis meus*; & Desaggravado ultimamente da ingratitude, com que o vosso Corpo foy roubado: *Caro mea*, pela rosa do sangue dos corações destas Irmãs, unido amorosamente à rosa do vosso Sangue: *Sanguis meus.* Este amoroso, &

divino Sangue, que foy todo o voffo defagravo, foy tambem todo o preço da nossa Redempção, com que

nos merecestes a voffa divina graça, & com que tambem esperamos merecer a voffa gloria.





SERMAO

DE NOSSA SENHORA

DA ENCARNAÇÃO

Com o Santissimo Sacramêto exposto no Collegio de Santo Augustinho. Lisboa no anno de 1692.

Concipies in utero, & paries filium: Filius Altissimi vocabitur. Luc. 1.

Luc.
1.



Ibi-
dem.

Ibi-
dem.

ARIA santissima turbada: *Turbata est!* Maria santissima temerosa! *Ne timeas!* Maria santissima pondo duvidas! *Quomodo fiet?* Porq se turba, de que teme, que razão tem para duvidar? Turba-se, teme, & duvida,

porque lhe diz hum Anjo, quer o Verbo eterno encarnar nas suas purissimas entranhas. (Senhor, nesse Sacramento estais Deos encarnado; porque he esse Sacramento a Encarnação cõtinuada, que assim o disse Chrysofostomo: *Incarnationis*

Div.
Chry
stos.

70-
an.
1. nis extensio; & veneramos tanto esse altissimo Myfterio, que ao *Verbum caro factum est*, todo turbado, todo temeroso, & sem nenhuma duvida ajoelha todo o Catholico) He este Myfterio muyto para se crer, & muyto para se occultar, porque he Myfterio de fé. He este Myfterio pouco para se falar, & menos para se bem entender; porque até explicado por hum Anjo causa turbações: *Turbata est*, motiva temores: *Ne timeas*, & a propria Mãe de Deos necessita-se a porlhe suas duvidas: *Quomodo fiet?*

Inc.
1. Bem previo Deos a medulla desta grande difficuldade, quando mandando a hum Anjo fizesse patente este Myfterio à Senhora, foy com tal recato, que não passou este segredo de quatro paredes tão humildes, como caza aonde vivia a mais humilde Senhora: *Respexit humilitatē ancillæ suæ*; & dando Deos a esta Senhora hũa tão grande graça, como he a da maternidade, q̄ foy até onde *intensivè*, como

dizem os Theologos, pode chegar a graça em hũa pura creatura: *Ave gratiā plena*, Luc. até esta graça lhe occultou 1. o Altissimo com a sua altissima virtude: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi*; que foy a mesma graça do Altissimo pode fazer sombra à grande graça desta Mãe.

É de que serve tanto recato, para que he tanto segredo, & que motivo pode ter Deos para occultar tanto este Myfterio? Varias são as respostas, que os Padres dão a esta duvida; & cõ sua licença direy eu tambem agora o que sinto; & he que o myfterio da Encarnação cõmunicado até à mesma Senhora he mais para turbar: *Turbata est*, he mais para temer: *Ne timeas*; & he mais para se lhe pòr duvida: *Quomodo fiet*, que para se fazer publico a todo o Mundo. Se aquella admiravel graça de Mãe se publicára, conhecera-se q̄ pela maternidade tinha encarnado o Verbo, & sendo o myfterio desta Encarnação cõtra toda a ordem da natureza,

fa, como se vé em conceber hũa Virgem, dando o sangue mais puro do coração para materia do Corpo deste bello Infante, & vir o Verbo Eterno às purissimas entranhas daquella Senhora tomar a mesma carne, & o mesmo sangue: *Caro Christi caro est Mariæ*, diz Santo Augustinho meu Padre: he mysterio este mais para se encubrir, que para se publicar, pois até a mesma natureza se necessita a encubrir este mysterio, por ver pervertida a sua ordem.

Duas Conceyções houve maravilhosas, & admiraveis; a principal foy a Conceyção do Verbo, & antes desta foy a conceyção do Baptista: & he de reparar, que assim como o Anjo disse a Zacarias q̃ sua mulher Isabel conceberia hum filho, logo Zacarias se turbou: *Turbatus est*: teve seus receyos: *Ne timeas*: tambem lhe pos suas duvidas: *Unde hoc sciam?* E o que mais he, que tendo Zacarias hum singular gosto da conceyção deste filho: *Erit tibi gaudi-*

um, impedio-lhe a natureza os órgãos da voz para o não poder publicar: *Non poteris loqui*: & que razão se pode achar na natureza para impossibilitar a Zacarias publique hum taõ grande gosto? Tem muyta razão; porque o conceberse o Baptista foy contra toda a ordem da natureza pela esterilidade de Isabel, & nas conceyções contra a ordem da natureza he certa a turbação: *Turbatus est*: são evidentes os temores: *Ne timeas*: são sem duvida as duvidas: *Unde hoc sciam?* He infallivel o gosto: *Erit tibi gaudium*: mas tambem he muyto proprio da natureza impossibilitar a sua publicação: *Non poteris loqui*. Se na conceyção do Baptista podendo só falar Zacarias, só Zacarias não pode falar; na Conceyção do Verbo quem poderá dizer palavra? Se naquella conceyção emudeceu hũa natureza humana, que natureza não ficará muda cõ o mysterio da Encarnação? Não ficará muda agora a natureza humana, porque

Div.
Aug.
Ser-
mon.
de
As-
snp.

Luc.
1.

falará pela bocca da natureza Angelica; hum Anjo foy o que falou a Maria santissima neste Myfterio; & eu começo a falar pela bocca do Anjo.

Concipies in utero, & paries filium: Senhora, diz o Anjo, concebereis hum filho nas vossas purissimas entranhas, o qual se chamará Filho de Deos: *Filius Altissimi vocabitur.* Pay, & Mãe, diz o Anjo, teve este Menino, respeytando as duas naturezas, que tem: porque este Menino he o Verbo Eterno, he seu Pay o Eterno Padre: *Filius Altissimi vocabitur;* & porque este Menino tem a natureza humana, he filho daquella Mãe por natureza: *Concipies in utero, & paries filium:* os Paes pelas naturezas não os podem haver mais distantes; porque a natureza do Pay he altissima: *Filius Altissimi vocabitur;* & a Mãe por natureza, & por natural he a mais humilde: *Ecce ancilla Domini.*

Luc.

1.

A Paternidade deste Pay he tão antiga, que sendo eterna, he antes do tempo; a

Maternidade nesta Mãe he tão moderna, que teve principio naquelle instante de tempo, em que ella disse: *Fiat mihi secundum verbum tuum.* Luc.
1.

Supposto que o ser Mãe de Deos he a mayor dignidade, que podia ter hũa pura creatura, & esta Maternidade ser a mayor cousa, que esta Senhora teve, nem podia ter; & supposto que no Evangelho se ve hũa duvida, que a Senhora pos à dignidade de ser Mãe, & a esta sua Maternidade, toda turbada, & toda temerosa: *Turbata est: Ne timeas.* Eu não ponho duvida a esta Mãe, nem à sua Maternidade; mas por me accommodar com o Evangelho, excitarey duas questões com as razões, que tenho para duvidar; & como a resolução sem duvida tenho de a dar pela sua parte, tem esta Senhora pela Encarnação o mayor credito: as questões são tão difficultosas de provar, que absolutamente falando sey que he impossivel; & por conhecer a difficultade, com grande

grande temor, & todo turbado hey del pòr hoje em queftaõ; fe esta Mãe concebendo este Menino se mostra mais poderosa, q' o Pay gerando ao Verbo; este he o primeyro ponto, que temos que dicurfar: & fe a Maternidade desta Mãe, que he o respeyro que diz a este Menino, parece superior à Paternidade do Pay, que he o respeyto, que diz ao Verbo; ferà o segundo ponto: nestes se fundarà todo o argumento do Sermaõ; & como Christo Sacramentado teve tambem já hũa duvida para varios argumentos: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad māducandum? Litigabant ergo Judæi;* ferà elle o que em tudo darà a ultima razaõ, resolvendo as nossas duvidas. Vejamos se parece mayor o poder desta Mãe, & logo lhe avaliaremos o respeyto pela Maternidade.

He certo que o Pay com todo o seu poder naõ pòde gerar a seu Filho do mesmo modo, que esta Mãe hoje o concebeu; porq' o Pay gera

a seu Filho pelo entendimento, & esta Mãe naõ só o concebeu pelo entendimento, mas realmente nas suas purissimas entranhas: *Antequam conciperet Deum ventre, concepit mente,* diz hum Douto, & ainda q' elle o naõ dicera, do mesmo Texto se colhe: *Cogitabat qualis esset ista saluatio:* cuydava a Senhora no seu entendimento a qualidade desta faudação, & como esta qualidade constava de querer o divino Verbo ser concebido, bem se infere que primeyro o concebeu a Senhora pelo entendimento; & que concebesse este Menino realmente nas suas entranhas, he expresso do Texto: *Concipies in utero:* mayor poder parece logo tem esta Mãe, que aquelle Pay; porque se o Pay gera só pelo entendimento, a Mãe naõ só concebeu pelo entendimento, mas tambem nas entranhas.

Duas vezes parece que foy Mãe esta Senhora, hũa pelas entranhas, & outra pelo entendimento; hũa pelas

entranhas na realidade, outra pelo entendimento na sua representação; & se Maria, neste modo de explicar, foy duas vezes Mãe deste Filho, he taõ grande este poder, que parece o deseja para si o Padre Eterno, porque parece quer gerar ao Filho do modo q̃ esta Mãe o concebeu. Fala David pela bocca do Eterno Pay gerando a seu Filho, & diz assim: *Ex utero ante luciferum genui te*, que da geração eterna entendem todos os Padres este Texto; antes dessa estrella da Alva eu vos gerey nas minhas entranhas, que este he o lugar do ventre, & esta he tambem a construção literal destas palavras. He certo que o Pay nem tem entranhas, nem ventre, nem o pôde ter, para gerar a seu Filho; tem sim entendimento, que he aonde o gera; pois se no entendimento he que gera a seu Filho, como diz q̃ esta geração he nas suas entranhas antes daquella estrella da Alva: *Ex utero ante luciferum genui te*: Direy. Esta

Estrella da Alva he Maria santissima da Encarnação, porque assim como a Alva concebe primeyro o Sol para de dia o manifestar ao Mundo, que só pela Alva nasce o Sol, & assim como a Alva detem em si o Sol algum tempo, que posto se sayba na manhã tem a Alva em si o Sol, o Sol ainda naõ apparece; tambem Maria santissima concebendo ao Verbo, concebeu o melhor Sol: *Orietur vobis Sol*; & posto q̃ saybamos està concebido o Sol naquella Alva, primeyro que esse Sol appareça, se passarão nove mezes. Isto supposto.

Diz agora o Eterno Pay. Eu gerey a meu Filho antes de o conceber essa Estrella da Alva; porém como essa Estrella tem de conceber a seu Filho duas vezes, hũa na realidade em suas entranhas, outra na representação pelo entendimento, he taõ poderosa esta Estrella cõsiderada duas vezes Mãe, que eu tambem hey de gerar duas vezes a meu Filho; hũa na realidade pelo meu enten-

Psal.
109.

Ma.
lach.

entendimento, outra na representação, suppondo que esse entendimento tem entranhas como que se fora ventre; que se aquella Mãe desta sorte concebe a seu Filho duas vezes, eu tambem quero fazer com que tenha també estas duas gerações, hũa real no entendimento, outra na supposição, gerando nesse entendimento, como que se foram as entranhas daquella Mãe: *Ex utero ante luciferum genui te.* Deste modo cõcebeu aquella Mãe a este Filho, & deste modo parece o quer gerar o Eterno Pay, com que parece estaõ iguaes no poder este Pay com aquella Mãe. Assim parece, mas como a resolução para mayor gloria daquelle Pay estarã sempre pela parte desta Mãe, he forsa tenhamos por certo que, se a geração no entendimento do Pay he verdadeyra, haverse o entendimento como entranhas he supposição; porém a Conceyção no entendimento desta Mãe foy real, porque realmente concebeu a seu

Filho: *Antequam conciperet Deum ventre, concepit mente,* & a Conceyção das entranhas foy verdadeyra, porq̃ verdadeyramente concebeu nellas a este Filho: *Concipies in utero;* & já nesta parte está pela parte da Senhora a resolução, que se parte naquelle Pay he supposto, como vimos, tudo naquella Mãe he realidade.

Tambem he certo (segunda razaõ) que o Pay com todo o seu poder não pôde gerar a seu filho da forte q̃ esta Senhora o concebeu, porque hum pay só pôde gerar hum filho semelhante à sua natureza; gera hũ homem outro homem, porque lhe he semelhante na natureza humana; gera Deos a hum Filho Deos, porque he o mesmo na natureza divina, & assim como he contra a natureza humana gerar hum filho com natureza divina, tambem he contra a natureza divina gerar a hum filho cõ natureza humana, & não podendo o Padre Eterno gerar hum Filho cõ natureza humana,

tem

Sylv.
tom.
3.
lib. 5
cap.
23.
q. 23
n.
126.

tem Maria hoje hum Filho, que não só tem natureza humana, mas também natureza divina. Gerar o Pay Eterno hum Filho, que tenha carne, & sangue, nem he cousa que se diga, nem he cousa que se crea. Pergunta o sumo Sacerdote a Christo se he Filho de Deos: *Tues Christus Filius Dei?* Responde-lhe Christo que sim he: *Ego sum.* Voltou-se o sumo Sacerdote para os circunstantes, & disse: *Audistis blasphemiam*, ouvistes esta blasfemia, que vos parece? Reparay, & adverti bem: *quid vobis videtur?* Dizer Christo que he Filho de Deos he blasfemia? Não; para q̄ manda logo o sumo Sacerdote fazer reparos, & para q̄ quer tenham advertencia: *quid vobis videtur?* Direy; o sumo Sacerdote formou sómente conceyto do que vio; vio que Christo era homem cō carne, & sangue, & advertio aos mais que reparassem tinha Christo carne, & sangue como homem; & hum homem com carne, & san-

gue dizer que he Filho de Deos, acha o summo Sacerdote que nem he cousa que se diga, porque he hũa blasfemia: *Audistis blasphemiam*; nem he cousa que se crea: *quid vobis videtur?*

E este Menino Christo não he Filho de Deos? Assim o ensina a Fé, & assim o diz o nosso Texto: *Filius Altissimi vocabitur*; como logo diz o summo Sacerdote que he blasfemia dizer Christo que he Filho de Deos? Faltoulhe a luz da Fé, & por isso não entendeu o mysterio da Encarnação. Ser este Menino Filho de Deos, & gerado por Deos em quanto Verbo, he de Fé: ser este Menino Filho de Deos, & gerado por Deos em quanto homem he blasfemia; & desta sorte he que entendeu o ditto de Christo: *Ego sum*; porém ser este Menino Deos, & homem, Filho de Deos, & Filho de Maria, he Evangelho; Filho de Deos quanto à natureza divina: *Filius Altissimi vocabitur*; & Filho de Maria quanto à natureza humana: *Concipies*

Mar
ci
14.

in utero. Este he o mysterio, que o sumo Sacerdote não conheceu; & este he o mysterio, que todos veneramos, & cremos; & daqui infiro eu.

Que he tal o poder desta Mãe, que não só parece era impossivel conceber hum Filho, que fosse somente homem, como se infere da duvida, que esta Senhora pos ao Anjo: *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco?* Como he possivel conceber, diz a Senhora, se eu não conheço varaõ? Porque tendo filho por obra de varaõ, havia ser naturalmente puro homem; & isto lhe pareceu impossivel: *Quomodo fiet?* mas havendo de conceber filho só havia ser hum homem, que fosse Deos; & tanto, que parece basta saberse tem Christo carne, & sangue de Maria: *Caro Christi caro est Mariae*, & q he sua Mãe esta Senhora, para que se confece he Christo Deos verdadeyro. Disse Christo a esta Senhora na Cruz que tivesse ao Evangelista por filho: *Dicit matri suae: Mu-*

lier, ecce filius tuus. Mulher, exahitens a teu filho; tanto que o Centuriaõ ouvio fazer esta entrega, confessou a Christo por Deos verdadeyro: *Verè hic homo Filius Dei erat*; & que motivo teve o Centuriaõ para confeçar a Divindade em hum homem, que era somente o que via: *Verè hic homo?* Vio o Centuriaõ que chamando Christo ao Evangelista filho desta Senhora, não disse que esta Senhora era Mãe do Evangelista, porque lhe chamou mulher: *Mulier, ecce filius tuus*; fez agora parece o Centuriaõ este conceyto: Este filho, que he o Evangelista, bem se pôde chamar filho desta mulher: *Ecce filius tuus*; mas esta mulher não se pôde chamar mãe deste homem, q he o Evangelista; & a razaõ he: porque se Christo chama a este homem, que he o Evangelista, filho, podia chamar tambem a esta Senhora Mãe deste homem, & não mulher: *Mulier, ecce filius tuus*; & se o Evangelista por ser puramente homem, não pôde

Luc.
1.

Div.
Aug.
Ser-
mon.
de
Af-
sup.
Joan.
19.

MAT

1-5

Sup.

ter

ter a esta Senhora por Mãe natural, Christo que naturalmête he seu Filho, certamente he Deos; porque se aquella carne, & aquella sangue he desta Mãe, não podendo dar carne, & sangue ao Evangelista, por ser puramente homem, supposto a deus a Christo, he certo que este Filho sendo homem, tambem he Deos verdadeyro: *Verè hic homo Filius Dei erat.*

Esta carne, & este sangue he o que Christo Sacramento debayxo daquellas especies: *Caro mea verè est, sanguis meus verè est;* & estando tambem Sacramento a Divindade *per concomitantiam*, reparey que havendo naquelle tẽpo quem puzesse duvida a esta carne:

Joan.
6.

Quomodo potest hic nobis carnem suam dare? não houve quem à Divindade puzesse a menor duvida. Pois duvida-se da carne, & da Divindade não se duvida? Não, que a Divindade não tem duvida, estando no Sacramento a Carne verdadeyra de Christo, que como esta

Carne he daquella Mãe: *Caro Christi caro est Maria;* Div. aquella Mãe só havia de dar Aag. a sua Carne aquem fosse Ser- Deos verdadeyro, & estan- mon. do no Sacramento esta Car- de ne, não tem duvida estar Af. també a Divindade, & por sup. isso só se duvida se está a Carne no Sacramento: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare?* Ninguem duvida já, Senhora, que a Carne desse Sacramento he a mesma Carne, que vòs déstes a vòsso Filho; & ninguem tambem duvida concebestes a hum Filho Deos, & homem com carne, & sangue; & se com carne, & sangue não pode o Eterno Pay gerar a seu Filho, está a resolução pela vossa parte em parecerdes mais poderosa como Mãe a respeyto deste Filho, q̄ concebestes: *Concipies in utero, & paries*, que o poder do mesmo Pay a respeyto deste Menino, que tem por Filho: *Filius Altissimi vocabitur.* Está visto o poder desta Mãe, & daquelle Pay; vejamos-lhe a gora a superioridade nos respeytos,

respeytos, que he o segun-
do ponto.

São a Paternidade, & Ma-
ternidade duas relações,
(como dizem os Filozofos)
que os paes dizem aos fi-
lhos; & estes bem confide-
rados naquella Pay, & nesta
Mãe; o respeyto desta Mãe
parece superior ao respeyto
do mesmo Pay, & se não jul-
gue-o cada hum, que eu lhe
vou mostrando as razões.

Bem sey que a Paterni-
dade no Pay o cõstitue pri-
meyra Pessoa da Trindade.
Bem sey que, sendo o Pay
o mesmo na natureza com o
Filho, a Paternidade o faz
muyto diversa Pessoa. Bem
sey que no Pay a respeyto
do Filho se dá hũa priori-
dade, senão de natureza, dá-
se a de origem; mas nem de
ser precisamente primeyra
Pessoa, nem de ser diversa,
nem de ter prioridade de
origem, se pòde inferir ma-
yor respeyto no Pay. Pro-
va-se: porq̃ Adão foy pri-
meyra pessoa, não só a res-
peyto do Baptista, mas de
todo o genero humano;
Moysés foy diversa pessoa

do Baptista; & todos os
mais Patriarcas, & Santos
foram primeyro que elle
naõ menos que na natureza;
& nem por Adão ser a pri-
meyra pessoa, nẽ por Moy-
sés ser diversa, & nem porq̃
todos os mais Patriarcas, &
Santos foram primeyro na
natureza, foy nenhum mais
superior que o Baptista, *non*
surrexit inter natos mulierũ
maior Joanne Baptista.

Mat
II.

Parece logo se prova bem
naõ ser superior o respeyto
do Pay a respeyto desta Mãe
só, & precisamẽte por estas
razões; antes parece menor,
porque se a Paternidade
constitue ao Pay primeyra
Pessoa entre as divinas, a
Maternidade desta Mãe a
faz primeyra Mãe entre to-
das as mães, não só de pesso-
as humanas, mas ainda de
pessoa divina, se possivel
fosse: porque se Deos hoje
decretara que encarnasse o
Espirito Santo, já esta Se-
nhora ficava sendo primey-
ra Mãe de huma Pessoa di-
vina. Se a Paternidade no
Pay o faz diversa Pessoa en-
tre as divinas; a Maternida-
de

de desta Mãe a faz tão diversa entre todas as mais, como se collige de ser Mãe de hum só homem, ou ser Mãe de hū homem Deos: finalmente se a Paternidade no Pay està com a prioridade de origem; a Maternidade desta Mãe lhe dá não só ter prioridade entre todos, q̄ por Antonomafia he esta Senhora a Mãe de todos os viventes; mas dá-lhe o ter a primasia, & ser unica entre todas as mais. Segue-se logo bem não serem estas as razões precisas, porque o respeyto do Pay he superior ao respeyto da Mãe; antes das mesmas razões se colhe està a resolução pela parte da Senhora.

Segunda razão. O Verbo he verdadeyro Filho do Pay, & deste Pay para este Filho se dá hum respeyto, mas he sómente de hū Pay Deos para hū Filho Deos: porém o respeyto, que se dá naquella Mãe para este Filho, he parte divino, & parte humano; parte divino em quanto respeyta a este Filho como Verbo; parte

humano em quanto respeyta a este Filho como homẽ, & a relação que respeyta o divino, & humano juntamente, he *extensivè* superior àquella, q̄ respeyta sómente o divino; he isto tanto assim, que este mesmo Filho conhecendo esta superioridade, parece deyxar o respeyto, que lhe diz o Pay, pelo respeyto, que lhe diz a Mãe.

Fala o Evangelista na geração do Filho de Deos, *Joan.* & diz assim: *In principio erat Verbum*; no principio estava o Verbo; que val o mesmo que dizer, no Pay estava o Filho, como explica São Cyrillo. Se verbo he o mesmo que ser palavra, não parece devia chamar o Evangelista ao Filho de Deos Palavra, senão conceyto; & a razão he, que se o Filho he gerado pelo entendimento, o parto do entendimento he o conceyto, que este só no entendimento se gera, & a palavra he parto sómete da bocca, que esta só na bocca se forma para se ouvir; parece logo devia

devia dizer o Evangelista : *In principio erat conceptus* ; & não : *In principio erat Verbum* : o Evangelista disse o que havia de dizer ; & a razão, que agora se me offerece, he ; que este Filho diz respeyto a este Pay, & já da eternidade dizia tambem respeyto a esta Mãe na supposição de que lhe foy decretada, como diz Salamaõ.

Ecccl. 24. *Ab initio, & ante secula creata sum* ; & como na bocca de Deos naquella eternidade estava a Senhora : *Ego ex ore Altissimi prodivi primogenita* ; diz o mesmo Salamaõ que na intelligencia dos Padres hũas, & outras palavras da Senhora se entendem ; se o Evangelista chamára a este Filho conceyto, como este he o parto do entendimento, mostrava o respeyto, que este Filho diz àquelle Pay ; & chamãdolhe palavra, como esta he o parto da bocca, & na bocca de Deos estava aquella Senhora, mostrava o respeyto, q̃ a esta Mãe diz àquelle Filho, & pondo em igual balança estes dous respey-

tos, parece vio era taõ superior o respeyto desta Mãe, que por este parece deyxou o respeyto do Pay ; & assim não lhe chama côceyto pelo respeyto, que ao Pay diz : *In principio erat conceptus* ; chamalhe sim palavra pelo respeyto, q̃ diz à Mãe, que na bocca de Deos estava : *In principio erat Verbũ. Ego Sup. ex ore Altissimi prodivi primogenita.*

Diz Christo hũ respeyto a seu Pay, & diz tambem outro respeyto a sua Mãe ; o respeyto do Pay he altissimo ; o respeyto da Mãe he muyto rasteyro : *Respexit Luce. 1.* *humilitatem ancillæ suæ* ; mas quando ao alto quer subir pelo respeyto, que diz ao Pay, parece desiste de subir, porque todo se inclina para mostrar o respeyto, que diz à Mãe. Profetiza Isaias a Encarnação do divino Verbo, & diz q̃ da raiz de Jessé sahirà hũa vara : *Egredietur Isai. 11.* *virga de radice Jesse* ; a vara he Christo, que se concebeu na raiz de Maria ; assim se infere de dizer Origenes que Christo desta raiz nasceu como

Ori-
gen.
Ho-
mil.
9.
in
Nu-
mer.

como vara: *Dicitur Christus exire virga.* E porque he Christo vara na sua conceyção? Direy; a vara assim como nasce da raiz, naturalmente para o alto vay subindo; mas quando mais sobe, entãõ mais para a raiz se inclina; & parece quis dizer o Profeta que Christo concebido vara, naturalmente para o alto sobe, para mostrar o altissimo respeyto, que diz a seu Pay; mas quãto mais alto quer subir pelo respeyto, que diz ao Pay, parece desiste de subir, porque entãõ mais para a raiz se inclina, para que se veja o grande respeyto, que diz à raiz de sua Mãe: *Egre dietur virga de radice Jesse. Dicitur Christus exire virga.*

Seja o Sacramento o que dé a ultima razaõ, confirmando a superioridade do respeyto, que este Filho diz a sua Mãe. Fala David de dous calices, q̄ teve Christo, o primeyro do Sacramento, q̄ este foy o primeyro, & o segundo da sua Payxaõ; porém diz que o primeyro calix, que foy do Sa-

cramento, se inclinou para o segundo calix da Payxaõ: *Inclinavit ex hoc in hoc.* E o *Psal.* calix do Sacramento incli- 74-
na-se para o calix da Payxaõ? Supposto Christo se inclina no Sacramento, entendia eu que só devia inclinar-se para seu Eterno Pay, por merecer só elle todas as inclinações de Christo; mas naõ se inclinar Christo no Sacramento para o Pay, & inclinar-se para o calix de sua Payxaõ, qual serà o mysterio? Eu declaro o que entendo. Christo no Sacramẽto he o Verbo encarnado: *Incarnationis extensio*; & o calix da sua Payxaõ he o calix dos seus tormentos: *Transseat à me calix iste.* Entre esses tormentos estava 26.
tambem sua Mãe naquelle calix, porque sempre esteve *Joan.* junto da Cruz: *Stabant jux- 19.*
ta Crucem Jesu mater; & ver padecer à sua vista aquella Mãe, naõ foy o menor tormento, que Christo teve. O Verbo encarnado no Sacramento diz respeyto a seu Pay, & a sua Mãe; mas parece deyxar todo o respeyto do

*Div.
Chry
sost.*

Mat

Joan.

do Pay pelo respeyto da Mãe, que esta tão lhe leva todas as suas inclinações naquelle Sacramento, que já nelle parece não ha inclinações mais q̄ para ella, porque todos os seus respeytos se esgottaram, & foram parar no calix da Payxaõ, aonde está aquella Mãe: *Inclinavit ex hoc in hoc*. Este he o respeyto, com que o Verbo encarnado trata a sua Mãe; & se ao que parece corta pelo respeyto do Pay, para o dar todo a esta Mãe, está resoluta a segunda parte da duvida pela Senhora, parecendo superior o respeyto desta Mãe: *Concipies in utero, & paries*, ao respeyto daquelle Pay: *Filius Altissimi vocabitur*.

Gen. 1. Sey eu, minha Senhora, que querendo Deos crear este Mundo, bastou lhe hũa só palavra, *fiat*, repetida porém muytas vezes, mas querendo crear ao homem, não digo que não pode cõ hum *fiat*, mas he certo unio todo o seu poder no *faciamus*, como dando a entender que mais he crear a hum ho-

mem, que crear hum Mundo inteyro; & para vds conceberdes a hũ homem Deos, não foy necessario o *faciamus*, porque bastante foy hum só *fiat*. Grande poder tem esta Mãe! He o q̄ vimos no primeyro discurso.

Aquelle homem, q̄ Deos creou, diz respeyto a Deos, por ter a sua imagem, & semelhança: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram*: mas este respeyto todo era sómente de hum homem: *Faciamus hominem*; mas o vosso respeyto he de hũ Filho Deos, & homem juntamente. Superior respeyto! Já fica visto no segundo discurso. Aquelle homem antes de Deos lhe infundir a vida, formou-lhe a estatua: *Deus primò corpus hominis in modo statuae de limo terrae efformavit*, diz Augustinho meu Padre; a estatua de hum homem he hũ homem morto, & dandolhe Deos vida, deu vida a hum homem. Aquelle homem, que estava morto pelo peccado, *morte morieris*, esteve na vossa

maõ o darlhe vida, & para dardes vida a este, nasceu de vòs com vida hum homem Deos. Morreu aquelle homem pela culpa de querer unir a si a divindade: *eritis sicut dii*, & vive este homem pela graça, porque nas vos-

fas entranhas se unio Deos à humanidade: *Verbum caro factum est*. A conservação desta graça he a que agora vos pede todo o homem queyrais sollicitarlhe, para que possam vervos nessa Gloria.

Gen.
3.



SER-



S E R M A Õ

DO INVICTO MARTYR

S. SEBASTIAÕ

Em terceyro Domingo do Sacramen-
to na Paroquial Igreja de Santa
Catharina. Lisboa no anno
de 1691.

*Stetit in loco campestri, & multitudo copiosa ut audirent eum:
virtus de illo exibat. Luc. 6.*



S dous pintores
mais insignes, (Se-
nhor, que nesse co-
fre occulto, naõ apparecen-
do, mostrais muyto bem
quem sois, porque verda-
deyramente só vòs sois o

Deos escondido: *Verè tu es Deus absconditus*) os dous pintores mais insignes, que
saõ a admiração de todo o Mundo, a hũ chamaõ odio,
& o outro tem por nome amor, & como sempre ti-
veram

H 3

veram grande opposição no diverso modo, com que pintam, não me admiro fossem sempre os mayores dous contrarios. Ao odio nenhũ objecto parece bem, porque até ao mesmo bem pinta mal; & o amor querendo bem, a mesma fealdade lhe agrada. Pinta o odio sempre com cores mortaes, porque de morte cor sempre pinta; retrata o amor sempre ao vivo, porque a morte não pôde ver nem retratada: pinta finalmente o odio tudo o que não quer, porq̃ pinta o que aborrece; & o que quer he o que retrata o amor, porque retrata o que ama.

Sendo este o abominavel modo, com que o odio pinta no Mũdo, quem dirã que o odio veyo a retratar ao amor? Couza bem difficilissima parece esta de se crer, mas se alguem ainda o duvida, ponha os olhos naquella altar, & verá que o invicto Martyr Saõ Sebastião està despido, & cercado de settas, verdadeyro retrato do amor; & tambem ad-

virta que quem fez aquelle retrato, foy o odio de Diocleciano: a sua tenção foy pintallo de morte cor, mas fahio-lhe o retrato muyto ao vivo; & como pintou o que não queria, veyo a retratar o proprio amor. Não pôde o odio ver ao amor, ainda pintado, nem o amor pôde ver ao odio muyto ao vivo, & ajuntando se estes dous contrarios naquelle campo, certos eram de hũa, & outra parte os combates; mas o valeroso Soldado Sebastião, como bem experimentado, sabia muyto bem lhe era necessario para contender com hum taõ grande inimigo fazer o mesmo, que em qualquer guerra se usa, que he preparar-se, a pregar a guerra, & no fim entrar na batalha; assim o fez, porque assim o ensinou Christo como General a seus soldados naquelle campo do Evangelho.

Stetit in loco campestri, diz o Evangelista S. Lucas que descera Christo do monte a hum campo, aonde o esperava hũa turba multa de gente

gente para o seguir, *multitudo copiosa*, & demonios em quantidade, que não faziam mais que perseguir: *Qui vexabantur a spiritibus immundis. Qui molestabantur a demonibus*, lê outra letra. Contra estes he que Christo sahio a campo, com estes foy toda a sua batalha, porque sempre estes andaram com Deos em viva guerra; para esta se preparou Christo, não porq̃ a preparação lhe fosse necessaria, mas para ensinar aquelles seus soldados o como com estes inimigos se deviam haver. Preparou-se Christo no modo, com que occultou a sua divina virtude, porque obrando esta naquelle campo maravilhas raras, se sahio a campo, não foy porq̃ Christo a mandasse sahio: *Non ait, diz hum Douto, ab illo virtutem emissam, sed exisse*, mas como era infinita esta virtude, per si mesmo sahia: *virtus de illo exibat*. Preparado Christo com a sua virtude occulta, apregoou logo a guerra, porque de todos foy muyto bem ouvido, *ut au-*

dirent eum, & tudo o q̃ dizia foy para o inferno guerra apregoada. Sahio finalmente a dar batalha a este inferno, & logo na primeyra batalha (que só huns demonios podiam tanto esperar) voltaram as costas, deyxaram os postos, desfilaram das empresas; & Christo sem mudar pé daquelle lugar os foy perseguindo até sepultar a todos no inferno; & curando os feridos, que no campo achou: *Qui vexabatur a spiritibus immundis, curabantur*; Senhor do campo ficou sem lhe morrer hum só soldado: *Stetit in loco campestri, & multitudo copiosa*. Desta forte ensinou Christo a seus soldados o como se deviam preparar, apregoar a guerra, & no fim entrar na batalha. Este será o assumpto do Sermao; & como devemos fazer commemoração do Santissimo Sacramento, por ser hoje o terceyro Domingo, que a elle se dedica, elle tambem nos darà o mesmo assumpto.

Daquelle monte desceu

Christo àquelle campo: *Descendens Jesus de monte;* & do môte da sua Gloria, que o não ha mais levantado, desce Christo tambem hoje ao nevado campo daquelles accidentes, em que se renova. Toda acontenda no campo daquelles accidentes (a nosso modo de explicar) he sobre o lugar, que o paõ occupa, & he tão crida esta contenda, que naquelle Sacramento occulta Christo toda a sua virtude. O Sacerdote em seu nome apregoa aguerra, que tem com o paõ naquelle instante, dizendo: *Hoc est Corpus meum,* isto que se ve, não he já paõ, he sim meu Corpo verdadeyro; & nesse mesmo instante, & sim da ultima palavra, vendo que ao paõ he natural a resistencia, porq̃ naturalmente fóra daquelle lugar não pôde estar sem accidentes; vence a sua resistencia cõ lhe transubstanciar a substancia, ficando ultimamête Senhor daquelle lugar, & o mayor Senhor naquelle campo. E se antigamente costumaram os

vencedores, quando alcançavam algũa grande batalha, levarem comfigo algũ final da sua vittoria, correndo as ruas acõpanhados de muyta gente, cantandolhes em suave musica, & harmonia bem sonora toda a gloria do seu triunfo, (isto he, porque nos não falte circumstãcia nenhũa que ponderar) aquelle Deos, q̃ quando do Ceo sahio, já sahio vencedor: *Exivit vincens ut vinceret,* tambem logo irá apparecer nessas ruas acompanhado de todos em hũa bem composta procissão, levando comfigo aquelles candidos accidentes sem substancia de paõ, final evidente da vittoria, q̃ alcançou naquelle nevado campo. Nesta procissão finalmente cantaraõ Anjos, & cantaraõ homens; cantaraõ Anjos, que continuamente lhe cantam com o titulo de Senhor das batalhas, & exercitos, como vio Isaias: *Clamabant, & dicebant: Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus exercituum;* & se aos Anjos só Anjos os poderaõ

A-
poc.
6.Isai.
6.

poderaõ ouvir, aos homens podem ouvir todos os homens, porque huns, & outros cantam o mesmo triumpho, por cantarem todos a mesma gloria.

Visto pois muyto bẽ por Sebastião q̃ o modo efficàs para vencer o odio mais infernal he seguir a Christo; tratou logo de se preparar cõ a virtude cõmunicada do mesmo Christo: *Virtus de illo exhibat*; apregoar aguer-ra, *ut audirent eum*; & no fim dar a batalha naquelle campo, de que ficou tambem senhor como Christo: *Stetit in loco campestri*. Estes saõ os tres pontos, que seraõ tres discursos; vamos ao primeyro.

Como Christo se preparou para aquella guerra infernal, occultando a sua virtude infinita, certo era preparar-se tambẽ Sebastião com a sua virtude communicada para aguer-ra, que lhe intentou fazer o infernal odio. De paes nobres nasceu o nosso Santo, & conservando-se Catholico occulto, nem foy menos alen-

tado, que nobre, nem menos bem inclinado, que Catholico. Estas prendas, q̃ naõ as pode haver melhores, o fizeram bem visto do Emperador Diocleciano, porq̃ no seu palacio o admittio, fazendo-o Capitaõ da primeyra cohorte. Naõ soube Diocleciano o que fez, dando o posto de Capitaõ ao nosso Santo, porque o mesmo foy, ver-se Soldado, que preparar-se logo para aguer-ra, que he o primeyro ponto do nosso discurso. Sabia muyto bem Sebastião que toda aguer-ra daquelle odio havia de ser contra a sua alma, & que tendo esta tres fortalezas em tres diversas potencias, que saõ memoria, entendimento, & vontade, as fortalezas destas potencias intenta derribar aquelle odio com assaltos cõtinuos, & estas tres potencias tratou Sebastião de preparar com a virtude occulta da fortaleza.

A mayor fortaleza, com que Sebastião podia fortificar as potencias da sua alma, he o amor de Deos, por-

que he este tão efficaçmente forte, q̄ ninguém atégora, por mais valeroso que fosse, o venceu, não ha morte, que o acabe, & não ha poder, posto que muyto possa, que lhe resista. Disse Salamaõ, falando deste amor, que era tão forte como a morte:

Cãt. *Fortis est ut mors dilectio.*

8. Cõfesso foy Salamaõ muyto grande sabio, mas nisto que diz, parece dá a entender sabia pouco de amor, quando o comparou com a morte; se o amor he a união mais apertada, ainda nos mayores dous extremos, & amorte separação, que esses dous mayores extremos aparta; se o amor he toda a vida dos amantes, (falo do amor de Deos, que o amor do Mundo nem pôde ser, & nem foy nunca amor de toda a vida) & a morte tira toda a vida aos amâtes, sendo esta tão opposta ao amor, distãdo tanto o amor da morte, bem digo eu parece soube aquelle Sabio muyto pouco de amor quando em hũa cõparação unio o amor com amorte: *Fortis*

est ut mors dilectio.

A razaõ parece q̄ assim o mostra; mas aquelle Sabio entendeu tanto de amor, que neste seu dizer mostra mayor razaõ, & para que melhor se entenda, veja-se o como he entendido. Fala neste lugar Salamaõ do amor de Deos com hũa alma santa, & não parece compara simplesmente o amor cõ a morte, senão a fortaleza do amor he a que com a fortaleza da morte compara, porque fala, não do amor sómente, senão do amor com fortaleza: *Fortis est*; não pèsa na mesma balança a morte com o amor, pesou sim a fortaleza do amor cõ a fortaleza da morte, & achando que hũa, & outra fortaleza tinham o mesmo peso, não disse q̄ eram duas, senão hũa só fortaleza: *Fortis est ut mors dilectio*. E porque será a mesma fortaleza do amor a fortaleza da morte? He a razaõ: porque nenhum valor atégora pode vencer a morte, nem para a morte ha outra morte, & nem ha poder, q̄ lhe resista;

Cãt.
8.

&

& sendo esta a fortaleza da morte, deste modo (diz o Sabio) he a fortaleza do amor; se a fortaleza da morte não acabando tudo acaba, & a fortaleza do amor, porq̃ não pôde acabar, tudo vêce, vence o mayor valor, vence o mesmo poder, & tudo finalmente vence: *Amor vincit omnia*; se he o mesmo acabar tudo como a morte, que vencer tudo como o amor, bem se segue que a mesma fortaleza, que tem o amor, tem a morte, & tanto são estas duas fortalezas hũa mesma cousa, que hũa só fortaleza lhe chama Salamaão: *Fortis est ut mors dilectio*. Com esta fortaleza he que Sebastião fortificou as tres grandes potencias da sua alma; fortificou a memoria, porque a não perdeu nunca deste amor, quando tão repetidas memorias via ter dos falsos deoses no palacio de Diocleciano; fortificou o entendimêto, porque entendeu sempre muyto bem q̃ só este era o verdadeyro amor, & falso o amor de tantos deoses, que

continuamente via adorar; fortificou ultimamente a vontade, porque só quis a este só Deos, & tendo Diocleciano mais deoses, não os quis. Dentro na sua alma occultou muyto tempo este grande amor, com q̃ a fortalezaceu, porque dentro nella teve sempre a Deos por amor da sua alma.

E porque não fortificou o nosso valeroso Soldado cõ este amor o seu coração, quando no coração he que dizem estar o amor? Quando alguém o quer encarecer, diz que deseja amar a Deos de todo o seu coração; eu digo o que todos dizem, mas agora ainda quero dizer mais; não reprovoy, antes aconselho o amor de Deos de todo o coração, mas digo que, sendo este amor grande, não he este o amor mayor, senão o amor da alma; & a razão, em que me fundo, he: q̃ o mayor amor he aquelle, que não acaba, & como o coração certamente morre, & a alma he eterna, mayor amor será aquelle que na eternidade da

Sylv.
tom.
3.
lib.2
c.3.
9.4.

da alma se funda, do que aquelle que na mortalidade do coração se firma; sendo pois este o mayor amor, como mostra a razão, o nosso valeroso Soldado não tratou tãto do seu coração, como da sua alma; esta quis particularmente fortalecer, & não tantô o coração, porq̃ com elle morreria o amor, fortificou sim a sua alma, porque não havia de acabar. Aquella Esposa dos Cantares movida da sua grande saudade sabio em certa occasião perguntando pelo seu amor; & dizia assim. *Num*

Cat. 3. *quem diligit anima mea, vidistis?* Por ventura vistes aquelles amores de minha alma? Se eu fora hum daquelles, a quem esta Esposa fez esta pergunta, sem duvida lhe dicera que advertisse o como falava: porque se perguntava pelo seu Esposo, q̃ este era o seu amor, devia perguntar pelos amores do seu coração, & não pelos amores da sua alma, por quanto este amor, & este Esposo no coração he que se lhe mandou impri-

mir. *Pone me ut signaculum car.* *super cor tuum;* & se no coração tem ao Esposo retratado, não pergunte pelos amores da sua alma, pergunte sim pelos amores do seu coração; isto he o que eu lhe dicera; mas parece me estou ouvindo a sua resposta, & he ser o retrato do Esposo cousa muyto diversa do amor, que tem a esse mesmo Esposo; o que supposto, bem podia o retrato estar no coração, & o amor desse retrato estar na alma: mas se o retrato está no coração, porque não estará tambem no coração o seu amor? Não, parece diz a Esposa; porque este meu amor he o amor de Deos mais subido; o amor no coração he certo acabar, pois não tem duvida morrer o meu coração; o amor na alma he evidente não tem fim, pois he de fé, que a alma não morre; não quero logo este amor menos perfeyto do coração, porque tem de acabar; quero sim o amor mais perfeyto na minha alma, que não ha de ter fim, & essa he a razão,

zaõ, porque pelos amores de minha alma sómente ainda pergunto. *Num quem diligiti anima mea, vidistis?*

3. Alma santa foy a alma de Sebastião, mas escufava de fazer perguntas pelos amores da sua alma, porque dentro nella tinha este amor tanto, que fiado na sua fortaleza tambem sahia pelas ruas como alma santa, mas era a confortar os Catholicos, que pelo serem, & o cõfegarem estavam nos carceres presos; & os primeyros, em quem Sebastião infundio a sua fortaleza, foram Marco, & Marceliano, os quaes deyxou mais fortes, que huns vivos bronzes, pois nelles não fizeram impressão as continuas lagrymas de seus paes, que na verdade eram mais lagrymas de crocodilos racionais para o engano, que de huns paes chorosos na perda de suas vidas. Aqui yiram todos visivelmente a hum Anjo junto de Sebastião; & Anjo que acompanha de Sebastião os passos, certo he ser hũ Anjo da sua guarda,

& como em fórma humana foy visto, & em sua guarda, pareceria tinha assentado praça na Companhia do nosso valeroso Capitaõ.

Que he isto, que vejo, meu Santo; atégora tanto segredo, & agora tanta publicidade? atégora Catholico bem occulto, agora Catholico publicado? atégora todo o valor era manifesto na defenza de Diocleciano, agora todo o valor se publica em sua offensa? atégora parece não tinheis valor para defender ao verdadeyro Deos, agora já este valor apparece? atégora finalmente o amor de Deos parece dando às azas para as fortalezas da vossa alma voando se recolhia, agora batendo já essas azas voando sahe dessas fortalezas? Sim; que como Sebastião fortificou as potencias da sua alma com este amor, he já tão grande a fortaleza daquella alma, que não cabendo nas suas tres potencias, por si mesmo sahe aquelle amor a mostrar tanta fortaleza; tevezas aquelle amor para entrar,

entrar, & essas mesmas azas lhe servem também para fahir. Da virtude de Christo diz o Texto que perfis mesmo fahia: *virtus de illo exhibit*; & assim devia ser, que como era virtude infinita, não cabia na humanidade por limitada; mas quem moveria esta divina virtude para fahir? Moveu-a sem duvida o mesmo instrumento, com que entrou; quando esta virtude entrou naquella humanidade, foy voando, diz Malaquias, porque em duas azas he que desceu: *Sanctas in pennis ejus*; pois se teve azas para entrar, essas mesmas azas lhe servem também para fahir, se dando às azas parece naquella humanidade se occultou voando, vendo-se tão grãde esta virtude, bastou lhe também bater as azas, para que voando também fahisse: *Sanctas in pennis ejus: virtus de illo exhibit*.

Agora era foroso fahisse a publico a fortaleza do nosso Santo, porque via que as fortalezas daquellas duas almas Marco, & Marcélia-

no estavam a perigo evidente de serem derribadas por aquelles demonios, & havia de fahir para as fortalecer; até nisto observou o nosso valeroso Capitaõ o exemplo de Christo seu General. Vejam: *Virtus de illo exhibit*, agora diz o Evãgelista que fahia aquella divina fortaleza de Christo; & porque mais agora, que em outras occasiões? O mesmo Evãgelista mostra a razaõ: porque agora estavam muytas almas em aperto evidente para serem de todo contrastadas daquelles inimigos infernaes, que as vexavam: *Qui vexabantur à spiritibus immundis*; pois agora he q ha de fahir aquella divina fortaleza para as fortificar, livrando-as da invasaõ do interno: *virtus de illo exhibit, & sanabat omnes*. Com esta divina virtude occulta se preparou Christo para a guerra de todos os diabos, occultandoa para o nosso exemplo, & Sebastiaõ, que o soube também imitar, cõ a virtude do amor de Deos escondido fortaleceu as tres potencias

Luc.
6.

Malach.
4.

Luc.
6.

Luc.
6.

Luc.
6.

potências da sua alma para a guerra de hum diabolico odio, que esperava, & como se considerou já tambem preparado, que persi sahia já a campo a sua fortaleza sem receyo, achou que era já tépo de apregoar aguer- ra à imitação de Christo, q̄ quando vio sahia a sua divi- na virtude: *virtus de illo exi- bat*: levantando a voz tam- bem apregou aguerre, co- mo todos ouviram, *ut audi- rent eum*. Estamos no se- gundo ponto.

Chegaram a Dioclecia- no novas (que bem grande novidade foy para elle) de que Sebastião se tinha de- clarado Catholico, porque visitado nos carceres aquel- les Catholicos, aquem o medo dos tormentos metia medo, a todos communica- va o dom da fortaleza, com que se tinha preparado; & era tão grãde dom este, que sendo nesta vida escravos daquelle tyranno, este dom os fez senhores na outra vi- da. Quis Diocleciano per- suadir a Sebastião com ro- gos, lembrandolhe a sua pri-

vança, & o grande amor, q̄ sempre lhe tivera; & foy a resposta, q̄ lhe deu, tão aju- tada, q̄ só hũ Diocleciano se podia contra elle indignar. He verdade, ò Diocleciano, (disse o nosso Santo) que sempre conheci em ti hum grande amor, mas se amor só com amor se paga, mal podia pagar o teu amor, quando o meu só a Jesu Christo correspondia; não tem duvida q̄ no teu agrado sempre achey muyto boa graça, porém eu só na gra- ça de Deos como fiel Catho- lico sempre me fiey; privá- me da tua graça, que esse he efficàs remedio para ser do meu Deos hũ grande priva- do: escusa importarmẽ cõ rogos, que estes eu os escu- so: eu sou Catholico; & a Jesu Christo confezo, & confezarey constante até o ultimo instante da minha vida; & se todo aquelle a- mor, que me tinhas, se con- verter em fino odio, para lhe resistir tenho na minha alma a quinta essencia do amor; & assim dá aguerre por apreguada da parte do amor,

amor, que a Deos tenho contra esse teu odio infernal.

Valeroso Soldado, adverti q̄ tendes diante dos olhos a vossa morte, porque em breve tempo vos tirará a vida aquelle odio, & se contra este apregoais aguerra, contra a mesma morte a apregoais. Não pôde haver cousa mais fea q̄ a morte, que por muyto fea que a pintem, muyto mais fea parece a quem a vé diante dos olhos, porq̄ com a sua vista perde a cor, ainda que quem a vé seja hū Adonis; os sentidos desfalecem de muyto sentidos, as potencias se enfraquecem, porq̄ mais não podem; os espiritos vitales não vivem cō parossimos; os alentos faltam ainda aos mais alentados; o pulso tem suas intercadencias, & se cō ellas pâra, he porque não pôde fugirlhe; o coração inquieta-se tanto com as mortaes ansias, q̄ está morrendo porque não morre; & finalmente este he só o basilisco, que com a vista mata; tudo isto que se sente, he hūa morte, & tudo isto cau-

sa hūa morte quando se vé. Houve agora aqui alguem, que lhe tivesse medo? Pois torne em si, porq̄ já desapareceu, & se desappareceu, foy porque era pintada; bom serà o lembrar sempre della, que este he o remedio efficàs para se não temer, quando se vir; assim o fez o nosso Santo, & porque o fez assim, não lhe pareceu a morte taõ fea, como eu a pintey; porque lhe não metteu nenhum medo o ver a morte.

Causa a vista da morte estes effeytos a quem não tem tanto valor como Sebastião, mas a quem como elle està fortalecido, não lhe mete medo ver diante dos seus olhos a morte. Desafiar a morte, & apregoarlhe guerra quando a morte se não vé, não he valor; desafiar a morte, & à sua vista apregoarlhe aguerra he fortalefa singular. Desafiar a morte com a probabilidade de não morrer, não he valor, desafiar a morte com a evidencia de que brevemente matará, he a mayor fortalefa,

lesa, que pôde haver. Duas vezes vio Christo a morte diante dos olhos, hũa no Horto, & outra no Calvario; no Horto vio-se tão apertado com a sua vista, que lhe chegou a hora da agonia: *Factus in agonia*; & no Calvario muyto mais o apertou, porque lhe tirou a vida: *emisit spiritum*. He de reparar agora, que vendo Christo nestes dous lugares a morte, no Horto lhe não disse hũa só palavra, mas no Calvario desafiou a morte, apregoando-lhe guerra, diz o Profeta Oseas: *Ero mors tua, ò mors*: ò morte, (dizia Christo) eu serey a tua morte. He possível que no Horto não desafie Christo a morte, & no Calvario só he que lhe publica aguerre? Sim; porque no Horto a vista da morte não matava a Christo, & no Calvario dentro em breves horas havia Christo de inclinar a cabeça por final de q̃ a ella se quis render: *Inclinato capite, emisit spiritum*; & se Christo desafiara a morte no Horto com acertesa, que

Luc. 22.
Mat 26.
Oseas 13.
Joan. 19.
Marci 26.

tinha de que o não matava, não mostraria Christo o seu valor; porém no Calvario quãdo em breves horas tem de lhe entregar a vida, a qui he que lhe apregoa aguerre, porque até aqui chega a fortaleza de hum Christo: *Ero mors tua, ò mors*. Morte do mayor odio, que se vio no Mundo, foy esta morte, que Christo desafiou no Calvario quando estava para morrer, & morte de hum grande odio foy a que Sebastião teve diãte dos olhos no palacio de Diocleciano, contra a qual não receu publicar guerra, posto que com a certeza de o matar; mas se tinha a certeza do vencimento, pudera dizer com Christo: *Ero mors tua, ò mors*, ò morte, eu serey a tua morte, quando cõ tigo espero a melhor vida; & se assim o não disse, foy para mostrar que depois de se desafiar a morte he que se segue o seu vencimento. Estava Sebastião bem preparado com a fortaleza do amor, & mostrou ter muyta semelhança com Christo quando sem receyo

Sup.
Oseas 13.

receyo desafiou a morte daquelle odio, que certamente intentava tirarlhe a vida; aceyto o odio de Diocleciano o desafio; & supposto que as guerras estão bem apregoadas, porque de hũa, & outra parte estão bê ouvidas, *ut audirent eum*, entre Sebastião na batalha, & entre nós no ultimo discurso.

Aceyto o desafio, sahio a campo o odio de Diocleciano cõ o amor de Sebastião, porque a toda apressa o mândou despir, & no meyo daquelle campo affetear, como que se houvesse de temer entregar o peyto às fettas quem como valeroso Capitaõ tantas vezes o expoz às lanças: de hũa parte estava naquelle campo Sebastião a pé quedo: *Stetit in loco campestri*; & não estava mal armado, porq̃ hum peyto de armas brancas foy o alvo daquellas fettas. Em Milaõ naceu o nosso Santo, & assim bem se podia fiar nas armas daquelle peyto, porque sempre foram de prova as armas, que foram

aço de Milaõ. Da outra parte estavam muytos soldados de tiro, & até esta circumstancia parece não falta no Evangelho, porque entre aquella turba multa, q̃ Christo vio naquelle campo, adverte o Texto era tam bê parte de Tyro, *multitudo copiosa ab omni Judæa, & Jerusalem, & Tyri*; huns (diz o Texto) eram de Judea, outros de Jerusalem, & os mais eram de Tyro, & Tyri; & como Christo apresentava batalha naquelle câpo, parece não podiam faltar tambem soldados, que de Tyro fossem.

Estes de tiro eram os q̃ a Sébastião faziam a mayor guerra, porque como bons atiradores, perderiam para com Diocleciano o credito, se perdessem tiro. Punha hum daquelles tyrannos no arco a sua fetta, fazia-lhe a pontaria, estalava o arco muytas vezes pela despedir, & não bastando só este impulso para voar, nas suas pennas levava hũas grandes azas, com as quaes batendo o ar lhe fugia, porque della se

se apartava, & levando na pōta do agudo ferro a morte, sem duvida no ar a traspassára de parte a parte, se a morte lhe não fora sempre diante, porque tem estas azas mais ligeiras que a setta; na ponta desta chegou a Sebastião a morte, & como não tinha lugar por onde entrar, porque não era ainda tempo de morrer o nosso Santo, passou a setta a morte, & passou o peyto a Sebastião; não morreu o nosso Santo desta setta, & como esta o não matou, tambem as outras da mesma forte lhe não tiraram a vida. Em cada setta lhe enviava hũa morte cada hum daquelles tyrannos, mas verelle empregar em si as settas era toda a sua vida. De nenhũa forte offendem as settas a aljava, que he a sua guarda, & como o peyto de Sebastião foy aljava destas settas, que eram do Amor divino, como podiam offender estas a sua aljava?

Já vejo me dizem. Como podiam ser estas settas do amor, se o odio as despedia?

Se este era o que armava o arco, como eram as settas do amor? Se o odio fazia o tiro, mais podiam parecer settas do diabo, que settas de hum Deos amante. Assim parece; mas notem. He verdade que o odio armava o arco, mas Deos era o que dava a setta, o demonio despedia o tiro, mas o impulso era de Deos. Dizia Job quando o seu corpo estava feyto hũa viva chaga, que isto lhe fizeram os toques da mão de Deos, *manus Domini tetigit me.* Tende mão, paciente Job, que parece levantaiis hum testemunho à mão de Deos, & se não, adverti, que pedindo o diabo poder a Deos para vos perseguir, elle vos deyxou debayxo da mão do diabo: *Ecce in manu tua est;* pois se Job está debayxo da mão diabolica, se os toques desta mão lhe fizeram todo o mal, como diz foram os toques da mão de Deos, *manus Domini tetigit me?* Bem sabia Job de que mão lhe vinha o tiro, quando disse que a mão de Deos o tocára; não tem du-

vida que a mão do demonio foy a que perseguio a Job, mas o impulso era do poder de Deos; ouçam a Santo Ambrosio: *Cum diabolus vulnerat, Domini sunt sagittae*; as settas com que o diabo fere, não são suas, são de Deos; o diabo contra Job armou o arco, mas Deos foy o que lhe deu as settas; o diabo foy o que fez o tiro, mas a setta deu lha o poder de Deos; bem diz logo Job que a mão de Deos o tocára, *manus Domini tetigit me*; pois esta divina mão foy a que deu forsa ao impulso daquelle mão diabolica: *Ecce in manu tua est*. Que dirá agora Sebastião, quando ve que o tyranno na batalha arma o arco, se não que estas settas lhe vem da mão de Deos, que dirá quando adverte lhe faz o odio tiro, se não q as settas são do Amor divino? Disse-o Ozorio, supposto nós o não ouvimos ao nosso Santo: *Christus Dominus ejus cor sagittae amoris divini sagittavit*: as settas, q a Sebastião traspassaram o peyto, foram

do Amor divino, porque Christo Jesus foy o que affetteou a Sebastião.

Sendo innumeraveis os tormentos, que a barbara tyrannia inventou para atormentar aos Martyres, não achou o odio de Diocleciano outro tormento para fahir a campo com Sebastião, mais que aquellas settas; & porque ferá Sebastião affetteado? A razão he, porque as settas só a Sebastião pertenciam; eram estas settas do Amor divino, *sagittae amoris divini sagittavit*, & estavam estas settas em poder daquelle odio; mas como este não tinha aonde as recolher, para Sebastião era forsa voarem, como para a sua aljava; o odio tem sómêto o arco para despedir as settas, porém settas do amor não tem o odio, porque não tem aljava, em que as recolha. *Gladium evaginaverunt peccatores: intenderunt arcum suum*; diz David que os peccadores desembainharam a espada, & prepararam o arco para o tiro. Hugo Cardial expli-

Div.
Am-
bros.

Job

Psal.

Joan.
O-
zor.
tom.
3.

Psal.
36.

explicando este lugar, diz que no sentido literal se entende dos Martyres: *Quod in ad literã factum est in Martyribus.* Isto supposto, que a espada fosse martyrio para os Sãtos assim o creyo, porque muytos morreram degollados; mas que o arco só atormenta aos Martyres, não sey que seja assim: porque o arco sem settas he como a bainha sem espada, & se a bainha sem espada não fere, tambem o arco sem settas não atormenta; como diz logo David que o odio dos tyrannos desembainhãdo a espada, sómente prepara o arco para as settas. *Psal. 36. Gladium evaginaverunt peccatores: intenderunt arcum suum;* acha que o odio tem bainha, espada, arco, & não acha que tem settas? Não.

Neste lugar profetizou David em commum o martyrio de todos aquelles Sãtos, que morreram degollados pelos fios da espada; & em particular profetizou o martyrio de S. Sebastião, porque delle sabemos com particularidade teve as set-

tas por martyrio; assim se entende, supposta a intelligencia de Hugo, q já citey. *Hug. Reparem agora. O odio* (diz David) para os Martyres tem espada, mas Diocleciano para Sebastião terá só arco; o odio dos tyrannos tem espada, que he instrumêto para matar, mas Diocleciano não terá settas, que são instrumento do amor; o odio tenha espada, porque tem bainha, em que a recolha: *Psal. 36. Gladium evaginaverunt peccatores;* Diocleciano tenha arco só para o tiro, & diga David que he seu este arco, *arcum suum;* mas não tenha settas este odio, porq não são suas as settas, que despede, por quanto não fazia mais que preparar o arco: *intenderunt arcum suum;* & Christo era o que despedia as settas do seu amor: *Christus Dominus ejus cor sagittã amoris divini sagittavit.* Não podia logo Sebastião parece deyxar de ser afetteado, porq não estavam bem estas settas em poder de Diocleciano, & assim para Sebastião, como para

propria aljava, voavam.

Esta quiçá seria a razaõ, porque o nosso Santo nesta cruel batalha ficou vitorioso, não rendendo a vida ao agudo daquellas settas. He certo que não pôde haver setta ligeyra sem que tenha pennas, que a façam voar; & se as settas, que lhe atiraram, foram settas do Amor divino, das suas azas he que o Amor tirã as pennas para bem voarem as suas settas; sendo isto assim, já vejo não ser possível morrer Sebastião com estas amorosas settas, que se trasiam as pennas das azas do Amor, não podiam levar aquellas settas penna de morte, quando o Amor divino nas pennas de suas azas leva toda a vida. Descreve Malaquias a este divino Amor vindo do Ceo, & diz que tras a faude nas azas, *& sanitas in pennis ejus;* se estas azas eram de pennas, *in pennis;* como pode vir a faude entre tantas pennas? Oh que essa he adifferença, que vay das azas do Amor divino às mais azas, & destas pennas às mais

pennas. Todas as azas verdadeiramente tem pennas; porèm as azas do amor postoque tambem tenham pennas, nunca podem as suas pennas ser de morte, quando entre ellas tras a faude, que he a mesma vida, *& sanitas in pennis ejus;* & se as pennas daquellas settas eram das azas do amor, bem digo eu, não podia Sebastião morrer daquellas settas, quando naquellas pennas lhe hia a propria vida.

Deram estas settas vida a Sebastião, quando no sangue, que lhe faziam correr, parece tinha a sua morte; mas como Sebastião estava feyto hũ retrato do Amor, he propriedade das suas settas quando mais sangue tiram, darem vida ao proprio amor. Do peyto de Christo crucificado (diz Santo Augustinho meu Padre) sahio aquelle divinissimo Sacramento: *De latere Christi exierunt Sacramenta;* & he de reparar, que hũa aguda lança com semelhanças de setta foy a que a este Sacramento abriu a porta: *Lancea* ^{Joan.} *latus* ^{19.}

Ma-
lach.
4

Div.
Aug.

latus ejus aperuit. Digo que esta lança tinha semelhanças de setta, não só porque os braços de Longuinhos foram o arco, aonde se armou, se não porque só ferio o peyto, *latus ejus aperuit*, propriedade que só tem as settas do amor, & se o Evangelista lhe não vio pennas, poderia ser a razão, ferir o peyto de Christo depois de morto, & como já não podia sentir esta ferida, setta que se não sente, não he setta, que tenha pennas.

Supposto q a razão mostra ter esta lança semelhança de setta, porque razão à sua violência fahiria do peyto de Christo o Sacramento? A razão, que agora me parece he; que aquella Sacramento no peyto de Christo morto estava já como sepultado, porque com elle morria, & o remedio que tinha para viver, (expliquemo-nos assim) & fahir daquella sepultura, era abri-lhe hũa porta naquelle peyto, pela qual correndo fahisse; pois se o amor do Sacramento se ve morrer na-

quelle peyto, quem pode dar vida a este amor, senão hũa lança com semelhanças de setta, a qual abrindo aquelle peyto, & tirado delle sangue, nesse mesmo sangue, que fez correr, deu vida àquelle amor para fahir:

Lancea latus ejus aperuit: Joan. 19. Continuò exivit sanguis. De latere Christi exierunt Sacramenta. Corra, corra o san-

gue em quantidade daquellas settas, que como Sebastião está feyto hum vivo retrato do Amor, nesse sangue, que vê correr, vê tambem que está toda a sua vida. O nosso valeroso Capitão sem mudar pé naquelle campo espera as settas sem ter o menor receyo, porque para esta batalha soube-se muyto bem preparar com a fortaleza do amor de Deos comunicado por aquella divina virtude: *virtus de illo exibat*; soube muyto bem publicar aguerra contra aquelle odio, como ouvimos, & se ouviu tambem do mesmo Christo: *ut audirent eum*; & ultimamente teve a certeza, que entrando na ba-

Joan.
19.
Dro.
Aug.

talha ficaria senhor do campo, como tinha ouvido do seu divino General: *Stetit in loco campestri.*

Oh que bem, meu Santo, vos estaõ essas settas quando foram empregadas com todo o acerto, supposto se naõ errou tiro; nesse campo vos deyxaram só, & se só nõs vos fazemos companhia, bem podereis vòs fazer com essas settas tiro aos nossos corações, & se achais vos falta arco para as despedir, dos braços o podeis

fazer, porque já David tambem dos seus braços fez arco para as suas settas: *posuisti, ut arcum æreum, brachia mea*; digno arco verdadey-^{Psa.} 17.
ramente para taes settas, q se estas se purificaram no fogo do Amor divino, nesse mesmo fogo fostes vòs tambem a purado, q nessas settas quãdo naquelle campo vos estiveram a matar, achastes muyta graça; & se estaõ vos estiveram a morrer, mais cedo sem duvida vos dariam essa Gloria.





S E R M A Õ

DE NOSSA SENHORA

DA CONCEYÇÃO

Com o Santissimo Sacramêto exposto
no Collegio de nosso Padre
Santo Augustinho. Lisboa
no anno de 1688.

Liber generationis Jesu Christi. Matth. 1.



A hum livro na
Cõtadoria geral de
Deos, aonde estaõ
escrittas todas as creaturas,
que houve, & haõ de existir
neste Mundo (Naõ foreis
vòs tão grande Senhor, se
de tantos escravos, quantas
saõ as créaturas racionaes,

naõ pudesteis libertar hũa.
Naõ foreis vòs Deos omni-
potente, se por hum decre-
to vosso particular se naõ
limitasse a geral sentença de
morte, em que com todo o
Mundo era tambem com-
plice vossa Mãe. Mas por-
que a esta Senhora, confe-

14 çando-se

çando-se também escrava, como as mais creaturas :

Luc. *Ecce ancilla*, livraſtes da cõ-
 1. n. muna eſcravidão da culpa,
 38. vos confeçamos por hum
Ex grande Senhor: *Te Dominũ*
Ecccl *confitemur*. E porq̃ paſſa-
 res aquelle tão particular
 decreto, em que a preſerva-
 veis da morte da alma, a que
 os mais eſtão ſujeytos, vos
 damos mil louvores por
Ibi- Deos omnipotete: *Te Deum*
dem. *audamus.*)

Ha hum livro na Conta-
 doria geral de Deos, aonde
 eſtão eſcrittas todas as crea-
 turas, que houve, & haõ de
 exiſtir neſte Mundo, diſſe o
Pſal. David: *In libro tuo omnes*
 138. *ſcribentur*. Neſte livro, de
 n. 16. que por noſſos peccados
 ſomos todos filhos da folha,
 ſe nos carrega não só a pro-
 pria culpa; mas a primeyra
 verba, que Deos lança neſte
 livro, he o peccado origi-
 nal, em que foram compli-
 ces noſſos primeyros Paes,
 não tendo nõs mais culpa,
 q̃ o ſermos filhos de Adão,
 & Heva. A penas ſe conce-
 be hũa creatura neſte Mun-
 do, quando já Deos no livro

da ſua vida tem eſcritto eſte
 peccado com aquella pena
 ſem duvida, que ſe lhe quis
 ſuppor, quando formou o
 primeyro homem: *Pœnituit*
eum quòd hominem feciſſet. *Gen.*
 Por eſte livro ſe verifica *6. n.*
 não haver neſte Mundo fer-
 moſa ſem ſenão; porque a
 mais bella creatura do Mun-
 do, ſe lhe correrem folha
 neſte livro, certiffimamen-
 te ſe acharà com o ſenão do
 peccado original; diſſe o S. *Ad*
 Paulo: *omnes in Adam pec-* *Rom.*
caverunt. *5. n.*

Mas muytas graças vos
 ſejam dadas, meu Deos, que
 vejo hũa fermosa ſem ſe-
 não; vejo hũa creatura, que
 ſendo concebida como as
 mais, do numero das mais
 foy izenta por particular
 privilegio, ſendo todas con-
 cebidas em peccado: *& in Pſal.*
peccatis cõcepit me mater mea, *50.*
 não teve nenhum lugar a *n. 7.*
 culpa neſta puriffima Con-
 ceçção. Mas notem, q̃ para
 Deos preſervar a ſua Mãe,
 não a eſcreveu no livro, em
 que todos eſtão lançados,
 porque a lançaria também
 fóra da ſua graça.

Já sey me argumentam com o Texto de David, que já referi: *In libro tuo omnes scribentur*, neste livro se escrevem todas as creaturas; Maria santissima he creatura: logo tambem foy escrita neste livro. Respondo a este *omnes* de David com aquelle *omnes* de S. Paulo: *omnes in Adam peccaverunt*; todos incorrem no peccado original; logo Maria santissima inclue-se neste *omnes*? Não o creu sempre assim a piedade Catholica, estabelecida com tantos argumentos efficacissimos, tantas authoridades de Santos, & tanta dissimulação de tantos, & taõ Santos Põtifices, como teve a Igreja Catholica; pois se tudo isto confirma, & suppõem que a Conceyção de Maria foy exceção daquelle *omnes* de S. Paulo; bem se infere que esta Conceyção de ne-nhũa sorte se assentou no *omnes* daquelle livro, de que fala David: *In libro tuo omnes scribentur*. Quanto mais, que para Deos escrever esta Conceyção naquelle livro,

com que penna havia de escrever? Certo he que a teria muyto mayor, que a que se lhe suppos quando formou o primeyro homem; mas tambem he certo que a não teve; antes teve, tem, & ha de ter hũa singular gloria de que a Conceyção de sua Mãe fosse exceção das mais conceyções ordinarias.

Supposto q a Conceyção de Maria se não escreveu no livro das mais conceyções, em que livro escreveria Deos esta Conceyção de sua Mãe? A esta duvida responderà agora o nosso thema, do qual se colhe não ser Maria registrada naquelle livro universal, mas sim trasladada em si mesma, como livro de geração: *Li-*

Mat

ber generationis. Liber est

1.

Virgo Maria, cõmenta S. Vi

San-

cente Ferreyra. Tres livros

tus

se pòde considerar haver de

Vin-

diversas gerações. O pri-

cent.

meyro da geração Divina;

Fer.

o segundo da geração hu-

mana; o terceyro da gera-

ção de Christo. O livro da

geração Divina le-se no

Pay, porq̃ gera o Filho, & no Filho, & Pay se lé tambem a producção do Espirito Santo; deſte livro tratou S. Joaõ no ſeu Evangelho, começando deſta ſorte o ſeu principio: *In principio erat Verbum, & Verbu erat apud Deum, & Deus erat Verbum.* O livro da geração humana le ſe em Adão, & porque foy a cabeça deſta geração, deſcreve-a Moysés no ſeu Genesis capite primo: *Creavit Deus hominem.* O livro finalmente da geração de Chriſto le ſe em Maria ſantiffima, como diz S. Mattheus no noſſo thema: *Liber generationis Jeſu Chriſti.*

O livro da geração Divina lá tem o ſeu proprio dia no dia da Trindade, em que ſe explica; o livro da geração humana lá tem o ſeu proprio dia no dia do Juifo, em que ſe lhe tomam eſtreytas contas; & eſte livro da geração de Chriſto lá tem o ſeu proprio dia no dia da Encarnação, em que ſe abre. Não temos logo neſte livro de Maria mate-

ria, em que ſe trate: porq̃ ſe toda a materia, que ſe lé nelle, he da Encarnação, não ſendo hoje o ſeu proprio dia, não ha que tratar. Oh que eſte livro dá tanto de ſi, como todos ſabem, & como nunca teve a menor falta, não era poſſivel a tivesse neſta materia.

Todo o livro (ſe bem ſe adverte) cõſta de duas couſas muyto diverſas; húa a materia, de que trata; outra a materia, de que ſe fórma; a materia de que trata o livro de Maria, he verdade Evangelica, que he da geração de Chriſto: *Liber generationis Jeſu Chriſti*; porque neſte livro (diz S. Vicente Ferreyra) eſcreveu o Eterno Pay ao Verbo Eterno: *Liber eſt Virgo Maria, in quo Deus Pater ſcripſit Verbum æternum.* Porém a materia, de que eſte livro foy formado, he de Fé ſer a propria materia da Cõceyção. Eſta he unicamente a propria materia deſte dia, eſta he a novidade, que hoje trago, & eſte ſerá o aſſumpto do Sermaõ. O Sacramento, que

San^o
Eus
Vin-
cent.
Fer^o

Div. Bern. que tambem he livro: *Christus dicitur liber in hoc Sacramento*, em tudo confirmará tambem a nossa materia, q̄ fendo da Cõceyção de Maria; he materia certamente da mayor graça: confece-molo assim todos.

*AVE MARIA
gratiâ plena.*

*Liber generationis Jesu
Christi.*

Difficultosa empresa parecerá querer tratar a materia da Cõceyção, quando esta se não trata especulativamente. De muytas, & varias materias trata a Theologia especulativa, como se vé de tantos livros, que sobre ella se compuzeram; trata a materia da Encarnação, a materia da Trindade, a materia da Graça, & as mais, que se sabem; mas lendo todos por este livro de Maria, & lendo nelle a materia da Encarnação: *Liber est Virgo Maria, in quo Deus Pater scripsit Verbum æternum*; & nesta a materia

da Trindade, a materia da Graça, & cætera; parece advertiram só na materia da Encarnação, que principal-mête tratava, & não na materia, de que era formado o livro no primeyro instante de seu ser, que he a propria, & unica materia da Conceyção. Esta quero tratar, não como Theologo, mas como P régador; & quando nas mais materias quãdo muyto se lé de ponto, na materia da Conceyção hey de ler de tres pontos, que tantas são as partes, de que foy formado aquelle maravilhoso livro. A primeyra parte, de que foy formado o livro de Maria: *Liber est Virgo Maria*, foy a sua carne immaculada. A segunda parte, de que foy formado o livro de Maria: *Liber est Virgo Maria*, foy o seu sangue purissimo. A terceyra parte, de que foy formado o livro de Maria: *Liber est Virgo Maria*, foy a sua Alma sem culpa. Dem-me attenção.

As entranhas de Santa Anna foram a officina, em que se imprimio este livro da

da Conceyção, & a primey-
ra parte, em que Deos a es-
creveu, foy a purissima car-
ne de Maria. Digno papel
para tão singular materia
pela sua muyta candides!
De terra he que foy forma-
do este papel; quem tal di-
cera! que seja este o mappa,
em que todo o Ceo se escre-
veu, estampando-se nelle
muyto ao vivo todo Deos,
tivesse a sua geração em hũa
terra muyto humilde: *Ref-*
pexit humilitatē ancillæ suæ!

Luc.
1.

Cuydava eu atégora (co-
mo muytos cuydaráo) que
o verdadeyro mappa do Ceo
só he, & só podia ser o mes-
mo Ceo, por não haver cou-
sa creada, em q̄ ao proprio
se pudesse representar o que
nelle ha; porque no Ceo ap-
parece a Aurora tão natu-
ralmente engraçada, que
parece hũa maravilha. Nel-
le se acha o Sol tambem im-
presso, que com licença de
Deos corre por toda a esfe-
ra. Nelle pos a Lua não o
seu retrato, mas sim o seu
proprio original. Nelle se
conhecem as estrellas, que
posto sejam os olhos do

Ceo, tambem ha olhos para
as ver com tanta miudeza,
que por mais que algumas
queyram fugir-lhe, pelo pro-
prio caso são notadas por
errantes. Nelle a santidade
he hum prodigio, & a graça
mais que muyta. Nelle se
ve a todo Deos intuitiva-
mente, que fóra do Ceo se
não vé naturalmente assim
todo Deos: *Deum nemo vi-*
dit unquam. E finalmente a
materia de todo elle he tão
superior, q̄ he toda celeste.

Joan.
1. n.
18.

Todas estas razões são
bastantes incentivos para se
cuydar seria o verdadeyro
mappa do Ceo não outro,
senão o mesmo Ceo. Mas
he isto tanto ao contrario,
como persuade esta effica-
cissima razão, & he, q̄ hũa
couza não pôde ser repre-
sentativa de si mesma, por
ser muyto diverso o retrato
do original; & como o map-
pa he o que representa, & o
Ceo o representado, forso-
famente deve ser o retrato
couza muyto diversa do
Ceo. Assim he; mas aonde
iremos descobrir este ver-
dadeyro retrato? Aonde?

Na

Na purissima carne, de que hoje se cõcebeu Maria santissima. Vaõ agora comigo.

No Ceo se levanta a Aurora maravilhosamente engraçada. E na purissima carne de Maria appareceu a mais engraçada Aurora, que viram, & admiraram os olhos, aqual hoje se levanta da humilde terra, de que foy

Cãt. 6.n. *Quasi aurora consurgens.*

No Ceo se acha impresso o Sol com licença de Deos para correr toda a esfera. E na carne purissima de Maria se estampou hum rosto como hum Sol, o qual foy escolhido por Deos:

Cãt. 6.n. *Electa ut Sol,* para passar muyto além de toda a esfera, assim humana, como Angelica; pois neste primeyro instante de seu ser (como

querem muytos) teve a Visão beata; & logo que esta Senhora foy concebida, celebraram, applaudiram, & festejaram os Anjos no Ceo a festa da sua purissima Cõ-

Div. Vin. cent. Fer. *ceptionis; disse São Vicente Ferreyra.*

No Ceo pos a Lua o seu proprio original; & na carne purissima de Maria está o seu proprio original sem o cõmum original; só Christo, & sua Mãe não contrahiram o original, porq̃ neste retrato está Maria tanto ao proprio, que lhe parece natural, como em Christo, ser de graça toda hũa Lua cheia:

Gratiã plena ... Pulchra ut Luna. No Ceo se conhecem as estrellas, vendo-se lhes nos olhos as inclinações; & na purissima carne de Maria estão duas estrellas, não errantes, porq̃ não houve erro nenhum neste retrato; mas tão fixas como dous olhos na cara, os quaes se conhecem bẽ inclinados à propriedade de misericordiosos: *Stella maris, illos tuos misericordes oculos ad nos converte.*

Na santidade, & graça de Maria não falo, porque na terçeyra parte desta materia, que he a sua Alma, não poderey dizer quanta teve, mas direy o q̃ me for possivel. No Ceo ve-se a todo Deos, não estampado, mas assentado,

Luc. 1. Cãt. 6.n. 9.

Ex Eccl.

Isai.
6.n.
 1. assentado, que assim o vio
Isaias: Vidi Dominum seden-
tem. E na carne purissima
 de Maria esteve todo Deos,
 & esteve mais que Deos;
 esteve todo Deos, não assen-
 tado, posto que nove mezes
 estivesse de assento naquella
Luc.
 11. carne: *Beatus venter, qui te*
portavit, mas estampado na
 immaculada carne de Ma-
Div.
Aug.
Ser-
mon.
 de
As-
sup.
Gen.
 1.n.
 26. ria: *Caro Christi caro Ma-*
riae, disse Augustinho meu
 Padre. E esteve mais que
 Deos, porque esteve Deos,
 & homem, sendo como ho-
 mem estampa de si mesmo,
 como Deos: *Faciamus homi-*
nem ad imaginem, & simili-
tudinem nostram.

Finalmente a materia do Ceo he toda superior, por ser toda celeste. E a materia da immaculada carne de Maria he de humilde terra. Parece differem muyto as materias? Assim he, & assim o confirmo: mas ao Ceo não val ter tão alta materia, para que os vapores da terra lhe não cheguem até às mesmas nuvens: porém a terra daquella carne he tão immaculada, que lhe não che-

gou, nem por sombras, va-
 por nenhum de toda a terra,
 porque lhe não chegou cou-
 sa, que a inficionasse. Vejam
 agora lá se vay tanto de ma-
 teria a materia, como vay
 desta terra ao Ceo, & se
 houve, ou pôde haver map-
 pa do Ceo mais verdadey-
 ro?

Que a cãdides deste map-
 pa, que aquella immacula-
 da carne, aonde se escreveu
 esta Conceyção, seja de ter-
 ra, já o disse; mas falta resol-
 ver qual seja a qualidade
 desta terra. Não falo da
 qualidade moral, porque he
 bem notoria no Mundo a
 sua illustre ascendencia, &
 não pertêce a esta materia,
 falo sim da qualidade Fy-
 ca, por ser propria deste dia.

Que esta santissima terra
 seja da mesma qualidade, q̃
 nós somos, he de Fé, por-
 que todos somos da mesma
 carne de Adaõ, & da mesma
 sua terra; mas como esta se
 maculou com o peccado ori-
 ginal, deu motivo a se duvi-
 dar, se foy aquella carne da
 mesma terra maculada de
 Adaõ. A piedade Catho-
 lica

lica sempre parece entendeu q a carne purissima de Maria não havia de fer participada de Adão quando peccador, senão de Adão sem peccado. Tenho razão, & tenho prova da Escriitura.

A razão he, que sendo a carne de Christo carne de Maria: *Caro Christi caro Mariæ*, & sendo de Fé, como definio o sexto Synodo geral, que Christo não contrahira o peccado original, porque tomára carne de Adão no estado da innocencia: *A Divinitate assumpta est natura illa, quæ ante peccatum creata est, non quæ post prævaricationem vitiata*, parece que bem se segue fer a carne de Maria não de Adão quando peccador, mas sim de Adão quando era hum innocente. Nesta razão sem duvida se fundou o Damasceno para dizer q a Senhora, posto tivesse carne de Adão, não tomou as maculas da sua carne: *Caro Virginitatis ex Adam sumpta, maculas Adæ non admisit*. Baste esta tão solida razão. Vamos à

prova da Escriitura.

Vendo Moysés que Faraõ não queria dar liberdade ao Povo de Deos, lançou no chaõ aquella vara dos seus prodigios, aqual se converteu em serpente, & não obstante esta miraculosa conversão, reparo em que chame o Texto vara ao que parecia serpente: *Devoravit virga Aaron virgas eorum*. Se esta serpente he vara, como he serpente, & se he serpente, como lhe chama vara? Tudo he, & tudo pòde ser.

Que esta vara seja figura de Maria santissima, dizem muytos; & que neste caso se figure expressamente a sua Conceição, prova-se, não só porque esta serpente aqui teve o primeyro instante de seu ser: *Versa est in colubrum*, mas porque fazendo os Egypcios diabolicamente a mesma conversão, que Moysés fez por virtude divina, às suas varas a de Moysés se lhe oppos tragãdoas: *Devoravit virgas eorum*; & vencer diabolicas serpentes no primeyro instante

Div.
Joani
Da-
mas-
cen.

Ex-
od.7.
n.12

Sup.
n.10.

Div.
Aug.
Scr-
mon.
de
As-
sip.
sexta
Syn-
nod.
gen.
ut
vide-
re est
apud
Lu-
dov.
de
Con-
cep.
tom.
1.
ex-
am.
ve-
nit
in
erat.

tante he taõ proprio da Cõceyção, que com a serpente aos pés se pinta. Isto supposto, advirta se agora no engano dos que duvidavam nesta purissima Conceyção.

Esta vara parecia serpente, & não era senão vara, parecia ter carne de serpente venenosa, mas na conversão da vara em serpente cõservou-se tanto no seu primeyro ser, que parecendo serpente venenosa, como as mais, era vara sem nenhum veneno: *Virga Aaron: versa est in colubrum.* Este seria o engano dos Egypcios à vista desta serpente, & este certamente o engano dos q̃ duvidavam na purissima Cõceyção de Maria. Viam, & sabiam que toda a nossa carne he de serpente, porq̃ toda tem o veneno do peccado original, que lhe communicou a serpente diabolica do Parayso, & como Maria santissima he da mesma carne, cuydavam era também de serpente na realidade; mas já não ha Catholico, que tal duvide: que posto aquella Senhora pareça

serpente venenosa, como as mais creaturas, não he de venenosa serpente aquella carne immaculada, que como a tomou sem peccado, sempre se cõservou no que foy do primeyro instante de seu ser.

Mas já me não admiro, q̃ houvesse quem pufesse duvidas à immaculada carne de Maria, quando não faltou quem as pufesse à carne de Christo Sacramentada: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?* Como he possivel (diziam os Judeus) que Christo dé no Sacramento a sua carne em comida? Este impossivel fundavam no q̃ lhes representavam as especies do Sacramento. Advertiam o que viam no Sacramento, & como não viam mais que accidentes de paõ, debayxo destes julgavam estava também a sua substância. Parecia-lhes impossivel ser carne verdadeyra, como era: *Caro mea verè est,* o que tinha sido, & parecia paõ na realidade: *Panis, quem ego dabo.* Ser finalmente o Sacramento

Joan.
6. n.
52.

Joan.
6.
Ibi.
demon.

cramento hũa coufa, & parecer outra foy todo o fey engano, em que bem mal fundavam as fuas duvidas :

Ibidem. *Quomodo potest?*

Defta mefma forte fem duvida foy o total engano dos que lhes parecia impossivel a immaculada Conceyção desta Senhora ; porque parecer Maria fantiffima creatura, como as mais, & não fer como as mais na cõceyção ; parecer da mefma carne, que nõs fomos, & não fer da mefma carne peccaminosa ; ter accidentes de venenosa serpente, & não ter carne de serpente na realidade, este foy o labyrintho das fuas duvidas : *Quomodo potest?* Mas bem puderam advertir que, se criam esta verdade no Sacramento, tambem lhe podiam dar credito neste caso, confeçando que, se para Deos não ha impossivel, quis elle fazer aquella carne immaculada fem a nodoa do original, mais candida, que o mais candido papel. Este he o primeyro ponto da materia da Conceyção, & esta

a primeyra parte, em que se lê, como consta do livro de Maria : *Liber est Virgo Maria.*

O segundo ponto, que he a segunda parte, de que trata a materia deste livro, he o sangue purissimo de Maria. Pouca duvida pôde fazer este ponto a quem cõceder o antecedente ; & a razão he: q̃ como o sangue segue a mefma natureza da carne, sendo a carne, & sangue da mefma natureza, se a carne he immaculada, o sangue tambem deve ser purissimo. O sangue mais puro, que tem o corpo humano, he o sangue do coração repartido pelas arterias, porque tem as fuas partes tão puras, que nellas vivem os espiritos vitaes, & achando-se em cada hum de nõs hũa pequena porção deste sangue sómente, todo o sangue de Maria parece ser todo do coração, por ser hũ aggregado de espiritos vitaes, donde manou a me lhor vida. *A Maria hæc vita Mundo genita est,* disse Santo Epifanio, de q̃ lhe provem

ter o titulo de Mãe dos viventes : & *feret Mater viventium*, continúa o mesmo Santo Epifanio. Certo he logo ser todo puro este sangue, quando todo era vital. Fazemos demonstração no sangue do Filho.

Gen. 2. n. 17. Todo vital foy o precioso Sangue de Christo, porq̃ estando todos sentenciados à morte pelo peccado original, *morte morieris*, este Sangue nos deu vida. O sangue propriamēte vital bem sey (como já disse) he o sangue do coração ; mas em Christo podemos dizer mais, porque ainda que nos não remira com o Sangue do coração, qualquer porção de sangue, sendo sua, bastava para nos dar vida, por ser vital todo o seu precioso Sangue:

Joan. 6. n. 35. *Qui bibit meum sanguinem, habet vitam*: o meu Sangue (diz Christo) he vida para quem o bebe. Reparrem que não diz he do seu coração este sangue, q̃ tem vida; senão que he sangue seu, *meum sanguinem*: porq̃ em Christo não só est à a vida no Sangue do seu cora-

ção, mas he todo o seu sangue tão vital, que qualquer parte deste sangue, sendo seu, *meum sanguinē*, he toda a nossa vida, *habet vitam*. Da Mãe dos vivētes Maria santissima sahiram estes espiritos vitaes de Christo cõ o seu sangue: *Virgo genuit, in instanti fuit ibi separatio sanguinis*: pois se o Sangue de Christo foy toda a nossa vida, a fonte, donde manou este sangue, como não seria toda vital?

Naõ ha sangue, que com este se compare na pureza. Todo o mais sangue humano tem o mesmo defeito, com que Adaõ o maculou, & como pelo sangue herdamos a sua culpa, que nos fes escravos; em quanto escravos não he puro o nosso sangue.

Se a carne de Christo he carne de Maria, o sangue he irmão da mesma carne, por lhe ser dado quando encarnou naquelle purissimo Ventre: *Virgo genuit; in instanti fuit ibi sanguinis separatio*; & se o Sangue de Christo he todo vital, porque o não ha mais

Div.
Bon.
in
Luc.
1. n.
115.

Div.
Bon.
in
Luc.
1. n.
115.

mais puro ; a mesma verdade parece se deve confeçar na pureza do sangue de Maria, que he o segundo ponto, por ser a segunda parte da materia da Conceição, que só se lê naquelle livro: *Liber est Virgo Maria.*

Tarde chegámos ao terceiro ponto, que he a terceira, & melhor parte de Maria. Mas quem com facilidade chegará ao seu espirito? Este livro não he como os outros livros, que se aos mais, ainda os que contém, & tratam do mayor espirito, lhes falta alma, tem grande alma este livro de Maria. Não ha livro mais rico, & não o ha tambem mais engraçado; não o ha mais rico, porque contém em si milhares de dotes, & não o ha mais engraçado, porque teve a graça original, com que foy formado, & se concebeu. Poderá dizerse que tambem Adão, & Heva tiveram a graça original com todos os seus dotes: houve já logo quem tivesse semelhança como o es-

pírito deste livro. Não houve; porque ter, & não conservar, he o mesmo, que não ter; ter dotes, & não os conservar, não he ser rico, como tambem senão pôde achar graça nenhũa a quem a perdeu, como elles sómête por hum bocado. Porém Maria santissima toda a graça, & muyta mais da com que foy gerada, todos os dotes, & muytos mais dos cô que foy concebida, conservou sempre tão guardados, como quem os tinha dêtro na sua alma.

A graça he o vestido mais resplandecente, com que a alma se orna, & quanta mais for a graça, verã a alma no seu vestido. A graça, com q a Alma de Maria se vestio neste primeyro instante, parece foy semelhante à com que Christo appareceu nacido; & sendo isto muyto, parece teve mais o merecer naquelle instante a graça de todos os mais Santos. No seu Apocalypse (diz São João) lhe apparecera hum prodigio no Ceo: *Signum magnum apparuit in Caelo.*

Este foy o espirito de hũa Mulher, que vestia de Sol, com coroa de estrellas, & a Lua aos pés: *Mulier amicta Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum.* Espirito tão maravilhoso de mulher não pôde ser outro, senão a Alma de Maria na sua Conceyção: assim he, porque assim se colhe do mesmo Texto. Este espirito trafia debayxo dos pés a Lua: *Luna sub pedibus ejus*; & desta sorte se pinta a Senhora da Conceyção, como se vé; & q fosse este o primeyro instante, em que se creou, tambem o diz o Texto, porque este foy o primeyro instante, em q appareceu: *Mulier... apparuit.*

Isto supposto, reparo, q o espirito de Maria na sua Conceyção se vista de Sol, & coroe de estrellas, porque se o Sol he digno de mayor estimacão, ponha o Sol sobre a cabeça, & das estrellas faça gala; assim parece havia de ser, mas não apparece assim o espirito de Maria; & a razão he: porque o Sol he figura de Christo quando

nasce: por quanto diz Malaquias que Christo havia de nacer como Sol: *Orietur vobis Sol.* Pois se o Sol tem toda a graça nos rayos, com que nasce, & Christo nasce vestido de rayos de graça, como Sol; dos mesmos rayos se vista o espirito de Maria na sua Conceyção, para q se veja que, se Christo ao nascer tomou os rayos de graça ao Sol para se vestir, da graça dos mesmos rayos apparece vestida Maria quando se concebe: *Apparuit... Mulier amicta Sole.*

Já sabemos a razão, porque este espirito se veste de Sol; ouçam agora o porque se coroa de estrellas. A coroa (como todos sabem) he premio, porque senão dá senão a quem a merece: *Non coronatur, nisi legitime certaverit,* disse S. Paulo. As estrellas são jeroglyfico dos Santos, diz Brecorio: *Sancti dicuntur stelle;* & se a coroa he premio, & as estrellas os Santos, parece mereceu logo Maria a graça de todos os Santos, quando nesse instante apparece coroadada de estrellas:

Sup. estrellas: *in capite ejus corona stellarum.*

Oh Alma santissima, cõ quanta graça q̃ fostes creada! Mas assim havia de ser, pois soubestes fugir com tanta graça ao dragão infernal, que vos queria prender. Apenas se concebe qualquer creatura no Mundo, quando o dragão infernal quer tomar total posse della pela culpa original, em que incorreu. Para fugir a este dragão, não ha mais remedio, que a graça, & quando as creaturas lhe querem fugir a mais passõs, ou menos passõs, por seus peccados são presas das suas garras. Porém o espirito de Maria teve tanta graça na sua Conceição, que para não ser presa daquellas infernaes garras com toda a ligeyresa voou. Tornemos a reparar no espirito desta Senhora, como se representou ao Evangelista, o qual não só diz o que temos dito, mas que tambem lhe foram dadas hũas azas muyto grandes: *datae sunt mulieri alas.* Não cuydey eu que

Maria na sua Conceição tivera penas; mas vendoa agora com duas azas, não sey que diga! digo que não teve nenhũa pena, porque impossivel era haver pena algũa em quem se concebeu com tanta graça; quanto mais que se o Texto diz lhe foram dadas estas azas: *datae sunt*, certo he lhe foram dadas de graça. E para que lhe são dadas estas azas? Diz o mesmo Texto q̃ para voar, *ut volaret.* Advirta se agora no motivo. Apareceu neste mesmo tempo hum dragão infernal, que quis perseguir, & perseguiu o espirito desta Mulher: *draco persecutus est mulierem*; pois para que esta não seja presa daquellas infernaes garras, tenha logo hũas azas dadas de graça: *datae sunt*, para que com estas, por não ser presa, voe com toda a ligeyresa, *ut volaret.*

*Ibid.**Ibid. dem.**Sup.*

Foy a Conceição desta Senhora muyto diversa das mais conceyções, porque a sua Alma parece foy creada de diverso modo das mais almas; mostro-o na criação

da alma de Adão, que he o Texto mais claro, com que isto se pôde mostrar, o qual explicará melhor o q̄ querodizer. A alma de Adão sahio pela bocca de Deos,

Gen. inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ; & pela bocca de Deos sahio tambem a Alma de Maria: *Ego ex ore Altissimi prodivi*; que assim entende São Boaventura este

Eccl. 24. Texto com outros Expositores. Atéqui estão iguaes no modo da criação; vay agora a desigualdade; que a alma de Adão foy infundida com o ar, com halito, com vento, & com sopro,

que isto quer dizer o *inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ*, & a Alma de Maria só diz o Texto sahira pela bocca de Deos, mas não exprime fosse com ar, halito, vento, ou sopro: *Ego ex ore Altissimi prodivi*; & a razão a meu ver he: porque o ar, o halito, o vento, & o sopro são apedra Iman dos átomos, & o alambre, que attrahem a si as arestas da terra, & em si as retem; está entendida a razão da desi-

gualdade. Se Adão logo pouco depois da sua criação ha de deyxar inficionar a sua alma com os átomos, & arestas da terra, seja infundida a sua alma com o ar, halito, vento, & sopro: *inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ*: porém a Maria, como na sua Alma não ha de pegarse aresta, ou átomo da terra, não seja infundida a sua alma com ar, halito, vento, nem sopro; mas sim faya pela bocca de Deos, para que na criação se veja q̄ não deyxá de ser filha de Adão: *Ego ex ore Altissimi prodivi*.

Como filha de Adão sahio esta purissima Alma pela bocca de Deos; desta divina bocca trouxe aquella graça, com que foy concebida, & por conservar esta graça até o ultimo instante de sua vida, me parece esta purissima Alma a maravilha das maravilhas das almas. Ao Sacramento do altar chama Santo Thomàs a maravilha das maravilhas: *Miraculorum ab ipso factorum maximum*. E qual será a razão?

a razão? Este Sacramento, & todos os mais não sahiram do mesmo Lado de Christo? Assim o diz meu Padre Santo Augustinho:

Div. De latere Christi exierunt Aug. Sacramenta. Não está a graça em todos elles? He sem duvida; pois se todos sahem pela bocca do mesmo Lado, & em todos está a graça, porque só este ha de ter o titulo da maravilha das maravilhas?

A razão a meu ver he, que deste Sacramento especificou Christo havia de durar, & conservar toda a graça até que o Mundo de todo espirasse: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem seculi*; que da assístencia de Christo no Sacramento entende São Boaventura este Texto: *Ecce ego vobiscum sum in Sacramento Eucharistia*, diz o Santo. Pois se deste Sacramento especifica o mesmo Christo com palavras expressas ha de estar com a mesma graça, cõ que sahio da bocca daquelle Lado: *De latere Christi exierunt Sacramenta*, ainda que

os mais sayam pela mesma bocca, só este he a maravilha das maravilhas: *Miraculorum ab ipso factorum maximum.*

Da bocca de Deos sahio a alma de Adão; da bocca de Deos sahiram todas as mais almas; da bocca de Deos sahio a Alma de Maria; mas ainda que todas sayam pela mesma bocca, como só Maria depois de Christo conservou a graça, com que foy creada do primeyro instante de seu ser até q̃ espirou; essa he a razão, porque disse foy esta Alma santissima a maravilha das maravilhas das mais almas.

A muyta graça, com que esta Senhora foy concebida, fes com que a sua carne fosse immaculada. Esta mesma graça fes com que o seu Sãgue fosse purissimo. E esta mesma graça tambem fes com que a sua Alma fosse sem culpa original, que saõ os tres pontos da materia da Conceição, & as tres partes, de que foy formado no primeyro instãte de seu ser, & se compõem todo aquelle

livro da geração de Christo, que he o livro de Maria: *Liber generationis Jesu Christi. Liber est Virgo Maria.*

Minha Senhora, já se pôde ler sem nenhũa duvida a materia de vossa purissima Conceyção, porque hoje se imprimio, & compos o seu, & vosso livro: *Liber est Virgo Maria*, & para este ser hũa admiração, basta dizer-se foy obra prima do Autor

Pro- verb. componens; que posto fostes
8. n. sua querida Mãe, tambem
30. fostes prima sem segunda:
Ex Nec primam similem visa es,
Eccl. nec habere sequentem.

Como obra de tal Autor não tem esse livro nenhũa errata, que posto houvesse quem lha quizesse pôr no original, sirva-lhe de desculpa a pouca fé; mas bem pudera advertir, que não tendo nenhũa culpa esse livro ao compor, mal poderia ter erro ao imprimir. Esse livro está muyto conforme com o seu original, & bem pôde correr por todo o Mundo; está conforme cõ aquelle original, que o di-

yino Autor formou na sua idéa antes de todos os seculos: *Ab initio, & ante secula creat a sum*, porq' desta mesma forte he que fahio a luz: & que possa correr por todo o Mundo, disse esta Senhora mesmo de si. *Trabe me: curremus.*

Tayxa não tem esse livro, que como he tão rico, mal se comprará pelo mayor preço; mas se se não compra por dinheyro, certamente se dá de graça, porque de muyta está cheyo: *gratiã plena.* Não tem esse livro nenhũa censura, quando teve a approvação do mesmo Deos; & a nota que elle lhe pos, só foy, que admirem todos a boa eleyção, que teve nesta materia: *Veni electa mea.*

Está visto o livro, & revisto não hũa, senão muytas vezes, *purgatum septuplum*; porque de vós, minha Senhora, não havemos apartar os olhos, protestando todos querer ter assento na lembrança do vosso livro, que he o que mais desejava- mos. Acabo finalmente cõ o livro,

o livro, que o não ha mais bem acabado, porque nem o houve, nem o ha mais perfeyto; & estando perplexo no fim, que lhe ponha, me resolvo dar por tudo

muytos louvores a esse Deos, como Autor da vossa purissima Conceição. Este seja o fim do livro, por ser este o fim de todos os livros: *Finis, laus Deo.*





S E R M A Õ

DO GRANDE PRECURSOR

S. JOAÕ BAPTISTA

Com o Sacramento exposto, prégado
de tarde na Paroquial Igreja de
N. Senhora dos Anjos. Lisboa
no anno de 1692.

Videmus nunc per speculum. 1. Paul. ad Corinth. Cap. 13.



RES foram os ce-
lebres inventores,
que com bem dif-
ferentes modos descobriram
a luzida, & admiravel lami-
na do espelho (Senhor.)
A natureza o descobrio em
todas aquellas cousas, que
produzio crystallinas, &

transparentes ; a arte imi-
tando a natureza, tambem
inventou o espelho, usando
do seu delicado artificio :
mas o amor, como mais in-
teressado em ter o retrato
do amante muyto ao vivo,
fazendo de si proprio lami-
na para este retrato, excedeu

deu a natureza, & a mesma arte tambem excedeu; pois não sendo espelho nem a natureza, nem a arte, o amor em si achou o melhor espelho, porque nelle mesmo se representa muyto ao natural o amante. Nos Canticos de Salamaõ aparou o amor taõ fina apenna, com que os escreveu, que tudo o que nelles se lê são finos amores, q' só o mesmo Amor divino descrevendo-se a si mesmo podia mostrar o que era. Hũa das cousas, q' nestes Canticos se acha verdadeiramente digna de reparo, he, que diga o amante ao seu amor o ponha como finete sobre o seu coração.

Cat. 8. *Pone me ut signaculum super cor tuum.* He certo que o amante não tem realidades de finete, & na supposição de que o pudesse ser, o finete só se imprime em materia, que seja taõ branda como cera, & o coração da Esposa, posto que fosse fino, não tinha de cera a qualidade; como quer logo o Esposo imprimirse no coração do seu amor? Querse

imprimir do modo que no amor fica esculpido o amante, que he representando-se muyto ao natural; o amor excedendo a arte, & a natureza, de si mesmo fes espelho, no qual, como se fora impressa a imagem, fielmente ao vivo se representa; diz pois o amante. Supposto vòs, meu amor, sois o meu espelho, deyxay que me estampem na lamina desse coração, porque nelle estarey tanto ao natural, como he natural ao amor representar a imagem de quem ama. *Pone me ut signaculum super cor tuum.*

Hum amor, & hũ amante he o que temos à vista, o amor feyto espelho naquella lamina, o amante vendo-se representado na lamina daquelle espelho; o amor he o divinissimo Sacramento: *Amor amorum* lhe chamou S. Bernardo; & o Sacramento he o espelho, que agora vemos naquella lamina, diz o nosso thema: *Videmus nunc per speculum; fecisti Domine de corpore tuo speculum*, explica Drogo ci-

tado

Div.
Bern.
Ser-
mon.
in
cena
Dñi.
Dra-
go
apud

Lazerd. tado por Lazerda. O amã-
 Ma- te já se suppõem que he o
 ria grande Baptista, que se no
 effi- espelho só se representa o
 gies que está diante, & se no es-
 Aca- pelho do amor só se vé o q
 dem. quer, no espelho do Sacra-
 1. mento só se deve ver, & re-
 sect. presentar o Baptista na se-
 5. melhança, porq só ao Bap-
 pro- tista, & não a outro nenhū
 pe Santo quis Christo ver di-
 finē. ante de si como seu Precur-
 Luc. sor: *præibis enim ante faciem*
 1. *Domini.*

Diz o mesmo Drogo, cõ-
 tinuando as palavras, com
 que explicou o nosso thema,
 que sendo o Sacramento es-
 pelho do Eterno Pay, he
 tambem espelho do homẽ,
 Dro- *qui speculum erat Patri, jam*
 go *homini speculum est.* Que ho-
 supr. mem ferã este, que compete
 igualdade cõ o Pay na vista
 daquelle espelho? Sey eu,
 & sabem todos os Theolo-
 gos que o Filho he somente
 espelho do Eterno Pay: co-
 mo he logo tambem espe-
 lho de hum homem, & na
 supposiçãõ de que tambem
 he seu espelho, que homem
 ferã este? Se me não enga-

no, a Aguia dos Evangelis-
 tas o disse: *Fuit homo missus Joani.*
a Deo, cui nomen erat Joann. 1.
nes: houve hum homem na-
 cido, & mandado a este Mũ-
 do, q teve por nome Joãõ;
 pois se teve por nome Joãõ,
 escuse dizer q he homem,
 & que foy nacido neste Mũ-
 do, porque em dizer que se
 chamou Joãõ, diz que foy
 homem, & neste Mundo na-
 cido. Oh que o Evange-
 lista naõ só foy Aguia, mas
 Lince nas materias do Bap-
 tista. Duas cousas quis di-
 zer o Evangelista nestas pa-
 lavras, quis dizer o nome,
 que a Joãõ puzeram, & quis
 tambem dizer o nome, com
 que naceu; o nome de Joãõ
 foylhe posto quando o cir-
 cuncidaram depois de oyto
 dias nacido: *Factum est in Luc.*
die octavo, venerunt circun- 1.
cidere puerum: Joannes est
nomen ejus; & o nome de ho-
 mem he o nome, com que
 naceu: *Fuit homo missus,* na-
 ceu este homem taõ grande,
 como disse o mesmo Chris-
 to: *non surrexit inter natos*
mulierum maior Joanne Bap- *Mat*
tistã; & se o Baptista nasce 11.
 com

com o nome de homem, & de homem mayor que todos os nacidos, excepto Christo, & sua Mãe santissima, he tão grande este homem, q com o mesmo Pay parece compete igualdades na vista daquelle espelho na supposição de que o Sacramento he tambem espelho deste grande homem, que hoje nasceu: *Qui speculum erat Patri, jam homini speculum est.*

Dro-
go
supr.

Supposto que o Sacramento he o espelho, que vemos agora: *Videmus nunc per speculum: Fecisti Dòmine de corpore tuo speculum;* & supposto he o Sacramento espelho do Baptista, porque a elle vemos diante daquelle espelho, para que descubramos os discursos, devemos saber que de dous modos se deve cõsiderar a imagem no espelho; deve-se cõsiderar na realidade, & deve-se cõsiderar na semelhança: *Est considerare imaginem, ut rem, & similitudinem,* advertio Hugo Cardinal; & destes dous modos he que devemos cõsiderar a

Hug.
2.
Epi-
tol.
1. ad
Co-
rin-
th.
Cap.
13.

imagem do Baptista representada no Sacramento; devemos considerar a imagem do Baptista na realidade, porque aquelle Espelho he tão fiel, que representa tudo o que ha no Baptista; devemos considerar a imagem do Baptista na semelhança, porque o Baptista representado não està realmente naquelle Espelho: mais claro; veremos naquelle Espelho o que he o Baptista, que isto he considerallo como he na realidade: *Videmus nunc per speculum, est considerare imaginem, ut rem;* & veremos o que não he o Baptista, que isto he cõsiderallo na semelhança: *Videmus nunc per speculum: est considerare imaginem, ut similitudinem.* Estes feraõ os dous pōtos do Sermão; vejamos primeyro o que he na realidade, & logo veremos o que não he na semelhança.

No dia, em que o Baptista nasce grande: *Iste puer magnus coram Dòmino,* desce Christo a Sacramentarse; parece he forsofo à grandeza de Christo apparecer descendo,

descendo, quando a grandeza do Baptista nascendo apparece; diante de Deos he o Baptista grande: *Coram Domino*; & a razão deve ser: *Ex Eccl.* porque o Sacramento he crystallino espelho, em que se vé a imagem do Baptista; apessoa, que no espelho se vé, diante do espelho se deve pôr; & como o Baptista nasce grande: *Iste puer magnus*, & está diante do Sacramento: *Coram Domino*; já se vé ser o Baptista pela sua imagem grande naquele espelho, & ver-se na realidade o que he: *Videmus nunc per speculum: est considerare imaginem ut rem.* Não ha pessoa nenhũa, posto que se considere a mais agigantada, cuja representação occupe todo o crystal de hum espelho, por mais pequeno que seja; & a imagem do Baptista occupa com a sua grandeza representada todo o circulo daquelle espelho; pela grandeza do espelho se pôde regular qual seja a grandeza do Baptista, que não cabendo a grandeza de Deos em todo o Ceo, nem

em toda a terra, no circulo daquelle Espelho clausula toda a sua grandeza. Oh que grande Espelho! mas oh q grandeza do Baptista, quando occupa a sua representação na realidade todo o mesmo circulo, que a grandeza de Deos occupa!

A grandeza daquelle Espelho está em ser hum circulo de maravilhas: *Memoriam fecit mirabilium suorum*; *Psal.* 110; & a grandeza do Baptista tambem he de maravilhas hũa grandeza: *Mirati sunt universi*; *Luc.* 12; proporcionado espelho para hũa tão grande imagem! o espelho he admiravel, *mirabilium suorum*; & admiravel he tambem a pessoa, q nelle se representa: *Mirati sūt.* Sendo isto assim, bem digo eu occupa o admiravel da grandeza do Baptista representada toda aquella circunferencia, pois he admiravel todo aquelle circulo na sua grandeza. Estava agora para fazer hũa amorosa queyxa ao Senhor daquelle espelho, porque o não fes mayor, que se agrãdeza do Baptista representada

tada occupa toda a grandesa daquelle circulo, se o espelho fora mayor, mayor fora tambem a imagem do Baptista, porque mayor se representára naquelle espelho, que como he tão verdadeyro: *Caro mea verè est cibus*, sempre havia de representar o q̃ o Baptista he pela sua imagem na realidade.

Joan.
6.

Mas diremos que nascendo o Baptista mayor: *non surrexit maior*, se se não representa mayor, he por ser o espelho muyto pequeno? Não o diremos, que não he assim; porq̃ se aquelle circulo não he pequena esfera para clausular a grandesa de hum Deos, como podia ser limitado espelho para representar naquella lamina a imagem da grandesa do Baptista, & como neste discurso prometti vermos só a sua realidade, mal se poderia ver nelle o que não he verdadeyro; & assim só digo que parece não podia fahir a luz hoje o Baptista, sem que Christo se Sacramentasse, por quanto o Sa-

cramento parece foy dado, para que nelle, como em espelho, se visse a imagem da grandesa do Baptista representada como he. Na Cruz estava Christo, quando do peyto lhe sahio hũa grande voz, *emissa voce magna*, que no sentir de S. Boaventura era o Baptista: *Baptista vox erat Verbi*; & he de reparar que naquelle tempo rompendo hum soldado o peyto de Christo com hũa lançada, sahindo do mesmo peyto sangue, & agoa, sahio naquelle sangue o divinissimo Sacramento, como diz Augustinho meu Padre: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit, continuo exiit sanguis, & aqua... De latere Christi exierunt Sacramenta.* Não reparo sahisse naquelle sangue o Sacramento, porque Christo não só Sacramentou o seu Corpo, mas tambem o seu Sangue: *Hoc est Corpus meum.. hic est Sanguis meus*; reparo sim, que sahindo nesta occasião o Sacramento daquelle peyto, sahisse juntamente cõ agoa: *exiit sanguis, & aqua.* O

Mar
ci

15.

Sum.

Bon.

in

Mar

ci

15.

Joan.

19.

Div.

Aug.

Mar

ci

14.

Sacra-

Sacramento do altar por ventura estava naquella agoa? He certo que não; pois se só no Sangue he que Christo dava o Sacramento: *Hic est Sanguis meus*, para que tras consigo esta agoa? Direy o que agora nos serve; a agoa he hum dos mais crystallinos espelhos, que a natureza produzio, porque nella, como se fora hum fino crystal, se representa a imagem de qualquer pessoa da mesma sorte, que he; isto supposto, vejam agora; do peyto de Christo sahio a luz aquella grande voz do Baptista, daquelle peyto appareceu aquella grande voz do Verbo, *emissa voce magna: Baptista erat vox Verbi*; & se esta voz era hũa verdadeyra imagẽ do Baptista, não só deve apparecer o Sacramẽto, que naquelle peyto estava fechado, quando o Baptista sahe a luz; não só deve Christo Sacramentarse, quando o Baptista apparece grande, *emissa voce magna*; mas ainda deve ver-se o Sacramento junto à crystallina agoa, para que

se veja he o Sacramento espelho da imagem do Baptista, & para q se veja tambem logo a sua grandesa representada como he no crystal daquella agoa, que juntamente sahio com o Sacramento: *exiit sanguis, & aqua.*

Tem o Baptista este nome, porque nas crystallinas agoas do Jordaõ baptizou a Christo, & sahindo aquella grãde voz daquelle amoroso peyto, sahindo delle o Sacramento de companhia com esta agoa, nella se vé que o Baptista quando sahe a luz, já sahe a luz para Baptista; & nesta agoa tambem, como em crystallino espelho, vé o Baptista taõ clara como agoa a sua grandesa representada como he: sey eu que diz Hugo que na antigua gentildade teve aquelle seu celebre Narciso por motivo do seu precipicio ver a sua imagem no crystal das agoas representada como era, & abrazando-se em amorosos incendios de si mesmo, arrojado se precipitou nas agoas para buscar

Mar
ci
15.
Div.
Bon.
sup.

buscar o agradavel objecto de seu amor, que nellas via, mas como lá não estava mais realidade, que a representação do que elle era, em lugar de achar nas agoas a fermosura do retrato, porq̃ vivia, achou a fealdade da morte, porque morreu: *Ut rem consideravit Narcisus imaginem suam, qui amore illius stupefactus interit, diz o Padre.*

Hug. in Epif. tol. ad Corin. 13.

Quem com mais razão (se o permittiram as leis da fantidade, & a luz verdadeyra do proprio conhecimento) podia ser mais Narciso de si mesmo, q̃ o grande Baptista; o qual por nascer menino tanto mais bello, que o galhardo Narciso, foy a admiração de todo o Mundo. *Mirati sunt universi; & sahindo daquelle amante peyto tão grande, emiffa voce magna, grandesa, que pela traser já do seu nascimento, por relicario parece a puzeram todos no peyto: Posuerunt omnes, qui audierant in corde suo; & vendo-se ultimamente no crystallino das agoas não só do*

Luc. 1.

Sup.

Luc. 1.

Jordaõ, mas daquellas, que para seu espelho parece sahiram com o Sacramento: *Exivit sanguis, & aqua, de culpa parece poderia ter, se se arrojasse àquelles crystales para buscar o seu retrato, como vemos: Videmus nunc per speculum; mas como isto era arrojado digno de se notar até em hum gentio, não podia ver-se no Baptista, sendo tão Christifero, quãto mais, que entendo não podia o Baptista arrojarse assim, ainda que quizesse, porque teve o que a Narciso faltou, faltou a Narciso quem o tivesse maõ, quando se quis precipitar; mas o Baptista teve a maõ de Deos para o ter maõ: *Mannus Dõmini erat cum illo, na falsa suppo-**

Sup.

Luc. 1.

Me. noc. in Bibl. max.

Assim apparece a sua grãdesa naquelle espelho, porq̃ nelle se vé a imagé do Baptista como he na realidade;

& já vejo que todos com muyta razão tem notado q̄ instituindo Christo o Sacramento como espelho:

Sup.

Videmus nunc per speculum: Fecisti Domine de corpore tuo speculum, não se veja Christo no Espelho do Sacramento, porque para a nossa vista está escondido: *Verè tu es Deus absconditus;* vendo-se tanto ao natural neste espelho a imagem do Baptista;

Isai.

45.

pois se Christo está realmente com a sua real grandesa naquelle espelho, como nos occulta esta tanto aos nossos olhos? Bem. Sey que todos os Catholicos respondem que, se no Sacramento se vira a grandesa de Christo, deyxara o Sacramento de ser mysterio de Fé, como todos cremos:

Sup.

Mysterium Fidei; mas deyxada esta razão, demos agora aquella, que mais conduz para mostrar o que o Baptista he.

Naõ apparece naquelle espelho do Sacramento a grandesa de Christo, vendo-se tanto nelle a imagem da grandesa do Baptista,

porque para gloria do seu Precursor parece quis Christo occultar a sua grandesa no Sacramento, para que se visse melhor a grandesa, cõ que o seu Baptista nasce. Instituhio Christo o altissimo Sacramento, & adverte S. Joaõ que fora naquella hora, em que a noyte com a capa das sombras tudo cobre.

Cœnantibus autem eis, Matæ accepit Jesus panem... Erat autem nox; advertio mais o mesmo Evangelista, falando no nacimiento do Baptista, que nesse tempo apparecera hũa grande luz, que alumiaua a todo o Mundo:

Fuit homo missus à Deo. Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem, & o Sacramento quando se institue só he entre escuras sombras: *erat autem nox;* quando ao nascer do Baptista logo se lhe segue hũa luz. *Erat lux vera?* Sim; porque ao nascer do Baptista se lhe segue hũa luz, essa parece a razão, porq̄ o Sacramento se institue entre sombras; cõ a quella luz se vio qual era a grandesa do Baptista, porque sendo

26.

Joan.

13.

1.

sendo Christo esta verdadeyra luz, que alumiou a todo o Mundo: *Erat lux vera, quae illuminat omnem hominem*; por esta luz, & a esta luz se vio quem era o Baptista; & como já a sua grandeza tinha apparecido no Mundo: *Fuit homo missus a Deo*, pondo Christo toda a sua grandeza no Sacramento, occultou esta cõ as sombras daquella noyte, para que se ficasse vendo melhor a grandeza do seu Precursor; he verdade q, sendo Christo aquella verdadeyra luz, nella estava toda a sua grandeza, mas estava esta grandeza na luz: *Erat lux*; que parece não era necessaria para se ver a grandeza do Baptista menor luz, que a grãde luz do mesmo Christo: *Erat lux vera*. Se esta grande luz fizera reflexo no espelho do Sacramento, certo he não parecera grande a imagem do Baptista, que nelle se representa; & assim para q esta fosse bem vista, parece occultou Christo a sua luz, & instituhio o divinissimo Sacramẽto nas

escuridades da quella noyte. *Cœnantibus autem eis, accepit Jesus panem. Erat autem nox.*

Agora vejo me poderaõ dizer que o espelho de noyte não representa, porque sem luz não se vem nelle as imagens, & se o Sacramento foy instituido entre sombras, como pòde representar a imagem da grandeza do Baptista? Respondo q nenhum inconveniente pòde ter instituirse o espelho do Sacramento de noyte, para depois este espelho representar a seu tempo a imagem do Baptista; antes foy divina advertencia a instituição desta noyte, q como no Cenaculo não estava o Baptista, parece ficou reservada a vista deste espelho para quando o Baptista se lhe puzesse diante, como agora allí o vemos. Oh grãdeza do Baptista, que só se pòde ver o q he em tal Espelho! Oh maravilhoso Espelho, que só vòs podeis mostrar aos nossos olhos o que he o Baptista na realidade: *Videmus nunc per speculum:*

est considerare imaginem ut rem.

Visto naquelle Espelho o que o Baptista he na realidade, vejamos agora o que não he, por se ver só a sua semelhança: *Videmus nunc per speculume: st considerare imaginem, ut similitudinem.* O retrato mais semelhante ao original he aquelle, que na pintura se mostra melhor assombrado; & como a sombra não he realidade, só se explica o Baptista bem pela

Sylv. sua sombra: *Joannis magna-*
 tom. *lia non possunt explicari, nisi*
 1. *per umbram,* disse o douto
 lib. 1 Sylveyra, porque desta for-
 cap. te se explica o Baptista pelo
 8. que não he. Toda a sombra he muyto mayor que o corpo de quem he sombra; & se agrandesa do Baptista he aquella, que já vimos naquelle Espelho, muyto mayor deve ser a sua grandesa medida pela sua sombra, pela qual se vé a sua semelhança, & assim mayor se representa o Baptista naquelle Espelho, quando nelle se vé o que não he.

Todo Christo está em

todo aquelle Espelho, & em qualquer parte delle está tambem todo Christo; mas como parece instituhio aquelle Espelho somete para espelho do Baptista, quando Christo o instituhio, foy de sorte, que se pudesse ver toda a semelhança do Baptista em todo aquelle Espelho, & em qualquer parte delle tambem toda a sua semelhança. Depois q' Christo naquelle paõ se Sacramento, diz o Texto o partira, & repartira pelos seus Apostolos, *fregit, dedit que* Mat
discipulis suis; & não podia 26.
 Christo Sacramentarse de sorte, q' lhe não fosse necessario partir depois aquelle paõ? He certo que sim; pois para que o parte? Direy, o Sacramento (como já temos supposto) he o espelho, em que parece se vé a imagem da semelhança do Baptista; se aquelle espelho se não quebrara, se aquelle paõ senão partira, ficaria a semelhança do Baptista toda sómente em todo aquelle espelho, & não ficaria toda em qualquer parte delle;

&

& como qualquer espelho quando se quebra, & se parte, qualquer parte das quebradas representa toda a imagem, que inteiramente representava, para que a semelhança do Baptista se representasse toda em todo aquelle espelho, bastava instituirse o Sacramento; mas para que a semelhança do Baptista se representasse toda em qualquer parte, era necessario que em muitas partes se partisse; quebre-se logo o espelho, faça-se em pedaços, parta-se em muitas partes, para que representada em tantas a imagem do Baptista, se veja ser muito mayor a sua semelhança, *fregit, deditque discipulis suis.*

Se Christo reproduz a sua real presença naquelle espelho do Sacramento, & naquelle mesmo espelho parece também se reproduz a imagem da semelhança do Baptista, grande excellencia he a desta semelhança, & notavel grandesa he a do Baptista! Porque se a semelhança não he realidade, co-

nhece-se melhor o Baptista pelo que não he, que pelo que he. Quizeram os Sacerdotes, & Levitas por mandado dos Judeus conhecer o que era o Baptista, & perguntaram-lhe se era Elias, ou algum Profeta: *Elias es tu? Propheta es tu?*

E para saberem o que he o Baptista perguntam-lhe se he Elias, ou outro Profeta? Sim porque o Baptista nem he Elias, nem he algum dos outros Profetas, como elle mesmo disse: *Non sum*; mas como o queriam conhecer, perguntam-lhe o que elle não he; porque o Baptista melhor se conhece pelo que não he, que pelo que he: *Elias es tu? Propheta es tu?*

Non sum. Santo Augustinho meu Padre: *Respondit ille quod non erat, ut maneret quod erat*; dizendo o Baptista o que não era, ficou conhecido pelo que era.

Se os Sacerdotes, & Levitas viram no espelho do Sacramento a imagem da semelhança do Baptista, aqui também lhe poderiam fazer a mesma pergunta,

mas aqui tambem melhor conheceriam o que elle era; porque vendo reproduzida a sua semelhança em cada hum pedaço daquelle espelho, se lhe perguntassem se era Elias, algum dos Profetas, & ainda se era o mesmo Christo: ouvindolhe dizer o mesmo, que lá lhe disse:

Joan. 1. *Non sum, non sum ego Christus; não sou Elias, nem algum dos Profetas, nem sou Christo, ficava bem conhecido o Baptista, porque se conhecia pelo que não era naquelle espelho: Non sum.*

Neste espelho se depositou Christo na realidade, & postoque já disse, & he certo, que o Baptista não assistio à sua instituição; isto se entende da pessoa do Baptista na realidade; mas parece se não entende da imagem do Baptista na representação, porque esta parece assistio, quando Christo se Sacramentou. Sacramentou-se Christo, & Sacramentou-se com palavras: *Ait: Accipite, & comedite: hoc est Corpus meum; & são necessa-*

Mat. 26.

rias palavras para Christo se Sacramentar? A sua divina sabedoria assim o fez; & postoque ella sayba a verdadeyra razão, a que nos serve agora para gloria do mesmo Christo, & do seu Precursor, he; que todas as palavras necessitam de voz para se perceberem, & sendo o Baptista voz do divino Verbo: *Baptista vox erat Verbi.* Sacramentando-se Christo com palavras, a sua voz forçosamente havia de assistir a esta consagração, & se esta voz he hũa imagé do Baptista na representação, bem parece assistio esta imagem, quando Christo se Sacramentou: *Ait: Accipite, & comedite: hoc est Corpus meum.*

Sup. c. 17.

Ve-se no espelho do Sacramento o que o Baptista he pelo que não he; & se a semelhança de hũa pessoa não he a mesma pessoa na realidade, não podia faltar esta semelhança na instituição daquelle espelho, para que visto o que não era, melhor se conhecesse o que era o Baptista. No espelho do

Sa.

Sacramento está a Divindade *per concomitantiam*; & se a imagem do Baptista na representação acompanha sempre o Sacramento como voz de Christo, diremos q he divino o Baptista? Não; & falo verdade; mas diremos que foy tanto o Baptista os amores de Christo, que até o ultimo instâte de sua vida o acompanhou na sua imagem. Toda a voz he certo q no peyto se conserva, isto supposto, veja-se agora o como Christo morreu: *Emissa voce magna expiravit*; lançou Christo a sua grãde voz, & morreu; a sua grande voz, q era o Baptista, sempre dentro no peyto o acompanhôu, & sendo o peyto a officina do amor, dentro nesta officina era o lugar proprio do seu Baptista; & para que se visse lhe assistio este como seu amante naquelle peyto toda a vida, no ultimo instante della sahindolhe do peyto a sua imagem, morreu com o seu Baptista na bocca. *Emissa voce magna expiravit. Baptista erat vox Verbi*; assim

assistio a Christo toda a vida a voz do Baptista, & assim lhe assistio esta voz quando naquelle espelho se Sacramentou, & como nesta voz he o Baptista representado, ve-se esta imagem naquelle espelho, para que vendo-se nelle o que não he, por este conhecimento se conheça ultimamente a grandesa do Baptista: *Videmus nunc per speculum. Fecisti Domine de corpore tuo speculum. Est considerare imaginem ut similitudinem.*

Meu Santo, nesse divino Espelho do Sacramento considerey o que sois na realidade, & o que não sois pela semelhança, & não sey para qual destas partes me incline; porque se vos conheço pelo que sois, parecisme ainda muyto mayor: *Non surrexit maior*; & *Sup* se vos conheço pelo q não sois, vejo vos feytura particular da mão de Deos: *Manus Domini erat cum illo.* Eu me resolvo que só vos conhece o altissimo Senhor desse espelho, porque só

L 4 elle

Mat
ci
15.

Luc
1.

elle sabe o que fois, & o que não fois ; que eu contento-me agora só com saber que fois Joaõ, que se interpreta graça: *Joannes idest gratia.*

Al-
leg.

Esta he a de que necessitamos, para que vamos saber o que fois, & o que não fois nessa Gloria.



SER-

SERMAO

DO GLORIOSO

SANTO ANTONIO

Com o Sacramento exposto em dia da Santissima Trindade, & Profissão de hum Religioso no Convento de Cascaes dos Religiosos Re-
coletos de Xabregas. Anno de 1688.

Vos estis sal terræ. Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita. Matth. 5.

FRATE a Filosofia de emendar os seus dictames, (Senhor) porque com toda a facilidade lhe mostro parece ser falsa hũa das suas regras. He regra infallivel na Filosofia q̃ hũa coisa não pòde ser outra; & na pre-

sente celebridade, & Evangelho presente se vé que o grande Santo Antonio he sal, luz, & cidade: *Vos estis sal. Vos estis lux. Non potest civitas abscondi.* A Filosofia dicta que o sal não pòde ser luz, nem a luz pòde ser sal, nem o sal, & luz pòde ser

fer cidade, & o Evangelho affirma que, sendo Santo Antonio sal da terra: *Vos estis sal terræ*, foy luz do Mundo: *Vos estis lux mundi*, & sendo sal, & luz, foy tambem cidade posta no monte: *Non potest civitas abscondi supra montem posita*. Isto supposto, ou havemos de dizer que a Filosofia erra nos seus dictames, ou havemos de confeçar; que para o Evangelho ser proprio de Santo Antonio se deve inventar nova, & alta Filosofia. Assim he, que como Antonio he São tão singular, não permite a minha devoção entre em regras tão cômuas; mas nem por isso digo mais, que aquillo que o Evangelho diz. Antonio he sal, he luz, & he cidade, reduzido tudo a hum só Antonio. (que Antonio sempre foy só, porque sempre foy unico) He Antonio sal da terra, porque de sal teve o mais refinado espirito: he Antonio luz do Mundo, porque de luz teve o espirito purificado: he Antonio cidade posta sobre o monte,

porque de todos os homêis (que por elles se entende esta cidade) teve o espirito unido; & tendo o espirito de sal, de luz, & de cidade, tudo isto era hum só Antonio: *Probabilius voluisse Christum tribus similitudinibus salis, lucis, & civitatis rem unam, eandemque significare*, disse o douto Maldonado. Mal don. in Mal 5:

Parece nova, & alta esta Filosofia? Será porque se não comprehende, mas he tão antiga como o mesmo Deos, & senão, advirta-se no dia, & confeçaráo verdadeyro o modo de filosofar. Hoje não só he o dia de Santo Antonio, mas tambem he o dia da Sãtissima Trindade; já se conhece o alto, o sublime, & ineffavel modo de filosofar, que neste ponto pára toda a Filosofia, por ser o principal mysterio da nossa Fé; já se conhece; porq̃ na Trindade ha tres Pessoas distinctas, sendo hũa só a Essencia; nem o Pay he o Filho, nê o Filho he o Pay, nem o Pay, nem o Filho he o Espirito Santo; nem o Espirito

pirito

Am-
brof.
Abb.
in
com-
mēt.
3.
divi
Dio-
nyf.
Arc-
ep.

pirito Santo he o Pay, nem o Filho. Esta he a divina fonte, aonde Antonio bebeu toda a sabedoria, como disse o Abade Ambrosio; & se a fonte foy taõ alta, como naõ havia de subir tanto de poto a sua Filosofia. No Ceo, he de Fé, haver hũa Trindade em hũa só Essencia, em Antonio, naõ he fé, porque he evidencia haver tambem hũa trindade em hũa só natureza. Na Trindade do Ceo attribue-se o poder ao Pay, a quem se propria a cidade pelo poderoso; na trindade de Antonio està o poder da cidade espiritualizado. Na Trindade do Ceo attribue-se a sabedoria ao Filho, a quem se assemelha a luz; na trindade de Antonio està a sabedoria alumiada no puro do seu espirito. Na Trindade do Ceo attribue-se o amor ao Espirito Santo, que tudo une, a quem se parece o sal, que tambem une, que aperta; na trindade de Antonio està o amor taõ subido de ponto, que de todo o sal tem o espirito, & por este

fer de Antonio he espirito do Santo. Finalmente se o poder, sabedoria, & amor no Ceo estaõ em hũa real natureza; poder, sabedoria, & amor em Antonio estaõ em hũa nobre entidade. Oh Antonio Santo, que parece nacestes para hum vivo retrato da Trindade! Pois o mesmo dia da Trindade he hoje o proprio dia de Santo Antonio. A Trindade do Ceo assiste *per concomitantiam* naquelle Sacramento, & se a festa de Santo Antonio he tambem festa da Trindade, naõ podia faltar a assistencia daquelle Sacramento, que se Antonio he sal, luz, & cidade: *Vos estis sal. Vos estis lux. Non potest civitas abscondi*; sal, luz, & cidade he tambem Christo naquelle Sacramento, como diz Laureto nas suas Allegorias.

A ultima circunſtancia, que me disse, tinha esta festa, quem me escolheu para o seu desempenho, he hũa Profissaõ, que ainda agora se vio, aqual pelas circunſtancias, q encerra, he digno assumpto

assumpto para hum panegyrico. Eu apontarey as circumstancias, que he só o que o tempo me dá lugar, & seja cada hum de vós o seu orador. Mereceu o novo Professo com esta Profissão ter hum Habito, mereceu ter hũa coroa, & mereceu ter hũa palma. Mereceu ter hũ Habito de humildade, naõ só porque este he o braço do Habito Franciscano, mas porque prometteu ser obediente, que só pôde verdadeiramente obedecer quem na realidade for humilde. Mereceu o novo Professo ter hũa coroa, (que os Noviços nesta Religião naõ trahem coroa, mas entãõ se lhes abre, quando profecam) porque prometteu o ser pobre, & só a quem for taõ pobre, como manda S. Francisco, he que merece hũa coroa. Mereceu tambẽ o novo Professo o ter palma, (que palma levam tambem os Religiosos Franciscanos, quando os levam à sepultura) porque prometteu castidade; & só quem for taõ casto, que resista até

orgulha

o ultimo instante a todos os combates, merece levar a palma.

Porẽm advirta agora o novo Professo que não basta para a salvação ter merecido este Habito, esta coroa, & esta palma, senãõ q̃ deve continuar com este merecimento até o ultimo instante de sua vida, como fez seu Irmaõ, Santo Antonio, que até o ultimo instante foy cidade, foy sal, & foy luz; foy cidade na pureza, sal por pobre, & luz por obediente; foy cidade na pureza, porque com hũa cidade se desposou aquelle Deos: *Vidi sanctam civitatem, sicut sponsam ornatam viro suo, &* só pôde ser Esposa daquelle Deos hũa cidade racional taõ pura, que seja hũa santa: *Vidi sanctam civitatem.* Cidade deve considerar o novo Professo he a sua alma, com quem aquelle Deos hoje se desposou, & assim deve ser taõ pura, que nem hum só pensamento deve ter mais que como se fora hũa cidade de pedra. Foy Antonio sal, naõ só porque tendo

A-
poc.
21.

tendo mil pedras, teve mil graças, mas porque foy pobre. He tão pobre o fal, q dando tudo quanto tem, até o mesmo ser muda, quando em agoa se converre; fal se deve considerar o novo Professo, porq se tinha ser rico, deve mudallo em ser pobre. Foy Antonio finalmente luz, porque foy obediente. He tão obediente a luz, que a qualquer ar se move, & a qualquer acção obedece; luz se deve considerar o novo Professo tão obediente, que à menor acção do Prelado deve inclinar-se, & a qualquer palavra sua obedecer-lhe. Desta sorte confeçará todo o Mundo tem Santo Antonio hum Irmaõ, que he cidade na pureza, fal por pobre, & luz por obediente, & que he este outro Santo Antonio; de Lisboa, nem de Padua não será, mas pôde ser hum Santo Antonio de Cascaes: assim o permitta Deos.

Supposto não ha mais circunstancias, que descobrir, vamos ao assumpto, q será subido, porque será purifi-

cado. O Evangelho he comum para todos os Santos Doutores, & como eu já disse q Antonio era exceção da regra commua, forçosamente havemos de descobrir algũa particularidade, que seja assumpto só de Santo Antonio. Dizer que Antonio foy fal, luz, & cidade, de todos os Doutores o canta a Igreja, & como canta tambem de São Antonio este Evangelho, he forsa que diga foy fal, luz, & cidade: *Probabilis Christum voluisse tribus similitudinibus rem unam, eandemque significare*; porém todo o fal, de que fala o Evangelho, havemos refinar de sorte, que lhe havemos de tirar o espirito, & este foy Santo Antonio: toda a luz havemos purificar de qualidade, que só ficará o luzido de seu espirito; & este foy Santo Antonio: & de toda a cidade, ou de todos os homens (que na opiniaõ de Laureto tudo he o mesmo: *Civitas supra montem posita designare potest homines*) havemos de examinar o mais affe-



Mal don. in Mat

5,

Al. gel.

afectuoso, & puro de seus espiritos; & este foy Santo Antonio; com quem Antonio se resumiraõ os espiritos de sal, luz, & cidade, ou dos homens. Que subidos espiritos que teve Antonio! & por estas particularidades, sendo o Evangelho comum, fica sendo hoje só de Antonio. Vamos vendo estes espiritos, & começemos pelo sal para começar com graça.

Vos estis sal.

INventaram os Químicos com engenhosa, & subtil arte tirar o espirito ao sal, & como este tem as propriedades de apertar, preservar, & dar gosto, purificaram tanto estas propriedades, & as subiram tanto de ponto, que refinando ao sal, lhe tiraram o apertar no mayor grao, o preservar no mayor ponto, & o dar gosto em summo, & a estas quintas essencias chamaram espirito do sal. Esta nova arte obram engenhosamente os Químicos no sal material; & esta nova invenção quero eu pôr por obra

no sal Evangelico. O sal Evangelico tambem aperta, preserva, & dá gosto como todo o sal; porém se se refinar este sal Evangelico, tambem se lhe pôde tirar o mais puro do apertar, preservar, & dar gosto; & este apertar no grao mais subido, este preservar no mayor ponto, & este dar gosto em summo, serà o espirito do sal Evangelico, & este he o espirito de Santo Antonio nesta parte, por ser hũa quinta essencia.

O exercicio de Antonio em toda a sua vida foy traer sempre muyto diante dos olhos os vicios para os reprehender, porque a cidade, que via mais propensa aos vicios, & mais peccaminosa nas solturas, essa lhe levava tanto os olhos, que della senão podia apartar. No pulpito estranhava os vicios com singular asperesa, no confissionario os reprehendia com natural affabilidade, & no particular tambem os admoeitava com resolução maravilhosa; não faziam os olhos de Antonio mais

mais que advertir, & examinar vicios para os expulsar, ainda com evidente perigo de sua vida, porque comêdo em certa occasião com hum hereje, lhe deu peçonha refinada em hũa iguaria, & elle conhecendo o perigo, comeu a peçonha para ficar sem ella o hereje; & se com tanta resolução, não fazendo caso do perigo, se voltava contra os vicios, não se apartando da cidade, em que os via mais exorbitantes, certo he que era todo sal Antonio, porq̃ nelle se via com admiração o seu espirito.

Sahindo Lot cõ sua mulher, & filhas da cidade de Sodoma, lhes foy advertido pelos Anjos não voltassem os olhos para a cidade sobpena de incorrerem em seu castigo; porém a mulher de Lot, não sey se por esquecida da advertencia, ou por demasiadamente lembrada, voltou os olhos para a cidade, quando Deos logo a converteu em estatua de sal.

Gen. 19. *Respiciensque uxor ejus post se, versa est in statuam salis.*

E porq̃ não converte Deos esta mulher em outra qualquer materia, que não seja sal; se quer que esta mulher fique immovel, seja estatua de pedra, & serà hũa penha; se quer que fique sempre no mesmo estado, forme lhe de bronze a estatua, & serà eterna; mas nem em pedra, nem em bronze converte Deos esta mulher? Não; a cidade de Sodoma estava-se abrazando pelos muytos vicios, em que se empregavam os seus moradores; & mulher taõ resoluta, q̃ supposto o evidente perigo de vida, que lhe tinham certificado os Anjos, se resolve a voltar os olhos para a cidade, aonde os vicios foram taõ grandes; esta mulher nem he pedra, nem he bronze, tem sim tanto espirito de sal, que em toda sal a converte Deos, *versa est in statuam salis.*

Toda espirito salino, porque toda sal ficou esta mulher; todo sal, porque todo o seu espirito foy Antonio; mas com muyta differença, que esta mulher foy sal natural,

tural, & Antonio foy fal Evangelico ; naquella mulher se se achava o espirito de fal, faltaram-lhe as suas propriedades, verdade seja, que lá pos os olhos nos vicios, mas não lhe deu nenhũ remedio, & ser fal sem as suas propriedades, he castigo, como foy nesta mulher; porém Antonio sendo fal Evangelico, teve taõ subido o seu espirito, q̃ a quem se applicou, ficou remediado. Nos herejes he que empregou todo o seu aperto, publicando estes a efficacia do seu fal quãdo se sentiam preservados, & os Catholicos o tomavam muyto em gosto. Taõ activo foy o espirito de Antonio, q̃ vendo podia ser remedio a huns herejes, se apertasse com os mesmos brutos, a estes venceu tanto o natural, q̃ lhes fes perverter a ordem da sua irracional natureza.

Bem sabido he aquelle caso, que não querendo Boluino, & outros mestres Sectarios ouvir o seu Sermão, para converter a sua contumacia chegou a hum lago

de agoa, & chamando aos peyxes, que tambem tem sua republica, pequenos, & grandes, & até os mesmos peyxes reis levantando os meyos corpos sobre a agoa, ouviram com admiravel quietação o Sermão de São Antonio. A' vista de hum taõ grande prodigio deyxaram os herejes a sua seyta, confeçando que a efficacia deste aperto foy o total remedio da sua preservação. Duas vezes, se bem se advertir, venceu Antonio neste caso o natural dos peyxes; a primeyra foy obrigar a obedecer a quem não tem uso de razaõ; a segunda cõservar a vida aos peyxes fora do seu centro. He Filosofia certa confirmada na experiencia, que nenhum vivente pôde ter vida fóra do seu elemento: porque o homem não pôde viver sem terra, em que se firme; as aves fora do ar não tem vida; a salamandra fora do fogo perece; & os peyxes vendo-se fora da agoa, logo morrem; porém nesta occasião vivendo fora do seu elemento

elemêto os peyxes, viviam tão alegres, como se foram peyxes debayxo da agoa. Assim apertou Antonio cô estes animaes, vencendo-lhes a natureza para preservar a natural inclinação de homens, que pareciam mais que brutos.

Mas já sey me dizem que o sal, que se communica aos peyxes apertandoos, não he sal da terra, senão sal do mar; & de Antonio não diz o Texto q fosse sal do mar, senão sal da terra: *Vos estis sal terra.* Respondo que, sendo Antonio sal da terra, como diz o Evangelho, devem todos confeçar à vista deste caso que subio tanto de ponto o espirito salino de Antonio, & foy tão refinado este sal, que até no mar se viram os seus effeytos. Bem me podia en agora embarcar com esta resposta, q com Antonio diante sempre se vay bem navegado; porém cesse toda a duvida, que eu mostro em hum dos brutos da terra hum prodigio semelhante. Assistindo Antonio em França, se le-

vantou a heresia dos Sacramentarios, que negavam a real presença de Christo no Sacramento; disputou Antonio este ponto com os herejes, & depois que se viram convencidos, appellaram para milagre. Aceytou Antonio a appellação, (que a sua vida já se sabe he fazer milagres) & affentaram todos que, se hum bruto, depois de não comer tres dias, pondo selhe diante o que só para elles he laboroso mantimento, não comesse, creiam estava a real presença de Christo naquella Hostia. Determinou-se o dia, & à vista de innúmeraveis herejes, & muytos Catholicos celebrou Missa; levando o Sacramento em suas mãos, mandou vir o faminto bruto, & pondo selhe o comer diante, lhe falou Antonio desta sorte: Em virtude de Jesu Christo, cujo Corpo tenho em minhas mãos, te mando, creatura irracional, adores a teu Creador. Ao impulso desta voz à vista daquella multidão de gente deyxou o bruto o comer,

& prostrado em terra adorou ao seu Creador naquella Hostia. Cõfessaram logo os herejes a presença de Christo naquelle Sacramẽto, sendo o sal daquelle espirito Evangelico não só de summo gosto para os Catholicos, que allî estavam, não só preservativo, apertando aos herejes, mas vencendo a propensaõ, & voràs appetite daquelle bruto. Oh maravilha sem semelhança na terra! Mas se me não engano, no Ceo cuydo vio já o Evangelista prodigio com algũa semelhança deste.

No Ceo vio o Evangelista innumeravel gente:

A. Erat numerus eorum millia

poc. millium, que estava para ver

5: hum livro, o qual só pode

abrir hum cordeyro, & est

tando naquelle throno qua

tro animaes, tanto q̃ o cor

deyro lançou maõ do livro,

& o abriu, com toda a pressa

se lançaram por terra, ado

ibid.

rando-o: *accepit librum. Et cum aperuisset librum, quatuor animalia ceciderunt coram agno.* E que motivo te

riam estes animaes para se lançarem por terra à vista de tanta multidaõ? Veja-se o mysterio, & logo se conhecerà o prodigio: toda aquella multidaõ estava para ver o que naquelle livro se encerrava, o qual no sentir de S. Bernardo, & outros *Sylva* muytos Padres era figura *in* expressa daquelle Sacramẽto. Aquelle cordeyro estã *poc.* do vivo, estava como morto: *A. Vidi agnum tanquam occisum;* & para o dizer mais *poc.* claro, vivia aquelle cordeyro *S.* amortalhado, & amortalha que vestia, era hũa pequena de lã junto à carne; & cordeyro de Deos vivendo como morto, ou vivendo amortalhado, servindo-lhe de mortalha hum vestido, ou habito de lã junto à carne, estando com o Sacramento nas mãos diante de animaes à vista de innumereis creaturas, esperando todos lhes fizesse patente o que no Sacramẽto se occulta, não parece podia ser outro este cordeyro, senão hũa figura de Antonio; pois se este cordeyro diãte de todos tomou

tomou em suas mãos aquelle livro : *accepit librum*, & o abriu : *cum aperuisset*; mostrando que encerrava a real presença de Christo Sacramento; que haviam de fazer aquelles animaes, fenaõ adorar com toda a submissão aquelle divino livro, que nas mãos daquelle cordeyro viam, *quatuor animalia ceciderunt coram agno*.

Este he o caso verdadeyro, que succedeu no Ceo àquelle cordeyro de Deos; & este mesmo parece he o successo, que na terra tambem aconteceu a Antonio, que tambem foy hum cordeyro de Deos; mas se este caso succedeu no Ceo, como aconteceu na terra, & se aconteceu na terra, como succedeu no Ceo? Respondo; & seria esta aprimeyra vez q̄ Santo Antonio assistio em dous lugares? Naõ por certo; porque duas vezes lhe aconteceu, estando prégando, assistir no mesmo tempo ao Coro, & cantar duas Lições, que lhe estavam encomendadas; & outra vez estando prégando

em Padua, diante de todo o povo ficou suspenso, & veio a Lisboa livrar a seu pay da morte, de que estava innocente, como deos o mesmo morto, que fes resuscitar da sepultura. Oh maravilha das maravilhas de Antonio! Amavilhada das maravilhas he Christo no Sacramento: *Miraculorum ab ipso factorum maximum*; & hũa das razões desta maravilha he multiplicar o Sacramento a sua presença tão repetidas vezes como sabemos; & se Antonio multiplica tambem a sua presença, bem mostra affemelhar se naquelle Sacramento com Christo; eu o mostro no mesmo cordeyro, de que já faley.

Devendo o Evangelista dizer que aquelles animaes rendiam as suas adorações àquelle livro, que figurava o Sacramento, disse que se prostraram diante do cordeyro, *ceciderunt coram agno*. E ao cordeyro, & naõ ao livro he que adoram? Assim o quis dizer o Evangelista, & he certo que disse o que

devia dizer, & a razão, que agora me parece he, q̄ como aquelle cordeyro figurava a Santo Antonio, em multiplicar prodigiosamente a sua presença parece se equivoca tanto com Christo Sacramentado, & tanto a elle se affemelha, q̄ parece achou o Evangelista ser o mesmo adorar o livro, que render genuflexões ao cordeyro, *cecidierunt coram agno*. Assim se equivocou Antonio com o Sacramento; mas não só se affemelhou a elle pela multiplicação das presenças, senão também pelo espirito salino, que teve. Naquelle Sacramento se admiram as propriedades do espirito do sal mais refinado; aperta tanto aquelle Sacramento com os homens, que obriga a todo o Mundo que o coma sobpena de morte:

Joan. Nisi manducaveritis carnem
6. Filii hominis, & biberitis ejus
sanguinem, non habebitis vi-
tam in vobis; preserva tanto
de tudo o que pôde ser da-
noso, que certamente dá vi-
Ibid. da. Qui manducat hunc pa-
nem, vivet; & dá tanto gosto

a quem dignamente o come, que de todos os gostos he hũa cifra: *Omne delectamentum in se habentem*. Estas mesmas propriedades são hũa admiração em Santo Antonio; porque apertou até có os mesmos animaes, preservou amilhares de herejes, sendo para os Catholicos todo o gosto; & tendo o espirito de sal, subio tanto de ponto, que parece foy sal do Ceo quando lá viram aquelles animaes o seu espirito; foy sal do mar, como diriam os peyxes, se falaram; foy sal da terra, como poderiam testemunhar os seus brutos, mas em seu lugar o publicou tanta multidão de brutos racionaes, q̄ sem numero foram os herejes, q̄ converteu; mas posto que Antonio se visse no Ceo, & se experimentasse no mar; sayba-se para mayor prodigio que de sal da terra he que tinha sómente o espirito: *Vos estis sal terrae*.

Refinado já o espirito do sal, segue-se apurar o espirito da luz; deste pôde ser o seu Quimico qualquer juiso claro,

claro, que o espirito da luz he tão levantado, & ve-se tanto, que só hum cego o não poderá ver subir. Entra hũa tocha acesa em qualquer caza escura, & logo se vé que desterra todas as trevas; à sua vista todos se conhecem; está a sua luz tão flammante, que a si mesma se abraza; para se mostrar ayrosa tremòla com qualquer ar; he tão bella, que a todos leva os olhos; he tão fermosa, que nunca lhe falta hũa borboleta, que por ella morra de amores; & finalmente quando figura a luz Evangelica, diz Christo que ninguem a esconde.

Mat Neque accendunt lucernam,

5. & ponunt eam sub modio; porque sempre deve dar final

Ibid. de si, ut luceat omnibus. Esta he em summa abreve copia de qualquer luz; porém advirtam q̄ por mais diligencia que se faça por abater hũa luz, sempre o seu espirito para o alto sobe, para o seu centro aspira, & para o Ceo se levanta.

Oh espirito de luz Antonio Santo! Quantas trevas

que desterrastes! a quantos fizestes conhecer, conhecendo o seu erro! Como fostes sempre flammante, pois vos abrazava Etna esse coração de puro fogo! Também essa luz foy muyto ayrosa, porq̄ todos vos viram sempre de muyto bom ar; não vos faltaram borboletas racionaes, porque nunca vos faltaram devotos, & amantes, que morressem de amores abrazados na luz Evangelica, que lhe communicaveis! Sobejaram as diligencias para se esconder essa luz, mas por mais que vos quieriam occultar, por mais que vos quizessem abater, sempre o espirito dessa luz, como tão grande: *hic magnus vocabitur*, em raptos para o ar se levantava, & em *Mat* 5. extasis para o Ceo, que era o seu centro, sempre subia. Este foy em summa o espirito da luz de Antonio; mas não me dou por satisfyto em lhe tirar o espirito na luz de qualquer tocha, por ser pequena, que até entre as luzes ha mayoria, & quando menos dada por Deos.

Gen. *luminare maius, luminare*
 1. *minus*; & he certo que quã-
 to maiores forem as luzes,
 tanto maiores seraõ os seus
 espiritos; tiremos o espiri-
 to de Antonio por esta luz,
 que Deos achou era a ma-
 yor: *luminare maius*.

Esta luz já se sabe q̄ foy
 o Sol, o qual he taõ activo
 nos seus luzimentos, que
 não só dá luz, mas tambem
 cega; ninguem pos os olhos
 no Sol, que não cegasse, &
 ninguem tambem (se não
 foy cego) cõ a sua luz dey-
 xou de ver. He privilegio
 particular das Aguias exa-
 minar a olhos vistos do Sol
 os rayos, & como eu sou fi-
 lho da mayor Aguia de A-
 frica, desculpado me fica o
 arrojo de querer examinar
 o Sol de Antonio rayo a ra-
 yo. Quãto mais que como
 Antonio foy já filho desta
 Aguia, bem conhece hum
 Irmaõ a outro Irmaõ, &
 creyo q̄ esta mudança, que
 Antonio fez de Religiaõ,
 foy hũa amorosa penna, que
 nasceria mais no peyto des-
 ta Aguia; mas teve descul-
 pa Antonio, que na minha

Religiaõ seria sómente A-
 guia, & nesta sagrada Reli-
 giaõ foy Sol. Tornemos
 aonde ficámos. Que o espi-
 rito desta luz dêsse vista,
 sem numero saõ os cegos, q̄
 o publicaram; & que o es-
 pírito desta luz cegasse, &
 dêsse vista juntamente, tes-
 temunha o presente caso.
 Quizeram certos herejes
 eclipsar os rayos desta luz,
 & tomaram por instrumen-
 to a hum pobre homem de
 sua mesma seyta, (que só
 quem fosse tal como elles
 poderia aceytar semelhan-
 te commissaõ) dizendolhe,
 cubrisse o rosto com hum
 lenço tinto em sangue, &
 desta sorte fosse lastimando-
 se a Santo Antonio, pedin-
 dolhe restituiffe a luz de
 seus olhos, que tinha perdi-
 do por desgraça, estando
 cortando lenha. Sahio o ho-
 mem fingindo-se taõ lasti-
 moso, que parecia mover a
 compayxaõ o coração mais
 duro, & sahiram juntamen-
 te com elle os herejes, que
 quieriam fazer zombaria do
 Santo. Chegados todos à
 sua presença, & proposto o
successo,

Chrõ
 nica
 Serrã
 ficã,

sucesso, pediu o homem o seu remedio; porém Antonio conhecendo o seu intento, lhe disse: Tira o lenço da cara, que já tens o remedio, que merece a tua boa fé, & destes que te acompanham. Aquí já os herejes não puderam dissimular o riso, julgando se tinha logrado o seu intento. Mas oh caso maravilhoso! foy o miseravel homem tirar o lenço do rosto, & a si mesmo arrancou os olhos, que lhe foram pegados no lenço, fahindo do lugar, em que estavam, duas copiosas fontes de sangue. Com a dor dos olhos arrancados entrou naquelle homẽ a dor propria do coração, & pedindo a Santo Antonio perdaõ da sua culpa, promettendo efficaamente converterse, & emendar a vida, lhe restituhio Santo Antonio os olhos arrancados, & cõ elles juntamente a sua vista.

Advertiram como o espirito de Antonio tem tanto de Sol, que juntamente cega, & dá luz? Cegou primeyro aquelle miseravel

homem, pondolhe os olhos nas suas mãos, & deu lhe luz, restituindo-lhe a vista. He este caso taõ maravilhoso, que por caso raro parece o contam os Evangelistas de Christo. Quis Christo dar vista a hum cego, & fazendo da saliva, & pô da terra hũa massa, *fecit lutum* ^{Joan.} *ex sputo*, cubrindo-lhe com ella os olhos, *linivit lutum super oculus ejus*, o mandou lavar na fonte Siloe: *Vade, lava in natatoria Siloe*. Este remedio de Christo já se vé que naturalmente he mais remedio para cegar, q̃ para dar vista, porque se hũa pequena aresta basta para impedir a vista dos olhos, que faria tanto lodo posto nelles? Assim he, mas repare-se; q̃ todos os cegos, posto que não vejam, sentem a luz nos olhos, & como o espirito de Christo era taõ luzido, que já no nacimiento foy Sol: *Orietur vobis Sol*, parece havia de cegar este cego de qualidade, q̃ nem a mesma luz sentisse, porque lhe era impedimento o lodo. Atéqui está bem; mas para

que o manda lavar, *lava?*
 Direy, ao lodo posto nos
 olhos servem os mesmos
 olhos de forma, & no lodo
 ficam impressos os mesmos
 olhos; quando o cego se fosse
 lavar na fonte, forçosamen-
 te havia de arrácar os olhos
 de lodo, & ficavam os olhos
 nas mãos do cego; & como
 Christo naceu com o espiri-
 to de Sol, querendo dar vis-
 ta a hum cego, havia de ce-
 gallo primeyro mais, havi-
 am lhe de cahir os olhos da
 cara, nas mãos do cego se
 haviam de ver os olhos, &
 depois de todas estas circú-
 tancias completas, he q̄ lhe
 restituhio a vista, *lavi, &*
video. Examine agora cada
 hum consigo bem (já que
 eu me não posso deter) se
 tem muyta semelhança este
 caso raro de Christo com o
 prodigioso caso de Anto-
 nio.

Ainda me não satisfazo
 com tirar o espirito de San-
 to Antonio da luz do Sol,
 porque ainda lhe confidero
 outro espirito de superior
 esfera. Havia hum Noviço,
 a quem molestava tanto hū

espirito de tristesa, q̄ quasi
 dava consentimento à ten-
 tação de deyxar o habito;
 foy revelada a Santo Anto-
 nio a tentação do Noviço,
 & abrindo-lhe a bocca, o
 basejou, dizendo: *Accipe* ^{Chro}
Spiritum Sanctum: recebe ^{nica}
 o Espirito Santo. O Novi- ^{Sera}
 ço cahio logo em terra sem ^{sica}
 sentidos, & o Santo em no-
 me de Jesu Christo o fez
 despertar daquelle lethar-
 go, & confessou que todo o
 tempo, que estivera abfor-
 to, estivera entre Coros de
 Anjos vendo maravilhas
 tão raras, que mal as podia
 explicar a lingua; o Santo
 o mandou callar, & q̄ desse
 muytas graças a Deos. Este
 espirito, que Antonio infū-
 dio neste Noviço, ou foy o
 Espirito Santo, ou foy o seu
 espirito, que tambem foy
 de Santo; se foy o Espirito
 Santo, já se vé assistia a An-
 tonio hum Espirito tão lu-
 zido, que era o mesmo fo-
 go: *Ignis dicitur Spiritus Sa-* ^{Al-}
ctus, disse Laureto; & se ^{leg:}
 aquelle espirito foy o de
 Antonio, parece se sacra-
 mentou à semelhança de
 Christo

Christo no Sacramento. Sacramento Christo o seu Corpo, dizendo que o recebessem pela bocca: *Accipite, & comedite: hoc est Corpus meum*, Antonio tambem (ao nosso modo de explicar) sacramentou o seu espirito, dizendo àquelle Noviço o recebesse tambem pela bocca: *Accipe Spiritum Săctum*. Em duas clausuras se occultou o divino Verbo; a primeyra foy a da nossa humanidade; a segunda a daquelles accidentes; em duas clausuras se reclusou tambem o espirito de Antonio, hũa nos Conigos Regrantes, outra na insigne Religião do Patriarca Saõ Francisco, a primeyra clausura do Habito Regrante pòde corresponder em Christo ao habito da humanidade, q̃ assim lhe chamou Saõ Paulo, *habitu inventus ut homo*, por ser habito inteyro, & sem remendos. A segunda clausura do habito Franciscano Capucho, por ser de retalhos varios, pòde assemelhar-se ao vestido daquelles accidentes, que como saõ

muytos, & diversos, parece se lhe pòde chamar habito de remendos.

Depois que Christo se Sacramento, & se vestio da variedade daquelles accidentes, parece estava em terra estranha, porque disse estava fóra do seu Reyno: *Regnum meum non est de hoc mundo*. Depois que Antonio occultou o seu espirito no habito Franciscano de retalhos, naõ só mudou o nome, naõ só lhe ficou o sobrenome de estrangeyro, mas deyxando o natural de Lisboa, tambem deyxou o Reyno para viver estrangeyro. Desta forte Sacramento Christo o seu Corpo, & desta forte parece sacramentou Antonio o seu espirito, o qual foy tirado do espirito luzido da tocha, do espirito brilhãte do Sol, do espirito abrazado do fogo, unindo se esta trindade de espiritos em hum só espirito de resplandecente luz de todo o Mundo: *Vos estis lux*.

Resta finalmente tirar o espirito da Cidade, q̃ se naõ pòde

Mat
26.

Ad
Phi-
lip.
2.

Joan.
18.

pode esconder posta sobre o monte. *Non potest civitas abscondi supra montem posita;* & para o dizer mais claro, resta tirar o espirito de todos os homens, que na opinião de Laureto he o que significa aquella cidade: *Civitas supra montem posita designare potest homines,* porq̃ esta he a ultima propriedade do espirito de Antonio. Com toda a facilidade he Quimico qualquer Filosofo para tirar este espirito com as suas precisões, porque de todos os espiritos dos homens faz hum aggregado, & se este foy o espirito de Antonio, digamno todos os homens do Múdo; compõem-se este de Reis, grandes, & pequenos; & poderá qualquer Rey, grande, ou pequeno dizer que movendo o seu espirito para Santo Antonio, & achando todos nelle o seu remedio, não he o espirito de Antonio hum espirito universal, que para todos se reparte? He certo que ninguém tal dirá, quando a experiencia he taõ clara nos

continuos milagres do nosso Santo.

Neste particular subio tanto o espirito de Antonio, que parece não podia subir mais. No principio do Múdo era levado o Espirito de Deos sobre as agoas: *Spiritus Domini ferebatur super aquas.* Reparem que não diz a Escriitura andava o Espirito de Deos sobre as agoas, senão que das agoas era levado este Espirito, *ferebatur*; & tanto andou o Espirito de Deos à vontade das agoas, que se movia para onde ellas queriam? Verdadeiramente que, se a Escriitura não dicesa que este Espirito era de Deos: *Spiritus Domini*, poderia eu duvidar se seria este o espirito de Santo Antonio. Pelas agoas entende Santo Augustinho meu Padre aos homens: *Aqua multa populi multi*; porq̃ assim como na republica dos homens ha Reis, grandes, & pequenos, tambem na republica das ondas ha hũas que parecem reaes, outras que são grandes, & outras pequenas;

Alleg.

Gen.

1.

Div.

Aug.

quenas; as ondas que parecem reaes, são aquellas, que encrespadas sobre as nuvês, & querendo subir às estrellas, de lá parece descem coroadas com as suas mesmas escumas, servindo-lhes o proprio azul de engastes às suas perolas; as ondas que são grandes, são aquellas, a quem se submettem as pequenas, & as ondas que são pequenas, são aquellas, que nesse mar se vem mais rasteyras. Supposta esta intelligencia do mar do Mundo, já se pôde entender o *ferebatur* daquelle divino Espirito. Movia-se naquellas agoas hũa real onda, & aquelle Espirito, *ferebatur*, deyxava-se levar daquella onda, seguindo a sua propensaõ: movia-se naquellas agoas hũa grande onda, & aquelle Espirito, *ferebatur*, deyxava-se levar daquella onda, seguindo o seu natural: movia-se finalmête naquellas agoas a menor onda, & aquelle Espirito, *ferebatur*, deyxava-se levar daquella onda, fazendo-lhe a vontade. Era este espirito

hum espirito universal, que em todas as ondas se achava, & se o espirito de Antonio aqualquer onda, & a qualquer homem sempre assiste, despachando as suas petições conforme a sua propensaõ, o seu natural, & a sua vontade, tendo hum espirito taõ universal; bem dizia eu que, se a Escrittura não dicera que aquelle Espirito era de Deos, poderia suppor era aquelle espirito de Antonio; mas senão foy seu na realidade, ninguém duvidará que o espirito de Antonio foy participado nesta universalidade do Espirito do mesmo Deos: *Spiritus Domini ferebatur super aquas.*

Destá sorte communica Antonio o seu espirito a todos os homens, porque tambem Christo se communica a todos no Sacramento; & como o espirito de Antonio (como já disse) vivia a seu modo sacramentado, certo he havia de imitar nesta parte tambem a Christo no Sacramento. Consagra Christo o seu Sangue, & diz assim;

Mar
ci
14.

assim: *Hic est Sanguis meus novi testamenti, qui pro multis effundetur*; este he o meu Sangue, que se ha de espalhar, & diffundir pelos homens. E porque mais o Sangue, que o Corpo se ha de espalhar pelos homens, sendo assim o Sangue, como o Corpo igualmente communicaveis, porque se o Sangue se communga, o Corpo tambem se come. *Caro mea verè est cibus: & sanguis meus verè est potus?* A razaõ, que me parece he; porque no Sangue principalmente residem os espiritos vitaes; & se no Sangue de Christo està o seu vital espirito, he este taõ universalmente communicavel, q' so deste affirmamta que se ha de diffundir, & só deste diz que pelos homens se ha de espalhar: *Hic est Sanguis meus novi testamenti, qui pro multis effundetur*. Esta he a propriedade de communicavel, q' o Espirito de Christo singularizou no Sacramêto, porque sendo para todos, he para Reis, grandes, & pequenos; & esta tambem he a singu-

laridade de communicativo, que particularizou o espirito de Antonio, naõ só nos seus cõtinuos milagres, quando a seu modo sacramentado, foy communicativo de Reis, grandes, & pequenos, reduzindo-se esta trindade de espiritos em hũ só espirito de Antonio; mas tambem porque foy communicativo de todo o sal, de toda a luz, & de todos os homens: *Probabilius, voluisse Christum tribus similitudinibus rem unam, eandemque significare*: foy communicativo de todo o sal, porque de todo o sal Evangelico sahio refinado o seu espirito salino por quinta essencia: *Vos estis sal terra*; foy communicativo de toda a luz, porq' de toda a luz do Mundo purificada sahio o seu espirito luzido: *Vos estis lux mundi*; & foy ultimamente communicativo de todos os homens entendidos pela cidade, porq' de todos os seus espiritos sahio o espirito de Antonio cidadão da melhor Cidade. *Non potest civitas abscondi supra montem posita.*
 Meu

Joan.
6.

Mar
ci
14.

Mat
don.
in
Mat
5.

Meu Santo, atégora disse o que vòs ereis, & bem tomara eu tambem dizer agora o que me pareceis. Em certa occasiã perguntou Christo a seus Discipulos quem diziam que elle era: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* Responderam que huns diziam era o Baptista, outros Elias, outros Jeremias, ou hum dos antigos Profetas. *At illi dixerunt: Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii verò Jeremiam, aut unum ex prophetis.* E São Pedro respondeu q Christo era Christo: *Tu es Christus*; nem a voz do povo, nem Pedro se enganaram; porque o povodisse o que Christo lhe parecia, & Pedro disse o que Christo era. Se vòs, meu Santo, me fizereis agora esta pergunta, como Christo fez de si; respondera eu que diriam huns, sabendo que o Baptista vestido de cilicio prégava penitencia, & vendo-vos a vòs vestido em hũa aspera tunica, penitencia tambem prégando, que vòs ereis o Baptista:

sabendo outros que Jeremi-^{Thre} as passou a sua vida choran-ⁿⁱ do os peccados do povo, vê:^{Jer.} do-vos tambem chorar as^{1.} culpas dos homens, diriam que ereis hum Jeremias: sabendo outros que Elias cõ^{3.} a espada na mão se punha^{Reg.} em câpo pelo zelo de Deos,^{18.} vendo-vos todas as horas armado contra os herejes, servindo-vos de espada a propria lingua, com q pelejavais, diriam que ereis hũ Elias. Os que souberem q Jonas em hũa tempestade^{Jon.} foy lançado às ondas, & esteve tres dias debayxo dellas, sabendo tambem que a cada passo a nimia devoção nas ondas mergulha a vossa Imagem, & ao submergir se logo as tempestades aquietam, diriam que ereis hum Jonas. Os que souberem^{Gen.} que hum Jacob andou hũa^{32.} noyte em braços com Deos, vendo-vos tambem com Deos nos braços, diria que ereis hum Jacob: outros finalmente diriam que ereis hum dos Profetas, & em parte falariam verdade, porque senão fostes hum dos
Pro-

Mat
16.

Ibid.

Mat
3.

Profetas antigos, quando vos foy dado o espirito de profecia, fostes hum Profeta da Ley da graça. Tudo isto, & muyto mais diria a voz do povo; porém eu só digo que sois Antonio; & nem aquella voz, nem eu nos enganamos, porq̃ ella diria o que parecestes, & eu digo o que vòs sois. Quem poderà comvosco, meu Santo, tendo a Deos nos braços? Quem? Qualquer devoto vosso pòde muyto cõvosco, & tanto, que não só vos trasem no peyto como Santo do seu coração, mas tanto fazeis o que cada hum quer, que despachais como vos pedem; & assim confe-

ço q̃ para o meu gofsto não ha cousa como o vosso sal, porque em qualquer milagre vosso se vé muyta graça; não ha cousa como a vossa luz, porque a todos alumiais; & essa vossa Cidade estimo tanto, que della quero ser cidadão; todos os vossos devotos querem ser moradores dessa Cidade; applicay-lhes efficasmẽte esse vosso sal, para que fiquem preservados de tudo o que pòde ser offensa de Deos, applicay-lhes essa vossa luz, para que mereçam muyta graça, & cheguem ultimamente todos a ser cidadãos da eterna Gloria.





S E R M A Õ

DO MARTYR

S. G E N S,

Prégado em N. Senhora do Monte.
Lisboa no anno de 1692.

Nihil enim est opertum, quod non revelabitur: quod in aure auditis, prædicate super tecta. Et nolite timere eos, qui occidunt corpus. Matth. 10.



ANNOS ha, que do Comediante Martyr S. Gens se não publicam memorias no theatro deste Monte, & do esquecimêto de tantos annos fazem agora memoria estes seus devotos, querendo torne este anno a verse aquella tão celebre figura, que re-

presentava; & que daqui por diante senão sepultem mais no esquecimento as memorias de hum tão admiravel Comediante. Não foy Gens figura para se occultar, quando era figura tanto para se ver, que se nos theatros do Mundo levava os olhos a todos o muyto donayre,

donayre, com que representava todo ao humano; nesses mesmos theatros levou muyto a attenção de Deos na singular graça, que lhe communicou para representar muyto ao vivo todo ao divino; & se no Evangelho se diz que o que se esconde, se deve revelar: *Nihil opertum, quod non revelabitur*; que val o mesmo que dizer; deve sair a luz o que sepulta o esquecimento, seguindo estes devotos o conselho do Evangelho, querem que a representação de S. Gens, que muytos annos ha se não vé, seja hoje o dia, em que S. Gens appareça, & se veja com admiração a sua figura representada outra vez no theatro deste Monte. O que supposto, dem todos attenção à sua figura, que não foy nunca já mais vista em outro, & só por elle foy húa vez representada.

Estudava S. Gens o como no theatro de Roma devia ser ayroso no gesto, engraçado nos ditos, discreto nas palavras, conceytuoso nas

orações, politico no tratamento, proprio nas acções, que representava, & gostoso a todos, que o viam, que este he o inutil estudo de quem quer parecer insigne Comediante, & querendo-se accômodar com o genio do auditorio, representando na presença do Empêrador Diocleciano, & de toda a sua corte; estudou muyto bem primeyro as ceremonias do Baptismo, para que este servindo de farça, & as suas ceremonias de galanteyo, fosse para aquelles inimigos da Fé mais gostosa a sua representação. Mas quem dicera, ò Gens, que aprenderes primeyro as ceremonias do Baptismo he catequizarte para te baptizar.

Sahio a publico Gens, & representando q̄ estava enfermo, como tal dizia se queria baptizar. Hum dos companheyros se revestio de Sacerdote, para que este acto de todo fosse mais ridiculo, & querendo lançarlhe agoa, vio S. Gens descer sobre si húa maõ, & muytos

Anjos

Anjos abrazados em fogo, que em hum livro trafiam escritos todos os seus peccados, que elle leu muyto bem; & como lhe diceſſem que todos aquelles peccados ſe apagariam daquelle livro, ſe deſejaffe receber aquella agoa de todo o coração, deſejou Gens ſumma-mente o Baptiſmo, & caindo lhe ſobre elle a agoa, vió logo que naquelle livro já não havia letra nenhũa, porque já em S. Gens não havia o menor peccado.

Tudo iſto vió S. Gens, & tudo iſto começou logo a publicar em altas vozes; & parecendo a Diocleciano, q̃ a quella farça estava tanto ao proprio, (niſto ſe não enganou, porque aſſim era) que confirmaria muyto bem a toda aquella gentildade, ſe viſſem o ridiculo daquelle acto, vestido S. Gens de hũa veſtidura branca, proprio vestido dos novamente baptizados, o mandou ſubir em lugar alto, para que melhor de todos foſſe viſto, mas como o que dizia, já não era para ſe rir, ſe não pa-

ra ſe imitar, vendo Diocleciano o grande Sermaõ, que estava fazendo a todo aquelle auditorio, perſuadindo a todos ſe baptizaſſem, o mandou deſcer, & depois de variasmente ſer açoutado, para que não representaſſe mais ſemelhante papel, lhe mandou cortar a cabeça.

Estes foram o principio, meyo, & fim da Comedia, q̃ representou São Gens naquelle theatro; & como todas as Comedias têm tres diverſas jornadas, eſte principio, eſte meyo, & eſte fim foram as tres jornadas deſta Comedia. Tres generos ha de Comedias, hũas q̃ tudo he farça, que ſão aquellas, aonde tudo he taõ fingido, que ſendo bem representado, lá tem ſuas apparencias de verdadeyro. Outras ſão ao divino, que ſão aquellas, em que ſe representam divinas acções; o terceyro genero finalmente he hũa tragedia, que ſão aquellas Comedias, que acabam com a morte. Todos eſtes tres generos de Comedias, que não ha mais, incluho São

Gens, como tão insigne Comediante, nas tres jornadas da sua Comedia; porque a primeyra, que parecia farsa sómête, lá tinha a verdade occulta na verdade do Sacramêto. A segunda jornada foy tanto ao divino, q' sendolhe revelada a verdade do Sacramento do Baptismo, naquelle lugar alto, de que fez pulpito, a publicou, (que he lugar este de falar sómente verdades) dizendo que era Sacramento verdadeyro, instituido por Christo para remedio do peccado. A terceyra jornada finalmente foy certamente hũa tragedia, porque acabou a Comedia com a morte.

Se o nosso Santo fora Catholico, dicera eu que aprêdera estas tres jornadas do nosso Evangelho, porque nas tres clausulas, q' tomey por thema, se lem claramête as tres jornadas desta sua Comedia; & notem-se. *Nihil opertum, quod non revelabitur*; nada se occulta, que se não revele, diz Christo; & occultando-se debayxo

daquellas ceremonias, que pareciam ridiculas ao gentilismo, o Sacramento do Baptismo, este foy o que se lhe revelou naquellas ceremonias, que pareciam farsa: mas bem mostravam q' debayxo desta poderia haver, como havia, na realidade este Sacramento; isto era o q' representava aquella primeyra jornada, & nesta mesma jornada lhe revelou Deos a verdade, que se occultava: *Nihil opertum, quod non revelabitur*. Na segunda clausula do nosso Evangelho diz Christo que o que se ouve ao ouvido, se deve prégar em lugar alto: *quod in aure auditis, prædicate super tecta*; & na segunda jornada da Comedia de S. Gens vemos q' o que Deos lhe tinha revelado no ouvido, manifestou elle naquelle lugar alto, a que subio; & como já falava pela bocca de Deos, bem parece q' era ao divino esta segunda jornada: *quod in aure auditis, prædicate super tecta*. Na terceyra clausula finalmente do nosso Evangelho diz Christo

Christo que se não temam aquelles, que sómente ao corpo tiram a vida: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus.* Tanto não teme o nosso Santo lhe tirassem a vida, que valerosamente a offereceu pela Fé de Jesu Christo, para que a ultima jornada desta sua Comedia acabasse em tragedia: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus.* Esta he a Comedia, que temos de ver representada por S. Gens, estas as tres jornadas, que com o discurso devemos seguir; vejamos a primeyra jornada na primeyra clausula do nosso thema:

Nihil opertum, quod non revelabitur; nenhũa cousa se occulta, que se não revele. Occultava-se debayxo daquellas ceremonias, q Gens representava ridiculas, o Sacramento do Baptismo, que foy o que Deos lhe revelou, esta foy a primeyra jornada, & porque a esta não falte titulo, será o seu titulo, *Enganar com a verdade;* supposto S. Gens cuydava enganar com estas ceremonias

aquelle gentilismo, quando na realidade eram verdadeyras. Mal cuydava Gens quando pedio a agoa do Baptismo fingidamente, q bebesse os effeytos desta agoa, quando não só elle, mas toda aquella gentilidade, q gostosamente assistia a esta primeyra jornada da sua Comedia, dizia: Desta agoa não beberey; mas he não muyto que isto dicesse Gens, quando os falsos deoses lhe tinham cerrado os olhos para não conhecer os effeytos deste Sacramento; porém tanto que os chegou a conhecer, tanto que Deos lhe revelou os seus effeytos, logo quis gostar desta agoa, como na segunda jornada veremos.

Em hũa apparencia lhe mostrou Deos os effeytos deste Sacramento nesta primeyra jornada, para q nem as circunstancias das apparencias faltassem nesta Comedia; & foy, que lhe appareceu (como já disse) hum livro escrito, & sobre elle hũa maõ. O livro era de Comedias, porque nelle estava

escripto tudo o que profana, & escandalosamente tinha representado; & a mão era o apontador dessas Comedias, a qual estava mostrando que, se se não arrependia, & se baptizava, escreveria tambem aquella primeyra jornada, q̄ estava representando: porq̄ escreveria aquelle tão sacrilegõ peccado, q̄ estava cometendo no agravo, q̄ fazia ao Sacramento do Baptismo, pois fazêdo o ridiculo, dava motivo a todo aquelle gentilismo para delle zombar, & a mão estava prompta para ajuntar esta Comedia às mais Comedias, porq̄ escreveria este peccado com os mais, que naquelle livro estavam escriptos.

Propos-se diãte dos olhos de Gens aquelle livro, & lendo nelle os seus peccados, de repente se apagaram todos os peccados daquelle livro. E com tanta facilidade perdoa Deos os peccados a Gens? Sim. Não lhe dá nenhũ castigo? Não, que lhe pos Deos diante dos olhos o livro, aonde esta-

vam, mostrou-lhe os seus peccados escriptos; pois não fõ o não castigue, mas de repente lhe perdoe. Presentaram os Judeus a Christo hũa mulher adultera; & mandando a sua ley que a apedrejassem, perguntaram a Christo q̄ lhe haviam de fazer? Inclinou-se Christo, & escrevendo na terra com o dedo, disse que executassem a ley, & lhe atirassem com pedras: *Digito scribat in terra... primus in illam lapidem mittat*; tão fõra esteve de se executar a ley, que deyxaram a mulher livre, & Christo lhe perdoou os seus peccados: *Nemo te condemnavit? Nemo Domine: Nec ego te condemnabo: vade, & jam amplius noli peccare.* Se a ley he a q̄ impõem castigo à culpa, porque se não executa a ley? Fica a mulher sem castigo, & perdoa lhe Christo os seus peccados: *Nec ego te condemnabo?* Sim; varias são as opiniões entre os Padres, & Expositores sobre o q̄ Christo escreveu na terra; a mais commua opiniaõ he, que escreveu

Joan. 8.

Ibidem.

escreveu Christo os peccados da adultera. Pois se Christo lhe põem os seus peccados escriptos diante dos olhos, para que os lea; não só acha que não merece castigo, mas certamente lhe perdoa: *Nec ego te condemnabo.* Da terra fes Christo livro para escrever as representações obscenas, que no theatro deste Mundo tinha representado aquella adultera; assim como Christo hia escrevendo aquellas impudicas representações, hia lendo aquella mulher os peccados, que tinha commettido, & quando a mão de Christo mostra os peccados, que tem escrito a hum peccador, não he para o castigar, he sim para lhe dar o perdaõ com tanta facilidade, como he apagar na terra o que se escreve: *Digito scribat in terra.* Sobre o livro das representações de Gens appareceu a mão de Deos, & como esta foy o mostrador daquelles peccados, tanto q Gens os chegou a ler, logo vio que desappareceram daquelle livro.

Mas com que se apagariam os peccados de Gens naquelle livro? Com que? Com se trocar em realidade o que se representava ridiculo; a agoa do Baptismo foy a que apagou aquelles peccados, porque este he o seu proprio effeyto. Naquella apparencia differam a Gens que se baptizasse de todo o coração, & tanto que sobre elle cahio aquella agoa, tambem cahio juntamente sobre aquelle livro para apagar as suas letras. As letras, que na agoa se escrevem, ou se imprimem, posto que quando se escrevem se possam ler, logo no mesmo instante se apagam, & como as letras daquelle livro se chegaram a imprimir naquella agoa, não houve mais tempo para se apagarem, que houve para se imprimirem; tanto que as letras, em que se liam aquelles peccados, se chegaram a pôr naquella agoa, não duraram mais os peccados, que em quanto as letras na agoa se não extinguiram. Quis Christo dar vista a hũ cego,

Joan.
2^o

& mandou-o lavar na fonte Siloe: *Vade, lava in natatoria Siloe.* E que circumstancia tem mandar Christo a este cego q̄ vá àquella fonte quando com hũa só palavra lhe pôde dar vista? Direy; nos olhos levava este cego o seu defeyto; pois chegue à fonte, meta os olhos na agoa, que se cada hum de seus olhos fórma hũa perfeyta, & redonda letra, que he hum O, veja o cego, quando vir, que com a mesma facilidade, cõ que as letras de seus olhos se imprimem naquella agoa, & se apagam, com essa mesma facilidade se apaga tambem o defeyto, que leva nos seus olhos, *lava in natatoria Siloe.* Assim foy, & assim lhe succedeu, porque apenas se lavou, quando logo vio, *lavi, & vidi.*

Ibidem.

Oh com quanta razão pode dizer o nosso Santo: *lavi, & vidi:* laveyme na agoa do Baptismo, & vi logo apagados os meus peccados; este peccado, q̄ agora estava commettendo como cego na injuria; q̄ fazia

ao Sacramento do Baptismo, este he o que agora tenho diante dos olhos; mas tanto que appliquey esta agoa aos meus olhos, *lavi,* fiquey vendo q̄ com a mesma facilidade, com que se apagaram as letras, q̄ meus olhos na agoa formaram, com essa mesma facilidade vi se apagou este peccado, que tanto diante dos olhos tinha, *vidi.* Esta deve ser a razão, porque sobre aquelle livro estava suspêsa aquella maõ sem escrever este peccado, q̄ escusado era o escrevello naquelle livro, quando naquella agoa se podia logo escrever para de todo tambem logo se apagar cõ os mais peccados; naõ se tornaram estes a ver mais naquelle livro, porque naõ tornou o nosso Santo mais a representar jornada semelhante a esta; & como aqui parou, aqui tambem dá fim o discurso cõ ajornada, visto que já conhece os effeytos daquelle Sacramento, de q̄ zombava; & se se enganava com a verdade, já Deos lhe revelou nesta primeyra jornada

nada a verdade, que lhe feria de farça: *Nihil opertum, quod non revelabitur.*

Para S. Gens continuar cõ a segunda jornada da sua Comedia o fizeram subir a hum lugar alto, de que fes pulpito para começar logo a prégar a Fé de Jesu Christo, manifestando a verdade do Baptismo, que ao ouvido se lhe revelára, observãdo já como Catholico o que Christo lhe mandava no Evangelho: *quod in aure auditis, prædicate super tecta.* O motivo desta representação era todo divino, porq̃ era representar vivamente o que todo o Catholico está obrigado a fazer, que he publicar, & prégar a Fé de Jesu Christo, sendo necessario, com que ficou sendo esta sua segunda jornada jornada de hũa Comedia ao divino, & como tal representada no theatro daquelle pulpito, lugar proprio, aonde estas se representam; & para que a esta jornada não falte tambem seu titulo, seja este *A força do destino*: bem mostrou o seu destino, ou a sua

predestinação quanto pode com S. Gens, porque estando na mente Divina destinado, ou predestinado para representar esta divina jornada, importou pouco destinar-se elle para ser Comediante tanto ao humano, como representava.

Subio S. Gens a taõ alto lugar, porq̃ bebeu os effeytos da agoa do Baptismo, q̃ foy o que no ouvido se lhe revelou: *quod in aure auditis*; & como disse comsigo: Desta agoa eu beberey, essa he a razaõ, porque subio a taõ grande altura nesta jornada: *De torrente in via bibet: propterea exaltabit caput.* No caminho beberà Christo de hũa corrente de agoa, diz David, & por isso levantará a sua cabeça; & para acabeça de Christo se ver levantada, he necessario q̃ beba no caminho de hũa corrente? Parece que sim. David suppõem a Christo em hũa jornada, *in via*: & vendo nella hũa corrente de agoa, *de torrente*, assentou comsigo dizer: Desta agoa eu beberey; porque o Pro-

Psal.
109:

feta affirma havia Christo de beber certamente desta corrente: *De torrente in via bibet*; & tanto que Christo assentou cõsigo dizer: Desta agoa eu beberey, essa he a razão, porq̃ vio logo a sua cabeça posta em hum lugar alto naquella jornada, *in via... propterea exaltabit caput*. Correu a agoa do Baptismo como corrente para S. Gens; & o que era acerri- mo defensor da gentilida- de, já era maravilhoso Prê- gador da Fé Catholica; o que estava em hum lugar taõ infimo, como he o de hũ comediante, já agora esta- va no alto lugar de Prêga- dor; & a razão primaria des- ta maravilhosa mudança foy, porq̃ affectuosamente quis beber daquella agoa.

Baptizado, & vestido de branco subio S. Gens àquel- le pulpito, & com tanta effi- cacia persuadia àquelles barbaros deyxassem o gen- tilismo, como quem sabia muyto bem já o modo, com que se representava cõ effi- cacia hũa Comedia ao divi- no; não só queria S. Gens

entranhar as suas palavras naquelles corações, mas nas suas almas parece queraia tã- bem entrar, porque nas suas almas queraia fizefsem eco as suas vozes; tudo era dizer que lhe abrissem as portas da alma, & nisto bem mos- trava se queraia parecer com o divino Amante. Buscan- do o Esposo muytas vezes a sua Esposa, porque muy- tas vezes com ella falou, manifestandolhe o muyto q̃ lhe queraia com mil collo- quios; fuy reparar que hũa ves só lhe pedio q̃ lhe abris- se as portas: *Aperi miki*; & *Cã.* que tem mais esta occasião, 5. que as outras, para só esta ves lhe pedir que lhe dèsse entrada? Não era o Esposo nesta occasião taõ amante, como nas outras, & não era a Esposa nesta occasião taõ querida, como sempre? He certo; pois como pede ago- ra lhe abra as portas, quando nunca lhe fes tal petição? Assim he; mas vejam quem era a Esposa, & de que sorte vinha o Esposo. A Esposa era hũa alma, & o Esposo nesta occasião vinha lavado com

com a agoa, & candido com o orvalho, *caput meum plenum est rore, & cincinnati mei guttis noctium*. Pois se a Esposa he a alma, & o Esposo está lavado com a agoa, & cãdido com o orvalho, esta he a propria occasiã de pedir com toda a instancia lhe abra a alma as portas, para que nella façam eco as suas palavras, & entrem as suas vozes: *Aperi mihi*. Não abriu a alma nesta occasiã as portas a seu Esposo, cõ que lhe foy forfoso voltar lhe as costas, & passar adiante: *at ille declinaverat, atque transierat*. Não foy tambem possivel abrirem aquellas almas as portas a S. Gens, que tão forfosamente lhes bateu, & com tanta instancia lhes pedio q̃ lhe abrissem, & muyto menos lhe abriu o Emperador Diocleciano, pois por forsa fes q̃ a todos voltasse as costas, como tão amante que já era das almas, mãando que daquelle lugar passasse a falar cõ elle, & como lhe pedisse com palavras brandas, & persuasões suaves deyxasse a Fé de

Jesu Christo, que prégava, & tornasse a ser quem de antes era; o Santo com toda a resolução lhe respondeu q̃ já não era, nem havia de ser mais quem era de antes, porque pela Fé de Jesu Christo estava prompto para dar a vida, pois com essa tenção se baptizára. O que daqui se segue, pertence à terceyra jornada, eu a vou seguir, mas fique por conclusã desta muyto na memoria o muyto que com S. Gens pode a forsa do seu destino, quando o que Deos lhe revelou no ouvido, representou no alto theatro, de que fes pulpito: *quod in aure auditis, predicate super tecta*.

Chegou finalmente São Gens à terceyra jornada da sua Comedia, que intitularemos *Como morrer tudo se acaba*. Oh que titulo tanto este para cada hum se lembrar, pois todos o deviam ter pelo titulo da comedia, que no theatro deste Mundo está cada hum de nós representando. He cada hum de nós hũa figura da comedia deste Mundo, & postoque

que a comedia vá continuando, a figura tem de acabar com a morte; os que ficam, vão continuando a sua representação, porque a comedia vay durando, & a sua figura tambem certamente passa: *præterit enim figura hujus mundi*, disse S. Paulo. Mas fiquemos aqui, passe esta figura, & fique este póto para outro tempo, que este agora só he para se ver a figura de S. Gens.

Com a morte acabou S. Gens a sua vida, não receando, nem temendo aquelles, que só matam o corpo, como diz a terceyra clausula do nosso Evangelho. *Et nolite timere eos, qui occidunt corpus*; & por essa razão foy hũa tragedia esta terceyra jornada. Mandou Diocleciano descer a S. Gens, & com fortes varas o mandou aqoutar rigorosamente, mas vendo que não bastavam aqoutes para que Gens não pré-gasse a Fé de Jesu Christo em altas vozes, cõ agudos pentens de ferro lhe mandou rasgar as costas. Oh como te enganas, Dio-

cleciano, que se cuydas tapas a bocca ao nosso Santo, cada ferro desse pentem, & cada golpe dessas varas abré de novo hũa bocca, que publica está Gens fazendo o papel de verdadeyro Martyr. Consta qualquer Comedia de muytas pessoas, porque são muytas as boccas que nella falam, & para que em S. Gens se visse hũa Comedia verdadeyra, parece representam nelle só muytas pessoas, porque este nome Gens em Latim quer dizer gente; & como estas tres jornadas da sua vida foram hũa Comedia, com razão apparecendo nella S. Gens, appareceu Gente nesta Comedia, não se ouvia a Gente que representava, porque não tinha Gens mais q hũa só bocca, mas agora por fim da Comedia parece se ouve já toda a gente, porq naquellas costas não faltam boccas. Em muyta gente parece se reproduz o nosso Santo quando representa a figura da sua morte. *Fasciculus myrrhæ dilectus meus*: meu amante (dizia aquella

I.
ad
Co-
rin-
th. 7.

Cat.
1.

aquella amada (Espôsa) he hum ramallete de myrrha. E porque não he já sómente flor, como era: *Ego flos*, senão ramallete? Não he; porque se he flor myrrhada, deve ser hum ramallete cõ muytas flores: *Fasciculus myrrhæ*. A myrrha symboliza a morte, diz Hugo: *Nomina myrrhæ mors*; pois se o amãte representa a figura da sua morte naquella flor, entre na tragedia com a figura de ramallete, que se este consta de muytas flores, seja flor reproduzida em muytas, visto que nessa flor representa a figura da sua morte naquelle ramallete: *Ego flos: Fasciculus myrrhæ dilectus meus: Nomina myrrhæ mors*. Quem mais amãte que S. Gens, quem melhor Comediante que elle, & quem representando cõ mais veras a figura de Martyr, que o nosso Santo? Pois abram selhe muytas boccas, para que todas o publiquem, parece que reproduzido, na gente, que significa o seu nome, & fale nesta sua tragedia pelas muytas boc-

cas, que nascostas lhe abri-ram aquellas fortes varas, & aquelles agudos pêtens.

Mas ay! que já a sua tragedia se acaba, porque lhe chegou já a morte nos agudos fios de hũa espada, que lhe separou a cabeça do corpo. Eu o dicera, que este havia de ser o fim do nosso Santo, quando vi o principio da primeyra jornada desta sua Comedia; que se esta começou por riso, certo tinha de acabar em tragedia. Mandou Deos a Abrahaõ que lhe sacrificasse seu filho Isaac: *Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac, & offeres eum in holocaustum*. E que fez, Senhor, este taõ tenro menino, para lhe mandardes cortar os fios da vida com os agudos fios de hũa espada em taõ tenra idade? Não fez nada, mas veja-se quem he Isaac, & logo se verá que nisto havia de vir a parar. Tanto que Isaac sahio a luz do ventre de sua mãe, disse ella estas palavras: *Risum fecit mihi Deus*: este meu filho he todo o meu riso, por isso se lhe chama Isaac;

Isaac,

Cat.

2:

Hug.

in

Cat.

1:

Gen.

21:

Gen.

21:

Isaac, idest, risus : pois se Isaac he cousa de riso, se cõ riso entra Isaac no theatro deste Mundo a fazer figura na sua primeyta jornada, q̃ tem q̃ esperar, senão o ver-se sentenciado nesta jornada para acabar em tragedia a sua vida nos fios de hũa espada : *Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac, & offeres eum in holocaustum. Risum fecit mihi Deus.* Com riso, como outro Isaac, começou Gens a sua primeyra jornada, bem parece dizia eu logo que era evidente acabar de hum golpe com a morte. Com esta se acabou a Comedia, & como tragedia se acabou, porq̃ com o morrer tudo se acaba, mais durára a comedia, se mais durára a vida ao nosso Santo, mas senão

durou mais a sua vida, hẽ porque quis se apressasse mais esta sua tragedia no muyto valor, que mostrou em resistir àquelles, que sómente matam o corpo. *Et nolite timere eos, qui occidunt corpus.*

Se estes inimigos da Fé souberam que cortandovos os fios da vida com a espada, vos faziam eterna a gostosa vida da alma, nem a espada seria taõ apressada, nem a maõ, que a moveu, andaria taõ ligeyra; mas se representando ao humano vos acharam todos muyto donayre, representando ao divino vos vio Deos cõ tanta graça, que na terceyra jornada bem representada com a vossa morte quis que tivesseis muyta gloria.



SERMAO DO MENINO JESUS

Com o Sacramento exposto em dia de Reis na festa,
que lhe fazem os seus Escravos no Convêto de
Jelus da Villa da Praya na Ilha Ter-
ceyra, no anno de 1697.

Vidimus stellam ejus. Matth. 2.

REferem os Annaes
Parisienses que em
Frãça houvera nos
tempos antigos hũa Reli-
gião Militar, que profeca-
vam todos os seus Reis, in-
titulada a Illustre Ordê da
Estrella. (Senhor) Desta
tão illustre Ordem Militar
foy inventor Roberto Rey
de França, & o habito, que

dava aos Militares, que a
profeçavam, era lançar lhes
ao collo hũa cadea de fino
ouro, da qual pendia, & se
enlaçava hũa brilhante es-
trela, q̃ sobre o peyto lhes
cabria: *Singulis torquem au-
reum cum stella ad pectus de-
pendente in collum injecit; &*
na circunferencia desta es-
trela se liam esculpidas no
mesmo

*An-
nal.
Par.
7ac.
Bron
li
cit.
ab
A-
lap.
in
Mat
2.*

mesmo ouro as letras deste emblema, que diziam: *Ibi- dem. Monstrant Regibus astra vi-* am: as estrellas são as que mostram aos Reis o caminho. Singular emblema!

Finalizou se esta Illustre Ordem no tempo de Luis undecimo, & sem duvida a Providencia divina assim o dispos, porque bem era finalizasse esta Militar Ordem em França, quando se levantava nesta Nobre Villa outra mayor, senão Ordem Militar, Illustre Confraria da Estrella: porque ponderadas bem as circunstancias, com que Roberto instituhio aquella Ordem com as circunstancias desta Confraria, parece-me ser a sua differença o titulo, que aquella Ordem tem, da Estrella. Ponderemos as circunstancias, que supposto a festa he de muytas, nem por isso deyxaremos nenhũa em silencio.

Inventou-se em França aquella Ordem Militar, & levantou-se nesta Villa esta Illustre Confraria; foy aquella Ordem hum aggre-

gado de Nobres Cavalleyros, & esta Cõfraria de Nobres senhores he hum illustre congresso: tinha aquella Ordem hũa estrella por timbre, & sua estrella tem tambem esta Cõfraria por brasaõ: a estrella, q̃ tinha aquella Ordem, era de Reis, como testemunham as letras do seu emblema: *Monstrant Regibus astra viam*; & de Reis he tambem a estrella desta Confraria, não só porque os nossos serenissimos Reis a ella affectuosos se avincularam, mas porque o dia de Reis, como vemos, he o dia, que escolheram para os seus lusimentos, por ser este tambem o dia, em que os tres Reis tiveram a mais luminosa estrella, que nesse mappa celeste se emaltou, & o mais brilhante farol, que os olhos dos homens lá nesse mappa viram

luzir: *Magi ab Oriente venerunt... Vidimus stellam ejus. Stella fulsit exuperans omnes, quotquot ante fuerant*, disse Santo Ignacio Martyr. A estrella daquella Ordem mostrava o caminho

aos

Mat
2.
Ig-
nat.
Ep.
14.
ad
E-
phes.

aos Reis: *Monstrant Regibus astra viam*, & o caminho sem duvida, que lhes mostrava, era o caminho, por onde se busca, & se acha o Sol, por ser o Sol o por que as estrellas andam em hum perpetuo movimento; & as que não andam, suspiram, pela muyta ansia, que tem todas de beberem rayos nas suas luzes: *A Sole omnia astralucet*, disse o meu Santo

Div.
Tho-
mas
de
Vil-
la
No-
va
in
Ser-
mon.
1.

Thomàs de Villa Nova, & a estrella dos Magos, que tambem he a estrella desta illustre Cõfraria, (visto ser deste dia a estrella) a huns, & a outros mostrou, & mostra o caminho, não de hum Sol, senão de dous, sendo hum, & outro o mesmo Sol, porq̃ aos Magos lhes mos-

Div.
Aug.

trou o Sol de Christo Sacramentado em Belem, q̃ quer dizer caza de pão: *Bethlehem domus panis*; & mos-

Hie-
ron.
sup.
Mi-
ch. 5.

troulhes tambem ao mesmo Sol do Menino Jesus em carne de poucos dias nacido, *invenerunt puerum. Sol*

Mat.
2.
Ex.
Eccl.

justitiae Christus; & a mesma estrella guiando neste dia aos seus Cõfrades para este

Religiosissimo Convento, tambem nelle lhes mostra os mesmos dous Soes, q̃ tambem hum, & outro Sol são o mesmo; porque lhes mostra ao Sol daquelle Menino Jesus, que pela sua muyta pequenhes bem parece ser recém nacido, & mostra-lhes tambem ao mesmo Sol Christo Sacramentado, não em figura, sim na realidade, porque o certifica não menos que com duas affirmações o mesmo Christo: *Ca-*

romea verè est, Sanguis meus 6. *Joan.*

verè est. Christus est Sol sub Eucharistiae sigillo contentus. 6. *Es-*

Aquella Ordem Militar de França melhor parece 6. *Joan.*

(dicera eu) a pudera intitular Roberto Ordem de 2. *lib. 2*

Illustres Escravos, que Or- 2. *sect.*

dem de brilhante Estrella: ad- 2. *ad-*

porque se aos seus Caval- 2. *not.*

leyros lançava ao collo, co- 2. *Div.*

mo prisaõ, hũa cadea de fino 2. *Hie-*

ouro, com a qual à mesma 2. *ron.*

Estrella tambem primoro- 2. *Ep.*

samente se avinculavam: 103. *Singulis torquem aureum cū*

stella ad pectus dependente in

collum iniecit; as cadeas, como sabem todos, não só são

jeroglyfico

jeroglyphico das prisões, mas
 são os proprios instrumen-
 tos, com que os escravos se
 prendem; & assim se nesta
 Ordem os Cavalleyros se
 viam presos em apertadas
 cadeas, bem parece não era
 tanto esta Ordem da Estrel-
 la, como de Illustres Escra-
 vos. E se Roberto lhe não
 deu este titulo, para mos-
 trar que, posto os Caval-
 leyros Professos desta Reli-
 gião estivessem em cadeas,
 nem por isso eram forçados;
 bastava para desmentir esta
 duvidosa presumpção, vis-
 sem todos o precioso do seu
 metal, que se era de fino
 ouro, *torquem aureum*, não
 são estas as cadeas dos for-
 çados, são sim estas as cor-
 rentes propriamente dos
 Principes, dos Illustres, &
 dos Grandes.

Para satisfação desta du-
 vida sobre o appellido titu-
 lar daquella Religião se le-
 vantou esta Confraria dos
 Escravos de Jesus neste Cõ-
 vento, aonde os seus Con-
 frades não só se prendem
 com o ouro, que à quelle
 Menino tributam nestes

amplissimos dispêdios; mas
 também se prendem com
 cadeas de amorosos affectos
 (que estes são do ouro o
 proprio significado.) Estas
 cadeas de amorosos affe-
 ctos, q̄ sahindolhes do the-
 souro do coração, & aquel-
 las, que pelas mãos lhes pas-
 sam, são os estreytos laços,
 cõ que se avinculam à quel-
 la animada Estrella: *Chris-
 tus est Stella*; & vendo-se
 assim todos presos, adverti-
 damente não quizeram pas-
 sar da Cõfraria de Escravos
 Jesuitas, como também fi-
 zeram os tres Reis, que não
 só do ouro de seus thesou-
 ros forjaram grilhões, com
 que àquelle Menino se a-
 vincularam: *apertis thesau-
 ris suis obtulerunt ei aurum*;

mas prendendo-se a si com
 cadeas de extremos affectos,
 ficaram sendo já Escra-
 vos de Jesus os q̄ até aquel-
 le tempo foram cattivos da
 idolatria: *Pervenerunt Re-
 ges, falsitati idolatriæ servi-
 entes*, disse o douto Castillo.

Finalmente só no signi-
 ficado de hũa, & outra Es-
 trella he q̄ acho differença;

porque

A-
lap.
in
Mat.
2.

Mat.
2.

Caf-
tillo
de

ves-
tib.

Aar.

v. 37
illat.

254.
n. 75

porque aquella Ordem te-
ve por significado daquelle
Estrella a Maria Sãtissima.

*An-
nal.
Pa-
ris.
sup.
Ex
Eecl.* Admiravel Estrella! *Hic
Ordo stellarum institutus fuit
in honorem Beatæ Virginis...
Stella maris.* E esta Confra-
ria para melhorar de estrella

tem a do proprio Menino
Jesus recém nacido, porque
sendo a estrella do Evange-
lho muyto particularmente

*Mat
2.* sua, como diz o Texto: *Vi-
dimus stellam ejus*; esta foy
a porque os Magos como

sabios, & Astrologos conhe-
ceram o seu Nascimento,
dizem muytos Padres cita-
dos pelo Alapide: *Magos*

*A-
lap.
in
Mat
2.* *cognovisse Stellam hanc esse
indicem Christi*; & esta tam-
bem foy a que ao portal de

*Hi-
ron.
sup.
Mi-
ch. 5.* Belem, como caza de paõ:
Bethlehem domus panis, os

levou a adorar em figura a
Christo Sacramentado, &

*Mat
2.* *venimus adorare eum*; naõ
recluso na clausura Virginal

do ventre purissimo de
Maria, (que a clausura des-
te purissimo ventre foy o

proprio Convêto de Jesus)
mas sim fóra desta clausura,

& deste Virginal Conven-
to,

(como allí se vé) aonde
lá do Reyno os serenissimos
Reis desta Ilha, aquí neste

Convento os seus amantes
Escravos, & todos nõs com
os tres Reis do Oriente, q̃

tambem o foram de hũa
ilha, como bem advertio

David: *Reges Tharsis, & in-
sula munera offerent*, humil-
demente o adoramos, *proci-
dentes adoraverunt eum.* Naõ

ha mais circumstancias: des-
cubramos agora o assump-
to.

Supposto pois que no
altar temos ao Menino Je-
sus recém nacido, *invenerunt*

puerum, no Ceõ estrella tan-
to sua: *Vidimus stellam ejus*,

que indica claramête quem
elle he: *Christi enim index*

erat Stella; no Evangelho
Magos Astrologos: *Ecce*

Magi, idest Astrologi; que
como escravos o adoram,

adoraverunt eum; & na Igreja
sabios, entendidos, & le-
trados, que o festejam, pa-
rece-me naõ haver assump-
to mais proprio, que levantar
figura a este Menino.
Assim serà; & serà o titulo
do Sermaõ: Figura que se

levantou

O

levantou

levantou

*Psal.
71.*

*Mat
2.*

*A-
lap.
in*

*Mat
2.*

Idẽ.

levantou ao Senhor Menino Jesus conforme a sua estrella, & fundada na verdade do Evangelho.

Ponham agora os Escravos de Jesus, como Magos, os olhos na sua estrella, & para que a figura seja a propria do figurado, examinem com muyta attenção a estrella, formando sobre ella dous juisos, que sempre serão como seus, porque serão os mesmos dous, q os Magos, como Escravos de Jesus, tambem formaram; & assim verão que no primeyro exame mostrou aos Magos aquella estrella q indicava hũa Divindade: *Vidimus stellam ejus... Ut illi ipsam quid divinum præagire cognoscerent*, disse o Alapide; & no segundo exame lhes mostrou que indicava hũa dignidade real, porq nella se viam as especies de hũa regia coroa: *Vidimus stellam ejus. Stella habet speciem coronæ regie*, disse o mesmo Alapide.

Viram os Magos com o primeyro exame que esta estrella indicava hũa Di-

vindade: *Vidimus stellam ejus... Ut illi ipsam quid divinum præagire cognoscerent*; quando logo formaram juiso, que era Deos este Menino, pois como tal o adoraram, *adoraverunt eum*. Este foy o primeyro juiso dos Magos, como escravos daquelle Menino; este será o primeyro juiso dos Escravos de Jesus, & este o primeyro discurso do Sermaõ. Viram os Magos com o segundo exame q esta estrella indicava hũa regia dignidade na coroa real, que representava: *Vidimus stellam ejus... Stella habet speciem coronæ regie*; quando logo formaram juiso, que este Menino era Rey, pois como a tal o buscaram: *Ubi est qui natus est Rex?* Este foy o segũdo juiso dos Magos como escravos daquelle Menino; este será o segundo juiso dos Escravos de Jesus, & este o segundo discurso do Sermaõ. Está levantada a figura; & o Sacramento, como tanto sua, a confirmará. Vaõ agora os Escravos comigo discursando

A.
lap.
in
Mat
2.

Ibi-
dem.

fando sobre estes seus dous juisos.

O primeyro juiso, q̄ formaram os tres Reis escravos, & formam os Escravos de Jesus fudados na Divindade, q̄ lhes mostra aquella estrella, he ser certamente Deos este Menino: *Vidimus stellam ejus... Ut illi ipsam quid divinum presagire cognoscerent.* Mas este juiso naõ deyxá de ter hũa grande duvida muyto à vista; porque se Deos naõ cabe em toda a circunferencia do Ceo, nem em toda a redondesa da terra, por pedir circulo incomprehensivel a sua incomprehensivel immensidade, como he possivel clausular-se em taõ pequena esfera, como he o breve corpusculo daquelle Menino? A difficuldade he taõ grande, que só a resolve sem nenhũa duvida todo o credito da Fé; mas deyxado este de parte, respondem os Escravos para salvarem a fé do seu juiso, q̄ esse he o extremo mais singular do amor.

Reparey que querendo os Antigos pintar hũa figu-

ra de hum Deos, porque se naõ contentava a sua ambiciosa idolatria com tantos, quantos quis ter; & assim preparado o panno, moidas as tintas, mescladas as cores, & promptos os mais finos pinceis, começando a pintar a figura, que a sua idéa lhes dictou, tahiram com o retrato de hum menino, o qual tanto q̄ foy visto, logo lhe puferam por nome Amor. E que viram os Antigos nesta figura, para lhe darem logo este nome? Que teve este Deos mais q̄ os outros, para que o naõ pudessem negar de Amor? Teve muyto, & teve pouco: teve muyto, porq̄ teve o ser seu Deos; teve pouco, porque teve o ser menino. Viram aquelles idolatras amantes que, querêdo formar hum Deos na sua fantasia, lhes sahio a sua idéa com hũa Deos menino, & tanto que viram o divino (na sua opiniaõ) reduzido a taõ breve lamina, tanto que viram a divindade clausulada no pequeno corpusculo de hum menino, logo o seu entendi-

mento se necessitou a formar juiso de que aquelle era o mayor extremo do amor; & assim com o nome de Amor he q todos como seus escravos idolatraram neste seu Deos.

Se as fabulas gentilicas são às vezes copias verdadeyras das verdades Evangelicas, bem acertaram para a copia os Gentios no seu juiso, & figura, que levantaram deste Deos menino; mas como perseveravam gentios, era certo estarem cegos para o seu verdadeyro original; & o erro, que tiveram aquelles gentios escravos na copia do seu Deos Amor menino, emendaram os Escravos de Jesus no juiso, q formam do Original deste nosso Deos; porque quando o vem clausulado na breve esfera de hum Menino, assentando na verdade Evangelica, & no que lhes mostra a sua estrella, formam certo juiso de que este Menino he Deos, porq atéqui chega do amor de Deos o extremo. Mas para que senão diga provo o pé-

samento só com texto fabuloso, eu o mostro claramente com hum Texto Evangelico.

Aquelle Evangelista, q melhor que todos leu de ponto na materia do amor, diz que o amor de Deos não podia chegar a extremo mais fino, que darnos a seu proprio Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret: &* adverte também logo, que este foy o juiso, que fez na figura, q sem duvida levantou a este Deos encarnado. *Hoc est autem judicium.* Este juiso do Evangelista tem hũa grande difficuldade; porq assentando de Fé que o Espirito Santo foy também dado aos homens, como diz S. Paulo: *charitas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis,* maior extremo do amor parece foy darnos ao Espirito Santo, que darnos a seu proprio Filho; & a razão está bem clara: porq se ao Espirito Santo, & não ao Filho se attribue o amor, menor parece foy a dadiva do Filho

Joan.
3.

Ibidem.

Pau-
li ad
Rom.
5.

Filho na razão de amor, & mayor a do Espirito Santo pela mesma razão. E se o Evangelista quer seja mayor extremo do amor esta dadiva, ao menos parece não pôde negar que as dadivas são iguaes, porque na Trindade só se admite prioridade de origem, como dizem os Theologos.

Vejo a difficuldade, mas tambem vejo que o juiso do Evangelista não se engana; porque no modo da dadiva he que elle fundou a sua certeza, & admirou aquelle extremo. Como nos deu o Eterno Pay a seu unigenito Filho? Isaias o diz. *Parvulus enim natus est nobis, & filius datus est nobis*: deu nos o Pay a seu Filho reduzido na breve esfera de hum menino. E o Espirito Santo por ventura foy dado desta sorte? Não, porque o Espirito Santo não encarnou: diz agora o Evangelista. Toda a Divindade clausulou o Pay na breve pequenhes daquelle Menino; & verse clausulada a Divindade em tão breve esfera, não

ha figura mais propria, nem ha juiso mais certo. *Hoc est autem judicium*; que inferir destas premissas, he este o extremo mayor do amor de Deos; & assim diz que até qui no seu juiso chegou o extremo do Eterno Pay, & deste extremo para diante não passou: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.*

Grande juiso foy este do Evangelista, como tão sabio que foy dos extremos do amor de Deos; & grande juiso he este dos Escravos de Jesus, como tão intelligentes que são do extremo do seu amor. Porq' o Evangelista considerou clausulada a Divindade no pequeno corpo daquelle Menino nacido. *Parvulus enim natus est nobis, & filius datus est nobis*; formou juiso certo, que dalli não passou o extremo do amor de Deos: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret*: & porque estes Escravos vem clausulada a Divindade, que lhes mostra aquella estrella, no breve

Isai. 2. *lulus enim natus est nobis, & filius datus est nobis*: deu nos

corpúsculo daquelle Menino, formam juízo evidente de que até alli chegou o extremo do seu amor. Mas como o juízo não pára, ainda passa a mais este seu juízo, porque o extremo daquelle amor ainda a mais se remonta.

Não se clausula o extremo daquelle amor naquelle breve corpinho, posto que nelle se clausule toda a Divindade. Clausula-se a Divindade, porque naquelle Corpo se occulta; não se clausula o amor, porque se o amor não pôde estar encuberto, os seus effeytos por toda a parte se vê nos muytos milagres, que obra; mas não fora este amor indice verdadeyro daquelle suprema Divindade, & não fora este amor tão divino, se não tivera apropriedade de immenso.

Para attrahir todos os corações he que a Divindade daquelle Deos se humanou: *Omnia traham ad me ipsum*; & para que nenhum lhe escapasse se fez Menino daquelle Deos. Refere Ana-

creonte, que vendo o Amor humano não podia render a certo coração, que lhe queria fugir, depois de ter feyto tiro com quantas settas encerrava a sua aljava, se resolveu a abraçar novamente o arco, estenderlhe a corda, fazer nova pontaria, & ultimamente pôrse a si mesmo por setta, a qual tanto que foy despedida, entrando naquelle duro peyto, & imprimindo-se naquelle marmoreo coração, de todo logo o vio rendido ao seu imperio, porque se vio aquelle coração signado com o signaculo daquelle amante Deos. Quem se não hum amante Deos Menino podia inventar semelhante metamorfosis para fazer semelhante tiro! Vá-lha-te Deos por fabula, quando te vejo tão propria daquelle Menino Deos!

Para attrahir corações se humanou aquelle Deos, mas porque podia haver algum, que ao agudo das suas settas resoluto quizeffe resistir, naquelle pequeno corpo se clausulou, para q̄ pudesse

Joan.

12.

A.

naçr.

pudesse elle mesmo servir-se a si de ligeyra setta, q̄ posta no seu amoroso arco se despedisse, & estampasse naquella coraçãõ, que lhe fizesse a menor resistencia; & a esta divina setta assim despedida não pôde resistir o mais resolutõ coraçãõ, quando se vé como escravo signado com a imagem daquelle Deos.

Hũa querida esposa teve antigamente este Menino Deos nos seus Cantares, a qual em certa occasiãõ o buscou cõ tão singular desvelo, & tão extremosa ansia.

Cãt. Surgam, & circuibõ civitatem: per vicos, & plateas quaerant quem diligit anima mea, q̄ depois de o achar se abraçou com elle, & prometteu de o não largar mais: *tenui eum nec dimittam.* E não era esta mesma Esposa aquella,

Ibi dem. que batendolhe este Esposo à sua porta todo amante: *Aperi mihi soror mea,* ella resoluta lhe não abriu fundada em hũas respostas tão frivolas, & tão frias, como são estar já recolhida, & ter lavados os pés. *Expoliavi*

Cãt. 5. *Ibi dem.* *5.* *8.* *9.* *10.* *11.* *12.* *13.* *14.* *15.* *16.* *17.* *18.* *19.* *20.* *21.* *22.* *23.* *24.* *25.* *26.* *27.* *28.* *29.* *30.* *31.* *32.* *33.* *34.* *35.* *36.* *37.* *38.* *39.* *40.* *41.* *42.* *43.* *44.* *45.* *46.* *47.* *48.* *49.* *50.* *51.* *52.* *53.* *54.* *55.* *56.* *57.* *58.* *59.* *60.* *61.* *62.* *63.* *64.* *65.* *66.* *67.* *68.* *69.* *70.* *71.* *72.* *73.* *74.* *75.* *76.* *77.* *78.* *79.* *80.* *81.* *82.* *83.* *84.* *85.* *86.* *87.* *88.* *89.* *90.* *91.* *92.* *93.* *94.* *95.* *96.* *97.* *98.* *99.* *100.*

me tunicã mea, lavi pedes meos? He certo; pois como agora tanto desvelo aonde houve tanto descuydo? Como agora tão fogosa ansia aonde se mostrou tanta frialdade? E como agora tanta finesa aonde se vio tão defabrimento? Eu o direy, porque dos mesmos Cãtares se colhe a razaõ.

Este Esposo era tão Menino, que era Menino de peyto; a mesma Esposa o diz: *Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris meae.* E encontrando-se este Menino com aquella Esposa, não só lhe lançou os braços como amante: *Lava Ibi ejus sub capite meo, & dextera dexterae illius amplexabitur me;* mas entrandolhe pelo peyto, pos-selhe como finete no coraçãõ: *Pone me ut signaculum super cor tuum.* Já se vé demõlogo a razaõ, porque a Esposa o busca, & porque o não larga.

Buscando este Menino aquella Esposa, achoulhe tanta resistencia no seu coraçãõ, que lhe não abriu a porta, quando carinhoso a

O 4 buscava:

buscava: *Aperti mihi. Expositavi me tunicâ... lavi pedes meos*: pois se he Menino Deos amante, que busca hũ coração, que lhe resiste, dos proprios braços, & abraços, q̃ lhe dá, forme o seu amoroso arco: *Læva ejus sub capite meo, & dextera illius amplexabitur me*: (que já os braços a David lhe pare-

Psal. eram arco de bronze: *posuisti, ut arcum areum, brachia mea*) & pondo-se a si mesmo por setta, imprima lhe no coração este Menino Deos a sua imagem, como Menino naquelle sinete: *Pone me ut signaculum super cor tuum*: que depois de atirada a setta, taõ fóra está de experimentar mais resistencia, que antes aquelle coração da Esposa, como quem se vé já escravo impresso cõ aquelle sinete, (& por ser o sinete deste Menino, bem parece escravo de Jesus aquelle coração) confeça se taõ efficazmente rendido, q̃ promete de não soltar mais de seus braços a este seu Senhor: *tenui eum: nec dimittam.*

Oh extremo do mais singular amor, pois fazes reduzir o infinito ao limitado atroco de attrahir escravos corações! Hum Menino não he pequeno? E hum sinete não he hũa breve lamina? Quem o duvêda? Pois ha extremo de amor mais fino, que clausularse todo Deos no corpo de hũ menino, & reduzir se toda a Divindade na breve lamina de hum sinete, inventando a metamorfosis de fazer setta de si mesmo para attrahir escravos corações? He certo que não, pois isto fez o extremo do amor quando naquelle pequeno corpo clausulou a Divindade, & isto mesmo fez tambem o mesmo extremo, quando naquelle sinete compendiado o divino, se imprimio no escravo coração da Esposa.

Mas porque não digam que no sinete da Esposa esteve só a figura daquelle Menino Deos, & que neste coração como escravo esta foy a figura, que se levátou; eu o mostro no sinete do Sacramento, ao qual ninguem poderá

poderà pôr a menor duvida. Na breve circunferencia daquelle finete cifrou Christo toda a Divindade debayxo do feu Corpo: *hoc est Corpus meum*; & notey eu que quando o Sacramento precederam todas estas circunfancias: levantar Christo o braço: *benedicens*; tomar o paõ nas mãos: *accepit Jesus panem*; dallo a seus Discipulos: *Accipite*; & dizerlhes que o comessem; & *comedite*. He certo que todas estas circunfancias tem feu myfterio; & agora, se me não engano, descubro qual elle he.

O Sacramento da Eucaristia he o extremo dos extremos do amor. Amor dos amores lhe chamou S. Bernardo: *Amor amorum*: quigá porque nesta occasião he que o amor de Christo se vio reduplicado: *Cum dilexisset, dilexit*; & Christo instituhio este Sacramento para attrahir os corações dos homẽs, & para elle tambem ficar nos seus corações, como elle mesmo disse, *in me manet, & ego in illo*; para

logo fazer hũa, & outra cousa, tanto que naquelle finete Sacramentou o feu Corpo, & a sua Divindade, estendeu o braço: *benedicens*, do qual formou amoroso arco, & pondo nas suas mãos o Sacramento por setta: *accepto pane*, entrando pela bocca, & parando no peyto: *Accipite, & comedite*; com elle fez tiro aos corações dos homẽs, & *ego in illo*; & imprimindolhe este sinecravos corações, que por se verem assim marcados, já eram escravos de Jesus, *in me manet*.

Pòde alguem pôr duvida a este extremo do Divino Amor? Não. Pòde duvidar que foy extremo finissimo do amor cifrase naquelle crystallino finete o Corpo de Christo Sacramentado, & neste Sacramentada toda a Divindade? Menos, sendo logo certos todos estes juisos, esta mesma certeza tem o juiso, que deste Menino formam os Escravos de Jesus: porque se do extremo do Amor divino fenaõ

Div.
Ber-
nard.
de
Cœ-
na
Dô-
mini.
Joan.
13.
Idem
6.

Mar
ci
14.
Luc.
22.
Mar
26.
Joan.
6.

senão duvida; se he extremo finissimo deste Amor cifrar a Divindade em pouco; nenhũa duvida tem já o juiso, que formam estes Escravos, & formaram já aquelles Escravos Reis, de q̄ este Menino he Deos, quando como tal o adoraram, *adoraverunt eum*; fundando esta figura, que lhe levantaram, na divindade, que lhes indica a sua estrella: *Vidimus stellam ejus... Ut illi ipsam quid divinum presagire cognoscerent.*

O segundo juiso, q̄ formaraõ os Escravos de Jesus na figura, que levantam a este Menino, he certificarém se em que he Rey: *Ubi est, qui natus est Rex?* porq̄ a sua estrella està mostrando a coroa real, com que nasceu: *Vidimus stellam ejus... Stella habet speciem coronæ regie.* Que este Menino nascesse para Rey, os filhos dos Reis desta sorte he que nascem; mas que no mesmo instante de nacido appareça já Rey coroadado? Esta he a duvida, que se pôde pôr a este juiso. Mas a ella respondem os Escravos de

Jesus, que este he o prodigio de seu poder; porque se nasceu como Sol: *Orietur vobis Sol*; quem deyxá de saber que, sendo o Sol o Rey de todos os astros, apenas se vé nacido nos braços da aurora, & enfaxado nas mantilhas de suas luzes, quando já os seus rayos lhe formam hũa lufida coroa? E como o Sol assim nacido he figura daquelle Menino Deos encarnado; na coroa, com que nasce o Sol, mostra o prodigio do seu poder; que se tem coroa de rayos, que coroa pôde haver mais poderosa? De rayos he a coroa do Sol quando nasce, & de rayos he a coroa deste Menino nacido, porque dos rayos do Sol he q̄ a sua estrella lhe tessou a sua regia coroa: *A Sole omnia astra lucent... Stella habet speciem coronæ regie.* Verdadeiramente, que só hum cego não poderá ver de taõ lufida coroa o poderoso, & senão, vejam aquelles, que cegos não forem. He taõ poderoso este Menino Rey, que não tem menos palacio, q̄ este Mundo,

Ma-
lach.
4.Div.
Tho-
masde
Vil-
laNo-
vain
Ser-
mon.

1.

Div.
Aug.An-
lap-
inMat
2.

&

& mais o outro. A sua Guarda roupa he a Rainha dos Anjos Maria Santissima, *pannis eum involvit*. De ouro, sendo Senhor de tudo quanto ha, & quanto pòde haver, não tem hoje menos que tres thesouros, & esses offerecidos pelos seus olhos bellos: *invenerunt puerum... obtulerunt ei aurum*. O perfume do seu palacio he o incenso mais precioso de Sabã: *Omnes de Sabã venientibus deferentes*. O Mestre da sua cappella he hum Anjo, & os Anjos são tambem todos os seus Musicos: *Facta est cum Angelo*; este sem duvida he o Anjo, que faz o compasso, *multitudo militie caelestis laudantium Deum*, & estes são os Anjos Musicos. Húa vez que quis mandar recado a huns seus pastores, foy hum Arcanjo o criado para este recado, como querem muytos: *Angelus ad pastores, quem aliqui putant in Gabriele fuisse*, advertio Dionysio Carthusiano. O gentil homem, que lhe tras a sua coroa, não o he menos, que húa estrella. *Stella ha-*

bet speciem coronae regiae. E finalmente os seus escravos são senhores, & Reis, como já disse, que nunca estes se lhe avassallaram tanto, *proidentes adoraverunt eum*, se não conhecessem claramente o grande excessso da sua grandesa.

Esta grandesa, sey eu, não soube conhecer o Rey mais duro, q teve o Mundo, mas tambem sey que esta grandesa soube triunfar da dureza desse Rey com prodigios admiraveis, os quaes vistos por aquelles, que melhor sabem fazer juiso delles, não podem negar tem este Menino todo o poder de Deos. O coração do Rey mais duro, que sabemos, foy o coração de Faraò, como consta da Escrittura: *Induratumque est cor Pharaonis*, & empenhando-se Deos em triunfar da contumacia deste Rey com aquelles prodigios tão celebres no Egypto, & tão repetidos nestes lugares; fuy reparar em q convocando Faraò os seus sabios, para que vissem com os seus olhos, & examinassem

com

A-
lap.
in
Ex-
od.
18.

com a sua sciencia aquelles prodigios, resolveram que estes effeytos eram do dedo do poder de Deos: *Digitus Dei est hic. Digitus Dei est potentia Dei*, cõmenta Cornelio.

He certo que estes sabios examinaram bem estes prodigios; & supponho tambẽ naõ deyxaram de saber que Deos, como naõ he corporeo, naõ pòde ter dedos; & se quizerem dizer que estes sabios eram gentios, & assim alheios do conhecimento de Deos; respondo q̃ como sabios bem o podiam conhecer, por se demonstrar pelo lume natural (como dizem os Filozofos) o seu conhecimento. Isto supposto, que quizeriam dizer estes sabios de Faraõ, quando disseram que aquelles effeytos eram do dedo do poder de Deos? O que elles quizeram dizer, eu naõ o sey; mas fundado na razaõ, já que naõ tenho Expositor, direy o que me parece.

Estes sabios eram Astrologos; assim o entende a versãõ de Onkalos: *Vocavit*

autem Pharaõ sapientes: Onkalos vertit Magos; & como foram chamados para examina-rem aquelles prodigios, pelas estrellas, que viam, & pelos prodigios, que admiraram, se lhes representaria a Deos encarnado pelo considerarem com dedos como corporeo: Digitus Dei est hic: esta parece devia ser a figura, que lhe levantaram, pois se Deos se lhe representou desta sorte, vendo a maravilha de seus prodigios, formaram como Astrologos certo juiso, & levantaram verdadeyra figura de que naquelle Deos encarnado estava certamente todo o poder de Deos: Digitus Dei est hic... Digitus Dei est potentia Dei.

Este he o juiso a meu ver, que fizeram os Astrologos de Faraõ daquelle poder, q̃ em Moysés admiraram; mas o poder deste Menino Rey ainda he muyto mayor, & muyto mayor tambem o juiso, que d'elle se faz; he muyto mayor o poder, porque quando Menino Rey encarnado, triunfou naõ já de

de hum Faraò Rey, q̄ foy de hum só reyno; mas sim do principe absoluto, que entãõ era de todo o Mundo: & he muyto mayor o juifo, que se faz desta sua coroa, & deste seu poder, porque aquelle juifo foy feyto por huns poucos de Astrologos: *Sup. Vocavit autem Pharao sapientes, idest, Astrologos; & o juifo de triunfar daquelle absoluto principe, por ser juifo Catholico, deve ser formado de todo o Mundo.*

Disse Christo a seus Discipulos que era chegada a hora de se clarificar: *Joan. 12. Venit hora, ut clarificetur Filius hominis,* quando logo se ouvio hũa voz do Eterno Pay, q̄ disse já o clarificára, & que o tornaria outra vez a clarificar: *Ibi-dem. Venit ergo vox de Cælo: Et clarificavi, & iterum clarificabo:* torna Christo a dizer; adverti que por amor de vòs he que esta voz se ouvio: *Non propter me hæc vox venit, sed propter vos;* & assim sobre esta voz forme agora o Mundo todo hum juifo. *Ibi-dem. Nunc iudicium*

est mundi; & seja; q̄ o principe de todo o Mundo he lançado fora delle por forza: nunc princeps huius mundi ejicietur foras. E porque o Mundo ouvio aquella voz, deve formar juifo, que o principe de todo o Mundo he lançado fora delle? Sim. Ouçamõs outra vez a voz, & reparemos bem nella, se queremos fazer o mesmo juifo.

Diz a voz: *clarificavi, & iterum clarificabo.* Eu já clarifiquey a meu Filho, & outra vez o heyde clarificar. Nesta voz temos duas clarificações; a primeyra, que já foy; & a segunda, que ha de ser: a segunda, que ha de ser, diz Dionysio Carthusiano que foy na sua morte: *iterum clarificabo te in Passione;* & a primeyra clarificação, que já foy, foy no presepio tanto que Christo naceu, porque foy tal a sua claridade, que assombrou a rustiques dos mesmos pastores, *claritas Dei circumfulsit illos;* & se o juifo, que o Mundo devia fazer, devia fundarse nesta voz, bem parece

Ibi-dem.

Dionysius Carthusius in Joan. 12.

Luc. 2.

rece

rece não devia fundar-se na segunda clarificação, porq̃ esta ainda no Mundo senão tinha visto; devia sim fundar-se na primeyra, que no presepio se vio. Vamos agora ao presepio, & vejamos o que lá vemos.

No presepio está o Menino Deos encarnado: *invennerunt puerum*, nacido como Rey: *Ubi est qui natus est Rex?* & com a sua regia coroa em hũa estrella: *Stella habet speciem coronæ regiae*; pois se aquella voz o mostra no presepio clarificado, se esta he a figura, que lá se vê, & desta figura manda Christo formar juiso ao Mundo. *Nunc judicium est mundi*: o juiso, que forçosamente deve formar da coroa, & poder daquelle Menino Rey, he ser o seu poder tão grande, que basta a sua vista para triunfar de hum principe diabolicamente tyranno, q̃ de todo o Mundo soberbamente se julgava tenhor: *nunc princeps hujus mundi ejicietur foras*.

Todo este regio poder daquelle Menino Rey se re-

presenta naquella sua coroa, (porque a coroa, como todos sabem, he symbolo de hum poder samente regio) & o poder daquelle coroa he todo o poder do Sacramento, não em figura, como na estrella se vio, mas sim na realidade. Diz Santo Augustinho meu Padre que na dadiva do Sacramento esgottou Christo todo o seu poder: *Plus dare non potuit*; & o poder de Christo não he infinito? He certo; o infinito pôde ter fim? Não; como logo Santo Augustinho diz se esgottou o poder de Christo naquella dadiva? Eu o direy. Christo Sacramento se como naceu: naceu como Rey, & naceu cõ coroa; porque naceu como Rey, como Rey se Sacramento, que essa devia ser a razãõ, porque David o figurou no Rey Melchisedech offerecêdo pão, & vinho: *Tu es Sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech. Melchisedech Rex Salem proferens panem, & vinum*; & porque naceu com coroa, com coroa também se Sacramento;

Div.
Ang.

Psal.
109.
Gen.
14.

mentou; que se toda a coroa he hum perfeyto circulo, he aquelle perfeyto circulo a sua coroa: estando logo no Sacramento Christo como Rey nacido com coroa, todo o poder, que a sua coroa indicava, he o mesmo que alli tem na realidade, & como Sacramentou todo o seu poder, diz Santo Augustinho que naquella dadiva o chegou todo a esgottar: *Plus dare non potuit.*

Naõ ha mais dadiva, que aquella, mas he tambem, porque naõ ha mais poder que aquelle. He aquelle poder deste Menino Rey taõ grande, que como vimos, tem por criados seus Anjos, Arcanjos, senhores, & Reis. He aquelle poder deste Menino Rey taõ grande, que hũa só sombra sua triunfa de hum Rey taõ poderoso como hũ Faraõ. He aquelle poder deste Menino Rey taõ grande, que sem mais armas que a sua vista affugenta hoje o principe das trevas, & o affugentou quando era principe de todo o Mundo. Finalmente he o

poder daquelle Menino Rey taõ excessivamente grande, que esgottando todo o seu poder na dadiva do Sacramento, ficou com todo o seu poder, que tinha. Este he o Menino, a quem os Escravos Reis levantaram figura, q era Rey soberano: *Ubi est qui natus est Rex?* Este he o juiso, que fazem os Escravos de Jesus do poder deste Rey, quando vem a sua figura; & este he o juiso, que huns, & outros formaram da regia coroa, que viram na sua estrella: *Vidimus stellam ejus: Stella habet speciem coronæ regie.*

Meu Deos Sacramentado, & meu Rey Menino, como Deos Sacramentado vos adoramos todo amante Deos verdadeiramente nessas especies escondido: *Verè tu es Deus absconditus;* & como Rey Menino vos tememos como escravos, Rey verdadeiramente a olhos vistos nesse pequeno Corpo nacido: *natus est Rex.* Se como Deos todo amante vos Sacramentastes, acertado foy o juiso, que fizeram estes

estes vossos Escravos em vos reconhecerem pelo mayor extremo do amor; & se como Menino nacestes Rey todo poderoso, tambem foy verdadeyro o seu juifo em vos admirarem todo prodigio no poder.

Posto este poder em hũa balança, & em outra o voffo amor, não vejo qual destas balanças pèse mais, para saber para que parte me incline. Se vos busco amante, acho vos Deos nesse Sacramento; se vos busco Rey poderoso, vejo vos Menino nesse altar: *Positus in medio,*

Div. quò me ver tam nescio: posto
Aug. no meyo, não sey para que parte me volte, disse o meu grande Augustinho, vendo-se posto entre dous extremos; & o mesmo diz agora

tambem este seu filho quando entre estes dous extremos se vé posto: *Positus in medio, quò me ver tam nescio:* não sey, não sey para q parte me incline; mas já o sey, porque o grande Augustinho o diz: *Positus in medio,* posto no meyo; este he o remedio desta perplexidade; assim o faço sem pender para hũa, nem para outra parte, senão igualmente para ambas; & assim de vòs, já q sois Rey Menino todo poderoso, queremos merces, porque em cada hũa merce vossa vos achamos mil graças; & de vòs, meu amante Deos Sacramentado, não vos queremos por menos, que por toda a nossa gloria, *quam mihi, &c.*



SER-



S E R M A Õ

DO APOSTOLO

S. BARTHOLOMEU

Na festa, que lhe fas a nação Alemã
na Paroquial Igreja de S. Juliaõ em
Lisboa no anno de 1695.

Elegit duodecim, Bartholomæum. Luc. 6.

L Ançou Christo no dilatado mar deste Mundo a grande rede da sua Igreja: *Sagena est Ecclesia*, & muyto por eleyção sua prendeu nella ao mais Illustre no sangue entre os mais Apostolos, q foy o seu Apostolo S. Bartholomeu: *Elegit Bartho-*

lomæum. Mas se nesta sua rede pescou Christo a todo o genero de peyxes, *ex omni genere piscium*, certo era devia tambem nella prender a este peyxey Rey; que filho de Ptolomeu Rey de Syria querem muytos com Pelbarto fosse este sagrado Apostolo: *Rege mortuo patre*

P

ejus,

*A-
lap.
in
Mat
13.*

*Mat
13.*

*Pelb.
Ser-
mon.
56.*

ejus, Bartholomæus jam adultus in Regem eligitur.

Prendendo Christo nesta sua rede universalmente a todos os homens representados nos peyxes: *Pisces representant homines*, he de advertir, que só os eleytos são os escolhidos, q̄ ficam nesta

A. lap. in

Mat

13.

Mat

20.

sua rede: *multi enim sunt vocati, pauci vero electi*; & paraque esta eleyção, que Christo hoje fez, fosse propriamente eleyção, não só entre todos os escolhidos da sua rede elegeu a doze

Luc.

6.

Apostolos: *Elegit duodecim*, mas entre esses doze ainda parece devia escolher particularmente a hum; que se no sentir de S. João Damasceno citado por Alberto Magno, a eleyção propriamente não he entre muytos escolher alguns, senão entre muytos escolher a hum

Ab

Al.

bert.

Ma-

gno

tit.

Da-

mas-

sen.

só: *Eligere est ex pluribus propositis unum aliis præoptare*: a hum só entre os doze parece devia Christo eleger; & parece tambem devia ser a Bartholomeu pelo singular anagrama, que no seu nome se lê.

O anagrama deste nome Bartholomeu (como podem ver com mais vagar os curiosos) he Sol dos Bemaventurados; advertio nelle o agudo Engelgrave: *Bartholomæus Sol Beatorum*: & se Bartholomeu tem tanta semelhança com o Sol, esta he a propria razaõ, porque eudigo deve elle ser particularmente o escolhido por Christo. Fundo esta razaõ naquella ditosa alma dos Cantares, que por ser alma tão santa, se me não enganou, he esta a propria alma de Bartholomeu.

Hē-

riq.

En-

gelg.

in

Ser-

mon.

Div.

Bar-

th.

Sendo esta alma hũa estrellada na graça: *Quasi aurora*, & hũa Lua na fermosura: *Pulchra ut Luna*, só

Cād.

6.

quando o divino Amante Christo a vio com semelhanças de Sol, achou devia ser o particular emprego da sua eleyção: *electa ut Sol*.

Ibi-

demo.

Não a escolheu como estrellada: *Quasi aurora*, porq̄ não faltam engraçadas estrelladas no Ceo do Apostolado: *Cælum dicuntur Apostoli Stellæ sunt Apostoli*.

Ibi-

demo.

Não a escolheu como Lua, que posto esta

Al-

leg.

esta seja grande por nacimiento, he pequena a sua fermosura para tao grande escolha: *luminare minus*. Escolheu a fim como Sol: *electa ut Sol*; porque entre as estrellas, & planetas Apostolicos só Bartholomeu he o mayor: *Luminare maius*; por ser naõ só nobre como as estrellas, & grande como a Lua; mas porque entre todos só elle como o Sol he illustre: *Bartholomæus Sol Beatorum in Regem eligitur*.

Supposto pois que Bartholomeu he o Real Sol dos Bemaventurados, & como Sol foy escolhido particularmente entre os mais Apostolos: *Elegit duodecim, Bartholomæum*: sendo proprio, & natural do Sol o ter diversos estados nas tres diversas partes do dia, que he todo o curso da sua vida: *Sol diversas recipit mutationes*, disse Brecorio: os mesmos estados do Sol veremos tambem no Sol de Bartholomeu, repartindo todo o discurso da sua vida em tres partes, ou tres estados diversos.

Resplandece o Sol neste nosso hemisferio pela manhã; no meyo dia está intenso, & na tarde desmaya: *Sol in tertia lucet; in meridie fervet; in vespere pallet*, disse o mesmo Brecorio. Pela manhã resplandece o Sol, porque dá luz, no meyo dia está intenso, porque está mais caluroso nos rayos, & na tarde desmaya, porque totalmente morre. Pela manhã resplandece o Sol, porq' lança fóra as trevas para lusir: este he o seu primeyro estado: *Sol in tertia lucet*; este tambem foy o primeyro estado do nosso Santo como Sol: *Elegit Bartholomæum. Bartholomæus Sol Beatorum*; & este serà tambem o primeyro discurso do Sermaõ. No meyo dia está o Sol mais intenso, porque as suas luzes saõ já rayos, com que abraza; este he o seu segundo estado: *In meridie fervet*: este tambem foy o segundo estado do nosso Santo como Sol: *Elegit Bartholomæum: Bartholomæus Sol Beatorum*: & este serà o segũdo discurso.

Na tarde finalmente des-
maya o Sol, porque deyx
os rayos para morrer: este
he o seu terceyro, & ultimo
estado: *In vespere pallet*: este
tambem foy o terceyro, &
ultimo estado do nosso San-
to como Sol: *Elegit Bar-
tholomæum: Bartholomæus
Sol Beatorum*; & este será
tambem o terceyro, & ulti-
mo discurso. Começemos
pelo primeyro estado do
nosso Sol.

Resplandece o Sol neste
nosso hemisferio pela ma-
nhã, que he o proprio tem-
po, em que dá principio à
vida, que perdeu; mas para
luzir affugenta primeyro as
densas trevas da noyte, em
que torna de novo a nascer.
E S. Bartholomeu tambem
na manhã da sua vida como
Sol lançou primeyro fóra
as escuridades do barbaro
gentilismo, em q se creou,
para luzir entre os mais Dis-
cipulos na companhia de
Christo; se bem que com
ranta differença nos lusimẽ-
tos, quanta vay de hũa or-
dinaria luz à fonte das mes-
mas luses, que he o Sol: *Sol*

fons totius luminis; porque Bre:
os mais Discipulos quando *ch.*
muyto pelo dito domesmo *vie.*
Christo não passou a sua ca- *Dio-*
pacidade de serem luses: *Vos* *nyf-*
estis lux, & S. Bartholomeu *Mat*
entre todos teve esfera para *5.*
ser Sol: *Sol Beatorum*.

O como este Sol veyo à
companhia de Christu, não
se sabe, que como não consta
dos Evangelistas, duvi-
dam com muyta razaõ os
Autores, se foy chamado,
ou se foy elle o que per si
mesmo veyo buscar a Chri-
sto; o mais certo parece, q
sendo Christu flor: *Ego flos*, *Catã*
& Sol Bartholomeu: *Sol* *2.*
Beatorum, eu não sey que as
flores mudem os pés, & c
dem passos para vir buscar
ao Sol; vejo sim que o Sol
he o que com todo o cuyda-
do vem todos os dias sem
falta buscar as flores. Quan-
to mais, que se Christu bus-
ca para a sua companhia hu-
mildes pescadores: *Venite* *Mat*
post me, & faciam vos fieri *4.*
piscatores; nesta categoria
não podia entrar S. Bartho-
lomeu, quando a humilda-
de, com q lusio, não a teve
por

por nascimento, senão por virtude propria: digo que a não teve por nascimento, porque morto seu pay, foy logo eleyto em Rey de Syria: *Rege mortuo patre ejus, Bartholomæus jam adultus in Regem eligitur*; & quem se faz taõ humilde, nascendo Rey, bem se vé fer a humildade virtude propria, com que resplandece, & não herança do proprio, & natural fer, com que nasce.

Pelb. Sermon. 56.

Oh que sujeyto taõ singular foy o sujeyto de Bartholomeu! pois vejo que todos o querem por eleyção; os homens o elegem por seu Rey: *in Regem eligitur*, & Christo para o seu Apostolado tambem o elege: *Elegit Bartholomæum*: mas não he muyto q̃ a todos leve Bartholomeu os olhos, quando nos olhos de todos se mostra fer hum sujeyto taõ particularmente lufido.

A cada hum de seus Discipulos disse Christo que fossem hũa particular luz, que resplandecesse na presença dos homens: *Vos estis lux. Sic luceat lux vestra co-*

Mat 5.

ram hominibus: & para que quer Christo a seus Discipulos não só particularmente lufidos em si, senão lufidos particularmente para os homens? Elle o diz: *ut videant opera vestra bona*: quero-vos lufidos, para que todos vejam as vossas boas obras: de forte, que querendo Christo andassem as boas obras de seus Discipulos diante dos olhos de todos: *ut videant*, achou q̃ o meyo mais efficàs era fazellos luz; porque como a luz he a cousa mais lufida, que ha, não poderiam os Discipulos deyxar de levar os olhos a todos: *ut videant*, sendo cada hum delles nos olhos de todos hum sujeyto taõ lufido, como a mesma luz: *Vos estis lux.*

Ibidem.

Se Christo achou q̃ bastava serem seus Discipulos sujeyos lufidos como lufes, para que nos olhos de todos pudessem andar, quãta mais razaõ terà Bartholomeu para levar a todos os olhos, quando foy sujeyto taõ lufido, não só como luz, senão como o mesmo Sol. Dey-

xará alguê de pôr os olhos
 no Sol para se empregar to-
 do na vista de hũa estrella?
 He certo que não; pois se
 os mais Discipulos foram
 lufidas estrellas: *Stellæ sunt*
Apostoli. Vos estis lux, & Bar-
tholomeu Sol resplandecē-
te: Sol Beatorum, muyta
 razão tem para não ser só
 objecto particular da eley-
 ção dos homens: *In Regem*
eligitur; mas para ser també
 do mesmo Christo particu-
 larmente escolhido: *Elegit*
Bartholomæum.

Entre estas duas eleyções
 se vio Bartholomeu, não du-
 vidoso, porque bem vio não
 ser possível aceytar ambas;
 & assim deyxou a que devia
 deyxar, & escolheu a que só
 devia escolher: rejeitou a
 eleyção dos homens, porq̃
 resolutio deyxou o seu Rey-
 no; & escolheu a eleyção de
 Christo, porq̃ veyo ansioso
 buscar a sua companhia; mas
 se Bartholomeu era Sol, es-
 ta certamēte, & não aquella
 devia ser a sua eleyção; & a
 razão he natural: porque o
 Sol não resplandece em hũ
 só Reyno, por ser hum só

Reyno pequena esfera para
 tanta luz, estende sim pelo
 Mundo todo as suas lufes,
 porque para todo o Mundo
 tem lufes o Sol. Porém vin-
 do à companhia de Christo,
 se deyxou de ser Rey, não
 deyxou de ser Sol, que res-
 plandeceu pelo Mundo to-
 do: *In omnem terram exivit*

Psalm.
 18.

Que na companhia de
 Christo tivesse Bartholo-
 meu logo o proprio lugar
 de Sol, ve-se no lugar, em
 que se assentou, que he sem
 duvida o lugar, que lhe de-
 ram os Evangelistas. No

Luc.
 6.

sexto lugar he que os Evan-
 gelistas o contam; por cer-
 to que cuydey eu, quando
 o fuy buscar à Escriptura, q̃
 no primeyro lugar he que o
 achava; mas logo me occur-
 reu, que se Bartholomeu era
 Sol vindo para o Apostola-
 do, só no sexto lugar, que
 he o lugar do meyo, devia
 parar.

Hũa só vez sabemos que
 parasse o Sol do seu quoti-
 diano corriculo, que foy às
 imperiosas vozes de Josue:

Josue
 10.

ris:

ris: & devendo o Sol parar no lugar, aonde se achava, que era quasi no Occidête, como advertio o Alapide:

A. *Videtur, quòd Josue imperaret stationem Soli sub vesperam, cum is occumberet: ad-*

verte o Texto, que não parára o Sol senão no meyo do Ceo: Stetit Sol in medio Cæli. E que razão tem o Sol

para não parar no lugar, aonde se acha? Não tem mais razão, que o ser Sol. O Zodiaco, que he o circulo, & estrada, por onde o Sol faz o seu continuo curso, consta de doze lugares, que são os doze Signos, aonde o Sol entra pelos doze mezes do anno; & parando o Sol no meyo do Ceo, parou no sexto signo, que he o meyo de todos elles, como dizem os Astrologos: pois se o Sol he Sol, & ha de parar em hum destes lugares: *Sol contra Gabaon ne movearis*; advirta-se aonde tem o seu proprio lugar, porque o não tem no lugar, aonde se acha, tem sim lugar no sexto Signo, que he o meyo do Ceo, porque este só he o

lugar proprio, aonde o Sol para. *Stetit Sol in medio Cæli.*

Ceo estrellado foy o Apostolado de Christo: *Cælum dicuntur Apostoli*, & Sol resplandecente deste Ceo foy o Apostolo S. Bartholomeu. No reyno de Syria, aonde se achava este Sol, q̄ feria certamente o seu occidente, por se achar entre tantas sombras gentlicas, lhe chegaram as vozes não de Josuè, senão de Jesus; certo era logo, se era Sol, não poder parar no lugar, aonde se achava, era sim sem duvida buscar o sexto lugar deste Ceo; porque só neste lugar podia parar como Sol: *Stetit Sol in medio Cæli... Cælum sunt Apostoli.*

E qual feria a razão, porque o Sol só para no sexto lugar, que (como já disse) he o lugar do meyo? Eu a direy, & he taõ clara como o Sol. Tem obrigação o Sol, como todos sabem, de comunicar a todos os mais astros as enchentes de suas luzes: *A Sole omnia astra lucent*, disse o meu Santo Thomàs de Villa Nova, & posto

Al-
leg.Div.
Tho-
mas
a
Vil-
la
No-
va
Ser-
mon.
1.
Div.
Aug.

o Sol no lugar do meyo, não podem faltar luses às estrellas, que lhe ficam de hũa, & outra parte. Oh rutilantes estrellas Apostolicas, & que bem fizestes em dar o sexto lugar a Bartholomeu! que se todos fois os doze Signos desse Zodiaco celeste, como diz Brecorio: *Zodiacus est Ecclesia, quæ duodecim Signa, idest, duodecim Apostolos continet*: para que pudessem luzir essas Estrellas, q̄ de hũa, & outra parte lhe ficavam, fizestes bem de collocardes no meyo de todas este Sol: *Stetit Sol in medio Cæli.*

Mas como não sabemos parasse o Sol mais que por maravilha hũa só vez no Ceo, por ser obrigação sua andar em hum perpetuo movimento; tambem não foy das menores maravilhas do Mundo parar o Sol de Bartholomeu no Ceo do Apostolado; & assim para dar complemêto à sua obrigação, começou a correr o Mundo: *Euntes in mundum universum.* Partio logo para Licaonia, que he parte da Cappadocia provincia de

Asia: foy depois à India ceterior; & ultimamente voltou por Armenia, aonde teve o seu felis occaso. Verdadeiramente que só na esfera de hum Sol pode caber tão grande gyro!

Em todas estas partes prégou Bartholomeu o Evangelho, dando luz a milhões de almas, como entre muytos affirma São João Chrysoftomo, confirmando o que prégoava com muytos, & singulares prodigios. Entre elles foy hum, livrar do poder do demonio a filha del Rey Polemon, a qual em certos tempos era necessario prendella com cadeas, por ser tão rayvofo aquelle demonio, que despedaçava tudo quanto se lhe punha diante. Deste demonio a não pode livrar outro demonio, que falava no Idolo Astaroth, & Bartholomeu a curou com toda a facilidade. Ainda aqui não está o mayor prodigio; senão que estando o Rey hũa noyte na caza, aonde se recolhia, com janelas, & portas fechadas, entrou Bartholomeu

visivel;

Bre-
cb.
lib. 5
c. 9.

Mar-
ci
16.

visivelmente, & lhe disse q̄ viera àquella terra só para lhe dar a luz da Fé, com a qual o deyxou alumiado. Oh prodigio sobre todos os prodigios!

Entra o Sol com os seus raios pelo crystallino de hũ vidro sem o offender, mas he porque tem muyto de diafano, & transparente o crystal. Porém entrar o Sol de Bartholomeu cõ as suas luses por hũa parede, por hũa porta, ou por hũa janela, estando tudo fechado, esta maravilha ve-se com os olhos, mas he taõ grande, q̄ ainda vista se duvida. Depois q̄ Christo resuscitou, appareceu a seus Discipulos, & disse-lhes: *Ego sum,*

Luc. nolite timere. Videte, quia ego ipse sum: palpate, & videte:

24.

Eu sou, diz Christo; & porque naõ tenhais nenhum receyo, vede, vede, & tocam-me, porque eu mesmo sou: naõ obstante tudo isto, diz o Texto que os Discipulos ficaram duvidosos. *Adhuc autem illis non credentibus.*

*Ibi-
dem.*

Escusadas parece foram tantas certificações em

Christo, & mais que escusada foy a pouca crença dos Discipulos; porq̄ se Christo se mostra resuscitado aos seus olhos, naõ hũa, senaõ duas vezes, *videte, videte;* & se manda que o toquem: *palpate,* escusado parece persuadillos tantas vezes, dizendo que elle he: *Ego sum: ego ipse sum:* & se os Discipulos estaõ vendo muyto bem com os olhos que he Christo, porq̄ o naõ crem, & para que duvidam? Tudo isto assim he; mas com tudo isto ser assim, vejo q̄ Christo certifica aos Discipulos; & vejo tambem que elles naõ deyxam de duvidar. E a razão he.

Porque Christo entrou de noyte na caza, aonde os Discipulos assistiam, estando as portas, & janelas fechadas; assim o advertio S. Joaõ narrando este mesmo successo. *Cum ergo sero esset die illo, & fores essent clausæ, ubi erant discipuli congregati:* & verem os Discipulos entrar a Christo de noyte em hũa caza com janelas, & portas fechadas; verem q̄ aquelle

*Joan.
20.*

aquelle corpo, que com os olhos estavam vendo, tinha penetrado hũa parede, hũa porta, ou hũa janela; he maravilha esta tão grande, que até no mesmo Christo vista com os olhos não hũa, fenaõ duas vezes: *videte, videte, & tocada cõ as mãos, palpate*; certamente se està vendo, mas tambem certamente se està duvidando. *Adhuc autem illis non creditibus.*

Assim se mostrou Christo a seus Discipulos, mas depois de resuscitado; & assim se mostrou Bartholomeu, estando ainda no principio de sua vida, a elRey Polemon. Em obrar esta maravilha não fez Bartholomeu mais que Christo, mas fez certamente mais que o Sol, pois lhe leva este excessõ no penetrante das luses, com que resplandeceu depois que na manhã da sua vida affugentou as trevas do gentilismo, em que se creou, para que se veja que, se este he o primeyro estado do Sol material: *Sol in tertia lucet*, este tambem foy

o primeyro estado, em que Christo escolheu a Bartholomeu, Sol racional: *Elegit Bartholomæum: Bartholomæus Sol Beatorum.*

Estã o Sol tambem no meyo dia, que he o meyo dia da sua vida, mais intenso: *In meridie fervet*, porque ^{Sup.} passando das luses, com que nasce, para os rayos, cõ que abraza no meyo dia, mostra mais ardente a sua multiplicidade: *Sol multiplex in radiis*; & Bartholomeu bem ^{Al. leg.} mostrou no meyo dia da sua vida passou das luses cõ que lusio para os rayos, com que abraçou; porque este foy o tempo, em que se vio ter elle rayos sobre rayos. Para prova desta verdade não tenho de allegar mais testemunhas, que os diabos, que posto estas nas mais materias não sejam fidedignas, nesta seguramẽte se podem crer, porque os seus testemunhos são contra si mesmos; & em tal caso por todo o Direyto são receptiveis quaesquer testemunhas de qualquer qualidade, que sejam. O que supposto, vou refe-

referindo os seus depoimentos.

Entrou Bartholomeu em hũa cidade principal de Armenia, & vendo q̄ naquella celebre estatua de Astaroth tinha aquelle cego povo hũ diabolico Idolo para a sua adoração, & hum mentiroso Oraculo para a sua crença; compadecido de tanta cegueyra (que só hum Sol com os seus rayos pôde dar luz a quem vive entre trevas) fez emmudecer o Idolo, porque não falou mais aquelle diabo.

Perguntado outro Idolo chamado Berit, em quem tambem outro diabo falava, porque causa emmudecera Astaroth, respondeu que a causa era ter entrado Bartholomeu Apostolo de Jesu Christo naquella cidade; & para que este de todos fosse bem conhecido, o mesmo diabo o retratou muyto ao natural; porque para esta pintura tomou do Sol de Bartholomeu o que tinha de lustroso, & o diabo entrou sómente com as suas sombras. Disse o diabo que

Bartholomeu tinha voz de trombeta: (parece que o despertava para a guerra, q̄ com elle tinha) Que andava acompanhado de Anjos: (muyto mal lhe devia parecer taõ boa guarda) Que sabia tudo o que se tinha passado; (nunca elle o quizera ver com propriedades de Anjo) & ultimamente que orava cem vezes de dia, & cem vezes de noyte: (eu creyo o desejaria elle ver mais satyrico, que orador.)

Deste ultimo dito do diabo parece posso colligir a razaõ de hũa grande duvida, que se me propos, & he; que achando-se Bartholomeu com Christo todas as vezes, que o Texto diz se acharam com elle os sagrados Apostolos, vejo que no Horto deyxou Christo ficar a Bartholomeu com os mais: *Sedete hic*, & só levou *Mar* consigo tres Discipulos: *ci* *assumpsit Petrum, & Jaco-* 14. *bum, & Joannem: se Christo* *Ibi-* *vay ao Horto para orar: Se-* *dete hic donec orem*, não leve Discipulos, a quem haja de reprehender por dormirem muyto,

Mat 26. muyto, *inveniteos dormientes: sic, non potuistis una hora vigilare mecum?* Leve a Bartholomeu, que ora cem vezes de dia, & cem vezes de noyte. Por isso mesmo parece o não levou consigo, que como Christo hia orar só tres vezes, *oravit tertio*, não lhe pareceu levar, nem quis levar consigo quem houvesse de orar mais do que elle havia de orar, & assim com os mais Discipulos o deyxou ficar: *Sedete hic.*

Ibidem. Confeço que nem parece pôde haver rayos mais intêtos, nem tambem se poderá achar facilmente mayor multiplicação de rayos; mas não he muyto que eu confeço o intenso extraordinario destes rayos, quando hū diabo, que Bartholomeu lançou fóra do corpo de hū homē, em altas vozes assim o confessou, testemunhando que as orações de Bartholomeu, como se fossem rayos abrazadores, o tinham feyto hum Etna de fogo: *1. Dæmoniacus quidam exclamavit dicens: Apostole Dei Bartholomæe, incendunt me*

orationes tuæ: & se cada oração sua era hum rayo intenso, que sahia deste Sol, orando Bartholomeu cem vezes de dia, & cem vezes de noyte, vejam lá os contadores dos contos, se pôde haver mayor multiplicação de rayos, & se teve rayos este Sol para quantos diabos tem o inferno!

Entre os falsos deoses, que adorava brutaemente cega a gentildade, era Jupiter o principal, & lhe chamaram o Deos dos rayos: *Jupiter fulminator*; com estes (fabulam os Poetas) venceu, & destruhio Jupiter aquellos soberbos, & atrevidos Gigantes, que quizeram cō a sua divindade, posto que fingida, contender; mas o que entre elles não passou de fabula, vemos em Bartholomeu historia verdadeyra; porque cada hum dos Apostolos foy hum Deos por semelhança na terra. *Ego dixi: Dii estis*; & entre os Deoles Apostolicos foy Bartholomeu o Jupiter, porque foy (como confeçam os diabos) o senhor dos rayos;

*Ra-
vis-
us
Tex-
tor
1. p.
offic.
tit.
scop-
tra
Deo-
rum.*

*Psal.
81.*

yos; & se aquelle Jupiter gentilico venceu, & destruhio aquelles soberbos Gigantes, que contra a divindade fingida se quizeram atrever; Bartholomeu com os rayos das suas orações arruinou, & destruhio os Gigantes diabolicos, que à verdadeyra Divindade se quizeram sacrilegamente oppor, *incendunt me orationes tuæ.*

Pelb. in Ser. Div. Barth. ih. Venha em confirmação outro diabo por testemunha: *Cæpit clamare dæmon: Cessate, miseri, sacrificare mihi, qui catenis igneis ab Angelis Jesu Christi sum ligatus jussu Apostoli ejus Bartholomæi.* Disse publicamente aquelle diabo, que falava no Idolo Astaroth: O' miseraveis homens, não me façais mais sacrificios, nem me tendais já por Deos, porque me vejo atado pelos Anjos com cadeas de rayos de fogo, & isto porq' assim o manda o Apostolo de Jesu Christo Bartholomeu. Repare-se bem neste testemunho, porque he digno de todo o reparo.

Diz o diabo que não quer já ser Deos, porq' não quer já sacrificios, pelo muyto que o abrazam os rayos de Bartholomeu, *catenis igneis sum ligatus jussu Apostoli ejus Bartholomæi.* E teve Bartholomeu poder, para que à sua vista dicesse o diabo publicamente que não queria já ser Deos, quando à vista do mesmo Deos não receou este diabolico gigante dizer, & persistir, que queria ser como Deos: *Similis ero Altissimo.* Que quer o diabo que se diga, quer que se diga recea mais os rayos, com q' Bartholomeu o abraza, do que o mesmo fogo de Deos, com que no inferno arde, & quer se affirmação aquelles rayos mais intensos, que este fogo? Se o diabo quer que se diga isto, eu nem o quero dizer, nem posso; porque para credito de Bartholomeu basta dizerse q' foy o Jupiter mais verdadeyro, quando com o intenso de seus rayos destruhio, & arruinou a gigante soberba diabolica, que atrevidamente queria usurpar

Ijai.
14.

para Divindade do mesmo Deos, roubando-lhe os sacrificios, que só a Deos se devem: *Cessate, miseri, sacrificare mihi, qui catenis igneis sum ligatus jussu Apostoli ejus Bartholomæi*. E se esta foy a intensaõ de seus rayos confessada pelos mesmos diabos, bem se mostra teve o segundo estado do Sol no meyo da sua vida: *In meridie fer-vet*, supposto que por ser Sol, foy escolhido por Christo: *Elegit Bartholomæum. Bartholomæus Sol Beatorum*.

Finalmente na tarde def-maya o Sol, porque morre: *Sup. In vespere pallet*: mas quem deyx a saber q para morrer nasce o Sol? E se esta he a pensaõ, q tem quem vive nesta vida, que bem considerada he a mayor, que se pòde ter, della tambem se não podia izentar o Sol de Bartholomeu pela ley geral de São Paulo: *Statutum est hominibus semel mori*: & assim pallido se vio no fim da sua vida, porque se vio morto. Despiram-lhe os tyrannos a pelle, & fizeram-lhe bem,

porq havia muytos annos, que aquelle Sol estava recluso entre esta nuvem; & se o Sol entre nuvês alumia menos, & sem este eclipse resplandece mais, agora que o Sol de Bartholomeu está já fóra da nuvem da sua pelle, mostra claramente a maravilha de seus rayos, porq com todo o valor lançando a pelle para trás das costas, como senão fizesse nenhum caso de taõ extraordinario martyrio, começou efficazmente a prègar a Fé de Jesu Christo: assim o diz S. Vicente Ferreyra, referindo outros Autores: *Dicunt aliqui, quòd cum pelle in collo prædicabat*.

Para gloria do seu singular triumpho trasia aquelle valeroso Hercules sempre às costas a pelle de hũ Leaõ, que tinha vécido. Oh Hercules da Ley da graça, pois fostes visto, naõ com a pelle de nenhum bruto, mas sim com a vossa mesma pelle às costas para gloria do triumpho, que conseguistes nesse nunca já mais visto modo de martyrio, em que morrestes!

Vincento Ferraz in Sermon. Div. Barth.

Pan-li ad He-br. 9.

Cāt.
I.

restes! Mas assim morto, & sem pelle vos queremos por objecto do nosso agrado. Lá dizia a Esposa que seu Esposo era o seu querido ramallete de myrrha. *Fasciculus myrrhæ dilectus meus.* E a Esposa quer a seu Esposo quando ramallete morto, que isto symboliza a myrrha, & assim confeça he o seu querido, & objecto do seu agrado? Sim; que o ramallete morre quando as suas flores despem a pelle, que saõ as folhas, com que se cobrem, & sendo o ramallete sem folhas hum ramallete sem pelle, porque sem pelle fica o ramallete ao cahir da folha; desta sorte quer a Esposa tanto a seu Esposo, que confeça sô o quer quando ramallete de myrrha lhe parece: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus.* Dispam os tyrannos a pelle, & tirem a vida a Bartholomeu, que assim he tanto objecto do nosso agrado, que temos excessivo gosto de o ver, por lhe ser muyto proprio este martyrio: que se despem a sua pelle às flores

deste ramallete, he porque sabemos que as flores certamente desmayam, quando o Sol morre, que he o seu terceyro estado. *In vespere pallet:* & he tambem o terceyro estado de Bartholomeu, para que foy escolhido como Sol: *Elegit Bartholomæum. Bartholomæus Sol Beatorum.*

Este Sol pois escolhido por Christo, como vimos, he tambem o Sol, que particularmente escolheu neste Reyno para seu Protector a Nação mais esclarecida, como se vé nestes Imperiaes cultos, que lhe tributam todos os annos os seus mimosos Alemães. Nomeam-se estes Irmãos de S. Bartholomeu, & não ha duvida que tomaram o titulo, que propriamente lhes compete, porque verdadeiramente saõ seus Irmãos em armas.

Sendo as Armas não só hũa singular divisa, porque as Nações se conhecem, & se distinguem; mas tambem hum particular brazaõ, de que gloriosamete se jaçtam, a divisa, brazaõ, & Armas dos

dos Alemães sabem todos que saõ duas Aguias Reaes; mas assim devia ser para serem Irmãos em armas com Saõ Bartholomeu: porque se o Sol de Bartholomeu, como já disse, he o Jupiter, que veneramos, por ser o Senhor dos rayos; a singular divisa, brazaõ, & Armas, que Jupiter para si particularmente escolheu, foram as Aguias Reaes, como sabem os Humanistas; & se he propriedade das Aguias remontarem-se sobre as nuvens, & examinarem do Sol os rayos; estribada nestas Armas, & sobre estas Aguias firme, sobe esta Illustre Nação sobre as mais nuvês (que por Imperial se pòde chamar nobre como as estrellas) para beber os rayos deste Sol.

Finalmente se o Sol he igualmente para todos, por-

que communica o precioso de seus rayos a grandes, & pequenos, a ricos, & a pobres; o Sol de Bartholomeu não só se cõmunica à grandesa de seus Irmãos, senão que por meyo destes com a pobreza tambem reparte o thesouro de seus rayos, que já se sabe saõ os rayos do Sol rayos de ouro. Oh grandesa singular da Nação Alemã! Mas oh grandesa vossa, meu Santo, & meu Sol, em terdes taes Irmãos, & taes devotos! que neste numero entramos nós agora todos; & supposto que todos vos queremos nosso Sol, communicay a todos as luzes das vossas virtudes, & os efficaes rayos da vossa intercessão, paraque alcançando por meyo desta a divina graça, vamos lograr com vosco essa eterna Gloria: *Quam mihi, &c.*





S E R M A Õ

D A S

QUARENTA HORAS

No Triduo, que fazem os Irmãos de N. Senhora da
 Perfia no Convento de N. Senhora da Graça
 de Lisboa, no anno de 1694.

Si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum.

Joan. 12.



UE errado se vio o
 relogio do Mundo
 nos tempos passa-
 dos, Senhor, quando nestas
 quarenta horas, que dava,
 senão ouviam mais q' erra-
 dos desconcertos, não só de
 hora a hora, senão de instan-
 te a instante; & que concer-
 tado se vé hoje o relogio do
 Mundo nestes nossos tem-

pos, quando nestas Quaren-
 ta Horas, que se ouvem, se
 vem os erros passados com
 a emenda, que se vé.

Este era o tempo, em que
 o Mundo andava devassa-
 méte distrahido; estes eram
 os dias, em que os homens
 pareciam bullicosamente
 inquietos, & estas eram as
 quarenta horas, em que as

Q almas

almas se viam gravadas com quarenta mil generos de vicios. Mas este tambem he o tempo, em que o Mundo de temeroso coarctou as suas devassidões; estes são os dias, em que os homẽs com juiso suspenderam as suas loucuras; & estas tambem são as Quarenta Horas, em que as almas como tão interessadas se querem izentar de todo o peccado.

Muytos annos tardou quem tinha de fazer esta maravilhosa mudança, applicando o remedio a tão desatinados desconcertos: mas se estava na Persia, não foy muyto que tardasse tantos annos; se bem que posto tardasse, he certo chegou a muyto bom tempo; porque em quanto o achaque dura, sempre o remedio chega a muyto boas horas.

Do Oriente por esses crystallinos mares em hũa nao veyo aquella Senhora a expornos aquelle Sacramento nestes tres dias, como quem sabia que só desta sorte se impediam sem nenhũa duvida não só os arre-

batados passos, senão tambem as acções delirantes dos homens, pelo affirmar assim Christo nas palavras, que tomey por thema.

Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.

No mesmo tempo, em que os homens (diz Christo) me levantarem ao alto, & à vista de todos me expuserem, attrahirey a mim todas as creaturas. Este Texto na exposição commua dos Padres se entende de Christo exaltado na Cruz; mas S. Leão Papa o explica tambem de Christo exposto na

quelle Sacramento: *Traxisti, Dòmine,* (diz o Padre) *omnia ad te, ut quod in uno Judaee templo obübratis significationibus tegebatur, pleno, apertoque Sacramento universarum ubique devotio celebraret.* Nenhũa duvida podem causar estas duas exposições, quando sabemos que na Cruz se expos o Sacramento naquelle divino Lado aberto: *De latere Christi exierunt Sacramenta.* Pòde sim fazer duvida dizer Christo que só entã attrahirà

Div.

Leo

Pa-

Judææ

fig. pa

nificationibus

tegebatur, ple

Ser-

mon.

8.

de

Pas-

sion.

Div.

Aug.

attrahirà a si todas as creaturas, quando na Cruz se expuser Sacramentado: mas desta duvida desistirá facilmente quem vir a Christo na Cruz posto, & exposto no Calvario.

Voltada para o Oriente estava a Cruz, que para a parte do Oriente se crucificou Christo, & estando Maria Sâtissima junto da Cruz:

Stabat juxta crucem, voltada para a mesma parte de Christo havia de estar. Não chamou Salamaõ a esta Senhora: *Facta est quasi navis*; & para q̄ esta nao não desse em secco, rios de lagrymas corriam de seus olhos, & do peyto de Christo sahiram tambem rios de agoas:

Ex hoc fonte perennes effluunt rivi, disse S. Cypriano: que tudo muyto bem pudera fazer hum mar: & tanto que se uniram para se expor o Sacramento na Cruz Oriente, mar, nao, & Maria navegando pelas agoas; neste tempo, & não em outro he que Christo diz impedirá os arrebatados passos, & acções delirantes dos ho-

mens, porq̄ a estes foy que attrahio: *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.*

Està applicado o Texto, mas não deyxã ainda de ter sua duvida, & he; q̄ Christo no Sacramento attrahisse a si os homens, assim o vem nestes tres dias os nossos olhos: mas que attrahisse a si todas as creaturas, não o mostra assim a experiencia. Vem os nossos olhos aos homens attrahidos, porque os vem chegar àquelle Sacramento; & não vé a experiencia attrahidas todas as creaturas, porque nem pedras, nem brutos àquelle Sacramento se chegam. Vem os nossos olhos attrahir Christo aos homens, porq̄ com os olhos da Fé vemos unir se Christo com elles, *in me manet, & ego in illo*; não vé a experiêcia pedras, nem brutos attrahidos, porque Christo não se identifica cõ brutos, nem pedras. Pois se Christo naquelle Sacramento não attrahe a si mais que aos homens, como diz attrahiria a si todas as creaturas,

Joan.
19.Pro-
verb.
31.Div.
Cyp.Joan.
6.

naõ attrahindo pedras, nem brutos, *omnia traham ad me ipsum?*

Div.
Gre-
gor.
Ho-
mil.
29.
in
Evã-
gel.
post
ini-
ciã.

S. Gregorio responde à duvida: *Omnis creatura nomine signatur homo; lapides sunt, animalia sunt.* Por toda a creatura se entende o homem; porque ha homês, que são pedras, & ha homês, que cada vez são mais brutos: *Lapides sunt, animalia sunt*: & se por toda a creatura se entende o homem, attrahindo a si Christo aos homens naquelle Sacramento, pedras, & brutos tambem attrahe. O que supposto, já se vé que ha tres especies de homens; a saber: homês, que são pedras, *lapides sunt*: homens que são brutos, *animalia sunt*, & homens, que são homens. Nestas quarenta horas não pareciam os homens o que eram, & por isso nestas quarenta horas havia estas tres especies de homens: & Christo exposto naquelle Sacramento nestes tres dias, estas tres especies de homês he que attrahio a si, por ser este o tudo do nosso thema, *omnia tra-*

ham ad me ipsum; & senão, vejamo-lo por partes.

Bem publico era nestas quarenta horas haver muytos corações marmoreos, q se as pedras tem por essencia a falta do conhecimento, bem pareciam vivas pedras corações tão desconhecidos. Nestes tres dias principalmente estavam os homens de Deos muyto longe, & por essa razão muyto longe tambem para o seu conhecimento, & o que se seguia a esta falta, era endurecerem-se por instantes cada ves mais aquellas pedras. Se os homens, que eram homens, queriam sahir de caza a fazer sacrificios dos seus corações a Deos nas Igrejas, não se atreviam a sahir, que como as pedras eram muytas, destas he que lhe vinham as pedradas, por choverem sobre elles os tiros; todo o seu intento era impedirem aos homens a sua ida, & por esta causa cada vez mais pedras.

Sey eu que em certo tempo se endureceu tanto o coração de Faraõ, q parecia hũa

Ex-od. 5. hũa dura pedra: *Induratum est cor Pharaonis*, & porque mais agora, que antes, ou depois foy pedra o coração de Faraò? Só neste tempo he de pedra este coração? Sim por duas razões; a primeyra he; porq̃ neste tempo (diz elle mesmo) não conhecia a Deos: *Quis est Dominus?* E coração, a quem falta o conhecimento de Deos, não só não he daquellas pedras, que facilmente se abrandam, mas he pedra tão dura, que até ao mesmo Deos resiste: *Induratum est cor Pharaonis.*

Sup.

A segunda razão he; porque este era o tempo, em q̃ Deos queria sahisse o seu povo de suas cazas, & fosse por espaço de quarenta horas, que são tres dias, sacrificarlhe os seus corações ao deserto: *Deus Hebraeorum vocavit nos, ut eamus viam trium dierum in solitudinem, & sacrificemus Domino Deo nostro.* E como Faraò impedia contumàs o sacrificio destas quarenta horas, não querendo deyxar sahir o povo, q̃ homem podia ser o

Sup.
n. 3.

que evitava esta sahida, senão hum homem, q̃ tivesse hum coração de pedra, & hum homem, que fosse hum Faraò no marmoreo: *Induratum est cor Pharaonis.*

No tempo dos Egypcios não sabemos que houvesse mais que hũ só Faraò, que tivesse coração de pedra, quando nos tempos passados se viram homens tanto de pedra, que com o mesmo Faraò podiam competir na dureza dos corações. Mas graças a Deos, que até as pedras à sua vista se mudaram, já estas pedras não tem aquella dureza, que tinham, porq̃ vejo são já estas huns finos diamantes brandos cõ o Sangue daquelle Cordey-*Joan.* ro Sacramentado: *Ecce Agnus Dei.*

Attrahio Christo nestas quarenta horas a si estas pedras, porque nestes tres dias até as pedras se chegam a elle, & sendo estas pedras atégora incapazes de todo o sentir, porque a Deos se chegam, já ouvem a palavra de Deos. Em certa occasião mandou Deos ao

Profeta Semeý prégar ao seu povo : não reparo no mandado de Deos, nem reparo no Prégador ; noto sim o Sermaõ, que fez, & a quem o prégoú : *Altare, altare, hæc dicit Dòminus.*

3.
Reg.
Cap.

Altar, altar, ouve a palavra de Deos. Profeta mandado por

13:

Deos, q Sermaõ taõ estranho he este, que fazeis, quando todo vos empregais em prégar às pedras ? Adverti : que não parece ser esse o Sermaõ, que Deos vos manda prégar, porque esse mesmo Deos se queyxa de que a sua palavra não faz fructo semeada sobre as pedras :

Luc.

8.

Semen est verbum Dei. Aliud supra petrã: & natum aruit : & se as pedras não ouvem, como podem receber a palavra de Deos ?

Deyxem : que as pedras, de que Christo se queyxou, não são estas pedras, a quem

Div.
Gre-
gor.
Ho-
mil.
5. in
Evã-
gel.

o Profeta vem prégar. As pedras, de que Christo se queyxou, eram pedras, que estavam no campo do Mundo, como diz S. Gregorio : *Agrum mundum*, & por essa causa estavam taõ longe de

Deos, que era necessario fazerlhe tiro de longe com a sua palavra : *Exiit qui seminavit, seminare. Semen est verbum Dei*, & as pedras, a que

o Profeta préga, são pedras de altares. As pedras dos altares taõ chegadas estão a Deos, que nellas se expõem Christo Sacramentado ; & sendo as pedras incapazes de toda a percepção, & de todo o sentido, como experimentou Christo naquellas pedras do campo, as pedras, q são altares, por se chegarem tanto a Deos, (que he o que faltou àquellas pedras de Christo) achou o Profeta eram capazes de ouvir a palavra de Deos, & assim a estas pedras he que faz o seu Sermaõ : *Altare, altare, hæc dicit Dòminus.*

Aquelles homens, que tinham corações de pedra, não são os que Christo atrahio àquelle Sacramento ? He certo, porque ao Sacramento os vemos nestes tres dias muyto chegados. Os homens daquelle tempo não são os mesmos, q agora vemos commungar aquelle

Divino

Divino Corpo, ficando aquelles corações de pedra fervindo de pedras de ara àquelle Deos Sacramentado? He sem duvida: pois pedras, que já são altares daquelle Deos, não só attendem aos seus Prégadores, nem só ouvem já a sua palavra; mas vem-se já tão mudadas estas pedras, que já estão capases de todo o sentimento, por sentirem já a sua dureza, como mostram nas suas confissões estes tres dias.

Dirão que nem todas as pedras são duras, porq̃ tambem ha brandas pedras: mas eu tambem digo que pedras brandas, & pedras duras, tudo são pedras; & este he hum dos prodigios, q̃ nestes tres dias obrou a presença de Christo Sacramentado, porque attraio a si todo o genero de pedras; porém com esta divina advertencia: que se as pedras mais duras são as pedras mais frias, porque a mesma frialdade as constipa, & enregela, & as pedras mais brandas são as que mais se abrazam,

porque o mesmo fogo as desfaz, & as derrete; querendo attrahir hūas, & outras, para todas deu remedio nestes tres dias, porque para as que tem fogo, manda-lhes falar pelos seus Prégadores, por serem bastantes as suas palavras para as excitarem a sentir no Sacramento da penitencia o terem sido pedras no tempo passado: & às pedras, que lhes falta o fogo, assiste elle com particularidade, mandando-lhes applicar a penitencia, para que sintam a sua dureza com as lagrymas de seus olhos.

Querendo Deos que a pedra de Horeb, & a pedra de Cadés lâçassem agoa, he de reparar o como se houve com estas duas pedras; porque à pedra de Horeb mandou que a ferissem com a vara: *Sume tecum de senioribus Israel: & virgam, qua percussisti fluvium, tolle in manu tua... percutiesque petram; & à pedra de Cadés mandou somente que lhe falassem: Loquimini ad petram.* Na pedra de Horeb

Ex.
od.
17.

Nu-
mer.
20.

disse Deos que assistiria com a sua divina presença.

Ex- *En ego stabo ibi coram te supra petram*; & na pedra de
 od. 17. Cadés não diz que assistiria. E que tem mais hũa pedra, que outra pedra para se falar sómente a hũa, & a outra ser ferida com a vara? E que razão pode haver para Deos assistir particularmente àquella pedra, & não a esta, hũa, & outra não eram pedras? Sim eram; mas até entre as pedras ha sua differença.

A pedra de Cadés era pederneyra, & tinha fogo nas entranhas: *silicem*, & a hũa pedra, que se abraza em fogo, basta só para toda se desfazer, mandarlhe Deos falar por seus Prégadores Moysés, & Araão: *Loquimini ad petram*; porém à pedra de Horeb, que não he pederneyra, tenão pedra fria, & enregelada com a mesma frialdade, a esta he que ha de chegar a vara da penitencia: na pedra de Cadés, q̄ tem fogo, não he necessario o particular empenho de Deos na sua assistencia, porque as

vôzes dos seus Prégadores a faraão brotar em olhos de agoa para mostrar o seu sentimento de pedra, *egressæ sunt aquæ largissimæ*: porém na pedra de Horeb, que não tem nada de pederneyra, empenhe-se Deos com a sua particular assistencia, expõnha-se sobre ella publicamente à vista: *En ego stabo ibi coram te supra petrã*, para que mostrando dous olhos de agoa, que são duas fontes, nelles mostre sentir a sua dureza na vara da penitencia, que se lhe applica, *virgam tolle... percutiesque petram*.

Oh que semelhantes a estas duas pedras eram, & são os homens, que são pedras, quando nestes tres dias lançavam agoa em quantidade, *egressæ sunt aquæ largissimæ*! Mas apresença daquelle Deos Sacramentado fez cõ que a agoa, que sahia ao impulso das suas mãos, lhes corresse agora toda para os olhos. Nem todas as pedras tem fogo, porque nem todos os homens se abraçam em amorosos incendios; & assim

Nu-
mer.
20.

Ibi-
dem.

Nu-
mer.
20.

Ex-
od.
17.

affim para as pedras q tem fogo, que val o mesmo, para os homens, que tem amor de Deos, hũa só palavra do Prégador basta para os mover à penitencia: *Loquimini ad petram*; que como são pedras de ara do Sacramento, & como taes proprios altares de Deos, são capazes de ouvir as suas vozes: *Altare, altare, hæc dicit Dominus.*

3.
Reg.
Cap
13.

E para as pedras, que não tem fogo, q vem a ser, para os homens, q não tem amor de Deos, se expõem Christo naquelle Sacramento cõ a sua real presença, para que recebendo-o, fiquem estes corações de pedra servindo de pedras de ara àquelle Deos: *En ego stabo ibi coram te supra petram*; applicando-lhes primeyro a vara do rigor da penitencia, para que nelles se vejam claramente dous olhos de agoa: *percutiesque petram, & exibat ex ea aqua.*

Notem que este prodigio parece foy obrado por Maria Santissima da Persia já lá em figura, porque foy

obrado por aquella vara, figura particularmente desta Senhora, por se ver sobre as largas, & dilatadas agoas, q daquellas pedras saham, *egressæ sũt aquæ largissimæ... Sup. Virgo Beata dicitur virga; Bre- & se as pedras mostravam ch. sentirse na muyta agoa, que ad lançavam; ainda que haja illud homens, que sejam pedras: Vir; lapides sunt; até as pedras 8a. nestes tres dias se chegam àquelle Deos, porque esta he hũa parte daquelle todo, que naquelle Sacramento exposto havia Christo de attrahir a si. *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.. Omnis creaturæ nomine signatur homo: lapides sunt.**

Attrahio Christo Sacramento nestes tres dias tãbem aos homens, que eram brutos: *animalia sunt*; que he o segundo genero de homens, que se inclue naquelle tudo, *omnia traham.* Por sua vontade não faraõ outra cousa os brutos mais q comer, porq tudo o mais que fazem, he com violencia, & se tiveram a liberdade dos homens,

homens, não sey que fizeram mais, que o mesmo, que faziam os homens nestes tres dias. Os banquetes eram continuos, & nelles os regalos eram tantos, que se fazia particular estudo da variedade dos pratos, q̄ nas menzas se haviam de pôr; & não viam os homens que quem lhes guisava estes pratos era a mesma gula, q̄ em cada hũ lhes offerencia hum peccado opposto à virtude da Temperança, que deve conservar todo o racional; mas como podiam os homẽs ter este conhecimento, se eram brutos: *animalia sunt.*

Entre todos os animaes, o que he mais voraz, & inclinado a comer, he o lobo, & bem o mostra na muyta ansia, com q̄ furta, & na muyta pressa, com que come. Na muyta diligencia, que faz o lobo por hum cordeyro, mostra a experiencia que he o cordeyro o de que mais gosta o lobo, não só para lhe comer a carne, senão também para lhe beber o sangue; & vendo Christo que os homens nestes tres dias

pareciam lobos na muyta voracidade, querendo atrahir a si estes brutos, dá-lhes a sua carne: *caro mea*: & dá-lhes o seu sangue: *sanguis meus*; para que sendo, como he, esta carne, & este sangue de cordeyro: *Ecce Joã^o Agnus Dei*, attrahisse a si⁶, estes brutos pela sua mesma inclinação.

Vio S. Joã^o no seu Apocalypse hum livro, o qual não havia nem no Ceo, nem na terra, nem no inferno quem o abrisse. Sentio muyto o Evangelista não ver aberto aquelle livro, & custou-lhe esta pena algũas lagrymas; (não sey se porq̄ era tão amante chorava o occultarem felhe aquelles segredos) porém disse-lhe hum espirito daquelles que não chorasse, porque hum leão abriria o livro sem nenhuma duvida: *Ne ferveris: ecce vicit Leo de tribu Juda, 5. aperire librum*; & he de reparar, que quem abriu este livro, não foy hum leão, mas sim hum cordeyro ferido como morto: *Vidi agnum ibi tanquam occisum: & accepit dem. librum...*

librum... cum aperuisset librum. Já se vé a difficuldade. Se hum leão havia de abrir este livro, como foy hū cordeyro o que o abriu, & se o cordeyro abriu o livro, como havia de abrillo hum leão? Ambos o abriram, diz S. Bernardo: *Agnus aperuit, & aperuit leo;*

Div.
Ber-
nar-
di

Sylv.
in
A-
poc.

5.
Glos.
in
A-
poc.
5.

porque o leão era o mesmo, que o cordeyro, & o cordeyro era o mesmo, que o leão: *Leo, & agnus est Christus,* disse o douto Sylveyra: hū, & outro figuravam a Christo Sacramentado: *Tanquam occisus, quia per oblationem Eucharistiae communicatur effectus suae Passionis,* disse Nicolao de Lyra: pois se Christo Sacramentado vinha para o throno como leão: *ecce vicit leo,* para que se transforma nesta occasiã em cordeyro ferido: *Vidi agnum tanquam occisum?* Deyxem, que não ha mais admiravel metamorfoses.

A-
poc.
4.

Nesta occasiã (observou o Evāgelista) estavam naquelle throno quatro espiritos animaes, *in circuitu sedis quatuor animalia;* & se

Christo Sacramentado viera para o throno como leão, (a nosso modo de explicar) certamente fugiriam delle os animaes, porq̃ sendo Rey dos animaes o leão, imaginaria qualquer delles podia ser presa das suas garras; & querendo Christo no Sacramento attrahir a si os espiritos, que parecem animaes; sendo na realidade hū leão: *vicit leo,* se transformou em cordeyro: *Vidi agnum,* não como vivo, senão como morto, mostrando nas feridas o seu sangue; que como conhece bem a inclinação dos animaes, para os attrahir pela sua mesma inclinação, morre por lhe dar carne, & sangue de cordeyro: *Vidi agnum tanquam occisum, in circuitu sedis quatuor animalia.*

Bem pudera Christo attrahir a si estes animaes como valeroso leão, & prendellos nas suas garras para lhe não fugirem; mas tambem para que lhe não fujam he que se mostra hum manso cordeyro. Que bruto ha, por mais feròs que seja, que não

naõ tenha medo em ver diante de si a hum leaõ? Pois para que os homẽs, que saõ brutos, naõ cuydem q̃ Christo Sacramentado he algum leaõ, que os haja de comer, elle he o que se dá a comer aos homens: *Accipite, & comedite*; porque nestes tres dias alli se dá como cordeyro, & já ferido como morto para lhes dar carne, & sangue.

Reparem, q̃ no throno, figura de Maria: *Thronus Dei Beata Virgo*, he que se vio este metamorfoses; & junto do throno estava hum crystallino mar: *ante thronum tanquam mare vitreum*, verte a versaõ Arabica. Maria no mar he a Senhora vindo da Persia, dando aos homens, que saõ brutos, carne, & sangue daquelle Cordeyro, que se esta era a sua inclinação como brutos nestes tres dias: *animalia sunt*, no Sacramento se dá Christo como Cordeyro, para que attrahindo-os pela sua mesma inclinação, se veja que até aos homens, que saõ brutos, attrahe, *omnia*

traham ad me ipsum. Omnis creatura nomine signatur homo: animalia sunt.

Attrahio finalmete Christo aos homens, que eram homens nestes tres dias, porque sendo aquelle tudo todo o homem: *Omnis creatura nomine signatur homo*; attrahindo a si todo o genero de homens com tanto empenho, bem mostrou que só os homens saõ certamente o seu tudo, *omnia traham*. Já vimos que havia homẽs, que eram pedras, & homẽs que eram brutos; resta ver agora que tambem ha homens, que saõ homens, & estes saõ os que tem juiso para conhecerem a louquice daquellas pedras, & a gula daquelles brutos. Para attrahir aos homens, que saõ homens, para trafer a si aos homẽs, que tem juiso, usou Christo da maravilhosa traça de se Sacramentar nestes tres dias: que se os homens, que saõ homens, saõ homẽs com juiso, pelo seu mesmo juiso os quer attrahir a si, & por isso lhes dá naquelle divino Paõ hum bocado, que he

Mat
26.

Hug.
in
Indi-
ce
A-
rab.
A-
poc.
4.

he todo entendimento.

Muytas vezes se tem reparado em que, havendo de encarnar hũa das tres divinas PESSOAS, encarnasse o Filho, & não o Pay, nem o Espirito Santo; muytas são as respostas, que a esta duvida se tem dado, & entre tantas passe tambem hũa minha. Ao Pay attribue-se o poder, ao Filho o entendimento, & ao Espirito Santo o amor; pois não tome carne o Pay, q̄ he poder, nem o Espirito Santo, que he amor, senão sómente o Filho, que se este he todo entendimento, & assim se ha de Sacramentar, havendo de attrahir aos homens, que são homens nestes tres dias, & havendo de os attrahir pelo seu mesmo juiso, o juiso só pôde bem attrahillo hum bocado, que for todo entendimento.

Supposto q̄ Christo se expõem nestes tres dias para attrahir a si aos homens, que são homens, cõ aquelle bocado, q̄ he todo entendimẽto, advirtam agora os homẽs q̄ neste bocado não se deve

comer só o entendimẽto, senão com entendimento he que se deve comer. A proposta tem duas partes; eu explico aprimeyra, & logo ficarà clara a segunda. Comer só entendimẽto, he comer o Sacramento como qualquer bocado dos que a gula preparava nas menzas do Mundo estes tres dias; & desta sorte não se faz distincção de hum bocado a outro bocado; & se he peccado comer o bocado, com que convida a gula, como todos sabem; comer o bocado do Sacramento da sorte que os mais bocado se comem, he comer a condenação. *Qui manducat, & bibit indignè, judicium sibi* Pau- li I. ad Co- rin- th. II. Dio. Chry- sost.
 quem come indignamente o Sacramento, (diz São Paulo) come para si o juiso, que he a sua condenação, *idest condemnationem*, diz São João Chrysofostomo. E porq̄ razão come o indigno no juiso deste bocado a sua condenação? Notem o modo, com que come, & acharse ha grande razão; *judicium sibi*

sibi manducat. O indigno come o juiso naquelle Sacramento sem fazer distincção deste bocado aos mais bocado: *non dijudicans Corpus Domini... non discernens ab aliis cibis,* explica Nicolao de Lyra na sua Glosa; & comer naquelle bocado o juiso, comer naquelle bocado o entendimento, sem fazer distincção deste bocado aos mais, que a gula nestes dias preparava para a ruina das almas; desta sorte o indigno, que o come, come sem duvida a sua condemnação, *judicium sibi manducat, idest condemnationem.*

Està explicada a primeyra parte, que he, não devem os homens comer naquelle bocado só entendimento, senão que com entendimento he que o devem comer; he a segunda parte. Comer com entendimento he comer, como quem come com juiso; & o bocado do Sacramento só he para quem com entendimento o come. Diz David que o paõ do Sacramento he paõ dos Anjos: *Panem Angelorum mandu-*

cavit homo. Os Anjos não comem, porque não são corporeos, nem necessitam de alimento para se sustentarem; como diz logo David que o paõ do Sacramento he paõ dos Anjos: *Panem Angelorum?* Diz bem em dizer que este divino Paõ he o seu comer; os Anjos se comem, he só com o entendimento, porque são creaturas todas intellectuaes; pois se este Paõ he Paõ de entendimento, só este pôde ser o comer dos Anjos, porque este bocado só he para quem for todo intellectual: *Panem Angelorum.*

Mas já vejo me dizem que este Paõ tambem he dos homens, por serem elles só os que o comem, *manducavit homo;* assim he; mas veja tambem quaes são os homens, que comem deste Paõ: *Panem Angelorum manducavit homo, rationalis,* ac-

Hug.
in
Psal.
75.

crecentou Hugo Cardial: o homem sómente racional he que come deste divino Paõ, porque este bocado, sendo para os homens, só he para aquelles, que tendo enten-

Ly-
ran.
hic

Sup.
65.

Psal.
77.

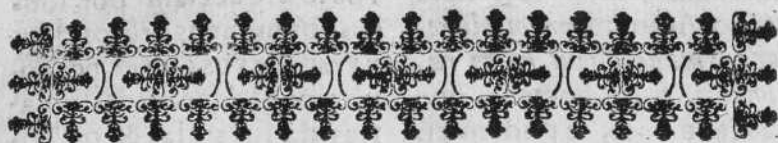
entendimento, são racionais como Anjos: *Panem Angelorum manducavit homo rationalis*. So os homens, que são racionais, se podem có razaõ chamar homens, & como só estes comem dignamente aquelle bocado, que he todo entendimento, aos homens, que são homês, attrahe Christo a si naquelle throno exposto, *omnia traham ad me ipsum... Omnis creaturæ nomine signatur homo*.

Meu Deos, & meu Senhor Sacramentado; só hũ Deos, que he taõ poderoso Senhor, podia obrar hũa maravilha taõ singular, como foy attrahir a si homens pedras, homens brutos, & homens homens, que todo este genero de homens nestes tres dias se viam no Mũdo. Os homens pedras de

võs se esqueciam por loucos; os homens brutos deyxavam de vos comer, por comerem as depravadas iguarias da sua gula; & os homens homens naõ vos buscavam por temerem as pedras, & mais aos brutos; mas graças vos sejam dadas, que já no Mundo se naõ vem nestes tres dias nem homens pedras, nem brutos; porque brutos, & pedras convertestes já em homens homês, quando a todos attrahistes a vòs nesse throno Sacramentado. O exporvos nelle cõfeçamos todos devemos à Senhora da Persia, que para todos alcançou este plenario Jubileu; & se este he graça todo, perpetuay nos na vossa até o fim da nossa vida, para que vos vamos adorar eternamente nessa Gloria.



SER-



S E R M A Õ

DA ASCENSAO DE N. SENHOR

JESV CHRISTO

No Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa, no anno de 1701.

Recumbentibus undecim discipulis, apparuit illis Jesus. Postquam locutus est eis, assumptus est in Cælum. Marc. 16.

UE differêtes são
Q os relógios do tempo, do amor, & da saudade! No relógio do tempo cursam igualmente as suas horas. No relógio do amor não tem as horas nenhũa igualdade. E no relógio da saudade são as horas sem nenhũa medida. A hora, que no relógio do tempo se conta por hora, no

relógio do amor se avalia por hum instante, & no relógio da saudade se computa por hũa eternidade: porque se o amor está no seu zenith, ainda q neste pelas horas do tempo se conte hũa hora, numera-se pelas horas do amor hum só instante; & se o amor está no zenith da sua saudade, ainda que neste pelo relógio do amor

amor pareça hum só instante, esse instante se computa por hũa eternidade no relogio da saudade.

Destá sorte tempera o tempo o seu relogio, como se sabe; & desta sorte compo o Amor divino os relogios do seu amor, & da sua saudade, como bem mostrou, quando no Cenaculo lhe temperou o curso, & afinou as cordas, mostrando pela hora deste dia as mais horas destes seus relogios.

7oan. 13. *Sciens Jesus, quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.* Sabendo Jesus, (diz aquelle Evangelista, que por mais amado entendeu melhor destes relogios) sabendo Jesus que era chegada a hora, em que havia de passar deste Mundo para o Pay, como amasse aos homens, amou-os até o fim. Esta hora foy aquella, em que pela subida da Cruz havia Christo de subir a seu Eterno Pay, como entende o Alapide: *quia venit hora ejus, ut per Crucem transeat ex hoc*

mundo ad Patrem; & a hora, em que Christo subio a seu Pay, foy a hora deste dia de sua gloriosa Ascensão: Ascendo ad Patrem meum; que até aqui não tinha ainda subido, como elle mesmo disse à Magdalena, quando resuscitado lhe appareceu naquelle horto, *nondum enim ascendi ad Patrem:* com que aquella hora do Cenaculo a esta hora da Ascensão parece que se refere. Isto supposto, vejam-se os relogios, & veja se tambem a diversidade das horas.

Nesta hora da Ascensão conta-se hũa só hora: *hora ejus:* ve-se hum só instante; porque em hum instante, diz o mesmo Alapide, subira Christo: *Subitò in ictu oculi se libravit ex aere in culmen cali Empyrei:* & mostra-se hũa eternidade: *in finem;* mas toda esta diversidade se vé pela diversidade dos relogios, em que estas horas se acham. Conta-se hũa só hora, contada pelo relogio do tempo: *hora ejus:* ve-se hum só instante, computado pelo relogio do amor:

R Subitò

7oan. 20.

Ibidem.

Alap. in Act. 1.

Alap. in 7oan. 13.

Subitò dilexit: & mostra-se hũa eternidade, regulada pelo relógio da saudade: in finem, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: porque como o Amor divino estava nesta hora no zenith do seu amor: *Cum dilexisset, dilexit, & no zenith da tua saudade: ut transeat; o que no relógio do tempo era hũa só hora: hora ejus, no relógio do seu amor foy essa hora hum instante: Subitò in iectu oculi dilexit: & no relógio da sua saudade foy essa hora hũa eternidade: in finem, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.*

Destes tres modos considero hoje a hora desta Ascensão, que intitulo hora das saudades. Considero-a como hora, considero-a como instante, & considero-a como eternidade. Considero-a como hora pelo tempo; considero-a como instante pelo amor; & considero-a como eternidade pela saudade. Assim considero esta hora das saudades, porque assim tenho fundamento no Texto para a considerar. Descubramos os discursos.

Do Texto consta que Christo appareceu a seus Discipulos: *Recumbentibus undecim discipulis, apparuit illis Jesus.* Consta mais que os communicou: *Postquam locutus est eis.* E consta ultimamente q̄ subio aos Ceos. *Assumptus est in Caelū.* Nestas tres clausulas considero tres saudades aos homens nesta hora. A primeyra saudade funda-se na falta de vista, que possuhiam, *apparuit.* A segunda firma-se na falta da communicação, que logravam, *locutus est eis, & a terceyra estabelece-se na ausencia até o fim, que estavam para experimentar, assumptus est in Cælum.*

A primeyra saudade, fundada na falta da vista, corresponde no relógio do tempo à sua hora, porq̄ nesta hora tiveram os homens à vista o seu Amor, que se havia de ausentar, *hora ejus, apparuit.* Esta he a primeyra saudade, que hoje se experimenta, & este o primeyro discurso. A segunda saudade, firmada na falta da communicação, corresponde no relógio do amor à sua

Sup. à sua instantanea hora, porque hum instante lhes pareceu a communicação daquelle Amor, *subito in ictu oculi. Postquam locutus est eis.* Esta he a segunda saudade, que hoje se experimenta, & este o segundo discurso. A terceyra saudade, estabelecida na aueucia até o fim, corresponde no relógio da saudade à hora da sua eternidade; porque até o fim se ausentou o seu amor: *in finem... assumptus est in Celū.*

Esta he a terceyra saudade, que hoje se experimenta, & este o terceyro discurso. E como as saudades são taõ desmarcadamente excessivas, no fim lhes applicaremos os seus remedios. Temos assumpto; está dividido; vamos por partes.

A primeyra saudade, que hoje se experimenta, he a que corresponde à hora do tempo, em que Christo hoje se ausenta, a qual se funda na falta da sua vista, q̄ nesta hora lograram os homens, *hora ejus, apparuit.* He a vista entre os amantes o principio dos seus amores,

porque com esta penetram como linceo o motivo mais interior, que os enleva. Bebe se o amor nas fontes dos olhos, & cresce taõ o amor nestas fontes, que claramente se vé crescer a olhos vistos: porque a causa de naõ haver amor encuberto he, porque os olhos são os indices, que o mostram, quando mais occulto, pois sendo as janelas, por onde se vé o amor no coração, são tambem as portas, por onde entram os affectos na alma.

Causando pois a vista nos amantes estes effeytos, he certo que a saudade fundada na falta desta vista, na boa Filosofia, causa effeytos contrarios a estes nos que bem se querem; & quanto mais for o tempo, que dure esta saudade, tanto mais se raõ perduraveis os seus effeytos. O tempo, que hoje durou a vista entre o amor dos homens, & o amor de Christo no monte Olivete, regulado pelo relógio do tempo, foy hũa só hora, *hora ejus, apparuit*: & se na vista do amor de Christo

tudo he gosto excessivo, & na sua saudade tudo he amorosa pena; o mesmo tempo, porque hũa hora de amor na vista de Christo se avalia para o gosto, he o mesmo tempo, porque hũa hora de saudade na falta dessa vista se computa para o sentimento.

Com dous Textos, que no sentir dos Expositores se refere hum ao outro, se prova bem a contraposição deste conceyto; hum he de São Pedro, & outro he de David. Diz S. Pedro que hum dia regulado pelo relógio do tempo na vista de Christo (como commenta a Biblia maxima) se computa por mil annos: *unus dies apud Petr. Dominum, intellige Christũ, Cap. sicut mille anni*; & diz David que mil annos na vista do mesmo Deos se regulam pelo dia natural de hontem, que já passou: *mille anni ante oculos tuos, tanquam dies 89. hesternæ, quæ præterit*. Nos mil annos bem se concordam estes dous Textos, mas nos dias regulados pelo relógio do tempo não está

David com S. Pedro; porque este compara os mil annos da vista de Christo có o dia presente da mesma vista; & aquelle compara os mil annos da vista de Christo com o dia da vista de hontem, que já passou: & como assim, a vista, & os annos para a comparação são o mesmo; & os dias, sendo ambos naturaes, para a mesma comparação são diversos? Sim; S. Pedro fala do dia natural, em q actualmente se logra a vista de Christo, & como de hum só dia desta vista he o gosto excessivo tão superabundante, pareceu-lhe q mil annos de logro dessa vista era o mesmo gosto, que causava a mesma vista em hum só dia: *unus dies apud Dominũ, intellige Christum, sicut mille anni*.

Porém David não fala do dia actual da vista de Deos, fala sim do dia da saudade dessa vista, porque fala do dia natural de hontem, em que já se logrou, do qual para lembrança não fica mais, que a sua saudade. Já agora

agora o Texto se entende. Diz David. Quereis saber qual he o sentimento amoroso na falta da vista de Deos em hum dia natural da saudade? Adverti qual he o gosto excessivo de mil annos nessa vista, porq̃ quanto de gosto excessivo podem causar mil annos na vista de Deos, tanto he o amoroso sentimento, que motiva hũ só dia natural de saudade dessa vista; & se hum dia natural da vista de Christo pelo Texto de S. Pedro se avalia por mil annos para o gosto excessivo, como já vimos; por este Texto de David se computam mil annos para o sentimento amoroso por hum só dia natural de saudade: *mille anni ante oculos tuos, tanquam dies hesternæ, quæ præterit.*

Se hum dia de saudade regulado pelo relógio do tempo se avalia por mil annos de sentimento amoroso, constando este dia pelo mesmo relógio de vinte & quatro horas, quem por ellas repartir os mil annos deste sentimento, com faci-

lidade verà os muytos, que a hũa só hora cabem, & tantos, quantos se acharem, supponham saõ os mesmos, que aquella santa companhia de Christo, como taõ amante, experimentou nesta hora da sua gloriosa Ascensãõ pela falta da sua vista.

Estes mesmos amorosos sentimentos experimentarà tambem nesta hora aquella alma, que for taõ amante, como aquellas, porq̃ a falta da vista de Christo lhes causarà estes amorosos sentimentos na sua saudade, a qual he taõ grande, q̃ senaõ compadece o ter amor a Christo com querer voluntariamente experimentar hũa só hora destes amorosos sentimentos. *Ne suscitetur, neque evigilare faciatis dilectam, quoad usque ipsa velit;* disse aquella Divino Amante falando com outras almas: Advirto vos que de nenhũa sorte desperteis do sono, nem façais vigiar aquella alma, que ainda dormindo me rouba os meus affectos. E porq̃ naõ deyx

este divino Amante despertar do sono a esta sua alma querida, não sabe que o sono, se he representação da morte natural, he morte verdadeyra do amor: porq̃ na suspenção das potencias; que causa, deyxá o amor tambem sopito? Sim sabe. Pois quer que a potencia visiva esteja impedida para o ver? Não; antes porque o veja amante, por isso diz que a não despertem. Notem as palavras.

Naõ despertéis, nem façais vigiar essa querida alma até q̃ ella queyra, *quoadusque ipsa velit*; diz o divino Amante: Eu nesta hora estou a qui presente para me deyxar ver dessa querida alma, & se ella me tiver amor, não he possivel queyra voluntariamente padecer tantos annos de amorosos sentimentos na sua grande fauldade, quantos causa hũa só hora na falta da minha vista; & assim nem a despertéis, nem a façais vigiar, *ne suscitatis, neque evigilare faciat*; deyxay que queyra, q̃ ella abrirá os olhos, deyxay que

me tenha amor, que ella me quererá ver; deyxay que anele a minha vista, que ella vigiará; tudo isto experimentarey eu, & ella certamente, quando tenha a certeza de que quer, *quoadusque ipsa velit*.

Tanta cõfiança faz Christo de hũa só hora de sua vista, que acha não quererá, quem lhe tiver amor, supportar os sentimentos amorosos, que resultam da sua fauldade; & a razão desta cõfiança a meu ver vem a ser: que lograr em hũa hora a vista de quem se quer bem, & perdella, parece cousa insupportavel; ver, & não ver na mesma hora a quem se ama, motiva tanto sentimento esta fauldade, que ao mesmo amor parece lhe repugna. Nunca me pareceu razão pintarem os antigos ao amor vendado, porque o amor nesta fórma serà bom para cegos, mas não para quem tem a luz racional; porém advertindo depois que tambem o pintaram cõ azas, algũa razão lhes acho: porque se lhe dão azas para voar,

voar, dem-lhe venda para não ver; se lhe dão pennas para adistancia, dem-lhe véo para cubrir os olhos: que lograr na mesma hora a vista de quem se quer bem, & perdella; ver, & não ver na mesma hora a quem se ama, he cousa tão insupportavel, & motiva tal sentimento esta faudade, que parece ser repugnãte ao mesmo amor; & assim prive-se primeyro da vista amorosa com a venda, já que as azas dessa vista o haõ de pôr distante.

Mas porque se não diga que provo hum pensamento do Amor divino com hũa pintura do amor humano, eu o mostro no verdadeyro original do Amor divino. Nesta hora diz o Texto que hũa nuvem recebera a Christo, *nubes suscepit eum ab oculis eorum*. É que serventia tem esta nuvem para Christo subir aos Ceos, a nuvem por ventura foy a que o levou? Não; porque elle subio, & voou ao Ceo Empyreo em hum instante mais velõs que hum vento, & mais ligeyro, q hũa setta,

remontado por essa regiaõ aerea nas azas da sua propria virtude, & dom da agilidade, que tinha: *Subitò in ictu oculi se libravit ex aere in culmen Cæli Empyrei...* se, *suaque virtute*, diz o Alapide: para que he logo necessaria esta nuvem? O Texto o diz, *nubes suscepit eum ab oculis eorum*: esta nuvem pos-selhe nos olhos, fervindolhe de venda. Reparem agora.

Christo nesta hora da Ascensãõ tinha as azas da sua propria virtude, & do dom da agilidade para se remontar em hum instante da vista dos homens, a quem amava; pois primeyro que voe, venha hũa nuvem, que lhe sirva de venda, não só para mostrar que he o verdadeyro original do amor; mas para que se veja que, se por impassivel não pôde já ter nenhum sentimento, nem experimentar a menor faudade, quer ainda assim mostrar aos homens ser tanto o sentimento, que resulta de em hũa hora ver, & não ver a quem se ama, q até a elle,

fendo o Amor mais verdadeyro, parece lhe foy impossivel poder acabar comigo supportar a faudade de se ausentar, tendo à sua vista os objectos do seu amor, & assim primeyro que se ausentasse, deyxou que a nuvem lhe vendasse os olhos,

Sup. nubes suscepit eum ab oculis eorum. Pòde chegar a mais a faudade, que corresponde à hora do tempo, em que Christo hoje se ausenta? He certo que não; pois esta he a faudade amorosa, que as almas amantes Item hoje de experimentar na falta da vista de Christo, que logravam nesta hora, *hora ejus, apparuit.*

A segunda faudade, que hoje se experimenta, he a que se firma na falta da comunicação, & corresponde no relógio do amor à sua instantanea hora: *Subitò in ictu oculi. Postquam locutus est eis.* Não ha relógio mais apressado, que o relógio do amor; porque assim como para o amor não ha esperar, nem detér, por lhe ser cada elperaansa hum tormento, &

cada detença hũa faudade, assim compos o artificioso do seu relógio de sorte, que cada hora do tempo para a comunicação de quem se ama, lhe pareceffe o cedo de hum instante.

Queyxa-se amorosamente o meu Santo Thomás de Villa Nova do amor de Christo nesta hora, & queyxa-se assim: *Dic mihi, o gloria mea, ubi est amor tuus, cur tam citò redisti:* dizem-me, ò gloria minha, aonde està o vosso amor, porque razão taõ cedo vos ausentastes para o Ceo? E Christo não esteve nesta hora communicando cõ os homens? Assim o diz o Texto: *locutus est eis;* como logo ao dilatado de hũa hora chama muyto cedo o meu Santo Thomás, *tam citò?* Deyxem, q̃ como a sua amorosa queyxa he do amor, *ubi est amor tuus?* parece se queyxa tambem do seu apressado relógio; porq̃ achando ser hũa hora pelo relógio do tempo, pelo relógio do amor lhe pareceu ser o muyto cedo de hũ instante, *cur tam citò redisti?*

Este

Este cedo, & este instante sentia Santo Thomás na sua fãude, como taõ amante que foy de Christo; & este cedo, & este instante foy o mesmo, que sentiram tambem os seus amantes nesta hora, quando a falta da sua communicacãõ lhes motivou a sua fãude, a qual bem explicada nenhũa outra couza he mais, q̃ hum silencio violento, q̃ desta ausencia lhes resultava. Queriam os Discipulos ouvir o doce das palavras de Christo, & viram impossibilitados os seus desejos; queriam lhe falar, & era-lhes impossivel; & assim considero a cada hum delles hũa figura do silencio violento para o sentimento.

Chamo a este silencio violento, porque a meu ver naõ he hum só o silencio, senaõ dous; hum voluntario, que he o que se tem na presenca; & outro violento, q̃ só serve na ausencia: a figura do silencio voluntario, q̃ só serve na presenca, naõ vi eu atégora pintada; mas se a retratára, certamente

debuxara hũa figura com abocca cerrada sem nenhum impedimento, para mostrar que senaõ fala, tendo com quem, he porque naõ quer. É a figura do silencio violento, q̃ só serve na ausencia, supponho faberaõ todos se pinta com hum cadeado fechado na bocca, para se mostrar que querêdo falar, naõ pôde. Ao silencio voluntario o mesmo voluntario lhe tira o ser penoso, & ao silencio violento a mesma violencia lhe accrescenta o sentimento.

Este silencio violento he o proprio silencio dos amantes, por ser este hum cadeado, que pela impossibilidade da communicacãõ se lhes põem na bocca. Assim o experimentaram os Discipulos de Christo nesta hora instantanea do amor, quando querendo communicar com elle, sentiam na bocca o forte cadeado da impossibilidade; bem digo eu logo que a cada hum delles considero hũa figura do silencio, naõ voluntario, mas violento; naõ voluntario, porque
nem

nem tinham a presença de Christo para a communicação, nem abocca estava cerrada por vontade; sem violento, porque querendo comunicar com Christo seu amor, consideravam-no ausente, & essa mesma ausencia, sem elles quererem, lhes punha na bocca o cadeado da impossibilidade.

Pergunto agora. He violencia grande querer comunicar a Christo, & não poder? Ninguem pôde duvidar que sim; porque se no amor profano querer falar, & não poder, se julga por hũa violencia insupportável; que fará no Amor de deyro Amor? Pois se esta violencia se julga por grande, pela sua grãdesa se pôde medir o sentimento, q̄ pelo cadeado da impossibilidade se põem na bocca, a qual sente isto, ou como hũa viva chaga, ou se lhe reputa como hũa representada morte. Veja-se isto em dous retratos dos mais finos dous amantes, que são aquelles dos Cantares de Salamaõ.

Ve-se o Esposo ausente de sua Esposa; quer alleviar de algũa sorte a sua saudade, & retratando-a na sua idea por todas as suas perfeições, dando a cada hũa sua semelhança, chegando a retratar-lhe a bocca, assemelhou-a a hũa fitta cor de grã. *Sicut vitta coccinea, labia tua.* Quis a Esposa tambem alleviar a saudade de seu Esposo, & usou da mesma ideada investiva, retratando seu Esposo tambem com semelhanças, & chegando à bocca, comparou-a aos lirios distillando myrrha. *Labia ejus, lilia distillantia myrrham.* E que terá a cor da grã com a bocca da Esposa, & a myrrha com a bocca do Esposo, para que à myrrha, & à grã assemelhem nos seus retratos hum ao outro as suas boccas? Direy o que me parece.

Estes dous amantes estavam ausentes, que por isso usaram dos retratos delineados nas ideas, alivio unico de tristes, & consolação de amantes; & quando hum ao outro retratou as boccas, vendo

Cat.

Cat.

vendo que estas naquelles retratos não podiam falar, foy o Esposo, & retratou a bocca da Esposa na cor da grã, que he o sangue de hum vivente animal, & a Esposa affemelhou a bocca do Esposo à myrrha, que he symbolo da morte, como disse

Hug. Hugo : *Nomina myrrhæ*
 in mors; para mostrarem hum,
 Cât. & outro q boccas de aman-
 1. tes ausentes impossibilita-
 das para a communicacão,
 ou são para o sentimento
 vivas chagas vertendo san-
 gue vivente : *Sicut vitæ*
coccinea, labia tua ; ou são
 hũa morte representada na
 myrrha. *Labia ejus lilia dis-*
tillantia myrrham. Nomina
myrrhæ mors.

Mas para que he ver re-
 tratos, quando isto se pôde
 ver no mesmo divino origi-
 nal. *Ecce in manibus meis des-*
 Ifai. 49. *cripsi te*, diz Isaias falando
 profeticamente pela bocca
 de Christo. Nas minhas
 mãos descrevi aos homens :
 verte o Syriaco : *in manibus*
 Bibl. *meis impressi te* : nas minhas
 max. mãos imprimir aos homens.
 Prodigious retratos, mara-

vilhofo pintor, ricas lami-
 nas, & finas tintas ! Prodi-
 giosos retratos pelo novo
 modo de impressão ; mara-
 vilhofo pintor, por ser o
 mesmo Christo ; ricas lami-
 nas, por serem as suas pal-
 mas ; & finas tintas, por ser
 o sangue precioso das suas
 chagas ; assim he, mas para-
 que são estes retratos ? Qui-
 çá seria, q supposto Christo
 nesta sua Ascensão não leva-
 va consigo os homens, ao
 menos queria levar os seus
 retratos, os quaes estimava
 em tanto, que nas mesmas
 palmas os levava ? Não du-
 vido que assim opedisse o
 seu amor ; mas não he esta
 a razão, que serve ao nosso
 intento.

A que só serve, parece-
 me he, que Christo retra-
 tando aos homens, a quem
 amava, nas suas mãos, im-
 primio os nas chagas, que
 para o Ceo levou, como fo-
 ram vistas dos seus Corte. Za-
 fãos ? *Quid sunt plagæ istæ ch-*
in medio manuum tuarum : 4.
 as quaes na terra he tinham
 dado a morte, como se sabe,
 & nisto parece quis mostrar
 que,

que, supposto as boccas daquelles retratos eram de amantes ausentes impossibilitados naturalmête para a sua comunicação, se visse que estas boccas para o sentimento, ou eram vivas chagas, ou eram hũa morte nellas representada, & por isso nas chagas das mãos os retratou: *Ecce in manibus meis impressi te. Quid sunt plagae istae in medio manuum tuarum?* Porém esta morte não deyxá de ser suave, por ser morte representada em hũas chagas gloriosas; & estas chagas não deyxam de ser tofriveis, por serem chagas daquelle Amor já impassível, o qual se nesta hora mostra que se ausenta, he por querer fazamos merecimento da saudade, q̄ nos resulta da sua comunicação nesta hora instantanea do relógio do seu amor: *Subitò in ictu oculi. Postquam locutus est eis.*

Finalmente aterceyra saudade desta hora estabelece-se na ausencia até o fim, que no relógio da saudade corresponde à hora da sua

eternidade, porq̄ até o fim se ausentou Christo: *in finem... assumptus est in Calv.* A eternidade até o fim desta saudade nunca foy cabalmente encarecida, por não haver cousa, com q̄ se compare; mas se admitte algũa semelhança, só he a da eternidade para sempre.

Para cuja intelligencia duas eternidades devemos considerar neste ponto, hũa para sempre, & outra até o fim: hũa para sempre, que he verdadeyra; outra até o fim, que he imaginada: hũa verdadeyra, & para sempre, que he a em que todos cremos, & esta he para todos; outra imaginada, & até o fim, que he a em q̄ cremos os amantes de Christo, & só he para os seus amantes: a eternidade verdadeyra, & para sempre não tem principio, nem fim, como todos cremos; a eternidade imaginada, & até o fim tem principio, & tem fim, diz o Evangelista: *in finem*: a eternidade verdadeyra, & para sempre segue-se à morte, porq̄ pela morte he que se logra; a eterni-

a eternidade imaginada, & até o fim he consecutiva da ausencia, porq̃ pela ausencia se experimenta. E pesadas bem estas duas eternidades na fiel balança de hum verdadeyro amante, parece pésa mais a eternidade imaginada, & até o fim, para que o leva a ausencia, do que a eternidade verdadeyra, para que o leva a morte.

O mais fino amante, que houve, nem ha de haver, he Christo, & abalança do seu amor he a mais fiel, que se pôde imaginar. Isto supposto, he de reparar o como elle nesta balança pesou estas duas eternidades. Está Christo para morrer, & diz Isaias que se offerecera à morte: *Oblatus est quia ipse voluit*. Está Christo hoje também para subir ao Ceo, & na interpretação do Sylveyra diz que fora arrancado: *assumptus est in Cælum, ab hominibus avulsus est*. He certo que a Christo tão foroso era o morrer, como o subir ao Ceo; porq̃ se morreu pela vontade de seu Eterno Pay: *Fiat voluntas*

tua; pelo preceyto também do mesmo Pay se ausentou: *Urgente Patris præcepto, ab Sylv. hominibus avulsus est*, diz o sup. mesmo Sylveyra; como logo para a morte vay tão voluntario, como quem se offerece, & para o Ceo vay tão violento, como quem se arranca? Direy o que sinto nesta diversidade.

A morte levava a Christo para a eternidade verdadeyra, & para sempre; a ausencia levava a Christo para a eternidade imaginada, & até o fim; & pesadas bem estas duas eternidades, como elle bem pesou, na balança do seu amor: *quia voluit*; achou que pesava menos a eternidade verdadeyra, & para sempre, para que o levava a morte, & que pesava mais a eternidade imaginada, & até o fim, para que o levava a ausencia; achou q̃ pesava menos a eternidade verdadeyra, & para sempre, para que o levava a morte, porq̃ para esta foy tão voluntario, como quem se offerece: *Oblatus est*; & achou que pesava mais a eternida-

de

Isai.
53.

Sylv.
tom.
5.
lib.
9.
20.
n.
134.
Mat
26.

de imaginada, & até o fim, para que o levava a ausência, porque para esta foy tão repugnante, como quem se arranca: *ab hominibus avulsus est.*

Esta he a fina balança do amor de Christo, pesando estas duas eternidades; & esta supponho ferà tambem a fina balança dos seus amantes, pesando as mesmas duas eternidades nesta hora; porque creyo se enlevarà tanto o seu espirito, q̄ quieriam antes morrer com Christo, experimentando a eternidade para sempre, para q̄ leva amorte, do que sentir a eternidade até o fim, que se segue a esta ausência, a qual, como já vimos, se pelo relógio do tempo he hũa só hora, & pelo relógio do amor hum só instante, corresponde no relógio da saudade a hũa hora eterna, porque se estabelece na ausência, que o amor de Christo hoje faz até o fim: *in finem... assumptus est in Cælum.*

Estaõ vistas as tres saudades desta hora; mas porque o seu desmarcado senti-

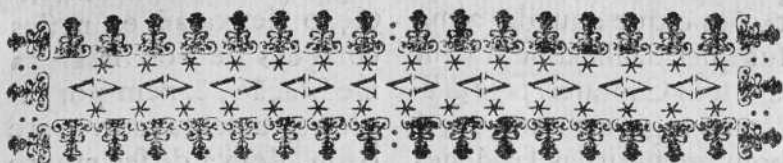
mento não faça desfmayar os corações amantes; se lhes mostrey o penoso, quero tambem mostrarlhes o remedio, o qual se cifra nestas tres palavras; contemplação, meditação, & vontade de Deos. A contemplação he o remedio da primeyra saudade, que se esta se funda na falta da vista de Christo, na contemplação, abrindo-se os olhos da alma, se deyxá Christo ver; & tem já remedio a primeyra saudade. A meditação he o remedio da segunda saudade; que se esta se firma na falta da comunicação de Christo, na meditação fala com elle o coração, ao que elle tambem responde; & tem já remedio a segunda saudade. A vontade de Deos he o remedio da terceyra saudade; que se esta se estabelece na ausência de Christo, resignando-se a nossa vontade na sua, fica muyto suave todo o sentimento; & tem já remedio a terceyra saudade.

Supposto sabemos já o remedio de todas, bem podemos tambem já dizer no principio

principio das nossas lamentações o que aquella alma sua querida lhe disse no fim dos seus Cantares: *fuge dilecti mi*: fugi, meu amado, q̃ bom he fugir às saudades quem pôde: fugi, meu Deos, que só fugindo, vos podeis de nós auentar: fugi, meu Jesus, que bem mostrais ser violenta a ausencia, pois ides fugindo; mas nem por fugirdes da nossa vista, deyxaraõ as nossas almas de vos ver com os olhos da alma na contemplação; nem por

fugirdes à nossa communição deyxaraõ os nossos corações de vos falar na meditação; & nem por fugirdes, auentando-vos até o fim, deyxar de ser muyto por nossa vontade, porque na vossa a temos já resignada. Estes são os remedios, de que usamos nesta vossa ausencia, em quanto vòs não permittis tenhamos o unico, & proprio remedio das nossas saudades, que he o vervos no Ceo, minha Gloria: *Quam mihi, &c.*





S E R M A Õ

DE NOSSA SENHORA

DA ESPERANSA

Em o dia da Expectação no Convento das Religiosas Franciscanas da Esperança da Ilha Terceyra.
Anno de 1696.

Concipies in utero, & paries filium. Luc. 1.



Silencio, Que dorme o amor. Pare o relógio! (Senhor) silencio: Que dorme o amor. Pare o relógio, diz a letra, que agora se acabou de cantar? Sim; & diz bem; porque esta (se me não enganar) he a mesma letra, se bem

mais accresentada, que São Bernardo compos sobre os amores dos Cantares: *Spe- rare debemus Dominum cum silentio*, devemos esperar (diz o Santo) ao Verbo encarnado com silencio. Pois haja silencio, diz a letra, & haja silencio no relógio; *Supposto*

Div. Bernar- dus in Cât. Sermon. 63.

supposto que esperamos no ventre purissimo de Maria ao divino Verbo dormindo:

Cã. *Ego dormio.*

5. Tres cousas, se bem se adverte, diz a letra. Na primeyra diz *Silencio*. Na segunda: *Dorme o amor*. E na terceyra: *Pare o relógio*. Na primeyra he *Silencio* o que pede: na segunda, *que dorme o amor* he o que supõem: & na terceyra, *que pare o relógio* he o que manda. Valha-te Deos por letra, como estàs conceytuosa neste dia, quando quiçá só para este dia parece he q te fizeram, letra! Que se este dia hê só da Esperança, o que pedes, o que supões, & o que mãdas, são só da Esperança os mais proprios jeroglyficos. E senão, vejam.

Silencio pede a letra em primeyro lugar; & se o silencio não he outra cousa mais, que húa suspenção nascida de quem fala, essa mesma suspenção he a propria esperansa de quem ouve. *Que dorme o amor*, supõem a letra em segundo lugar; & se o sono he húa quietação

do amor, quando descança, essa mesma quietação he a propria esperansa de quem quer desperto o amor. *Que pare o relógio* manda a letra em terceyro lugar; & se o parar do relógio he não continuar com o seu ligeyro curso, esse mesmo curso não continuado he a propria esperansa de quem quer ouvir as suas horas.

Vejam agora lá se he propria a letra deste dia, quando no silencio, que pede no Amor dormindo, que supõem, & no relógio parado, que manda, se vem taõ claramente tres jeroglyficos da Esperança. Fique pois o silencio para o Auditorio, por ser este proprio para quem ouve. Fique o divino Amor dormindo para as Religiosas, que como este he o seu proprio Esposo, ellas teraõ cuydado de o despertar. Que eu só lanço mão deste Relógio, porque vejo a Maria Santissima da Esperança. Vamos ao Evangelho.

No ventre purissimo desta Senhora he q se vé toda a

S sua,

Luc. sua, & nossa esperança: *Concipies in utero, & paries filiū,*
 I. He diz o Anjo: Senhora, concebereis no vosso purissimo ventre, & parireis a vosso querido Filho. Não diz o Anjo que já concebe, & que já pare, senão q' conceberà, & parirà, para que em quanto espera conceber, & parir, se veja que tanto que chegou a ser Senhora, primeyro que tudo o foy da Esperança; & como só no ventre concebeu, & só do ventre pario, essa he a razão, porque toda a sua, & nossa esperança está naquelle purissimo ventre. Este he o Relogio, por quem estudey para este dia, & assim mostro quero ser delle o seu mostrador.

He o ventre desta Senhora hum perfeyto circulo, & se o relógio de hum perfeyto circulo tem a figura, he o circulo daquelle purissimo ventre o circulo de hū Relógio. Que Relógio seja este, diz claramente Santo Antonino de Florença: *Horologium, ad cuius decimam lineam reversus est Sol, est*

Beata Virgo, aquelle relógio de Acás, no qual se vio com admiração tornar o Sol para tras des linhas, he Maria Santissima. Já se vé logo fer o circulo daquelle ventre Relógio do Sol. Até aqui diz o Santo, & eu fundado nelle ainda digo mais, porque não só digo q' o ventre de Maria he Relógio do Sol, senão que he Relógio do Sol da Esperança. Com a experiencia, & cō o Evangelho provo o dito do Santo, & o meu dito.

He o ventre de Maria Relógio do Sol, porque se este consta de circulo, Sol, & sombra, tudo isto se vé neste dia no Relógio de Sol daquelle ventre. Notem. Primeyraméte aquelle purissimo ventre he hum perfeyto circulo, como já disse, porque a sua circunferencia cercou em gyro ao Verbo encarnado: *Concipies in utero,* diz o Texto; & cō mais claresa o tinha já vaticinado Jeremias: *Fœmina circumdabit virum,* hūa femea cercará em gyro a hum varaõ, cujas palavras he commua intelligencia

telligencia dos Padre entenderem-se da Conceção do divino Verbo; & clarissimamente o disse o Padre Lacerda, porque circulo, ou gyro chamou a este purissimo ventre: *Virgineus uterus Magyrus fuit.* Já o Relogio tem circulo. As horas depois as mostrarey, que não são ainda horas de as mostrar. Passemos ao Sol.

4. O Sol, que encheu todo o circulo daquelle Relogio purissimo cõ os seus rayos, he o Sol do divino Verbo, porque neste Relogio entrou este Sol: *Concipies in utero,* & deste Relogio se vio tambem sahir, & *paries filium. Ex te enim ortus est Sol justitiæ Christus.* Verdadeiramente que será hum grande cego quem de tão grande Sol não sentir os rayos! Falta ultimamente sombra a este Relogio? Não falta; que esta lhe fez o mesmo Sol encarnado, & só elle lha podia fazer, porque neste Relogio do Sol he elle mesmo o que lhe faz a sombra: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi,* diz o Texto: *Virtus*

Altissimi, qui est Dei Patris Filius, obumbraturam eam præmonuit, disse o Concilio Toledano: a virtude do Altissimo, que lhe faz sombra, he o Filho do Eterno Pay; pois se o ventre de Maria Santissima tem circulo, horas, Sol, & sombra, tem muyta razão Santo Antonino para dizer, he o ventre de Maria hum Relogio do Sol: *Horologium, ad cuius decimam lineam reversus est Sol, est Beata Virgo.*

E que este Relogio do Sol seja só Relogio da Esperança, do mesmo Santo Antonino colho a razão; porq̃ se lhe pos a semelhaça no relógio de Acás, quando o Sol nelle tornou para tras dés linhas, essas dés linhas, que para tras tornou o Sol, não só foram a esperança de se ver andar outra vez o Sol essas dés linhas; mas foram a total esperança da revogada sentença de morte, que o Profeta tinha intimado a Ezequias: assim o diz o Texto: *moriêris: exahi a sentença de morte. Ecce sanavite: exahi a sentença re-*

S 2 vogada:

Sup. vogada: *Vis ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidē gradibus?* exahitoda a sua esperãsa. Estã visto o Relogio. Vejamos agora no seu circulo as mais circunstãcias deste dia, & desta festa.

He hoje dia da Senhora do O; & se hum O he hum perfeyto circulo, he a Senhora do O a Senhora da Esperansa, a qual tem por Orago esta taõ Religiosa claufura com muyta razaõ: que se a palavra Orago começa por O, & todo o circulo do O he hũa fechada claufura, como diz Breccorio: *Circulus est claufura*; tendo Orago este Religioso Convento, bem se vé não podia ter outro, senãõ a Senhora da Esperansa, que por Senhora do O, he a Senhora desta claufura.

Por sua Mãe tem todas as Religiosas deste Convêto a esta Senhora, & não se enganam; porque pela imitação da sua purissima Virgindade gera esta Senhora a todas estas Virgens Religiosas: *Beata Virgo* (diz o

Alapide) *omnes Virgines per imitationem virginitatis genuit*; & sendo todas filhas por imitação daquella Virgindade, conservãdo-se esta sempre naquelle animado Téplo, naquelle purissimo ventre, naquelle maravilhoso circulo, naquelle singular O, & naquelle nunca já mais visto Relogio; aquelle Relogio, aquelle O, aquelle circulo, aquelle ventre, & aquelle animado Templo he toda a gloria destas Religiosas Virgēs: *Ave animatū templum: eris Virgini gloria*. Th. Saõ Gregorio Thaumaturgo: Deos vos salve, Templo animado, vòs fereis a gloria das Virgens. Repare se, q̃ não diz o Sãto: vòs sois, senãõ; vòs fereis, *eris*, para mostrar que, se vòs fereis suppõem espera, com a Senhora da Esperansa he que fala, porq̃ só ella tinha de ser a gloria destas Religiosas Virgens: assim o publicam em bem cõcertadas vozes, porque no harmonico da musica, q̃ lhe cantam, bem mostram a sua gloria.

E porque não fique em duvida,

*Bre-
ch.
ad
illud
cir-
cu-
lus.*

*A-
lap.
in
Luc
1.*

*Gre-
gor.
Th.
Ser-
mon.
2. &
3. de
An-
nunt.*

A.
lap.
in
Luc.
1.

duvida, que Virgens são estas, que tem por gloria a Senhora da Esperansa, ouçam o Alapide neste mesmo Evangelho: *Ego cum pauperibus Virgimbus dego*: o meu viver, (diz o Padre em nome desta Senhora) o meu viver he com Virgens pobres. E quaes são as Virgês pobres, senão as Religiosas Franciscanas, as quaes, posto que sejam ricas de virtudes, não só são pobres como as mais Religiosas pelo voto, que todas fazem, mas pelo apertado do mesmo voto são muyto mais pobres, que as mais: porque a pobreza Franciscana tanto tem de estreyta, que só cabe em hum sayal, & tem tanto de apertada, que só com hũa corda se aperta, mas porque tem tanto de estreyta, & tanto de apertada, por isso tem tanto de singular esta pobreza.

Já logo não causará tanta admiração em que a Virgem da Esperansa viva passando os dias, & as noytes cõ estas Virgens Religiosas, & que ellas tambem por boa con-

sequencia vivam à sua sombra, quando a pobreza Franciscana, como não póde ter nada, só na Esperansa, como todos sabem, he que vive. Ditasas Virgens, ditosa pobreza, & ditosas filhas! pois sendo geradas pela pura imitação daquelle Virginal ventre, à sombra deste Relogio he que vivem: *Ego cum pauperibus Virgimbus dego*. E se a sombra no relógio do Sol he a que lhe mostra as horas, já que lhe tocamos na sombra, saybamos (que já he tempo) que horas são as deste Relogio da Esperansa.

Todo o tempo se divide nos relógios em tres partes: a saber: tempo passado, tempo presente, & tempo futuro. E como a Esperansa daquelle ventre he Relogio, forçosamente tambem com o tempo deve andar. Assim o mostra a experiencia, porque a Esperansa de Maria foy já passada, he presente, & ha de ser futura. Foy já passada, antes de conceber; he presente, porque já tem concebido; & ha de ser futura,

tura, porque ainda ha de parir. Todo este tempo se divide em tres horas naquelle Relogio, que como nelle se não vé mais, que estas tres esperanças, tambem as horas não são mais que tres. A primeyra he a hora da esperança passada: a segunda he a hora da esperança presente, & aterceyra he a hora da esperança futura. Veja-se o Relogio.

Concipies: diz o Anjo; concebereis Senhora; esta he a hora da esperança já passada, porq̃ esperou conceber. *In utero*, continua o Anjo, no vosso purissimo ventre he que haveis de ter o concebido; esta he a hora da esperança presente, porq̃ depois de conceber, ainda espera. *Et paries filium*, acaba o Anjo; parireis o filho, que conceberdes; esta he a hora da esperança futura, porq̃ espera naquelle tempo parir.

Naõ ha mais horas, & por isso tambem não haverá mais discursos; & assim no primeyro veremos que foy grande a primeyra hora pas-

sada: *Concipies*. No segundo veremos que foy singular a segunda hora presente: *in utero*. E no terceyro veremos que ferà felis a terceyra futura: & *paries filium*. Estas horas do Relogio da Esperança confirmarão as horas do Relogio do Sacramento, que se a Esperança, & o Amor no sentir de Santo Augustinho meu Padre feraõ o mesmo: *Spes, & charitas erunt idem*; as horas, que contarmos no Relogio da Esperança, forçosamente se haõ de achar tambem naquelle Relogio do Amor. As horas são contadas. Vejamos a primeyra.

A hora, que já passou, foy a hora, em que Maria Santissima esperou conceber o divino Verbo: *Concipies*; & esta foy a hora grande da Esperança desta Senhora. He o Sol o que faz parecerem ser grandes as horas no feu relógio, porque destas só elle he o mais fiel mostrador na sombra, que lhe faz; & como o divino Verbo encarnado foy o Sol deste Relogio da Esperança, sendo

Div.
Aug.

taõ

Sup. tão grande a sombra deste Sol divino, que foy altissima esta sua sombra: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi*; forçosamente havia de ser grande esta hora, supposto se regulava pela grandesa do Sol, que no Relogio daquelle ventre esperava Maria Santissima.

Hic erit magnus, disse o Anjo à Senhora; este, que esperais conceber nesta hora, sem nenhũa duvida será grande: & he necessario advertir o Anjo à Senhora q' será grande seu Filho, para ella ter para si que seu Filho será grande? He certo que não; porque se o Anjo lhe está dizendo que o Filho do Eterno Pay he o que quer encarnar nas suas purissimas entranhas, a Senhora não sabe muyto bem q' o Filho do Eterno Pay *ab æterno* he grande pela sua Pessoa? He certo que sim: que mystério logo tem esta advertencia do Anjo? Eu cuido que desta vez o acerto. Este q' queria encarnar, era o Sol divino, & este mesmo Sol he o que queria entrar no relo-

gio do ventre de Maria Santissima: *Concipies... filius Altissimi vocabitur... Sol justitiae Christus*: diz pois o Anjo: Adverti, Senhora, q' se esta he a primeyra hora da vossa esperansa, he grande esta vossa primeyra hora; porq' se o vosso purissimo ventre he o relógio deste Sol, & este Sol he o fiel mostrador de suas horas na altissima sombra, q' lhe faz, para que vejais he grãde esta primeyra hora, que esperastes, adverti que he grande o Sol, por quem esta hora se regula: *Concipies... Hic erit magnus*.

Por dous titulos podem ser grandes as horas dos relógios; podem ser grandes pelo muyto tempo, que duram, & podem ser grandes pela cousa, que nellas se espera; & por ambos estes titulos se vé foy grande esta primeyra hora da esperansa de Maria: foy grande pela sua muyta duração, porque durou esta hora do tempo, que Adaõ peccou até que o Verbo Eterno como Sol entrou naquelle virginal

Relógio, & foy també grãde esta hora pela coufa, que nella se esperava, porque esperar hũa Virgem conceber ao Verbo Eterno em fuas entranhas sem a menor mancha da sua pureza, que mayor grandefa se podia esperar!

Mas sendo esta hora grãde em si por todas estas razões, ainda teve outra grandefa singular, & foy; que da grãdefa de esta primeyra hora da esperansa he q̃ teve principio toda a grandefa de Maria Santissima. Tenho

Texto, & dito da mesma Senhora: *Ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes. Quia fecit mihi magna.* Deste tempo por diante, (disse a Senhora visitando a sua prima Santa Isabel) deste tempo por diante as gerações vindouras me chamarão bemaventurada, porque chegou já o tempo da minha grandefa. *Quia fecit mihi magna.* E que tempo será este tanto para se notar, que a mesma Senhora não perde delle a lembrança? Quem o podia dizer, senão

o grande Augustinho meu Padre: *Ex hoc nunc, quo concepti Dei Filium:* este tempo (diz a Senhora no entender de Santo Augustinho) foy aquelle, em que o divino Verbo como Sol foy concebido no Relógio de meu ventre; & este tempo, em que Maria Santissima concebeu o divino Verbo, foy na primeyra hora da sua esperansa; pois se esta hora foy grãde, como já tenho mostrando, certo era q̃ da grandefa, não de outra hora, senão desta, havia de ter principio toda a grandefa da Senhora da Esperansa: *Ex hoc nunc, quo concepti Dei Filium. Fecit mihi magna.*

Começando nesta hora a grandefa desta Senhora, & sendo a hora grãde por tantos titulos, por muytos mais começou a ser grande a Senhora da Esperansa nesta hora. Vaõ contando os titulos, & advirtam, que só conto os que se acham no Evangelho. Começou primeyramente esta Senhora a ser grande na primeyra hora da sua esperansa passada, porque

porque começou a esperar
fer conhecida no Mundo
por Mãe de Deos. *Concipies.*

A-
lap.
in
Luc.
1.
Beata Virgo hic agnovit se
electam in Dei Matrem, disse
hum dos Expositores. Que
mayor grandesa! Começou

esta Senhora a fer grande na
primeyra hora da sua espe-
rança passada, porque come-
çou a esperar aquella super-
abundante enchente de sua
graça: *Ave, gratiã plena.*

Luc.
1.
Que graça houve de pura
creatura mais superabundã-
te? Começou esta Senhora
a fer grande na primeyra
hora da sua esperansa passa-
da, porq̃ não foy só Senhora
de hum dom, senão de muy-
tos, pois teve todos os dons
do Espirito Santo: *Spiritus*

Sanctus *superveniet in te.*
1.
Que Santo houve, q̃ o fosse
de mais dons? Começou
esta Senhora a fer grande na
hora da sua esperansa passa-
da, porque para haver em
todo este Mundo quem lhe
fizesse sombra, foy necessa-
rio empenhar-se com parti-
cularidade todo o poder do
Luc.
1.
Altissimo: *Virtus Altissimi*
obumbrabit tibi. Que crea-

tura pode fer mais bẽ assom-
brada!

Começou esta Senhora a
fer grãde na primeyra hora
da sua esperansa passada,
porque sendo o circulo da
redondesa do Mundo o cir-
culo mais proprio do relo-
gio do Sol material, he inca-
pás o circulo do Mundo de
occupar todo o Sol em si,
como mostra a experiencia,
pois quando o Sol occupa
este meyo circulo do nosso
hemisferio, em q̃ vivemos,
não occupa o meyo circulo
do hemisferio, em que vi-
vem os nossos antipodas, &
esta capacidade, que falta ao
circulo do relógio do Mun-
do a respeyto do Sol mate-
rial, teve com singular gran-
desa o relógio do ventre de
Maria a respeyto do Sol di-
vino, porq̃ occupando este
pela sua immensidade todo
o Ceo, & toda a terra ao
mesmo tempo, & se houve-
ra mais terras, & mais Ceos,
tudo occupára, foy tal agrã-
desa do circulo daquelle Re-
logio Mariano, que teve em
si toda a grandesa daquelle
Sol: *Concipies. Quem Cali*

capere

Luc.
1. Ex
Eccl.

capere non poterant, tuo gremio contulisti.

Finalmente começou esta Senhora a ser grande, porque nesta primeyra hora da sua esperansa parece não só começou já a obediencia, q̄ lhe teve o divino Verbo encarnado; mas o mesmo Pay, & o Espirito Santo parece lhe obedeceram tambem nesta hora. *Fiat*, disse esta Senhora. Desça esse Sol divino, & entre neste Virginal Relogio; & foy taõ efficas esta palavra, que o Pay mandou nesse mesmo instante a seu Filho, *misit me vivens Pater. In carnem, & mundum per Incarnationem*, commêta o Alapide. O Filho desceu nesse mesmo instante como Sol àquelle Relogio, & bem se prova o instante, em q̄ desceu, quando desceu como Sol cõ azas:

Malach. Orietur vobis Sol, & sanitas in pennis ejus; & o Espirito Santo tambem nesse mesmo instante tomando a materia do fangue mais puro de Maria, desta formou o bello Corpo daquelle Sol encarnado: Simul in eodem instanti

à Spiritu Sancto formatum est corpus Christi. Que mayor obediencia! Mas não podia deyxar de ser assim; porque na supposiçãõ, que nesse instante havia de encarnar o divino Verbo, forçosamente havia de haver esta promptidaõ nas tres divinas Pessoas, porque as obras *ad extra* (como dizem os Theologos) incumbem a toda a Trindade. Não se pòde logo dar mayor obediencia, mas tambem grandesa mayor q̄ esta não se pòde dar.

Por todos estes titulos, que constam deste mesmo Evangelho, & por outros muytos que não refiro, porque a hora me não dá mais lugar, começou Maria Santissima a ser grande nesta primeyra hora da sua esperansa; mas que muyto fosse esta hora o principio das grandesas de Maria, quando o divino Verbo encarnado para ser visto grande, como he, parece foy necessario tivesse tambem parte nesta primeyra hora da esperansa de Maria. Para o divino Verbo

A-lap.
in
Joan.
6.

Malach.
4.

A-lap.
in
Luc.
1.

Verbo encarnar esperou tanto pelo consentimento desta Senhora, que diz hum Padre, não lhe convinha encarnar, senão depois daquelle consentimento: *Non decebat Christum concipi, invita Virgine, sed consentiente.*

A-
lap.
in
Luc.
1:

E qual será a razão desta desconveniencia do divino Verbo? Direy o que me parece. Que disse o Anjo à Senhora? Disse-lhe, entre o mais, que seria grande seu Filho: *Hic erit magnus*: & que hora foy esta, em que o Anjo disse isto? Foy a hora antes de conceber, (conforme o sentir mais commum dos Padres) a qual foy a hora primeyra da sua esperança; se aquelle pois foy o dito, & a hora foy esta, espere o divino Verbo o consentimêto desta Senhora, tenha nesta hora tambem seu certo modo de esperança, que se tem de ser visto grande: *Hic erit magnus*, parece he necessario que tenha parte a sua grandesa nesta primeyra hora da esperança de Maria, & assim parcelhe não convinha encarnar sem a espera

Luc.
1:

do seu consentimento: *Non decebat Christum concipi, invita Virgine, sed consentiente.*

Vio o Mudo hora mayor que esta? He certo q não, mas senão vio hora mayor, não deyxou de ver hora igual, porque vio a hora do relógio do amor, a qual se vio, & se vé no Relógio do Sacramento. Aquelle circulo he o circulo daquelle Relógio amoroso: *En circulo absque sine amor.* O Sol, que occupa toda a circumferencia daquelle circulo, he o Sol Christo Sacramentado: *Christus est Sol sub Eucharistiæ sigillo contentus.* A sombra daquelle relógio lhe faz o Corpo do mesmo Sol divino, disse Origenes: *Corpus Christi vocari umbram.* E a hora deste relógio mostrou aquelle Evangelista, que melhor q todos entendeu deste relógio do amor: *Sciens Jesus quia venit hora ejus... cœnâ facta.* Sabendo o Senhor Jesus q era chegada a sua hora, ceou com os seus Discipulos, Sacramentando-se naquellas especies:

La-
cerd.
Ma-
ria
effigi
Aca-
dem.
39.
scil.
6. n.
90.
Cor.
Vic-
pus
gas
in
A-
poc.
Ori-
gen.
Ho-
mil.
3. in
Jo-
sue.
Joan.
13.

A. *Tertia fuit cæna Eucharistiae,*
 lap. disse o Alapide. E q̄ aquella
 in hora fosse grande, prova se
 7oan. com a mesma Cea, q̄ se esta
 13. foy grande, como lhe cha-
 mou Christo na parabola
 daquelle homem, que fez
 Luc. aquella grande cea: *Homo*
 14. *quidam fecit cænam magnã;*
 certo he foy grande a hora.
 Este he o relógio do amor,
 & esta a lua primeyra hora.
 Notem agora a semelhança
 desta hora com aquella pri-
 meyra hora da esperansa, q̄
 eu faço hum breve epitome
 das grandefas, que tenho
 mostrando.

Aquella primeyra hora
 do relógio da esperansa foy
 grande, porque se regulou
 pela grandefa do Sol, que
 teve; & se o Sol neste re-
 lógio do amor he o mesmo
 Sol encarnado, que esteve
 no relógio da esperansa:
 Sup. *Christus est Sol,* taõ clara he
 como o Sol a semelhança
 desta hora cõ aquella hora.
 Aquella hora do relógio da
 esperansa foy grande pela
 sua duração; & esta hora no
 relógio do amor durará tan-
 to, que até ao fim do Mundo

durará, disse o o mesmõ
 Christo: *Ecce ego vobiscum* Mat
sum usque ad consummati- 28.
onem sæculi; & se esta dura-
 ção he grande, grande he
 esta sua hora. Aquella hora
 do relógio da esperansa foy
 grande pela grandefa do
 Verbo encarnado, que nella
 se esperava receber; & se a
 mesma grandefa do Verbo
 encarnado he a q̄ se recebe
 naquelle relógio do amor:
Accipite: hoc est Corpus me- Mat
um; bem se vé serem iguaes 26.
 as horas.

Aquella hora do relógio
 da esperansa foy grande,
 porque sendo o principio de
 todas as grandefas de Maria
 Santissima, nesta começou
 a ser Mãe de Deos; nesta
 começou a ter aquella gran-
 de enchente de graça; nesta
 começou a ter todos os
 dons do Espirito Santo; nes-
 ta começou a ter capacidade
 no relógio do seu purissimo
 ventre para receber o divi-
 no Sol; & nesta parece ex-
 perimentou a obediência das
 tres divinas Pessoas. E a ho-
 ra daquelle relógio do amor
 he tão o principio de todas

as nossas grandezas, que recebemos nas nossas almas o mesmo Deus, que sua Mãe recebeu no seu purissimo ventre: *Accipite concipies:* enchemo nos tanto de graça, que todo o entendimento humano se enche: *Mens impletur gratiâ:* temos os dons do Espírito São, porque allí *per concomitantiam* o recebemos: experimentamos ter o nosso peyto capacidade para receber a todo Deus, & a todo aquelle Sol divino, porque com effeyto o recebemos: & allí se prova bem claramente a obediencia do Filho, & *per concomitantiam* das mais divinas PESSOAS sujeyta ao poder de hum homem: *Hæc quotiescunque feceritis, in mei memoriam facietis.* v. vsd

Finalmente se aquella hora da esperansa foy grande, porque para que se visse grande o divino Verbo encarnado, parece foy necessario ter parte nesta hora, na hora daquelle relógio do amor teve tanta parte agrãdesa de Christo, que lhe chama o Evangelista hora com

particularidade muyto sua: *hora ejus.* Oh quanta razão vejo agora a Augustinho meu Padre para dizer que o relógio do amor ferà o mesmo, que o relógio da esperança: *Spes, & charitas erunt idem,* quando a grandesa da hora, que se vio no relógio do amor, he a mais verdadeyra confirmação da grandesa da primeyra hora, que Maria Santissima vio no relógio da sua esperansa: & para que lhe não faltasse circumstancia nenhũa a hũa, & a outra hora, fecho o discurso, advertindo que, se aquella hora grande do relógio do amor foy a hora já passada antes de se Sacramentar Christo, *quia venit hora ejus... cenâ facta,* esta primeyra hora da esperansa de Maria tambem foy a hora já passada antes de conceber o Sacramentado: *Concipies.*

A hora presente he a segunda hora do relógio da esperansa, a qual se vé com admiração no relógio daquelle purissimo ventre: *in utero,* & por essa razão he tão singular esta hora. Mas naquelle

Sup.

Ex
Eccl.Ex
Eccl.

Sup.

Div.
Aug.

Sup.

naquelle relógio estouvendo hũa grande difficuldade, & vem a ser; que a hora da posse não pôde ser a hora da esperansa, porque esperar toda hũa hora, & nessa mesma hora possuir o que se espera, são actos tão contrarios, que na boa Filosofia não se compadecem no mesmo sujeyto; & se aquelle ventre está indicando no teu circular relógio a posse do divino Verbo, como he possível que no mesmo ventre, & no mesmo relógio se veja nesta hora mesma a esperansa de Maria? A duvida he tão boa, que se funda na boa Filosofia, mas a resposta he tanto melhor, que se estabelece na sciencia experimental.

Mostra a experiencia que no relógio daquelle ventre se vê a posse juntamente cõ a esperansa. Ve-se a posse do Verbo encarnado, que Maria Santissima esperou conceber; & ve-se a esperansa desta Senhora, porque actualmête ainda espera nesta hora; & quiçá poderá ser a razão (ouçam primeyro

esta de passagem) não se querer arriscar de não ter o titulo de Mãe de Deos: *Mulier, ecce filius tuus. Et ex illa hora accepit eam discipulus in suam.* Mulher, (disse Christo a esta Senhora, estando no Cruz) a hi tens a teu filho, & daquella hora a recebeu o Evangelista por sua Mãe; & porque não chama Christo a esta Senhora sua Mãe, senão Mulher? Não lhe chama Mãe, porque esta Senhora he certo não esperava ter tal filho, como o que Christo lhe deu, pois diz este Senhor. Vós Senhora tendes esse filho à vista, & não esperaveis esse filho? deyxastes nesta hora presente, *ex illa hora*, de ser Senhora da Esperansa? Pois arriscay-vos a eu nesta hora tambem vos não chamar Mãe, senão Mulher: *Mulier*. O que supposto, bem pudera ser esta a razão, porque esta Senhora tendo já a posse, ainda actualmête espera; mas indo ao nosso ponto, respondo.

Que esperar, & possuir são côtraditorios na mesma hora

hora presente, mas he nas horas dos relogios do Mundo, em que todas as horas são as mesmas; porém no relógio da esperança, como a hora presente he singular, tão fora está de implicar cõ-tradição esperar, & possuir juntamente, que antes esperar, & possuir he tão proprio desta hora, que até nos seus instantes se vé desvanecida esta, que parece cõ-tradição.

Muyto varias são as opiniões dos Padres a respeito do tempo, em q̃ encarnou o divino Verbo; porq̃ Elias Cretense quer q̃ encarnasse antes da vinda do Anjo, & assim supõem q̃ elle veyo annunciar a Encarnação já feyta, sem que a Senhora a sentisse. Alguns dizem que não encarnou o divino Verbo, senão quando o Anjo disse à Senhora: Ave gratia plena. Outros affirmam que foy quando o Anjo disse: Dominus tecum. Porém a corrente dos mais sente que quando a Senhora deu o seu consentimento naquella palavra, *Fiat*, acabada esta de

pronunciar, encarnara nesse mesmo instante o divino Verbo: *Mox, ut illa dixit: Fiat, Spiritus Sanctus Corpus Christi formavit, & eodem instanti illud perfecte organizavit*, disse o Alapide. Seguindo por ora esta opinião, por ser seguida dos mais, provo agora com evidencia o meu pensamento. Este instante he da hora presente da esperança, porque pertence à hora da posse do divino Verbo, & neste instante desta hora parece se vio naquelle relógio esperar, & possuir juntamente; vio se esperar a Senhora, porque ainda não tinha acabada a palavra, *Fiat*; & em quanto esta senão acabou de proferir, certamente esperava Maria Santissima: & vio se tambem a posse juntamente, porq̃ nesse instante encarnou o divino Verbo; *Mox ut illa dixit: Fiat, Spiritus Sanctus Corpus Christi formavit, & eodem instanti organizavit*; & se neste instante esperou, & possuiu Maria juntamente, neste instante se vé desvanecida esta,

Luc.

1.

Sup.

A-

lap-

in

Luc.

1.

esta, que parece contradicção.

Confirmo mais o pensamento; porque mostro vinda esta mesma contradicção no relógio do amor. Fao o mesmo Dôuto comparação do instante, em que o divino Verbo encarnou, com o instante, em q desce esse mesmo Verbo encarnado àquellas especies, quando o Sacerdote Sacramenta, & diz assim: *Mox ut illa dixit: Fiat, Spiritus Sanctus in Corpus Christi formavit; & eodem instanti organizavit; sicut mox, ut Sacerdos consecrans dicit: Hoc est Corpus meum*: assim como pela efficacia das palavras, com que se Sacramenta, desce Christo logo àquellas especies; assim tambem logo que a Senhora disse: *Fiat*, encarnou o divino Verbo nas suas puríssimas entranhas. Notem o *sicut*; porque diz a mesma semelhança; & notem o *mox*; porque se vé ser o mesmo instante. O que supposto.

Advirta-se agora neste instante do relógio do amor.

Em quanto o Sacerdote não tem acabado de proferir a ultima palavra da consagração, não está Christo naquella Hostia, porém acabada a palavra de pronunciar, já allí está Christo: logo nesse ultimo instante parece que ha naquelle amoroso relógio esperar, & posuir juntamente; ha espera de Christo descer, porque ainda a ultima palavra não está acabada de pronunciar; & ha posse, porque finalizada a palavra, já debaixo daquellas especies está Christo: bem diz logo o Padre que este instante do relógio do amor tem semelhança cõ o instante do relógio da esperança: *Mox, ut illa dixit: Fiat, sicut mox, ut Sacerdos consecrans dicit: Hoc est Corpus meum*. E para que não falte semelhança nenhũa nestes instantes, sayba-se q, se aquelle instante do relógio da esperança he da hora presente, da hora presente he tambem este instante do relógio do amor: *Sciens Jesus quia venit hora ejus*, diz o Evangelista; & esta palavra,

Sub.

Joan.

13.

vra,

vra, *sciens*, sabem os Grammaticos q̄ fala do presente.

E se me querem argumentar, dizendome que o continuo successivo, (celebre questaõ na Filosofia) que he o tempo continuado, consta naõ de partes, senaõ de indivisiveis, que saõ os instantes, de q̄ se compõem, & que estes naõ admittem preterito, presente, nem futuro; & por esta razãõ naõ pòde haver em hum mesmo instante tempo de esperar, & tempo de possuir. Respondo com mais claresa o mesmo, que já disse, & he; que se esta hora presente fora como as mais, fora assim; mas como he taõ singular, naõ pòde ser como as outras.

Esta questaõ serà certa nos instantes das horas dos mais relogios, q̄ como estes se regulam pelo tempo continuo, neste hum instante fortosamente se segue a outro instante, para que se espere em hũ o que se possue em outro: porém as horas do relogio do amor, & do relogio da esperansa, que

na opiniaõ de Augustinho seraõ o mesmo: *Spes, & charitas erunt idem*, naõ saõ horas como as outras, saõ sim taõ singulares, que senaõ regulam pelo tempo continuo, regulam se sim pelo continuo da esperansa, & pelo continuo do amor; & nestes naõ depende hum instante de outro instante, porque no mesmo se espera, & se possue juntamente, como se vio no relogio do amor, & como se vé no relogio daquelle purissimo ventre, que se mostra a Maria Santissima a sua posse, nesse mesmo ventre, & nesse mesmo relogio tem nesta hora presente esta Senhora toda a sua esperansa, *in utero*.

Chegãmos à ultima hora da esperansa, que he a hora futura, em que se espera o fructo daquelle ventre taõ suspirado de todo o Mundo: *& paries filium*; & por isso serà esta hora felis sobre todas. *Oh felix culpa, quæ talem, ac tantum meruit habere Redemptorem!* Oh culpa felis, que mereceu ter tal, & taõ grãde Redemptor! exclama

Ex
Eccle

T Santo

Santo Augustinho meu Padre, falando com a culpa de Adão. E a culpa he, ou pode ser felis? Não; porque esta certamente foy, & he toda a desgraça; sendo isto assim, que quererá dizer Augustinho em chamar à culpa felis? A meu ver chamou felis à culpa pela esperanza, que della resultou de haver tal, & tão grande Redemptor, porque logo depois da culpa este Redemptor foy esperado, & como a hora desta esperanza futura he toda a felicidade, essa deve ser a razão, porque Augustinho chama felis à culpa, donde resultou tal esperanza: *Oh felix culpa, quæ talem, ac tantum meruit habere Redemptorem!*

A hora da esperanza futura foy felis para Maria Santissima, & foy felis tambem para nós; foy felis para Maria, porque esperou ter por filho ao mesmo Filho de Deos; & foy felis para nós, porque esperamos hum universal Redemptor. Isto mesmo parece quis dar a entender Augustinho na fe-

licidade da esperanza futura, que resultou daquella culpa primeyra, q já disse; porque ao Redemptor esperado chama tal, & chama tão grande, *quæ talem, ac tantum meruit habere Redemptorem.* Ser tal este Redemptor esperado, isso he mostrar Augustinho que este Redemptor he hum Deos, porque se fora só homem, he sem duvida, não seria tal: & ser tão grande este Redemptor, isso he dizer Augustinho que o foy universal de todo o Mundo. O que supposto, este Redemptor esperado como tal, he a felicidade de Maria; porque espera ter por filho ao mesmo Filho de Deos; & este mesmo Redemptor esperado como tão grande, he a felicidade de todo o Mundo, por ser o seu Redemptor universal.

E pesadas bem estas duas felicidades da hora futura da esperanza na balança da estimação desta Senhora, parece lhe pésa mais a esperanza de nós termos hū Redemptor, que a esperanza de ter

ter por filho ao mesmo Filho de Deos. A prova não tem menos authoridade, que o dito de hum Anjo. Disse este à Senhora que aquelle Filho, que esperava na hora futura, & *paries filium*, teria dous nomes; hum de Jesus, & outro de Filho de Deos; porém que o nome de Jesus era ella mesma a que lho havia de pôr: *Vocabis nomen ejus Jesum*; & o nome de Filho de Deos, que lho não poria ella, senão q̄ por este seria elle conhecido: *Filius Altissimi vocabitur.*

Se Maria Santissima ha de pôr o nome de Jesus ao Filho, que espera, porque lhe não porà tambem o nome de Filho de Deos? Isso não; que se o dito he de hum Anjo, a advertencia tambem foy como sua. Este Filho esperado na ultima hora da esperansa, era toda a felicidade para Maria, & toda a felicidade para nós; era felicidade para Maria, porque tinha por filho ao mesmo Filho de Deos, & era felicidade para nós, porque tinha o Mundo hum universal

Redemptor; & pesando o Anjo estas duas felicidades na balança da estimação de Maria, parece achou pesava para ella tanto mais a nossa felicidade, que a sua, que tendo este Filho o nome de Jesus, que quer dizer Salvador do Mundo: *Vocabis nomen ejus Jesum. Jesus, idest, I. Salvator*, & o nome de Filho de Deos: *Filius Altissimi leg. vocabitur*, este nome não diz que ella o ha de pôr, porque parece na sua balança lhe pesava menos; diz-lhe sim que lhe ponha o nome de Jesus Salvador, que este parece he o q̄ lhe pesa mais na sua balança: *Vocabis nomen ejus Jesum. Jesus idest, I. Salvator. Filius Altissimi vocabitur.*

Estas são as duas felicidades, que se vem na hora futura daquelle relógio; mas esta tambem he a preferencia, q̄ na estimação de Maria faz a nossa felicidade à sua naquella hora; & estas mesmas duas felicidades se acham tambem no relógio do amor, porque tambem se vé nelle hũa hora futura.

Teve o Sacramêto sua hora futura, porq̃ até o fim tem de durar esta hora: *hora* *Joan. ejus... in finē dilexit, & viram-*
 13. se nesta hora, & neste relogio estas duas felicidades, porque se estas cōsistem em esperar a Deos, como Deos, & a Deos como Redemptor futuro; como Deos, & como Redemptor futuro se consagrrou Christo naquelle relogio amoroto. Mas pesadas bem estas duas felicidades na balança do amor de Christo, qual destas pesará mais? Vejamos o relogio, que na sua hora (se me não engano) se está vendo a precedencia.

Sacramenta Christo o seu Corpo, & diz assim: *Hoc est*
 1. ad *Cor. Corpus meum, quod pro vobis*
 11. *tradetur*: este he o meu Corpo, que por vòs tem de se entregar. Sacramenta o seu Sangue, & diz: *Hic est*
 Mar *ei* *Sanguis meus, qui pro multis effundetur*: este he o meu Sangue, que por respeyto dos homens se derramará. Tudo isto val o mesmo, que dizer Christo se Sacramêta como Redemptor futuro, porque diz que aquelle Corpo de

futuro será entregue, & que de futuro tambem será derramado o seu Sangue. E naquellas especies não Sacramenta Christo tambem a sua Divindade? He certo; como logo não faz comemoração desta, quando se Sacramenta? Consagra expressamente *ex vi verborum* o Corpo, que se ha de entregar, & o Sangue, que se ha de diffundir, & a Divindade expressamente, & *ex vi verborum*, não a cōsagra? Não: & a razaõ, senão he a que quero dizer, eu não sey qual ella seja.

Christo em quanto Deos foy toda a felicidade de Maria, como já disse, porque o teve por filho, & em quanto Redemptor, foy toda a nossa felicidade, porq̃ nos remio; & pesadas estas duas felicidades na balança do seu amor, parece pelou menos para elle o ser Deos naquella hora, porque *ex vi verborum* não consagra a Divindade, & parece tambem pelou mais para elle o ser Redemptor futuro, porque *ex vi verborum*, como Redemptor

Sup. tor futuro, se Sacramenta: *Hoc est Corpus meum, quod pro vobis tradetur. Hic est Sanguis meus, qui pro multis effundetur.*

Esta foy a hora futura do relógio do amor, & estas as suas duas felicidades; mas não foram o relógio do amor, & o relógio da esperança tão parecidos: *Spes, & Div. charitas erunt idem*, logo *Aug.* não seriam tão semelhantes nas horas; & se as felicidades são as que fazem ser felices as horas; felis foy a hora futura do amor: *hora ejus, in finem dilexit*; & felis terá também a hora futura do relógio da esperança de Maria: *Et paries filium.*

Meu Deos, & divino Sol, não foreis vós tão imenso, logo vos não vira, & considerára em dous relógios tão distinctos. Nesse relógio do amor vos vejo por unico alvo dos nossos affectos, &

nesso relógio de Maria Santissima vos confidero por total objecto de todas as nossas esperanças. Estas são também fundadas, q quando muyto no relógio da esperança só tres horas se contam de espera; a hora passada, a hora presente, & a hora futura; & se contey só estas tres horas, & não mais, foy, porque nesse relógio vejo muyto bem ao Sol claro.

Destas tres horas he que se compõem só todo o dia da esperança, & se este he, & será o dia de hũa graça universal, suspeyto não tardará muyto este dia, porque à vista da Alva vejo já ao Sol fóra com tantos rayos de graça, que na ultima hora da esperança, que mostra o relógio desse purissimo ventre, se verá na terra, & no Ceo toda a gloria: *Gloria in altissimis Deo, & in terra.*





SERMAO

DE

SANTO ESTEVAM

Com o Sacramento exposto, prégado
na sua Paroquial Igreja. Lisboa
no anno de 1692.

Lapidat eos. Matth. 25.



O dia do mais glorioso Nascimento, Senhor, se segue o dia do mais estrondoso martyrio; o Nacimêto de hontem, sendo do Verbo encarnado, foy o Nacimêto mais glorioso, que vio o Mundo, porque em coros celestes se ouviram as vozes dos Anjos, que em suave harmonia

cantavam todos a gloria daquelle Nascimento: *Gloria in altissimis Deo*; o martyrio de hoje, sendo do Protomartyr Santo Estevam, foy o martyrio mais estrondoso, que pode ser: porque de duras pedras formou a tyrannia coros tão desentoados, que encontrádo se nos ares humas com as outras, senão formavam

formavam palavras por incapazes, ao menos ouvia-se muyto bem o seu estrondo, porque formando lastimoso eco em São Estevam, fizeram fosse estrondoso o seu martyrio: *Lapidabant Stephanum*. Com aquella divina musica naceu o Verbo encarnado, & com este lamentavel estrôdo morreu o Martyr Santo Estevam; mas quando eu ouvi q hontem se cantava aquella divina musica, logo me pareceu que nascia o Verbo, que se cantavam Anjos, & formavam palavras, só podia ser motivo o Nascimento deste Verbo nacido; & quando tambem ouvi o lamentavel estrondo daquellas pedras, logo suppôs se martyrizava Estevam, que quando Estevam morre não se ouvem mais vozes que aquellas, com que até as mesmas pedras se lamentam, ainda quando se mostram mais deshumanas.

Para suavizar a deshumanidade daquellas pedras, vejo hoje a Estevam entre duas preciosas pedras taõ

divinas, como humanas, q a Santo Estevam só entre pedras se pòde ver. As duas pedras, entre as quaes vejo a Santo Estevam, são o Menino Deos nacido de hontem, & ao mesmo Christo Sacramentado. A Christo deu S. Paulo o titulo de pedra: *petra autem erat Christus*; & pedra chamou tambem David ao Sacramento: *de petra mele saturavit eos*; & posto que hũa, & outra sejam a mesma pedra na essencia, por ser hũa, & outra pedra o mesmo Christo, na apparencia são diversas estas pedras; porq Christo como Menino tem forma de homem, que se vé: *Invenietis infantem; videntes autem cognoverunt de Verbo*; & Christo Sacramentado tem fôrma Eucaristica, que senão vé. *Verè tu es Deus absconditus*. Nas pedras, que para Estevam corriam, achou elle toda a suavidade, como diz a Igreja: *lapides torrentis illi dulces fuerunt*; quiçã falaria a Igreja não tanto da dureza das pedras, que deshumanamente o atormentavam,

AET.
A-
pof.
7.

1. ad
Cor.
10.

Psal.
80.

Luc.
20.

Isai.
45.

Ex
Eccij

como da suavidade destas duas divinas pedras, q̄ hoje para elle não só correm, mas concorrem, porque se ajuntam para lhe assistir. A pedra de Belem corre cō passos não menos que de hum gigante: *Exultavit ut gigas ad currendam viam*; & a pedra do Sacramêto no breve tempo, em que se proferem quatro palavras, do Ceo à terra vem tambem correndo: *Hic est panis, qui de Cælo descēdit*; & senão podem para Estevam haver pedras mais correntes, tambem para elle não podem haver pedras mais suaves: *Lapides torrentis illi dulces fuerunt*.

Ex
Eccl.

São as pedras instrumento proprio de apedrejar, como bem experimentou Estevam da mesma sorte, que Christo o tinha já dito muyto tempo antes: *Jerusalem,*

Jerusalem, que occidis prophetas, & lapidas eos, qui ad te missi sunt; ut de Stephano legitur, disse Hugo Cardial; & se he propriedade das pedras o apedrejar, não parecerà novidade dizer que, se aquellas duas divinas pedras

lhe assistem, são també para lhe fazerem seus tiros; mas com esta differença, que aquellas pedras, entre as quaes Estevam teve o seu ditoso martyrio, foram instrumentos da sua morte, & estas duas divinas pedras, entre as quaes vejo a Santo Estevam com admiração martyrizado, são prognosticos evidentes de que as suas memorias resuscitam; aquellas pedras apedrejando mataram a Santo Estevam, estas divinas pedras com os seus tiros dão vida às suas memorias; porque na pedra de Christo como Menino, diz S. Joaõ que estava a mesma vida: *in ipso vita erat*; & na pedra do Sacramêto disse o mesmo S. Joaõ que tem vida para dar: *Qui manducat hunc panem, vivet*; & se hũa, & outra pedra são da vida tão senhoras, bem podem resuscitar as memorias de hum morto, como Estevam, quando o tem por alvo dos seus tiros: *Lapidas eos; ut de Stephano legitur*.

E que será o que cada hũa destas pedras resuscitam em Estevam?

Psal.
18.

Joan.
6.

Joan.
1.

Joan.
6.

Estevam? Resuscitam o que cada hũa dellas tem em si. He adivina Pedra, que hontem naceu em Bem, a Sabedoria encarnada; & esta divina Pedra faz tiro a Santo Estevam para resuscitar as memorias da sua sabedoria, que aquellas pedras, que lhe atiraram, tinham entre si sepultadas: *petra autem erat Christus. Lapidat eos; ut de Stephano legitur.* Esta he a primeyra pedra, este o primeyro tiro, & este o primeyro ponto. He a divina Pedra Sacramentada a memoria do particular valor, com que Christo soffreu os seus tormentos: *Recolitur memoria Passionis;* & esta divina Pedra faz tiro a Santo Estevam para resuscitar as memorias do insigne valor, q̄ mostrou no seu martyrio, o qual aquellas pedras tinham occulto: *de petra mele saturavit eos. Lapidat eos; ut de Stephano legitur.* Esta he a segunda pedra, este he o segundo tiro, & este serà o segundo ponto. Naõ ha mais tiros, porque naõ vejo a Estevam en-

tre mais pedras. Repare-se primeyro o tiro da pedra de Belem resuscitando a sabedoria, & logo se advertirà o tiro da Pedra Sacramentada resuscitando o valor.

Eleyto Estevam pelo collegio Apostolico, começou logo a prégar em Jerusaleem o q̄ no sagrado Evangelho se encerra cõ taõ alta sabedoria, que senaõ tivera tanto de divina, poderia facilmente deyxarse vencer dos continuos argumentos, a que todos os dias se via repetidamente exposta; mas como a sua sabedoria era daquella altissima qualidade, acharam os argumẽtos nella tal resistencia, que de nenhũ pode ser vencida: *non poterant resistere sapientie.* Para expellir, & lançar fóra de Estevam esta alta sabedoria, se ajuntaram os Libertinos, Cyrenenses, Alexandrinos, & os de Asia; de todas estas Synagogas se ajuntaram para verem se tantos sabios juntos podiam confundir a hum só Estevam, & vendo que elle dava o mesmo sentido às Escriaturas,

que

Sup.

Ex
Eccl.At.
A-
post.
6.

que lhes quis dar o mesmo, que as dictou, que era o divino Espirito, que particularmente lhe assistia: *Spiritui, qui loquebatur*; advertindo que os seus argumentos sendo fundados no erro, logo Estevam lhe mostrava bem claro o seu engano, não podendo finalmente resistir à quella sabedoria, quando com os argumentos cada vez mais se avivava, intentaram sepultalla a toda a pressa, & não o podendo fazer cõ as pedras das razões, & para melhor dizer, das sem razões, com que lhe atiravam, com as pedras da rua lhe fizeram tiro, para que ao mesmo tempo, que lhe tirassem a vida, fosse cada hũa dellas hũa campa, em que se sepultasse aquella sabedoria, & espirito, cõ que falava: *non poterant resistere sapientiae, & Spiritui, qui loquebatur*, como já tinha dito o mesmo Christo: *lapidas eos; ut de Stephano legitur*. Esta sepultura do espirito pertence ao segundo pôto, & assim falemos só na sepultura da sabedoria.

Como se enganou a tyrannia em cuydar podia debayxo daquellas pedras sepultar para sempre a divina sabedoria, com que falava Estevam; mas como na Synagoga senão cria na Resurreyção de Christo, não era muyto q a sua muyta ignorancia cuydasse que, morrendo aquella sabedoria, ficaria para sempre sepultada; poderiam cortarlhe os fios à vida, como fizeram, poderiam atirlhe com pedras, como lhe atiraram, poderiam fazer das pedras campas, porq o cubriram, poderiam sepultarlhe o corpo, como sepultaram; mas de nenhũa forte poderiam sepultar para sempre as memorias da divina sabedoria, com que falava, porq esta entre as pedras certamente resuscita as suas memorias. Muytas vezes se tem reparado em Christo se sepultar em hum sepulchro de pedra, quando na terra se podia mais facilmente sepultar; varias razões se tem dado a esta duvida; & para eu dizer tambem agora o que me parece,

Act.
A.
post.
6.

Act.
A.
post.
6.

parece, quero reforçar ainda mais aquelle reparo: porque o Evangelista diz não só que Christo se sepultou em hũa pedra, mas adverte que essa pedra fora cortada de outra pedra: *posuit eum in monumento, quod erat excisum de petra*, & que outra pedra lhe puzeram tambem à porta da sepultura, & *advolvit lapidem ad ostium monumenti*. Valha-te Deos para sepulchro! Consta de hũa pedra, que foy de outra pedra, & sobre essa pedra ainda têm outra pedra? Para que são tantas pedras? Eu o digo, para Christo de entre ellas resuscitar. Em Christo estava a propria divina sabedoria, que sabedoria era por Filho do Eterno Pay; & como certamente tinha de resuscitar essa divina sabedoria com Christo: *Sicut enim fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus; sic erit Filius hominis in corde terre*. Sepulte-se entre pedras, porque de entre ellas certamente resuscitaraõ as suas memorias: Cayetano admiravel-

mente: *ad perennem etiam ex hoc loco memoriam*; aquelle lugar, & aquellas muytas pedras são o final mais evidente de que resuscitaraõ as memorias daquella divina Sabedoria: *ad perennem ex hoc loco memoriam*.

Puderam os homês tirar a vida àquella Sabedoria encarnada, que hontem nasceu, como tiraram; puderam atirarlhe com hũa pedra, porq̃ com esta lhe atiraram sobre o Corpo quando lhe fecharam a sepultura, & *advolvit lapidem ad ostium monumenti*; puderam sepultalla entre pedras, como fizeram naquelle marmoreo sepulchro, *in monumento, quod erat excisum de petra*; puderam finalmente de hũa pedra fazerlhe campa para o encubrir; mas não puderam fazer com q̃ para sempre se sepultassem as suas memorias, porque daquellas pedras, & daquelle lugar resuscitaram, ficando perennemente eternizada a sua memoria: *ad perennem ex hoc loco memoriam*; se em Christo estava a divina Sabedoria,

Mar
ci
15.

Ibi-
dem.

Ibi-
dem.

Mat
12.

Mat
12.

Ca.
ies.

Mar
ci
15.

Ibi-
dem.

Mat
12.

Mat
12.

bedoria, & se esta Sabedoria assistia a Estevam, bem dizia eu se enganava muyto a tyrannia em cuydar que a sepultava entre aquellas muytas pedras, que lhe atiraram, quando essas pedras eram o final mais certo, que de entre ellas resuscitariam sem nenhũa duvida as suas memorias.

Esteve sepultada a Sabedoria do Verbo encarnado em quanto aquella pedra, que se lhe pos, lhe servio de campa; estiveram sepultadas as memorias da sabedoria de Estevam, em quanto aquellas pedras, com que lhe atiraram, cubriram a sua memoria. Resuscitou a Sabedoria encarnada, quando hũ Anjo lhe revolveu aquella pedra. *Angelus enim Dominus* *Mat* *28.* *mini descendit de Cælo: & accedens revolvit lapidem;* resuscitariam as memorias da sabedoria de Estevam, quando elle mesmo para se pôr de joelhos se revolveia entre as pedras com cara de Anjo, que assim foy visto dos mesmos, que o apedrejaram: *Positis autem genibus,*

intuentes eum omnes viderunt faciem ejus tanquam faciem Angeli; & resuscitariam neste tempo as suas memorias, porque pondo os olhos no Ceo, vio aquella divina Pedra nacida em Belem; assim parece se infere do mesmo Texto, porque diz, vira o portal do Ceo aberto: *Ecce video Cælos apertos;* & nelle vira esta divina Pedra, & juntamête a gloria de Deos, *vidit gloriam Dei, & Jesum;* & ver a Christo em hũ portal aberto juntamente com a gloria de Deos, isto he ver a Christo no portal de Belem, que hum Ceo aberto esteve hontem feyto aquelle portal, & só nelle se vio a Christo juntamente com a gloria de Deos na bocca dos Anjos, que a cantavam: *Gloria in altissimis Deo;* se já naõ foy que lhe appareceu Christo naquelle portal, & mais a gloria de Deos, porque esta gloria se visse manifesta por Estevam, já que naõ foy vista na bocca de nenhum Anjo: que se he forsofo verse na bocca dos Anjos cantada a gloria de Deos

Act.
A.
post.
6.

Act.
7.
Ibi.
dem.

Luc.
2.

Deos quando apparece esta Pedra de Belem no seu portal, não se vendo esta gloria naquella occasião na bocca de nenhum Anjo cantada, suprio o Anjo de Estevam aquella falta, porq̃ à vista daquella divina Pedra naquelle portal se vio logo a gloria de Deos manifesta pela bocca de Estevam: *Ecce*

AR. video Celos apertos... vidit gloriam Dei, & Jesum.

7. Appareceu-lhe esta divina Pedra no ultimo termo da sua vida, & appareceu-lhe a meu ver sómente para lhe fazertiro. Diz o Texto vira Estevam a esta divina Pedra encarnada à mão direyta de Deos, & *Jesum*

Ibid. stantem à dextris Dei. Cuydey eu, & cuydo bem que o lugar proprio desta divina Pedra era sómente o peyto do mesmo Deos, por dizer o Evangelista que este he o seu proprio lugar: *unigenitus Filius, qui est in sinu Patris*, & com muyta razaõ

Joan. 1. tem o Pay no seu peyto a este Filho, que se no peyto he que se põem a pedra mais preciosa, não a pôde haver

de mayor preço, que a que hontem se vio nacida em Belem; pois se o peyto do Pay he o proprio lugar desta Pedra, como se passou para a sua mão direyta, *Jesum stantem à dextris Dei?*

Eu o direy. He verdade que no peyto tinha, & tem o Eterno Pay esta Pedra de seu Filho: *unigenitus Filius, qui est in sinu Patris*; mas quando foy forsofo atirar com ella do Ceo à terra, q̃ foy quando encarnou o divino Verbo, do peyto do Pay parece se passou para a sua mão direyta, porque a oforsofo poder daquelle braço he que do Ceo se despedio aquella Pedra com aquella mão; assim parece o cantou a Virgem Senhora nossa no mysterioso Cantico da sua *Magnificat: Fecit*

potentiam in brachio suo, suscepit Israel puerum suum; & se Estevam no ultimo termo da sua vida vé aquella divina Pedra de Belem, não no peyto do Eterno Pay, mas sim junto à sua mão direyta, *à dextris Dei*; parece tinha Deos a Pedra na mão

para

para fazer tiro a alguém; & se ninguém vé esta Pedra mais que Estevam, parece logo he para elle o tiro daquella Pedra despedida daquella mão com o poder daquelle braço. *Fecit potentiam in brachio suo... Iesum stantē à dextris Dei.*

E que razão pôde haver, para que Deos com a forsa do seu braço faça tiro com esta divina Pedra de Belem ao nosso Santo Martyr? Se não he a razão, que imagino, eu não alcanço outra. Notem. Estava a sabedoria de Estevam amortecida entre aquellas deshumanas pedras, que certo he lhe atiraram fortemente à cabeça quando a sabedoria lhe atiravam; & como Estevam estava entre tantas pedras, que lhe dão fortemente na cabeça, parece não podia Estevam deyxar de morrer. Caminhava Jacob para Mofopotamia, quando ao por-felhe o Sol pos debayxo da cabeça muytas pedras, & diz o Texto que sobre ellas dormira, *tulit de lapidibus, qui jacebant, & supponens*

capiti suo, dormivit. E com tanta facilidade dorme Jacob sobre pedras? Por certo que a dureza destas almofadas bastava para divertir o sono mais profundo; assim parece; mas o sono he hũa figura da morte, como se sabe, & tanto que a Jacob chegaram muytas pedras a tocarche na cabeça, certo era o sono em Jacob, porque certo era ver-se logo entre as sombras da morte, *tulit de lapidibus, qui jacebant, & supponēs capiti suo, dormivit.* Se os brãdos toques de hũas pedras, que a Jacob tocaram na cabeça, o fizeram chegar às sombras da morte, como se livraria Estevam de ver a mesma morte, quando as pedras, não com brandos toques, mas com fortes tiros lhe deram na cabeça?

Estava a sabedoria de Estevam (tornando à nossa razão) amortecida entre aquellas deshumanas pedras; cada hũa destas era hũa campa, em que fechando-se cada hũa das suas memórias, não davam lugar a que resuscitassem; pois se as memórias da

da Sabedoria divina estão mortas, & sepultadas com Estevam entre aquellas pedras, faça-lhe tiro aquella divina Pedra nacida em Belyem, para que ao toque desta Pedra humanada se separem aquellas deshumanas pedras, & dem lugar a que resuscitem as memorias daquella divina Sabedoria. Torne outra vez Jacob, & sejá vimos q achou as sombras da morte entre muytas pedras, vejamos quando desperto com quantas pedras se acha. *Surgens ergo Jacob manè, tulit lapidem, quem supposuerat capiti suo, & erexit in titulum.* Despertou Jacob, & achou-se com hũa só pedra debayxo da cabeça, a qual levantou para memoria da visão, que lhe appareceu: *Lapidem erexit visionis monumentum*, diz Santo Eustaquio. E Jacob quando adormece está entre muytas pedras, *tulit de lapidibus*, & quando desperta acha-se com hũa só pedra, *tulit lapidem*? Sim; era esta pedra expressa imagem da Sabedoria encarnada, que já lhe

tinha apparecido, diz o mesmo Santo Eustaquio: *Lapidem erexit visionis monumentum. Ibi-tum, exprimens pro viribus dem. imaginè ejus personæ, quæ sibi apparuerat*; & todas aquellas memorias, que lhe resultaram daquella divina Sabedoria, estavam alli sepultadas cõ Jacob entre aquellas pedras, sobre as quaes encontrou com as sombras da morte, como já vimos; pois se Jacob resuscita daquelle lethargo profundo com aquellas memorias: *Lapidem erexit visionis monumentum*, ache hũa pedra imagem daquella Sabedoria, *imaginem ejus personæ, quæ sibi apparuerat*; que ao toque desta todas as mais pedras se veraõ logo separadas, *tulit de lapidibus... tulit lapidem*; & separadas estas, terá Jacob lugar de resuscitar com aquellas memorias, q tinha sopitas. *Surgens ergo Jacob manè.*

Se o toque de hũa pedra imagem semente da Sabedoria divina bastou para resuscitar em Jacob as memorias daquella sabedoria, & a este

Gen.
28.

Eust.
ta-
chius
in
ca-
ten.
Gra-
sa.

este mesmo toque parece se apartaram as mais pedras, entre as quaes se viram sepultadas aquellas divinas memorias; com quãta mais razão se devem separar as pedras, que atyrannia barbaramente atirou a Santo Estevam, para darem lugar a que resuscitassem as memorias da sua sabedoria, quando não as tocou hũa pedra, q̄ era imagem, senão a mesma animada Pedra em carne nacida em Belem, fazendo-lhe tiro, ainda que de tão longe, *vidit gloriam Dei, & Jesum*. Desengane-se logo atyrannia, & deyxede atirar com mais pedras a Santo Estevam: *Lapidat eos*; que se pretende sepultar-lhe as suas memorias, a Pedra de Belem ainda está viva, porque ainda hontem naceu, para que ao seu divino tiro se separem todas as suas pedras, & faça resuscitar novamente as memorias da sabedoria de Estevam: *Petra autem erat Christus: Lapidat eos., ut de Stephano legitur.*

Reparado o tiro da Pedra

de Belem, com que resuscitaram as memorias da sabedoria de Estevam, advirta-se agora no tiro da pedra do Sacramento resuscitando as memorias do seu valor. Os tiros daquellas pedras, que atyrannia despedio, não só foram à sabedoria de Estevam, mas tambem ao espirito, com que falava: porq̄ se a sabedoria lhe ministrava respostas para os seus argumentos, o Espirito lhe dava valor para pronunciar o que respondia. Sendo proprio do divino Espirito o inspirar: *Spiritus ubi vult spirat*; que senão fora o seu valor q̄ inspirava nos Martyres, não seriam tão resolutas, & efficazes as suas respostas; em Estevam parece que fez mais este divino Espirito, porque não só inspirou nelle o seu valor, mas tambem tomou muyto particularmente por sua conta a resistencia. A resistencia, & o valor são cousas bem diversas, porque pôde estar hũa sem outra, por quanto pôde haver valor sem resistencia, posto q̄ a resistencia sempre

Sup.
cit.

João
3.

sempre assenta sobre o valor; para os mais Martyres communicalhes o divino Espirito o seu valor, mas deyxá a resistência por sua conta, & a Estevam communicou-lhe o valor, & tomou também por sua conta a resistência: assim o diz o Texto: *non poterant resistere sapientia, & spiritui, qui loquebatur*; & a razão desta diversidade parece he; que nos mais Martyres assiste-lhes aquella divina inspiração valerosa: *Spiritus, ubi vult spirat*; & em Estevam esteve aquella divino Espirito enchendo-o todo até não mais.

AA. *Elegerunt Stephanum plenum Spiritu Sancto*; & como estava tão cheyo, parecia Estevam mais todo espirito, que homem tanto, que veyo apparecer o valor, & resistência não serem partos seus, mas sim empenho particular daquelle divino Espirito: *non poterant resistere sapientia, & spiritui, qui loquebatur*.

Agora advirto em hũa pergunta, & resposta de Santo Augustinho meu Padre;

a pergunta he: *Certe Stephanus homo erat, an Deus?* Estevam era Deos, ou era homem? E a resposta he. Não vos enganéis, porque claramente Estevam he homem, como outro qualquer homem: *Planè homo erat, hoc erat quod tu*. Que veria Augustinho em Estevam, para fazer aquella encarecida pergunta? Vio parece a Estevam tanto cheyo daquelle divino Espirito, que poderia parecer deyxar já de ser homem, & parecer todo Espirito Santo; & porque isto poderia parecer, se fez a pergunta; também logo lhe deu a resposta, dizendo era puro homem, como outro qualquer homem: *Certe Stephanus homo erat, an Deus? Planè homo erat, hoc erat quod tu*.

Esperay agora hum pouco, meu grãde Augustinho, & day-me licença para bem advertir na vossa resposta; dizeis que Estevam he hum homem, como outro qualquer homem: *Planè homo erat*, quando o Texto diz foy visto com cara de Anjo,

V *viderunt*

Sup.
cii.

Di.
Aug.
in
Ser-
mon.
Di.
Ste-
ph.

Ibi-
dem.

Sup. ai. *viderunt faciem ejus tanquã faciem Angeli?* Sim, q̃ tudo era, porque era homem com cara de Anjo; foy visto assim Estevam, para q̃ desta forte se visse tambem a qualidade do seu valor; porque desta forte hum Estevam parece poderia dar valor até ao espirito do mesmo Deos Sacramentado. No Horto estava orando Christo a seu Eterno Pay, quando o temor da morte como homem o acometeu de qualidade, q̃ se lhe durasse mais tempo, poderia tirarlhe os ultimos alentos da vida, que assim como lhe começou o temor:

Mar. ci. *cæpit pavere,* começou logo tambem a agonizar-se: *Fac. 14.* *Etus in agonia,* & se lhe continuasse este temor por mais *Luc. 22.* tempo, parece seria esta a agoniada morte; mas a pouco tempo passado, diz o Texto se levantára Christo com grande valor, sahindo ao encontro aos mesmos, q̃ o bulcavam para o prender:

Mar. ci. *Surgite, eamus: ecce qui me tradet, prope est.* Naõ foy antes, senaõ depois que hum *Luc. 22.* Anjo o confortou. *Apparuit*

illi Angelus, confortans eum. E hum Anjo conforta ao mesmo Christo, hum Anjo pòde inspirarlhe o valor, q̃ parece tinha perdido entre aquelle temor, & agonia? Se for hum Anjo como este, parece que bem pòde. Tinha-se Christo de pouco Sacramentado, & diz Tito Bostrense que appareceu este Anjo a Christo em forma de homem, se bem que com cara de Anjo, porque atrasia lufida, & resplandecente: *Angelus apparuit in humana specie fulgida, ac nitente;* & quando o espirito de Christo, depois de Sacramentado, posto que esteja prompto para padecer: *Spiritus quidem promptus est,* parece que desfalece temeroso como homem: *cæpit pavere;* só hum homem, posto que seja sómente na forma, com cara de Anjo parece he capás de lhe inspirar valor, porque só este o conforta: *Apparuit illi Angelus, confortans eum.* Se este Anjo na sua figura, q̃ mostra, naõ he hum Estevam representado, ninguem poderã dizer que

Titus Bost. apud Sylv. tam. 5. lib. 8. cap. 2. q. 10. Luc. 22.

que não tem com elle algũa
semelhança ; porque hũa fi-
gura com forma humana,
in humana specie, & com lu-
zida cara de Anjo, porque
o era na realidade : *Angelus
specie fulgida, ac nitente* ; esta
parece a figura de Estevam ;
porque sendo homem: *Pla-*

Div. nē homo erat, com cara de

Aug. Anjo foy muyto bem visto:

sup. *Viderunt faciem ejus, tanquã*

Act. *faciem Angeli* ; & se o Anjo

6. naquella figura pode con-

fortar o espirito de Christo

quando Sacramentado, pa-

rece poderia a figura de Ef-

tevam lograr o mesmo pri-

vilégio.

Hum taõ grande espiri-

to como este intentou aty-

rannia eternizar debayxo

daquellas pedras, & este

singularissimo valor chegou

barbaramente a sepultar ;

mas este grande espirito re-

fuscita hoje aquella divina

Pedra do Sacramento, porq̃

daquella sepultura faz re-

fuscitar todas as memorias

daquelle grande valor, que

mostrou no seu martyrio ;

& se da sepultura refuscita

aquellas memorias , faz

Christo Sacramentado às

memorias do valor de Este-

vam o mesmo, que faz às

memorias do seu grande va-

lor. Naquelle divina Pe-

dra do Sacramento resumio

Christo todo o valor dos

seus tormentos, & deste ma-

ravilhofo valor diz q̃ refus-

citaraõ as memorias todas

as vezes, que o Sacramen-

tarem os homens : *Hac quo. Ex*

tiescunq̃ feceritis, in mei me. Eccl.

moriam facietis. Que razaõ

poderã haver para Christo

no Sacramento refuscitar

as memorias todas do seu

grande valor, com que pa-

deceu a sua morte ? Direy

o q̃ agora me parece. Christ-

to deu o Sacramento a seus

Discipulos em hum calix,

que he figura da sepultura:

Accipiens calicem, dedit illis ;

& tanto que Christo vio se-

sepultadas todas as memorias

do seu valor naquelle calix,

achou que daquella sepul-

tura deviam refuscitar to-

das as suas memorias : *Hac*

quotiescunq̃ feceritis, in mei

memoriam facietis. Da sepul-

tura de hum calix refuscita

aquella divina Pedra todas

Mat
26.

as memorias do seu extremo valor, & para que da sepultura daquellas pedras resuscitem tambem as memorias do valor de Esteuam, do Ceo desce aquella divina Pedra parece que a fazer lhe tiro: *Hic est panis, qui de Cælo descendit.* Faz Christo às memorias do valor de Esteuam parece o mesmo, que faz com as memorias do seu valor no Sacramento.

Mas porque não faz só isto às memorias do seu valor no Sacramento, senão mais; tambem não só isto, senão mais faz às memorias do valor de Santo Esteuam. Diz Santo Augustinho meu Padre que o valor, q' Esteuam mostrou no seu martyrio, foy admiravel: *Passio ejus insignis est, multumque mirabilis;* a este dito não deu razão o meu grande Padre, mas a este dito darey razão, & darey prova, que prova, & razão não podem faltar aos ditos de hum Augustinho. A razão he, porq' todos os annos neste dia resuscita aquella Pedra Sacramentada as memorias da-

quelle valor, não lhe faltando todos os annos com a sua divina assistencia, & a repetição, com que resuscitam estas memorias, faz admiravel a memoria do valor de Esteuam, isto he o mais, que eu dizia faz Christo às memorias de Esteuam, porque isto tambem he o mais, que elle faz às memorias do seu valor no Sacramento. Está dada a razão, veja-se agora aprova.

Admiraveis (diz David) são as memorias do Sacramento: *Memoriam fecit mirabilium suorum;* que do Sacramento na cõmuia intelligencia dos Padres se entendem estas palavras; & q' tem as memorias do Sacramento mais que as memorias dos outros mysterios, para que destas só se diga que são admiraveis? Tem o deyxarse Christo Sacramentado de forte, que repetidas vezes se Sacramenta: *Hæc quotiescumque feceritis;* & todas as vezes, que se repete o Sacramento, se repetem tambem as memorias do seu grande valor resuscitadas, *in mei memoriam*

Joan.
6.

Div.
Ang.
in
Ser.
mon.
Div.
Steph.

Psal.
110.

Ex
Eccl.

Ibi-
dem.

memoriam facietis ; pois se estas memorias repetindo-se tantas vezes, outras tantas vezes resuscitam, tem muyta razaõ David para dizer saõ admiraveis estas memorias do Sacramento: *Me-*

Pfal. moriam fecit mirabilium suo-
110. *rum*: se estas memorias no

Sacramento saõ admiraveis por repetidas, & aquella divina Pedra Sacramentada todos os annos faz tiro a Estevam, resuscitando as memorias do seu grande valor, boa prova, & melhor razaõ devem todos já achar a Augustinho meu Padre quando disse q' eram muyto admiraveis as memorias do valor, com que Estevam pa-

Div. deceu apedrejado: Passio
Aug. ejus insignis est, multumque
sup. mirabilis.

Recolha logo atyrannia já as pedras, com que atirando ao valor de Estevam, quer sepultar as suas memorias: *Lapidat eos*; que se o seu espirito he taõ admiravel no seu valor, como temos visto, para que este se naõ eternize na sepultura daquellas pedras, hũa divi-

na Pedra Sacramentada to-
ma muyto por sua conta re-
fuscitallhe as memorias to-
dos os annos, quando para
lhe fazer tiro tambem como
pedra desce do Ceo à terra:
de petra melle saturavit eos
Lapidat eos. ut de Stephano
legitur.

Meu Santo, do Evange-
lho consta que o Reyno do
Ceo he semelhante a hum
contratador de pedras pre-
ciosas: *Simile est Regnum*
Calorum homini negotiatori

Mat
13.

querenti bonas margaritas.
Dá-se caso sejais vós este
admiravel contratador? Naõ
duvido; porque tanto con-
trato fizestes das pedras, a-
chando-as taõ boas, que de
toscas pedras fizestes mara-
vilhofas margaritas, cõ que
esmaltastes a coroa do vosso

martyrio: *Stephanus, idest*
corona. Mas naõ, naõ podeis
vós ser este contratador,
porque entre tantas pedras
naõ achou este mais que hũa
só preciosa; *inventa autem*
una pretiosa; & vós entre
tantas pedras naõ achastes
hũa só, mas achastes duas as
mais preciosas, que pòde

Div.
Aug.

Mat
13.

haver, que são a Pedra nacida de hontem em Belem, & a Pedra do mesmo Christo Sacramêtado descendo hoje do Ceo; já que tanto à mão tendes essas preciosas Pedras, com ellas nos fazey tiro; tenha por alvo essa divina Pedra de Belem os nossos corações, & a Pedra do Sacramento imprima-se muyto nas nossas almas, que não pôde cada hum de nós

mais desejar, que desejar ser hum Santo Estevam; assim o podemos parecer, se com essas divinas Pedras nos fizerdes tiro; aqui estão as almas, & aqui estão os corações; verifique-se em nós o Texto, que de vòs se verifica: *Lapidat eos*; & nestas Pedras achando nós toda a graça, acharemos tambem certamente toda a gloria.





S E R M A Õ

DA PRIMEYRA DOMINGA

DA QVARESMA

Em N. Senhora do Loreto. Lisboa no
anno de 1693.

Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.

Matth. 4.

SE o demonio no deserto todos os annos apparece tẽtando, porque naõ apparecerà tambem hũa vez para ser tentado? Naõ saberà o demonio que cousa he ser tentado, já que tenta por officio tantas vezes? Sim saberà; porque esse tem de ser hoje todo o meu parti-

cular empenho. Tentou no deserto o demonio a Christo, & tentou-o com pedras, *dic ut lapides isti panes fiant*; com precipicios, *mitte te deorsum*; & com riquezas: *Hæc omnia tibi dabo*. Com as pedras quis derribar a fortaleza do mayor Espirito: *Ductus est in desertũ à Spiritu*. Com o precipicio intetou abater

Mat
4.

V 4

hũa

hũa Divindade: *Si filius Dei es, & com as riqueſas procurou comprar as adorações do meſmo Deos, ſi cadens adoraveris me.*

Na primeyra tentação pos diante as pedras para o tropeço; na ſegunda mostrou aqueda para o precipicio; & na terceyra offereceu as riqueſas para ſer adorado. Na primeyra tentação pretendeu ver hum milagre, *dic ut lapides iſti panes fiant*, na ſegunda quis ver a Chriſto nos braços dos Anjos, & *in manibus tollent te*, & na terceyra ſolicitou adorações, *ſi cadens adoraveris me.* As primeyras duas tentações inventou o demonio ſómente para Chriſto, porque o tentou como a Filho de Deos: *Si filius Dei es*; & a terceyra tentação invẽtou elle hũa ſó vez para Chriſto, & muytas vezes para nós; hũa ſó vez para Chriſto, porque ſuppondo-o puro homem, com riqueſas o tentou: *Hæc omnia tibi dabo*; muytas vezes para nós, porque com riqueſas muytas vezes, ou quaſi ſempre nos

tenta. Pois ſe tantas vezes nos chega atentar eſte diabolico tentador: *Accedens tentator*, não tentaremos nós tambem hum dia a eſte demonio? Sim tentaremos. E eu ſou o primeyro, q me reſolvo atentallo; para o q ſem nenhum receyo entro no deſerto, não ſó porque não devo delle fugir por ſer Eremita de profiſſão, mas porque lá vejo a Chriſto, q certamẽte me ha de ajudar: *Tunc Jeſus ductus eſt in deſertum.*

Apoſtarey eu, que vendo-me o demonio agora diante de ſi no deſerto, eſtã notando a minha muyta confianſa de eu o querer tẽtar, ſem ter nenhũas noticias da muyta ſagacidade, com q elle tenta: porque dirã que para eu ſer inſigne tentador, pois me reſolvo atentar ao meſmo demonio, devia aprender cõ elle primeyro as ſuas diabolicas aſtucias. Com elle não quero eu aprender tal arte; mas delle tenho apreendido muyto bem o modo, com que tenta; que ſe eſtas ſuas tres tentações ſão

as mais finas, que pode inventar a sua muyta sciencia, tentando-o eu cõ effas mesmas tentações, bem mostro que aprendi delle, & q̃ sou mais insigne tentador para o tentar, doque elle he para me tentar a mim; & a razão he: porque elle a mim (suppostas as tres tentações) só me pôde tentar com a ultima, & eu tenho de o tentar a elle com todas tres. Bem sey cuydarà elle que estou já cahido na sua tentação, mas elle verà que quando me considera cahido, se ha de ver infallivelmente tentado. Não peço attenção, pela suppor já do primeyro instante, que nas materias de tentações do demonio devem todos estar muyto a tento.

Todas as riquezas de todos os reynos do Mundo me offerece todo liberal o demonio, com tanto que eu o adore: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* Notavel tentação tem o demonio com querer ser adorado. He certo que só a Deos se deve adorar, & a outrem

ninguem não: *Dominum Deum tuum adorabis, & illi soli servies;* & para eu saber se o demonio he Deos, & como tal capás de adorações, quero tentallo com as mesmas tentações, com que elle intentou saber se era Christo Filho de Deos: *Si filius Dei es.*

He a sua primeyra, & minha tentação dizer que me converta as pedras em pão, *dic ut lapides isti panes fiant:* se o demonio fizer hum milagre como este, já daqui pôde dizer que he capás de adorações, *si cadens adoraveris me.* He a segunda tentação affirmar elle que se Christo se precipitára, *mitte te deorsum,* não correria perigo, porque os Anjos o tomariam nas mãos, *& in manibus tollent te:* mostre o demonio como os Anjos o receberam nas mãos, quando do Ceo foy precipitado: *projectus est ille draco magnus,* & logo verà como digo que he capás de ser adorado, *si cadens adoraveris me.* He finalmente aterceyra tentação fazerse o demonio senhor

nhor de todos os reynos, & de todas as riquezas do Mundo: *Hæc omnia tibi dabo*. Se elle provar que as riquezas, & reynos, que mostrou, são riquezas verdadeyras, & reynos na realidade, pode-rey confeçar que he grande senhor, & digno de adorações, *si cadens adoraveris me*. Posso eu fazer mais, q̄ querer o mesmo, que o demonio quer de mim? He certo q̄ não posso fazer mais. Pois vejamos tambem se pôde elle fazer o que eu quero nas suas mesmas tentações, que lhe proponho. Começemos pela primeyra.

A primeyra cousa, que eu quero do demonio, he que faça milagres, *dic ut lapides isti panes fiant*. E que difficultosa empresa para o demonio he esta, que eu quero. Querer que o demonio faça milagres he querer o mayor milagre, porque he querer o mayor impossivel; se todo o milagre he hum impossivel da natureza, & por impossivel, raras vezes acontece, que esta he a definição do milagre: *Quod raro*

accidit, que impossivel da natureza venceu até hoje o demonio, não digo raras vezes, que isto seria suppor foram algũas, mas digo hũa só vez? Que o demonio vença as naturezas, ainda mal q̄ tantas vezes as tem vencido, hũas vezes por vontade propria, & muytas com bem repugnancia da mesma vontade; mas vencer impossiveis da natureza, fazer milagres daquelles, que raras vezes acõtecem, quem dirà que o demonio obra impossiveis, quem confeçará que o demonio fez hum só milagre na effencia, na duração, & na qualidade? He certo que ninguem o pôde confeçar. Mas foy taõ subtil a astucia da sua terceyra tentação, que nella parece quis persuadir a Christo vê-ceu hum impossivel da natureza, & obrou hum grande milagre.

Levou o demonio a Christo ao alto de hum monte, (Advirta-se que nenhum Texto hey de trafer da Escrittura em todo este Sermão para prova do q̄ differ, porque

porque tudo hey de provar sómente com as tentações: que eu não venho hoje convencer ao demonio, tentallo fim; não venho convêcello, porque (como dizem os Padres, & consta do mesmo Texto) com a Escrittura o convenceu já hoje Christo; & se para o convencer utou Christo dos Textos da Escrittura, para o tentar usarey só dos textos das suas mesmas tentações) levou o demonio (torno a repetir) a Christo ao alto de hum monte, & delle lhe mostrou todos os reynos, toda a gloria, & todas as riquezas do Mundo: *Ostendi ei omnia regna mundi, & gloriam eorum.* E quem não dirà q mostrar a hũa vista de olhos todos os reynos, toda a gloria, & todas as riquezas, que o Mundo em todas as suas quatro bem dilatadas partes encerra, he hum impossivel da natureza?

Sylv. I. lib. 3. cap. 3. q. 33. *Nullus est mons tam sublimis, ex quo omnia regna terræ possint concipi,* disse o douto Sylveyra: Não ha monte, por mais levantado, & eminête que seja, do qual

se possam ver todos os reynos, que estaõ na circumferencia da terra; & não digo eu todos os reynos, mas se hum reyno só he impossivel verse todo de hũa só vez cõ os olhos, como não serà impossivel de hũa só vista comprehender todos os reynos do Mundo com todas as suas glorias, & riquezas? E para o demonio provar que este seu impossivel vencido era certamente hum milagre, foy este taõ raro, q só aconteceu aquella vez, que tentou a Christo no deserto.

Da sorte, que o demonio retratou este impossivel, à primeyra vista poderà parecer milagre; mas advirta-se agora a essencia, aduração, & aqualidade deste, que parece milagre; porque tudo isto he digno de se advertir. Supposto que este he hum dos grandes milagres supostos, que fez o demonio, vede com quanta facilidade desfaço eu este seu grande milagre. Se estes reynos cõ a sua gloria, & riquezas (como querem alguns) mostrou o demonio a Christo

Vide A-lap-in Mat 4.

em muytos espelhos, porq̃ de hum em outro espelho se vieram multiplicando as especies até que todas chegaram à vilita de Christo, q̃ milagre he representarem muytos espelhos a muytos reynos, quando diante de hum só espelho se se puzer o mappa de todo o Mundo, todo o Mundo se verá representado claramête nesse só espelho? E se estes reynos com a sua gloria, & riqueza pintou o demonio cõ o dedo na circunferencia de todo aquelle ar, que naturalmente descobriam os olhos de Christo, (como fente Theofilato) tambem não podia ser milagre, porque mais insigne se mostra qualquer pintor, quando na breve esfera de hum pequeno globo pinta toda a maquina deste Mundo. Perguntára eu agora ao demonio, se he milagre representar hum espelho a imagem, que se lhe puzer diante, & se he tambem milagre retratar hum pintor o mappa de todo o Mundo em hum globo? O que elle respon-

derà não sey eu; mas o que eu lhe posso dizer he, que isto he na sua tentação o que parece milagre quanto à essencia.

Quanto à duração deste milagre, eu o não vi de menos dura; porque conforme S. Lucas, esta representação de todo o Mundo, que o demonio quererá se tenha por milagre, não durou mais, que hum momento, *in momento temporis*; & explicado por Haymon este momento, diz ser aquelle tempo, que pòde durar hum abrir, & fechar de olhos: *in ictu oculi*. Milagre, que não dura mais q̃ hum abrir, & fechar de olhos; milagre, que tão pouco dura, eu dicera que era milagre certamente do demonio.

Que razão teria Christo para não fazer aquelle milagre das pedras, quando se o fizera, escusaria de ser mais tentado: porque convertêdo as pedras em pão, como queria o demonio, conheceria era Christo Filho de Deos, & poria termo às suas tentações? Não tem duvida,

mas

Theoph. cit. ab A-lap. in Mat 4.

Luc. 4.

Haymon.

mas tambem he certo que Christo não quis fazer o milagre. A verdadeyra razão sabe-a elle; a que eu fey, quanto ao que me parece, he, q se Christo fizesse tudo o que o demonio lhe pedia, milagre era de Christo; mas na sua pouca duração poderia parecer milagre dos que faz o demonio. Notem. Que pedia o demonio a Christo? Pedia-lhe que fizesse das pedras paõ, & que comesse: *Succurre famitua, & lapides istos in panes converte*, commenta hum Dou- to; & comendo Christo o paõ, que convertesse das pedras, desapparecia o milagre; & milagre, q não dura mais, que em quanto o paõ se mete na bocca, milagre, que em hum abrir, & fechar de bocca se desvanece, este milagre não faz Christo à instancia do demonio: porq ainda que o milagre seja de Christo na realidade, na pouca duração poderá parecer milagre dos que o demonio costuma fazer.

De semelhante dura são os milagres, com que nos

tenta este inimigo, porque ou nos tenta com hum milagre pintado, q apenas dura hū abrir, & fechar de olhos, como foy aquella representação de todo o Mundo: *Ostendit illi omnia regna orbis terra in momento temporis, in ictu oculi*, ou nos tenta cō hum milagre, que não persevera mais, que hum abrir, & fechar de bocca, como era o milagre, que queria ver nas pedras, *dic ut lapides isti panes fiant*. Estes são os seus milagres quanto à pouca duração.

Quanto à sua qualidade, bem se vé qual ella seja, porque pedindo a Christo lhe converta as pedras em paõ, *dic ut lapides isti panes fiant*, pede que lhe abrande as pedras, & as converta: *lapides istos in panes converte*. Isto acha o demonio que Christo pôde fazer com hūa só palavra, *dic*; & isto vejo eu que o demonio não pôde fazer com todas as suas obras. Eu não vi occasiã mais opportuna para o demonio fazer este milagre, que esta presente occasiã: que se pede adorações,

A-
lap.
in
Mat
4.

Luc.
4.

Hay-
mon
sup.

Sup.

adorações, *adoraveris me*, faça milagres, converta as pedras, abraque penhascos, & logo será adorado; querer hum fim, sem querer também os meyo, he querer, & não querer. Quer o demonio o fim, que he ser adorado, & não quer os meyo para esse fim, que he fazer milagres? Sim quer; mas não pôde. He certo que o demonio querendo conhecer se era Christo Filho de Deos, havia de tentallo com o que se lhe representasse ao seu poder mais impossivel, havia de propor-lhe o q elle não podia fazer; & se o tenta com a conversão das pedras, se lhe propõem estas, para que as abraque, *dic ut lapides isti panes fiant*; certo he que achou o demonio ser para elle este milagre das pedras hum impossivel, que abrandar, & converter estas, bem mostra o demonio que o não pôde fazer, porq nem o mesmo Christo o fizera, senão fora Filho de Deos: *Si filius Dei es.*

Converteu, & abrandou até hoje o demonio, não

digo adureza nas mesmas pedras, que esta conversão já elle na sua tentação deu a entêder lhe era impossivel; mas converteu, & abrandou algum coração com a propriedade de pedra na dureza? Que o endurecesse mais, poderão dizer muytos, pelo assim experimentarem; mas que o abrandasse, & convertesse, não poderá dizer ninguém: porque o que nelle parece brandura, sempre se experimentou ser a mayor dureza.

E senão digam-me; que coração se entregou aos seus brandos affagos, que não fahisse tão duro como hũ brutto diamante? Que coração se rendeu aos seus mimólos carinhos, que não voltasse penhasco na dureza? Oh brutos corações diamantinos! Oh corações convertidos em duros penhascos! Se o demonio converte esses brandos corações em duras pedras, porque não converte essas duras pedras em brandos corações? Converter os brandos corações em duras pedras, se he milagre, só he

he milagre do demonio, cõ-
verter as duras pedras em
brandos corações he mila-
gre, mas só pôde fer por mi-
lagre de Deos. Offerecey
logo a Christo verdadeyro
Filho de Deos effes vossos
corações, pedi-lhe que vos
abrande effas pedras, rogay-
lhe vos converta effes pe-
nhascos, porque o mesmo
demonio confeça que com
hũa só palavra pôde conver-
ter, & abrandar as mesmas
pedras, *dic ut lapides isti panes
fiant.*

E já que o demonio não
pôde fazer este milagre, cõ-
fece-se tentado com a sua
mesma tentação; que se os
seus milagres não o são na
essencia, porque são pinta-
dos, não o são na duração,
porque em hum abrir, & fe-
char de olhos se desvanecem;
& menos o são na qualidade,
porque não pôde abrandar,
& converter pedras: bem vé
elle q por esta sua primeyra
tentação nem posso cahir,
si cadens, nem acho razão
nenhũa para o adorar, *ado-
raveris me.* Vamos à segun-
da tentação, que certamête

lhe acharey tanta razão para
o não adorar, como nesta
primeyra.

A segunda tentação, com
que o demonio tentou a
Christo, foy que se precipi-
tasse, *mitte te deorsum*, porq *Mat*
os Anjos o tomariam nas 4.
mãos, para que não corresse
o menor perigo, *in manibus
tollent te.* E a minha segun-
da tentação, com que inten-
to tentar ao demonio, he
querer saber, se quando por
soberbo foy do Ceo precipi-
tado: *projectus est ille dra-
co magnus*, achou as mãos *A.
poc.
12.*
dos Anjos, que lhe suspen-
dessem aqueda? Com aquel-
la experiencia queria pro-
var o demonio se era Chris-
to Filho de Deos: *Si filius
Dei es*, & com esta mesma
certesa procurarey eu tam-
bem saber se deve o demo-
nio ser adorado.

A Escriptura sagrada he
taõ certamente infallivel,
que respondendo Christo a
todas as tentações do demo-
nio com a Escriptura, como
consta do Evangelho, & cõ-
vencendo-o com a mesma
Escriptura, como he cõmum
dos

dos Padres, não achou elle
 razaõ nenhũa para impug-
 nar os seus Textos, porque
 a elles não respondeu hũa
 só palavra; & constando da
 Escrittura, como dizia o de-
 monio, que se Christo se
 despenhasse, os Anjos, como
 a Filho de Deos, o recebe-
 riam nas mãos, *in manibus*
tollent te; & quando elle o
 não dicesse, Santo Ireneu,
 Santo Ambrosio, Caetano,
 Salmeyraõ, & sobre todos
 Santo Augustinho meu Pa-
 dre entendeu este Texto li-
 teralmête de Christo. Com
 que se o demõnio pretende
 por Deos ser adorado, *ado-*
raveris me, mostre na Escrit-
 tura que quando o precipi-
 taram: *projectus est ille draco*
magnus; as mãos dos Anjos
 no ar o suspenderam. Se a
 Escrittura o não diz, muyto
 mal o poderà elle mostrar.
 Que a Escrittura o não di-
 ga, he certo; & q̃ elle pre-
 tenda mostrallo muyto mal,
 ve-se pela razaõ, que poderà
 dar.

Poderà elle dizer tão fal-
 samente, como costuma di-
 zer tudo, que este Texto,

in manibus tollent te, os An-
 jos te receberão nas mãos, ^{Sup.}
 senão entende de Christo,
 mas sim do mesmo demonio;
 & a razaõ he: porque
 este Texto suppõem hum
 precipicio, & como só o de-
 monio foy precipitado, &
 não Christo, só do demonio
 se deve entender este Tex-
 to. A razaõ he tão apparen-
 te, que bem parece ser do
 demonio esta razaõ. Eu a
 não quero impugnar com
 o mesmo Texto, do qual
 consta este seu precipicio,
 que he o Capitulo doze do
 Apocalypse, supposto que
 bem o pudera fazer: porque
 se Saõ Miguel com os mais
 Anjos em hũa publica bata-
 lha foram os que despenha-
 ram o demonio. *Factum est*
prælium magnum in Cælo: pœc.
Michael, & Angeli ejus præ-
liabantur cum dracone. Et
projectus est draco ille mag-
nus: & projectus est in terrã;
 sendo os Anjos os q̃ o preci-
 pitaram, como era possivel
 que os mesmos Anjos nas
 mãos o recebessem? Se quer
 dizer (a nosso modo de fa-
 lar) que os Anjos lhe puzera-
 ram

Ca-
 iet.
 Sal.
 Iren.
 lib. 5
 cap.
 21.
 Am-
 brosi.
 lib. 4
 in
 Luc.
 Aug.
 in
 Psal.
 19.
 A-
 poc.
 12.

ram as mãos para o despe-
nharem, ficando-lhes nas
suas mesmas mãos as pal-
mas daquella vittoria, falará
verdade. Se quer dizer que
os Anjos lhe deram para
throno as mãos, & nellas
juntamente lhe offereceram
as palmas do triunfo, que
alcançava naquelle seu pre-
cipicio, não fala verdade:
porque o mesmo Texto diz
que só na terra parára, quã-
do foy do Ceo precipitado,
projectus est in terram.

Naõ quero (torno a di-
zer) responderlhe com a
Escrittura, porque já disse
queria só tentar ao demonio,
& não convencello; &
assim digo que, sendo certo,
se entende aquelle Texto
de quem for Deos: *Si filius
Dei es, in manibus tollent te;*
naõ sendo Deos o demonio,
naõ pôde entenderse do de-
monio este Texto. Que o
demonio não seja Deos, pro-
va-se das suas mesmas ten-
tações. Na següda tentação
levou o demonio a Christo
ao pinnaculo do templo, &
delle lhe disse que se precipi-
tasse, *statuit eum super pin-*

*naculum templi, & dixit ei:
Si filius Dei es, mitte te deor-
sum.* Na terceyra tentação
subio o demonio cõ Christo
ao alto de hum monte, aon-
de lhe pedio que o adorasse:
Assumpsit eum in montem ex-
celsum valde: & ostendit ei
omnia regna mundi, & gloria
eorum. Et dixit ei: Hac om-
nia tibi dabo, si cadens adora-
veris me. Confeço que até-
gora tinha hum grande con-
ceyto do demonio na mate-
ria das tentações; q̃ só nesta
matéria se pôde fazer do
demonio hum grande con-
ceyto, mas eu me resolvo
agora a que elle não sabe
tentar.

Persuade a Christo no
templo que se precipite,
mitte te deorsum, & pede-lhe
no monte que o adore, *ado-*
raveris me? Torno a certi-
ficarme que o demonio não
sabe tentar. Peça a Christo
que o adore no templo, por
ser o templo lugar sómente
proprio para as adorações;
& persuada lhe q̃ daquelle
grande monte se precipite,
porq̃ os mayores precipici-
os sempre foram dos mayo-

res montes ; em si mesmo tem o demonio a experiencia deste meu dito, porque nunca o seu precipicio fora tão profundo, se a sua muyta soberba o não quizera assentar no monte altissimo do Testamento, *sedebo in monte testamenti*. Sendo isto assim, no templo pede o demonio precipicios, & no monte adorações? Sim; se o demonio pedira no templo adorações, como no templo só a Deos se adora, mostrava o demonio q̄ era Deos; & pedindo adorações no monte, como este não he o lugar das adorações, pedia que o idolatrassem; pois se o demonio quer idolatrias, & não adorações, ou quer adorações, q̄ são idolatrias, bem sabe o demonio q̄ não he Deos, porque se o fora, pedira as adorações no templo, & não as pedira no monte. *in montem excelsum valde, adoraveris me.*

Não fora o demonio tão grande demonio: *draco ille magnus*; logo não pedira o que só como demonio devia pedir. Pedio no templo pre-

cipicios, & pedio estes a Christo; que como nestas tentações não pedia o que lhe era facil, mas sim o que se lhe representava impossivel, que mayor impossivel podia pedir, que querer precipitar ao mesmo Filho de Deos: *Si filius Dei es?* E fazendo com tanta instancia esta petição ao Filho de Deos, não sey que fizesse semelhante petição tanto de proposito a nenhum homẽ, porque me não consta que a nenhum pedisse com semelhante efficacia se precipitasse nos templos; mas a razão bem se vé qual ella seja: pedio a Christo se precipitasse no templo, porque o queria tentar com impossiveis; não pede aos homens que nos templos se precipitem, por ser escusado pedir-lhes o que elles tem tanto cuydado de fazer.

E que homem houve, (me poderaõ perguntar) que nos templos se precipitasse? Respondo com toda brevidade. (que quem tem o demonio diante de si, não deve divertir-se por muyto tempo)

Isai.
14.

Sup.

tempo) Houve todos aquelles, que nos templos arrojadamente cahiram, & senão tem estas quedas por precipicios, saybam que as quedas fóra do templo se-
rao sómente quedas, mas as quedas dentro nos templos certamente são precipicios. Tornem outra vez as mesmas tentações. Na segunda diz o demonio que se precipite, *mitte te deorsum*; & na terceyra pede-lhe sómente que caya, *si cadens*; & todo o precipicio não he queda, & toda aqueda não he precipicio? Não tem duvida; como logo à queda da terceyra tentação chama o demonio só queda, *si cadens*, & à queda da segunda tentação chama precipicio, *mitte te deorsum*?

Advirta-se nos lugares das tentações, & logo se verá a razão. Na terceyra tentação aqueda era no monte, & posto que esta fosse hum precipicio tão grande pela sua grande altura, *in montem excelsum valde*, como esta queda era fóra do templo, achou o demonio que era

sómente queda, *si cadens*; porém na segunda tentação aqueda era no templo, *super pinnaculum templi*; & ainda que fosse queda, por ser no lugar do templo, até na opinião do demonio aqueda no templo he precipicio, *mitte te deorsum*. Vejam agora lá, se são muytos os que nos templos cahiram; & se me confeçarem este antecedente, (que prouvera a Deos o puderam negar có razão) não poderao negar que tantos são os que nos templos arrojadamente se precipitaram; & se elles tem tão vigilante o cuydado em se precipitarem nos templos, que necessidade tem o demonio de lhes pedir precipicios? Pedir-lhes ha sim (voltemos para o demonio atentação) fóra dos templos adorações, q̄ são finas idolatrias, *si cadens adoraveris me*; porque o demonio, como sabe que não he Deos, só idolatrias pôde pedir, & não adorações.

E se quer que as suas adorações não sejam idolatrias, não peça, mande sim aos

homens que o adorem, porque assim o manda Deos para si: *Dominum Deum tuum adorabis*. Bem sabe elle que não pôde mandar aos homens, se os homens senão quizerem mandar a si. *Mitte te deorsum*, diz o demonio a Christo; manda-te a ti precipitarte. E porq̃ não precipita o demonio a Christo, ou ao menos, se o vé homẽ, porque o não manda? Não o manda, porque não pôde; que se hum homem senão quizer mandar a si mesmo, nem o demonio o precipitarã, nem elle se precipitarã a si mesmo, como Christo se não precipitou.

O demonio não manda a Christo, senão diz lhe que se mande elle a si, *mitte te*, pois se elle não pôde mandar a hum homem, que vé diante de si, como he possível que seja Deos? E senão he Deos, certo he que quando se precipitou: *projectus est draco*, não o receberam os Anjos nas palmas, por se entender de Deos o Texto, que elle falsamente poderia allegar, *in manibus tollent te*. Tenta-

do está logo o demonio segunda vez, & tambem tentado com esta sua segunda tentação, que bem se vé: não ser esta capás de me fazer cahir, *sic cadens*; nem o deyx a elle capás de ninguem o adorar, *adoraveris me*. Mas o que não pôde fazer nem a primeyra, nem a segunda tentação, vejamos brevissimamente se o poderã fazer a terceyra.

Hæc omnia tibi dabo. Tudo te darey (diz o demonio) com a condição sómente de me adorares, *sic cadens adoraveris me*. Aceytarey a condição, se o tudo for verdadeyro, examinemos o tudo. Este tudo já disse q̃ era todo o Mundo, ou pintado, como querem huns, ou na representação, como querem outros. E que vem a ser o Mundo na pintura, & o Mundo na representação? Vem a ser nada; & não só por hum nada quer o demonio que o adorem, mas esse nada ainda o não dá, senão promette-o, *tibi dabo*. Vede lá se elle fora senhor de muyto, se dera esse muyto com facilidade,

dade, quando hũa vez que se suppos senhor de nada, nem esse nada se resolveu a dar; porque o mais a que se pode estender a sua muyta liberalidade, foy aprometter esse nada, *tibi dabo*.

Tinha eu para mim que daria o demonio tudo quanto tinha, & tudo quanto podia ter com o supposto de alcançar hũa adoração: que se com hũa adoração levava juntamente a pos si hũa alma, cuydava eu (mas quem senão enganou com o demonio?) que pela adoração de hũa alma daria elle tudo quanto tinha, & tudo quanto podia ter. Mas já vejo q me enganava este meu pensamento, (& quando não chegaram tarde os defenganos do demonio?) porque vejo a grande ansia, cõ que o demonio pede hũa adoração, *si cadens adoraveris me*; & vejo tambem o pouco, q dá por ella, que de presente nem o nada dá, & só promete nada de futuro, *tibi dabo*.

Este nada do demonio já se vé o que pòde pesar; porque nada nada pésa; mas

esta adoração, que o demonio me pede, pesarà muyto? Pésa tanto, que com hũa só adoração do demonio nem o insensível, nem o racional pòde com o seu grãde peso. Que o insensível não possa com este grande peso, ve-se em hũa moralidade bem natural.

Não ha rio nenhum, que não tenha sua queda, porq não ha nenhum, que não tenha seu precipicio grande, ou pequeno; & a razão natural, se senão adverte, vem a ser: que todos os rios para o mar vão correndo, & como o mar se pòde considerar hũ grande senhor, não ha rio, que senão precipite, porque não ha rio, que já de longe não mostre que o adora em vir lançando-se por terra; & he taõ grãde o peso daquela adoração, q não podendo com ella o rio, muytas vezes se faz pedaços, & cõ o mesmo peso da adoração se precipira. Isto he quanto ao natural.

Quanto à moralidade, na opinião de Laureto figura o mar ao demonio nos seus

Al-
leg.

sentidos: *Mare designare potest sensus dæmonum.* Eu o dicera quando vejo aquellas adorações nos rios; & folgára eu de saber agora, que dá o mar aos rios por aquellas suas adorações? Dá-lhes o mesmo, q dá o demonio; dá hũa onda, & nella tudo quanto dá, nada, porq essa mesma onda, que mostra querer darlhe, logo no mesmo tempo a recebe outra vez em si o mar; mostra que lhe dá hum tudo nada, & nem esse tudo nada dá, porq logo o recolhe. Exaqui o que dá o demonio figurado no mar pelas suas adorações aos rios; exaqui o como os rios prostrados por terra adoram ao mar; mas exaqui tambem o como fazendo se em tantos pedaços, mostram não podem supportar o peso continuo das suas adorações; & se o irracional não pôde com este grande peso, menos poderá o racional. Prova-se.

Porque se por impossivel o mesmo Christo aquella vez adorára ao demonio, não era possivel pudesse com

o grande peso daquella adoração. Notem. *Si cadens adoraveris me,* diz o demonio a Christo, se me adorares, adverte, q has de cahir. E não se pôde adorar sem cahir? Se a adoração for feyta ao demonio, *adoraveris me,* he impossivel que se adore sem se cahir; porque o mesmo demonio acha pesar tanto hũa só adoração sua, que até o mesmo Christo se por impossivel aquella vez o adorasse, com o grande peso daquella adoração tinha de cahir o mesmo Christo, *si cadens adoraveris me.*

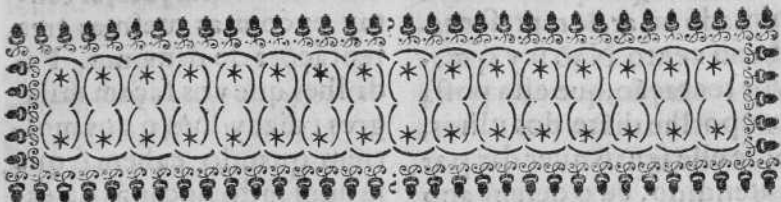
Sendo isto assim, que o demonio prometta hum nada por hũa cousa, que tanto tem de me pesar, engana-se o demonio na cõpra. Comprar por nada o que tanto pésa, he tentação do demonio evidente. Ponha o demonio em hũa balança coufa, que tanto pése como a sua adoração: mas como poderá elle pòr coufa de tanto peso, se nem do que promete he senhor? Promette hũ Mundo inteyro, & logo mostra que não he o senhor do

do Mundo, porque o mostra pintado no ar, & representado no vento. Não sey q maior tentação, que esta possa proporlhe diãte dos olhos, & se elle senão quer dar por entendido, eu o defengano ultimamente com lhe dizer que, senão he senhor, nem ainda do que promette, por não ser senhor de nada, não digo eu por hum nada, mas nem por muyto certamente cahira, *si cadens*, porque nem por muyto certamente o adorára, *adoraveris me*.

Haverà ainda algũ idolátra do demonio, vendo-o tẽtado cõ as suas mesmas tentações, haverà ainda quẽ o adore? Supponho q ningué o adorará na sua mesma figura, mas nem só desta sorte se idolátra no demonio, porque tambem se idolátra nos seus idolos (que idolos, que falam, & pedem adorações, quẽ pòde falar nesses idolos, senão o mesmo demonio?)

Para evitarades as adorações destes idolos, he q vos dey remedio neste Sermaõ. Tentay, tentay a esses idolos para ver se são capazes

das vossas adorações, & tentay-os com as mesmas tres tentações do demonio. Pedi-lhes que vos façam milagres; dizey-lhes q vos mostrem quando cahem (que se hum justo he capás de cahir sette vezes no dia; *sep Pro- ties enim in die cadet justus; verb.* quantas vezes cahirá hum ^{24.} idolo do demonio?) dizey-lhes que vos mostrem quando cahem, como os Anjos lhes suspendem as quedas. Inquiri delles finalmente que, se são ricas pessoas, mostrem a perpetuidade das suas riquezas. Se nada disto fizerem, já se vé q não merecem adorações, & que se devem dar por taõ tentados effes idolos, como se pòde dar por tentado o mesmo demonio, que representam; o qual por não fazer milagres, *dic ut lapides isti panes fiant*, por não ser recebido nas mãos dos Anjos quando cahio: *projectus est ille draco*; & por não terẽ ser as suas riquezas: *Hæc omnia tibi dabo*, estou resoluto a não cahir, *si cadens*, & muyto menos a adorallo, *adoraveris me*.



S E R M A Õ

D E

E X E Q U I A S

Pelos Religiosos defuntos no Capitulo, que se celebrou em N. Senhora da Graça de Lisboa
no anno de 1687.

*Quis mihi tribuat ut scribantur sermones mei? quis mihi det
ut exarentur in libro styloferreo, & plumbi laminâ, vel
celte sculpantur in silice? Job 19.*



UEM me dera,
(meus Padres, &
meus carissimos Ir-
mãos) quem me dera (dizia
Job) se escrevessem os meus
arrezoados! porque parece
fiava pouco, ou nada de hũa
memoria, como quem sabia

ter indignamente o nome
de memoria a que só se de-
via appellidar esquecimen-
to. Quem me dera, torna a
dizer, se esculpisssem as mi-
nhas praticas em hum forte
livro, cujas folhas, parte
fosssem laminas de chumbo,
&

Glof. in Job 19.
 & parte lascas de pederneyra: *Ipsum librum in laminâ plumbi, & in silice dividit!* para que dêsse mate à mesma eternidade hum livro, que tendo o coração chumbado, de pederneyra tivesse juntamente as entranhas. Este foy o desejo de Job mais ansioso, & esta he a vontade, q̄ agora me assiste mais efficás. Com aquelle desejo, sem o cumprir, morreu Job, espero eu em Deos, antes que vá para a sepultura, heyde ver cumprida a satisfação desta minha vontade: & supposto q̄ o livro ha de sahir a luz, quero primeyro mostrar a difficuldade, que lhe ponho.

Glof. par Sanctes in Job 19.
 Se Job quer que este seu livro conste de tal materia, que possa resistir à mesma duração temporal, como diz hum Douto: *Felicem me putarem, si quæ nunc meditor, exarare possent in ea materia, quæ consumere nulla possent æternitas;* como não compõem este seu livro de delgadas folhas de ferro, as quaes, como se fossem folhas de espada, vibrando o ar,

dariam golpes ao mesmo tempo? Faltava a Job ferro, de que compôr a materia deste seu livro? Não; porq̄ ferro tinha elle na penna, com que queria escrever nas laminas de chumbo: *Stylo ferreo, & plumbi laminâ.*

Se Job quer que este seu livro dê mate à mesma eternidade, porque o não encaderna em laminas de forte aço, o qual por polido levaria a todos os olhos, quando por transparente não fosse para todos lufido espelho? Este me parecia mais proprio para o intento de Job: que tem o aço hũa condição tão forte, que com o mesmo bronze se atreve, & por levar a sua ao cabo, nem por toda a eternidade se dobrará por ninguem, por ser tal a sua muyta dureza, q̄ quando se vé demasiadamente apertado por querer ser forte, estala. Faltava a Job aço, com que pudesse bem encadernar este seu livro? He certo que não; porque de aço era o fusil, ou cinzel, com que queria fazer a sua impressão na pederneyra,

vel celte sculpantur in silice.
 Pois se tem estas materiaes tanto à mão, para q se mete com outros? Sem duvida devia saber Job que, se o ferro corta pelo ar, o mesmo ar lhe dá o castigo em o consumir; & se o aço quer mais estalar, que desfizir da sua fortaleza, também está muyto sujeyto a se gastar; & ferro, que se consome; aço que se gasta, não são condições estas para ser eterno. Isto he o que sentia contra este livro; mas se lhe publiquey a censura, veja-se também (posto que della não necessite) a sua, & minha approvação.

De laminas de pesado chumbo, & lascas de forte pederneyra, aquelle dos metaes o menos precioso, esta das pedras a menos estimada, quer Job encadernar este seu livro de memoria, que se esta pôde ser fragil, ainda que seja muyto fina, pôde lhe servir o chumbo de solda, que tem este tal qualidade, que com o metal de qualquer memoria faz admiravel liga. A peder-

neyra menos estimada he hũa perola para a memoria, & para o dizer mais claro, he a sua pedra de toque. Toques muyto continuos sente a pederneyra do fusil, mas não he o fusil o que aviolenta para quebrar. Toque-se a memoria com este exemplo, & logo sahirá de prova; que se o fusil da memoria saõ os excessivos golpes, q lhe dá o esquecimento, resista a memoria aos toques deste importuno fusil, assim como faz a pederneyra, & logo não sentirá quebras a memoria. Já sabemos ser bom para a memoria este livro; mas o de q elle constava, he o que ainda não sabemos.

* Não he cousa facil decidir entre os Expositores o que Job queria dizer neste seu livro: *quid sit, quod Job optat aeternis mandari monumentis incertum est.* Mas o mesmo Padre, q lhe põem esta duvida, tem por certo, que queria Job este seu livro, por lhe parecer affás conveniente para a reformação dos costumes religiosos: *Certè,*

Gasp. par Sanches in Job

Idem Certè, quòd admores religiosè formandos videbatur idoneum. E que reformação seria esta, que Job deseja ver nos Religiosos? Não foy outra, a meu ver, mais que ver renovada a lembrança do Purgatorio, que tanto suppõem esquecida. Quando Job appetecia este livro, era no tempo que supportava as mayores penas na confumição de suas carnes. *Pelli*

Job 19. *meæ, consumptis carnibus, adhæsit os meum.* Considerava-se Job morto na realidade:

Ibidem. *rursum circūdabor pelle mea;* & como os mortos, que padecem penas, sabem que tormentos se passam no Purgatorio, livro do Purgatorio, posto que livre delle, desejava Job fosse este seu livro; & esta lembrança da outra vida he a que Job queria eternizar, *quod Jobus optat æternis mandari monumētis,* diz o mesmo Padre. Vão agora comigo, & se forem ao Purgatorio, dahi certamente se vay ao Ceo.

No Purgatorio ha fogo, fezes da culpa, & almas, que com o fogo se apuram as

almas das fezes da culpa. Isto he o que lá se passa, & isto he o que desejava Job não passasse do seu livro, mas que nelle ficasse muyto de affento. De pederneyra queria as lascas; que se esta ferida com o fusil se abraza em ardente fogo, fusil, & pederneyra queria elle para este seu livro, *vel cæte sculpantur in silice.* O chumbo he dos metaes o q̄ tem mais fezes, pois só hum metal, que tem tantas fezes, serve a este livro, para q̄ o muyto fogo da pederneyra purifique as muytas fezes daquelle metal. E se este livro he verdadeyramente de Purgatorio, q̄ podia Job desejar escrever, & gravar nelle, senão os nomes, & figuras dos que no Purgatorio assistem: porq̄ havendo nelle fogo, fezes, & almas; almas para esta memoria, fezes no chumbo, & fogo da pederneyra he o tudo deste nosso livro, *ut exarentur in libro stylo ferreo, & plumbi laminâ, vel cæte sculpantur in silice.*

Esta he a approvação do livro; mas não deyxá de ser coisa

Gasp. par. Sanct. ch. sup.

cousa dura, que deseje renovar Job a lembrança do Purgatorio aos Religiosos, porque toda a renovação sup põem esquecimento, & perda antecedente. Grande perda para as almas he este perpetuo esquecimento; mas já me não admira se quey-xem os nossos Irmãos da nossa pouca memoria, quando delles estamos tão distã-tes, pois vejo queria Job este seu livro de lembrança, quando ausente se confide-rava de seus irmãos. *Fratres meos longe fecit à me.* Meus Padres, & meus carissimos Irmãos, peguemos, & abramos este livro de Job; & se queremos ler nelle defenganos, escrevamos, & debuxemos nelle a nossos Irmãos defuntos com os timbres das suas, & nossas Armas, que para estas escrituras, & para estes debuxos não faltam penas nem no Purgatorio, nem no livro.

De muytas qualidades se despem os Religiosos, antes que o sejam, para vestirem hũa de duas, a saber, letras, & exemplo; & quem de

ambas se fouver melhor vestir, serà nos merecimentos o mais qualificado. Os habitos das sciencias são para os Religiosos muyto perfectos, & o habito mais exemplar he o habito mais religioso. Letras, & exemplo são os timbres, que exaltam as Armas religiosas; mas fazer timbre de parecer letrado, & ser exemplar por timbre, não são estes os que dizem bem com o habito da nossa milicia, por ser aquillo presumpção, & isto hypocrisia; & se a presumpção foy sempre notada, a hypocrisia foy sempre reprehendida. A verdadeyra sciencia de Deos, como superior sobre as mais, deve ser o timbre da Religião dos sabios; a fortaleza na virtude deve ser o especificativo dos exemplares Religiosos; & para q̄ estes timbres senão risquem da nossa memoria, nos emprestarà Job o seu livro, q̄ posto seja emprestado, sempre ficarà proprio aos Religiosos.

Nas laminas deste livro quero brevemente gravar estes

estes nossos timbres, & as suas faltas, com esta distincção, que se as laminas de chũbo significam a sciencia de Deos, como superior das mais: *Lamina designat scientiam de Deo omnes alias superantem*; nestas laminas veremos as faltas dos sabios com o timbre da sciencia religiosa; & se as lascas de pederneyra symbolizam os fortes na virtude: *Silices sunt fortes virtute*, nestas lascas descobriremos os defeytos dos exemplares com o especificativo, ou timbre do exemplo regular. Estã o livro para se compor, dem-me attenção, porque todas as faltas, que nelle se acharem, remetto à correcção fraternal, que me ouve; & quando esta não seja bastante, he tão grande o desejo, q tenho de ver limpo este livro de toda a falta, que resolutamête dou com elle nesse Purgatorio.

Todas as sciencias tem suas fezes, que se estas são as suas opiniões, não ha sciencia, por mais purificada que seja, que destas se veja

izenta, porq a que he mais escrupulosa, (como sabemos ser a sciencia Moral) he a que tem mais diversas opiniões. Quando isto se passa nas sciencias, que fará quem pelas sciencias sómente passa, sem lhe ficar mais, que quando muyto hũa cõmua opinião. As opiniões dos sabios, que não ha nenhum, que a não tenha, são as q no Purgatorio do nosso livro se purificam. Retratemolas nas laminas deste chumbo, & purificarã o fogo daquella pederneyra as fezes das suas opiniões.

Quantos sabios Religiosos consideramos estar naquelle Purgatorio, & podemos retratar no Purgatorio deste nosso livro, aos quaes a agudeza dos seus conceytos, conforme a sua opinião, os não pode izentar daquellas penas, & daquelle fogo? Esta he a lembrança, que eu quizera tivessem todos os letrados do Mundo, porque adelicadessa das suas opiniões pouco acertadas, & a agudeza dos seus conceytos menos advertidos, se

bem

bem advertirem, vem a parar nas penas, & apurificar-
Pfal. se em fogo. *Sagittæ potentis*

119. *acutæ, cum carbonibus desolatorius.* Dizia David: Senhor, vejo que as settas poderosas, que assim le Chryso-

Div. *Chry* *soft.* *sagittæ potentes,* estão juntas a vivos carvões pelo aceso, & abrazadores pelo que confomem.

E que tem as settas com os carvões, ou os carvões cõ as settas, para andarem tão unidos? Vejam o q̃ a Glosa de Lyra entende por estas settas, & logo se entenderà o agudo cõceyto de David:

Glos. *Sagittæ potentis, idest, scientiæ;* as settas poderosas são

in as sciencias. Não sey que

119. haja mais propria aljava destas settas, que os Religiosos, não tó porq̃ profegam as sciencias, mas porque aquelles, que mais sabem, são os q̃ nas Religiões presumem ordinariamente que mais podem. E que semelhança tem os Religiosos sabios com as settas voadoras? Muyta; porque se as settas são agudas, os presumidos conceyτος dos sabios

são agudos como settas. Isto supposto, vejam em q̃ vem a parar todas aquellas agudezas.

O fim das settas não he outro mais que pennas, porque se correrem a setta pelos olhos, veraõ serem muytas pennas o seu fim, & o seu remate; & para que os sabios vejam aonde se pagam estas penas, ajunta David o aceso, & abrazado dos carvões a estas settas, que aonde ha sciencias tão agudas como settas, de ordinario vaõ essas sciencias com as suas demasiadas agudezas a parar nas penas, que inquietam a consciencia, como diz Lorino, *sagittæ in pœnam conscientiæ;* & todas essas penas da consciencia no abrazado dos carvões se purificam, & no Purgatorio se apuram, *sit que devastans carbo, vel purgans,* continua o mesmo Lorino. Advirtam pois os sabios Religiosos qual ha de ser o seu fim, que se querem ser settas agudas, & poderosas, não poderãõ livrar-se das penas; vejam q̃ tem as pennas por remate, &

& o fogo muyto adjacente a essas pennas. *Sagittæ potentis acutæ, cum carbonibus desolatorius.*

Despede o arco hũa ligeyra setta, a qual desprezando a parte tal vez, que tem de Aguiã, quer mais a reconheçam por filha do ar, & estalando o arco, ou quebrando muytas vezes per si, para que suba, ella lhe paga com subir toda inteyra. Presumida setta, aonde voas, naõ vez que te compões de pennas alheas? Mas se por estarem em ti saõ proprias, como sobes com tanta pena? Não advertes que o mesmo arco te deu corda, quando para ti se inclinou, & se te fez ligeyramente voar, certamente te despedio? Não reparas que, se essas pennas te levam desvanecida a passar essa região do ar, brevemente darás comtigo na região do fogo a pagar essas penas? Mas não foras tu jeroglyfico taõ certo das sciencias: *Sagittæ, idest, scientiæ*, que logo esse não feria o teu fim: que se as sciencias ordinariamente levam

tam nos sabios muytos fumos, estes saõ indicios claros do Purgatorio.

Na parte, em que o fumo apparece, nos ensina a Filosofia havemos de crer certamente que ha fogo; & se nos sabios saõ certos os fumos, boa illação parece tiro de que nos sabios ha fogo certamente. Este fogo por hora estarã na realidade occulto, sem duvida porque senaõ vé com tanto fumo; mas esperem pela morte, & veraõ que no interior dos ossos se lhes atea. Diz Brecurio, citando a Aristoteles, que os ossos do leão saõ taõ fortemente duros, & tem tal qualidade, que juntos, & comprimidos hũns cõ os outros produzem vorãõ fogo: *Ossa leonis sunt adeò ita dura, quia ex eorum collisione exit ignis.* Que o leão seja figura de hũ Religioso letrado para dar conselhos, afirma o mesmo Brecurio. Ah Religiosos sabios, que sabidamente sois leões nos ossos! Se os ossos do leão produzem fogo, certo he que tem o fogo nos ossos o leão; mas este fogo,

Bre-
ch.
re-
duct.
mor.
lib.
10.
cap.
57.
cit.
A-
rist.
3.
cap.
7.
que

que o leão vivo conserva occulto, porque tal vez o cegaram os seus grandes fumos, depois de morto nos ossos lhe arde: *Ossa leonis sunt adeo ita dura, quia ex eorum collisione exit ignis.*

Bre-
ch.
sup.

Ajuntem-se agora os ossos daquelles Leões, q̄ naquella urna se consideram; não diz a nossa consideração q̄ certamente ardem em fogo; porque em vivos tiveram alguns fumos? Pois sabios, apaguem-se esses fumos, q̄ me cheyram muyto a Purgatorio, & ver se ha extinto logo o fogo, & senão esse, que agora arde occulto, depois de mortos se ateará claro. Tema-se este fogo, que

Bre-
ch.

tambem o mais animoso leão o teme: *Leo ignem timet.* E se esta consideração não basta, ponhamos os olhos no livro do nosso Purgatorio, & veremos que se occulta o fogo na pederneyra em quanto lhe não chegam os golpes do fusil; em quanto este a não fere, não parece ha fogo na pederneyra. Occulta se o fogo nos ossos dos sabios, mas he

em quanto a morte não chega a esses ossos cō o seu cruel fusil; porém tanto que a ferida he de morte, já esses ossos, como se fossem pederneyras, se abrazam em vivas chammas de fogo.

Este he o fim da primeyra parte do nosso livro, esta he a sua ultima resolução, a q̄ se lhe não pōde pôr replica por infallivel, nem instancia, por não ter nenhũa duvida; mas q̄ resolução tanto para se sentir, & que fim tanto para se chorar! De memoria consta o nosso livro; de fezes se compõem no chumbo, de faltas se escreve, & em fogo se resolve a pederneyra; & livro q̄ sendo bom para a memoria, contem em si faltas escrittas, & se vem a resolver em fogo, à vista deste devem chorar os sabios com muytas lagrymas. No Apocalypse diz o Sabio dos Evangelistas que vira hum livro escrito por dentro, & por fóra, & cerrado com sette sigillos: *Vidi librum scriptum intus, & foris, signatum sigillis septem;*

A-
poc.
5.

que

que lhe custára muytas lagrymas. *Et ego flebam multum.* Em duas cousas reparo; a primeyra nas lagrymas do Evangelista, q se a causa destas he a que elle aponta no Texto, dizendo não havia nem no Ceo, nem na terra, nem no inferno quem tivesse achave daquelles registros, para que chora, & sente hum impossivel? A segunda cousa he, q abrindo aquelle Cordeyro estes sigillos, & succedendo muytos, & varios successos na abertura delles, só ao abrir do settimo sigillo, que era o ultimo registro, succedeu apparecer quantidade de fogo em varias partes do Mundo, como se pôde ver do mesmo Texto. E porq não appareceu este fogo ao abrir de qualquer dos seis sigillos, senão quando o ultimo se abriu? Com a resposta desta segunda duvida direy o que sinto daquellas lagrymas.

Sylv.
in
A.
poc.
5. q.
5.

Este livro diz André Cesarience citado por Sylveyra q era livro de memoria: *Andreas Cæsariensis existi-*

mat hunc librum esse memoriam; & nas letras, que continha escrittas (dizem muytos com Saõ Gregorio) telliam os peccados, os defeytos, & as faltas dos homens: *Hunc librum Divus Gregorius de peccatis intelligit,* & se este livro era memoria de faltas, ou suppria as faltas da memoria, qual podia ser a sua ultima resolução? Qual havia de ser o seu ultimo fim, senão resolverse em diluvios de fogo, sabindo pela rotura do ultimo registro: & livro, que tem escrittos tantos defeytos, sendo memoria para as faltas, & ultimamente se resolve em tanto fogo, que havia de fazer o Evangelista, como sabio tão grande, que era, senão sentir a sua vista, & pela vista dos seus olhos chorar não só hũa, mas muytas lagrymas. *Et ego flebam multum?*

Oh que livro tão perfeyto! mas oh que livro com tantas faltas! He perfeyto este livro, porque todos sabem q he do Ceo; tem milhares, & milhares de faltas,

Y porque

Vit. Lu. in A. poc. 5. com. m. 2. de 2. visio. ne.

porque não cabendo já dentro todas, por fóra se lem também as suas, ou nossas faltas; não pôde já este livro com tantos defeytos, pois que por fóra os lança,

A. *scriptum intus, & foris.* As faltas já sobram, q por nos-

5. sos peccados não faltam.

Naquelle livro já não ha aonde se escreva, mas supprirá o nosso livro a sua falta, visto estar taõ conforme com aquelle livro. Se aquelle livro era de memoria, de lembrança queria Job o nosso, & o seu livro; se aquelle livro tinha escrittas muytas faltas, bastantes defeytos se acham neste nosso livro; se aquelle livro tinha hum registro de fogo, com que podia purificar aquellas faltas, cada folha deste livro tem hum registro de fogo em cada pederneyra, cuja chave he o fusil, cõ que pôde bem purgar as suas faltas, & purificar os seus defeytos.

Falta algũa circumstancia naquelle successo, que venha muyto ao nosso caso? Sim; & qual será esta? He

fazerem os sabios à vista deste livro o q o sabio Evangelista fez à vista daquelle seu. Em dous olhos de agoa brotou o Evangelista, vendo aquelle livro; & em muytas lagrymas dos olhos devem os sabios resolverse à vista deste livro; & por ventura sejam estas lagrymas mais proveytosas, q aquellas: porque aquelles dous olhos de agoa não bastaram para apagar tanto fogo, como foy o em que se desatou o registro do seu livro; & as lagrymas dos nossos olhos bastaraõ para extinguir o fogo, em que o nosso livro se resolve. Todo o fogo, q lança a pederneyra, he em pequenas faiscas; & se cada faisca não he mais, que hũa lagryma de fogo, bem será capás hũa lagryma de agoa para apagar de fogo hũa lagryma. Sejam pois tantas as lagrymas nos sabios, como as faiscas na pederneyra, & logo não temeraõ o incendio das suas lagrymas de fogo.

Mas porque as lagrymas devem ser nacidas de algum motivo,

motivo, aliàs não haverã para ellas razaõ, & o temor deve originarse de algum fim, aliàs serã frustrado; seja este fim, & aquelle motivo o timbre da sciência Religiofa, que he a sciência de Deos, como superior a todas, cuja figura se representa nas nossas laminas: *Lamina designat scientiam de Deo omnes alias superantem.* Esta sciência he que os sabios devem fervorosamente estudar. Eu lhes dicto os rudimentos, tirados da postilla, q̄ dictou David.

Sup.
Psal.
110.
Sup.
111.
112.
113.
114.
115.
116.
117.
118.
119.
120.
121.
122.
123.
124.
125.
126.
127.
128.
129.
130.
131.
132.
133.
134.
135.
136.
137.
138.
139.
140.
141.
142.
143.
144.
145.
146.
147.
148.
149.
150.
151.
152.
153.
154.
155.
156.
157.
158.
159.
160.
161.
162.
163.
164.
165.
166.
167.
168.
169.
170.
171.
172.
173.
174.
175.
176.
177.
178.
179.
180.
181.
182.
183.
184.
185.
186.
187.
188.
189.
190.
191.
192.
193.
194.
195.
196.
197.
198.
199.
200.
201.
202.
203.
204.
205.
206.
207.
208.
209.
210.
211.
212.
213.
214.
215.
216.
217.
218.
219.
220.
221.
222.
223.
224.
225.
226.
227.
228.
229.
230.
231.
232.
233.
234.
235.
236.
237.
238.
239.
240.
241.
242.
243.
244.
245.
246.
247.
248.
249.
250.
251.
252.
253.
254.
255.
256.
257.
258.
259.
260.
261.
262.
263.
264.
265.
266.
267.
268.
269.
270.
271.
272.
273.
274.
275.
276.
277.
278.
279.
280.
281.
282.
283.
284.
285.
286.
287.
288.
289.
290.
291.
292.
293.
294.
295.
296.
297.
298.
299.
300.
301.
302.
303.
304.
305.
306.
307.
308.
309.
310.
311.
312.
313.
314.
315.
316.
317.
318.
319.
320.
321.
322.
323.
324.
325.
326.
327.
328.
329.
330.
331.
332.
333.
334.
335.
336.
337.
338.
339.
340.
341.
342.
343.
344.
345.
346.
347.
348.
349.
350.
351.
352.
353.
354.
355.
356.
357.
358.
359.
360.
361.
362.
363.
364.
365.
366.
367.
368.
369.
370.
371.
372.
373.
374.
375.
376.
377.
378.
379.
380.
381.
382.
383.
384.
385.
386.
387.
388.
389.
390.
391.
392.
393.
394.
395.
396.
397.
398.
399.
400.
401.
402.
403.
404.
405.
406.
407.
408.
409.
410.
411.
412.
413.
414.
415.
416.
417.
418.
419.
420.
421.
422.
423.
424.
425.
426.
427.
428.
429.
430.
431.
432.
433.
434.
435.
436.
437.
438.
439.
440.
441.
442.
443.
444.
445.
446.
447.
448.
449.
450.
451.
452.
453.
454.
455.
456.
457.
458.
459.
460.
461.
462.
463.
464.
465.
466.
467.
468.
469.
470.
471.
472.
473.
474.
475.
476.
477.
478.
479.
480.
481.
482.
483.
484.
485.
486.
487.
488.
489.
490.
491.
492.
493.
494.
495.
496.
497.
498.
499.
500.
501.
502.
503.
504.
505.
506.
507.
508.
509.
510.
511.
512.
513.
514.
515.
516.
517.
518.
519.
520.
521.
522.
523.
524.
525.
526.
527.
528.
529.
530.
531.
532.
533.
534.
535.
536.
537.
538.
539.
540.
541.
542.
543.
544.
545.
546.
547.
548.
549.
550.
551.
552.
553.
554.
555.
556.
557.
558.
559.
560.
561.
562.
563.
564.
565.
566.
567.
568.
569.
570.
571.
572.
573.
574.
575.
576.
577.
578.
579.
580.
581.
582.
583.
584.
585.
586.
587.
588.
589.
590.
591.
592.
593.
594.
595.
596.
597.
598.
599.
600.
601.
602.
603.
604.
605.
606.
607.
608.
609.
610.
611.
612.
613.
614.
615.
616.
617.
618.
619.
620.
621.
622.
623.
624.
625.
626.
627.
628.
629.
630.
631.
632.
633.
634.
635.
636.
637.
638.
639.
640.
641.
642.
643.
644.
645.
646.
647.
648.
649.
650.
651.
652.
653.
654.
655.
656.
657.
658.
659.
660.
661.
662.
663.
664.
665.
666.
667.
668.
669.
670.
671.
672.
673.
674.
675.
676.
677.
678.
679.
680.
681.
682.
683.
684.
685.
686.
687.
688.
689.
690.
691.
692.
693.
694.
695.
696.
697.
698.
699.
700.
701.
702.
703.
704.
705.
706.
707.
708.
709.
710.
711.
712.
713.
714.
715.
716.
717.
718.
719.
720.
721.
722.
723.
724.
725.
726.
727.
728.
729.
730.
731.
732.
733.
734.
735.
736.
737.
738.
739.
740.
741.
742.
743.
744.
745.
746.
747.
748.
749.
750.
751.
752.
753.
754.
755.
756.
757.
758.
759.
760.
761.
762.
763.
764.
765.
766.
767.
768.
769.
770.
771.
772.
773.
774.
775.
776.
777.
778.
779.
780.
781.
782.
783.
784.
785.
786.
787.
788.
789.
790.
791.
792.
793.
794.
795.
796.
797.
798.
799.
800.
801.
802.
803.
804.
805.
806.
807.
808.
809.
810.
811.
812.
813.
814.
815.
816.
817.
818.
819.
820.
821.
822.
823.
824.
825.
826.
827.
828.
829.
830.
831.
832.
833.
834.
835.
836.
837.
838.
839.
840.
841.
842.
843.
844.
845.
846.
847.
848.
849.
850.
851.
852.
853.
854.
855.
856.
857.
858.
859.
860.
861.
862.
863.
864.
865.
866.
867.
868.
869.
870.
871.
872.
873.
874.
875.
876.
877.
878.
879.
880.
881.
882.
883.
884.
885.
886.
887.
888.
889.
890.
891.
892.
893.
894.
895.
896.
897.
898.
899.
900.
901.
902.
903.
904.
905.
906.
907.
908.
909.
910.
911.
912.
913.
914.
915.
916.
917.
918.
919.
920.
921.
922.
923.
924.
925.
926.
927.
928.
929.
930.
931.
932.
933.
934.
935.
936.
937.
938.
939.
940.
941.
942.
943.
944.
945.
946.
947.
948.
949.
950.
951.
952.
953.
954.
955.
956.
957.
958.
959.
960.
961.
962.
963.
964.
965.
966.
967.
968.
969.
970.
971.
972.
973.
974.
975.
976.
977.
978.
979.
980.
981.
982.
983.
984.
985.
986.
987.
988.
989.
990.
991.
992.
993.
994.
995.
996.
997.
998.
999.
1000.

nados ao soccorro das suas
almas, supposto Job os figu-
rou no chumbo, que se este
se dobra bem, bem mostra
ser bem inclinado. Nos li-
vros bem se vé q̄ hũa folha
se move para se voltar para
outra, & movendo-se neste
nosso livro hũa folha de
chumbo para a outra de pe-
derneyra, claro está mover-
se, & voltar-se o chumbo pa-
ra o fogo. Se no chumbo
estão os sabios, voltem-se,
& inclinem-se para aquelle
fogo, em que arderão seus
Irmãos, & movam-se para
os suffragios; receem o casti-
tigo das suas faltas, temam
o fogo, & tragam diante dos
olhos o timbre da sciência
Religiosa, que tudo isto he
o que consta da primeyra
parte deste livro, que Job
tanto desejava: *Quis mihi
tribuat ut scribantur sermo-
nes mei? quis mihi det ut exa-
rentur in libro stylo ferreo, &
plumbi laminâ, & el celte scul-
pantur in silice? Lamina de-
signat scientiam de Deo.*

Estamos na segunda par-
te do nosso livro, & nella
me não faltam pedras para a

fabrica do meu discurso. De lascas de pederneyra consta esta ultima parte, *vel celte sculpantur in silice*; & nestas laminas de pedra temos que ver debuxados os exemplares, & virtuosos: *Silices sunt fortes virtute*. Em fim que tambem os q̄ parecem exemplares no Mundo vão ao Purgatorio, tambem aquelles, a quem o Mundo levanta estatuas de pedra por suas maravilhas, tem que purificar? Parece que sim, q̄ não ha estatua, por muyto perfeyta que seja, que não tenha sua falta; & se nestas laminas de pederneyra consideramos os exemplares do Mundo retratados, ainda que estes pareçam justos, não serãõ taõ ajustados, que para entrar no Ceo não careçam de se purificarem. Quer Christo lavar os pés a seus Discipulos, & vendo q̄ S. Pedro queria evitar em si esta acção, pondo suas dificuldades para que o não lavasse, lhe disse Christo: *Si non laveris te, non habebis partem mecum*: adverte, Pedro, que se te não lavar os pés,

não entrarás no meu Reyno. Duas duvidas se me offerecem neste lugar; a primeyra, que estando S. Pedro purificado, como muytos dos mais: *vos mundi estis*, o queria Christo segunda vez purificar. A segunda duvida he, que se Christo diz a Saõ Pedro que não terá parte com elle, visto resolutõ recusar lavar-lhe os pés, porq̄ não fala juntamente com os mais, para que lhe não ponham a menor duvida, quando a elles chegar, diga Christo: Se vos não purificar a todos, Discipulos meus, não haveis de entrar no Ceo; mas só Pedro he o que não terá parte com Christo, se o não purificar? Parece que sim.

Saõ Pedro na pedra tinha a sua viva semelhança: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo*; & se se quizer advertir naqualidade desta pedra, não parece foy outra, senãõ hũa pederneyra, não só pela fortaleza, que resolutõ mostrou em querer morrer com Christo: *Etiam si oportuerit me mori tecum*,

Sup.

Ibidem.

Joan.
13.Mat
16.Mat
26.

tecum, mas porque vendo se amorosamente por tres vezes ferida de Christo. *Dicit*

7oan. 21. *ei tertio: Simon Joannis, amas me?* a estes golpes reben-

tou esta pedra em faiscas de fogo, ou incendios amoro-

fos pelas mesmas tres vezes: *tu scis quia amo te, tu scis quia*

7oan. 21. *amo te, tu scis quia amo te; &*

se S. Pedro em pederneyra se representa, tendo nella a sua viva semelhaça, a elle só,

& não aos mais, diz Christo que não entrará no Ceo, se o não purificar, que posto seja exemplar tão puro, como muytos: *vos mundi estis;*

acha Christo que necessita desta segunda purificação:

Sup. *Si non laveris te, non habebis partem mecum.*

Vives, que pareceis exemplares, este caso, que passou, he o exemplo, que nos

7oan. 13. *dedi vobis.* Quem mereceu

melhor a estatua de pedra, que S. Pedro, pois o mesmo Christo foy o que a levantou, *super hanc petram aedificabo;*

& sendo Christo o Artifice, achou depois algũa

7oan. 13. *cousa, q' lhe alimpar: Cæpit*

lavare. Vejam a distancia, que vay desta viva estatua às mais estatuas, & desta pedra às mais pedras. A estatua de S. Pedro era hũa maravilha do Ceo, q' não acaba;

as estatuas da terra são maravilhas do Mundo, que finalizam; a pedra de S. Pedro era pederneyra do incendio mais subido do amor:

Domine, tu scis quia amo te; as pedras do Mundo são pederneyras do nosso livro, q' em abrazado fogo se defatam. Não se siem não em o Mundo os conhecer por exemplares, porq' nem todos

serão tão bons como S. Pedro. Se podem ter o seu Purgatorio neste Mundo na suavidade das agoas como

Pedro: *flevit amarè,* para que o querem ter no outro

Mundo em incendios de fogo como seus Irmãos?

que se basta neste Mundo hum só lavatorio de agoa, como em Pedro vimos, não parece basta no outro Mundo hũa só purificação de fogo, como agora veremos.

Diz David que aprata se purifica sette vezes com o

fogo

Y 3

Pfal. fogo: *argentum igne examinatum, probatum terra purgatum septuplum.* Tambem a candides da prata tem suas fezes? Quem tal dicera! Mas não reparo em não valer à prata a sua muyta candides, mas sim que havendo esta de ser purificada, lhe não seja bastante hũa, duas, tres, nem seis purificações, senão sette? Sim: porque aprata na opinião de Brecrio symboliza a hum justo exemplar na vida; & se o justo (como diz Salamaõ) pòde dar sette quedas no dia: *Septies enim cadet justus;* para se apurarem sette faltas, sette defeytos, & sette quedas no fogo do Purgatorio, parece he necessario haver sette purificações, *38. purgatum septuplum.*

Bre. ch. re. duct. lib. 11. cap. 38. Pro. verb. 24. Em quanto o justo anda na terra, sempre da terra poderà colher algũa flor; em quanto o exemplar anda no Mundo, tambem poderà lançar mão a algum fructo, & em quanto aprata prova da terra, *probatum terræ,* lá leva sempre comfigo algũa reliquia; & se o colher

aquelle flor, o lançar mão daquelle fructo, & o provar das reliquias desta terra, se não purga neste Mundo ao menos hũa vez como Pedro em agoas; no outro Mundo o pagarão no Purgatorio em sette purificações de fogo, como os candidos symbolizados na prata: *argentum igne examinatum, probatum terra purgatum septuplum.*

Valha-me Deos! que seja possível que não haja q̄ fiar na candides do Mũdo, pois parecem nelle os homês pefas de prata cõ seu refolho? Não ha homem, que seja o que he! nem ha homem, que seja o q̄ parece! O que deve ser exemplar, occulta o exemplo, que deve mostrar! & o menos exemplar fingidamente quer mostrar ao Mundo que dá exemplo, & não o dá! Estas faltas, & outras semelhantes, que ao seu parecer parecerão nada, no Purgatorio avultam muyto; estes defeytos, de que tal vez senão faz nenhũ caso, são os casos raros, que no Purgatorio se acham.

E senão,

E senão, digam-me, quantos Religiosos partiram desta vida na nossa opiniaõ logo para o Ceo, q̃ naõ fossem primeyro parar ao Purgatorio? Digam-no aquelles, por quem agora fazemos estes suffragios nesta funebre, & lamentavel lembrança, cujos retratos temos na memoria do nosso livro. Porém os retratos naõ falam, porque saõ homens mortos; mas he certo, se puderam falar, advertiriam a seus Irmãos, que dem exemplo de si, & que pareça cada humo que he sobpena de vir aparar no fogo daquellas pederneyras.

Aos Israelitas serviam de guia pelo deserto hũa nuvem de dia: *erat nubes tenebrosa*; & hũa columna de fogo de noyte, *per columnam ignis*. Naõ reparo em hũa nuvem faber o caminho para guiar para a terra da Promissaõ, porq̃ já hũa estrella o acertou para o presepio de Belem: *Stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos, usque dum veniens stare supra, ubi erat puer*; nem menos

reparo no fogo mostrar de noyte a estrada, porque esse he o officio proprio da luz; reparo sim, que havendo a nuvem de tomar algũa semelhança, fosse a de columna de fogo, *per columnam ignis*: que bayxo espirito parece tem esta nuvem, pois naõ aspira a subir! Se tem presumpções de nuvem, porq̃ naõ sobe a estrella? Naõ lhe estava melhor ser hũa estrella, que hũa columna de fogo? Sim estava; mas essa he apẽsaõ de quem deyxã de parecer o que he; se esta nuvem deyxã de parecer nuvem, qual havia de ser o seu fim, senão vir aparar em hũa columna de fogo: *erat nubes tenebrosa, per columnam ignis*? He a nuvem neste caso hum exemplar verdadeyro, & he hũa columna de fogo hũa abrazada pederneyra; pois se a nuvem por deyxar de ser o que era, veyo aparar em hũa columna de fogo; os exemplares, que devendo dar exemplo, naõ parecem o que saõ, qual poderia ser o seu fim, senão parar no fogo das nossas pederneyras, *vel*

Ex-
od.
14.

Mat
2.

celte sculpantur infelice?

Bem sey me dizem, não he este o mal dos maos, porque tem remedio na esperança indubitavel de ver a Deos; assim he; mas se este não he o mal dos maos, he certamente o mal dos bons, & cada hum está obrigado a sentir, & evitar o seu mal. O mal dos maos pòde cada hum ler no livro do Juizo final, que neste nosso livro só vay lançado o mal dos bons; que se estes, como vemos, se symbolizam em laminas de pederneyra, só os que são exemplares na vida merecem ter as suas estampas nestas pedras.

Quis Christo resuscitar a Lazaro, & mandou-lhe primeyro tirar a campa, que o cubria: *Tollite lapidem*. E para Christo o resuscitar, he necessario lhe tirem primeyro a pedra, que o cobre? Não era mayor maravilha resuscitar a Lazaro com a campa em cima? Sim era. Deyxe Christo logo estar a pedra, & mostrará q até as pedras lhe obedecem. Oh que não era Lazaro o sujeyto, que

Christo houvesse de resuscitar com a campa em cima: se a campa estivesse em cima de Lazaro, como ainda não tinha o dote glorioso da penetração, ao sahir Lazaro para fóra faria brecha na pedra, & ficaria nella impressa a sua imagem; & como Lazaro figurava hum Religioso pouco observante, & menos exemplar na vida: *Lazarus religiosus peccans*; hum Religioso, que na vida não foy exemplar, acha Christo não merece ter em pedra a sua estampa, por isso lhe manda primeyro tirar a pedra, que o cobre: *Tollite lapidem*. Se Lazaro merecendo à piedade de Christo que o resuscitasse, por falta de merecimentos não mereceu ter a sua estampa naquella pedra, como imprimirey eu neste livro, senão quem fosse tão exemplar, como Lazaro defeytuoso?

Só os exemplares, que estão na outra vida, que não foram santos, vão aqui lançados em receyta, & todos nós desta receyta podemos tomar

Sal-
mey-
rao.

tomar hum *Recipe*: este seja o timbre do exemplar Religioso, que he a fortaleza na virtude, significada nas lascas de pederneyra: *Silices sunt fortes virtute*. A verdadeyra fortaleza consiste em saber bem resistir ao cerco, em que nos põem o diabo. Este timbre he o que S. Pedro dá todos os dias aos Religiosos, admoeitando-os nas Completas do Officio divino, & com este timbre faremos també as Completas hoje do Officio dos nosos Irmãos defuntos: *Fratres, vigilate: quia adversarius vester diabolus, tanquam leo rugiens, circuit, quærens quem devoret: Cui resistite fortes*. Caríssimos, & Religiosos, (diz S. Pedro) anday à vigia, porque o diabo vos põem de cerco, lançando-vos hum cordaõ, *circuit*, & como se fora hum leão desatado, quer sejais presa das suas garras infernaes. O remedio, que tendes, Religiosos, he que deveis ser exemplares verdadeyros, & armavos cõ o timbre de vofas armas, que vem a ser, ser

fortes em resistir-lhe: *Cui resistite fortes*. Esta he a advertencia de S. Pedro na sua Capitula, & esta he tambem a ultima advertencia, q' faço neste Capitulo. Haja nos Religiosos esta resistencia, & logo haverà esta fortaleza. De caza temos armas, com que lhe podemos resistir, que se o cerco do diabo he hũ cordaõ, *circuit*, contra elle temos hũa Correa, porque os nõs cegos daquelle diabolico cordaõ desatam-se prodigiosamente com graças da nossa Correa. Cõ estas graças, & Indulgencias podem os Religiosos assim sabios, como exemplares, ser bons para si, & para as almas de seus Irmãos, que para muytos mais he a Correa. Seraõ bons para seus Irmãos, livrando-os de tantas penas, como se vem afflictos; & seraõ bons para si, riscando-se deste livro do Purgatorio à vista de tantos exemplos; & assim descansarà Job com a sua ansia, & eu com a minha em poder presumir falta aos Religiosos este livro de taõ impor-

Al-
leg.

1.
Petr.
5.

20
11.03
100
102
11.11

2
R-
2

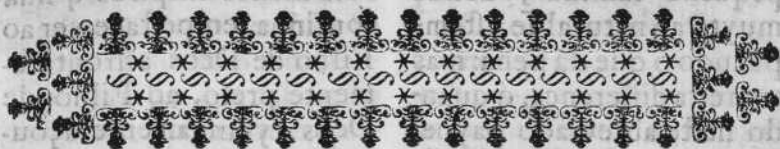
importante memoria: porq̃ para não haver nenhũa desculpa, aqui diante de Deos lhes faço entrega delle assim, & da mesma sorte, q̃ Job o queria compor, & compos nestas palavras: *Quis mihi tribuat ut scribantur sermones mei? quis mihi det ut exarentur in libro stylo ferreo, & plumbi laminâ, vel celte sculpantur in silice?*

Meus Padres, & caríssimos meus, tome cada hum de nós por sua conta este livro, não para o ver só com curiosidade, mas sim para o rever com attenção. Tome cada hum de nós a penna na mão, & se antigamente se costumava escrever cõ pena de osso: *Fuit autem stylus primùm ferreus, de inde ossis,* não se perca este tão antigo estylo, & inveterado costume; metamos a mão naquella abrazada urna, & tiremos hũ daquelles ossos: q̃ se estas são as pennas do Purgatorio, só posso dizer que são bem finas, & se a pena dos mortos nos dá pena, ainda a pena de Job está bem viva, *stylo ferreo.* Tome cada

hum de nós na mão esta pena de ferro, & veja se lhe pésa tanto como a Job, & diga cada hum o que sente.

O que eu posso dizer he, que neste livro do Purgatorio não acharão cousa contra a Fé, poderão sim por lhe taxa, q̃ como nelle se purgam muytos defeytos, bem mostra nisto que tem muyto contra os bons costumes; algũas erratas lhe acharão, mas com muyta facilidade se podem estas emendar, porque se são defeytos de quem se estampa, não são erros de quem o imprimio. Ultimamente não mandem a este livro que corra, por ser contra a vontade de Job seu author; mandem sim q̃ fique, & fique para memoria: que deseja tanto Job eternizar esta memoria dos Irmãos defuntos, que em laminas de chumbo, & lascas de pederneyra a descreveu: *Quis mihi tribuat ut scribantur sermones mei? quis mihi det ut exarentur in libro stylo ferreo, & plumbi laminâ, vel celte sculpantur in silice?*

Gaf-
par
San-
ch.in
Job
19.
n.23



S E R M A Õ D A P A Y X A O

DE JESU CHRISTO NOSSO SALVADOR,

Prégado na Freguesia de Saõ Paulo.
Anno de 1696.

*Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera
mea commorabitur. Cantic. I.*

POsto que a nossa memoria seja hum abreviado paynel, & hũa pequena estampa, nem por isso deyxã de ser este abreviado paynel hum mappa, em q se retrata todo o Mundo, & menos deyxam

tambem de se estampar nesta pequena lamina todos os successos do Universo; & assim naõ só he a nossa memoria hum abreviado paynel, aonde muyto ao vivo se retrata tudo o q dá gosto, senaõ que tambem he hũa
pequena

pequena lamina ; aonde muyto ao natural se estampa tudo o que dá pena: mas com esta differença; q̄ quando neste abreviado paynel se retrata o que dá gosto, fica a memoria sendo hum efficàs incentivo para o alivio; & quãdo nesta pequena lamina se estampa o que dá pena, fica servindo a memoria de hum cruel verdugo para o sentimento.

E se não ha, nem pôde haver paynel mais verdadeyro, nem mais fiel lamina para se retratarem os successos de todo o Mundo, que a nossa memoria ; esta he a que vos peço nesta hora : porque retratando, & imprimindo eu nella o caso mayor, que vio o Universo, & o successo mais tragico, que foy, he, & serà a admiracão dos Anjos, o pasmo dos homens, & a confusão do inferno; he certo vereis nesta impressão o verdadeyro Neptuno do mar das vossas lagrymas, & o proprio Eolo do ar dos vossos suspiros; que não pede menos lagrymas q̄ hum mar,

Edneus

nem menos suspiros q̄ hũa continua tempestade, ver ao Filho de Deos affrontosamente preso, ao Filho de Deos tyrannamente açoutado, ao Filho de Deos exposto aos olhos de seus inimigos para ludibrio, ao Filho de Deos por caza de impios juises, & por hũ delles injustamente sentenciado, ao Filho de Deos pelas ruas de Jerusalem com o grande pelo de hũa Cruz às costas, & ultimamente ao Filho de Deos pregado na Cruz morrendo às mãos sacrilegas daquella infernal tyrannia.

Para estampar este funebre successo nas vossas memorias, (que he o mesmo que estampallo nas vossas almas) só me pareceram proprias as palavras, q̄ tomey por thema, por serem de hũa alma, el'posa de Jesu Christo, recopilando na figura de hum ramallete todos os tormetos da sua Payxaõ: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* He meu Esposo Christo Jesu, (esta he a triste lamentação, que esta

esta esposa entoa nos seus Cantares) he meu Esposo (Christo Jesu hum ramalhe- te de myrrha, o qual posto no meu peyto, nelle o que- ro conservar eternamente.

Que esta alma falasse neste lugar da Payxaõ de Jesu Christo, diz expressa- mente Ghislerio: *Nec congruentiori metaphora explica- re potuisset collectionem uni- versarum passionum Christi, quam fasciculi mirrhæ*: naõ podia esta alma (diz o Pa- dre) escolher metafora mais propria para explicar toda a Payxaõ de Jesu Christo, que apropialla a hum ramalhe- te de myrrha; naõ só porque na myrrha se sym- boliza a sua Payxaõ: *No-*

Hug. mina mirrhæ mors Christi, disse Hugo Cardial; nem só porque assim como as flores se ajütam para se formar hum ramalhe- te, tambem os tormentos da Payxaõ hum ramalhe- te formam unidos: *Sicut in uno fasciculo multi- plices colligati sunt flores, sic et in illum multiplices conflu- ant angustiae, universaque amaritudinum genera*; mas

porque nascendo as mimo- sas flores em qualquer hor- to, no Horto de Gethsema- ni he que tiveram principio as tristes flores da Payxaõ de Jesu Christo: *Tristis est anima mea usque ad mortem*; porque neste Horto he que começou a tua lamentavel Payxaõ: *In horto Christi Passio incepit*, disse o douto Carthagena.

Sendo a vista de qualquer horto pelo vistoso de suas flores, & pelo aprasivel das suas arvores a mayor delicia para toda a vista; a vista deste Horto foy para Jesu Christo hũa agonia mortal; *factus in agonia*: porque nas suas tristes flores, & nas suas funestas arvores se lhe re- presentou hũa viva imagem de todos os seus tormentos; advertio S. Cypriano: *Dolorum omnium viva illi objecta est in Horto imago*: & assim tratádo logo de colher na sua representação hũa hastea daquellas arvores, & algũas flores daquellas flores, formou, & tesseu o nun- ca já mais visto ramalhe- te da sua Payxaõ. Este he o ramalhe- te,

Mat 26.

Car- th. tom.

1. lib. 10. Ho- mil. 3. 81

Luc. 22. n. 43

Cyp. cit. a Blu- tean Ser- maõ da Pay- xaõ.

ramalhete, que aquella Espoſa quis ſempre conſervar no ſeu peyto: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* Eſte he o ramalhete, cõ que a Espoſa pernoytava toda eſta noyte, *inter ubera mea*

Bibl. max. *pernoctabit*: verte outra letra: & eſte he o ramalhete, que temos de ver teſſido neſta noyte por Jeſu Chriſto. Começemos já a ver (almas Catholicas) eſte ramalhete, & entremos com Jeſu Chriſto no Horto: *Joan. 18.* *Egreſſus eſt Jeſus trans Torrentem Cedron, ubi erat hortus,* ſe queremos ver colhido na realidade o q̃ as ſuas flores lhe moſtraram na representação.

A primeyra flor, q̃ Jeſu Chriſto no Horto colheu, foy o malmequeres. A viſta, & aconſideração deſta flor lhe fizeram brotar hum copioſo fuor de ſangue, para o que ſe abriram todos os poros do ſeu ſagrado Corpo: *Factus eſt ſudor ejus, ſicut guttæ ſanguinis decurrentis interram*: porq̃ vendo Jeſu Chriſto que nem o odio dos

Judeus, nem a mã vontade de Judas (que eſtes foram todo o ſeu malmequeres) queriam ter naquelle precioſo Sangue (como todos tem) o ſeu reſgate, antes q̃ Judas ſe ſe aproveytou del- le, foy para o vender: *Quid vultis mihi dare?* & não para ſe aproveytar, taõ penoſa foy para Jeſu Chriſto a viſta deſta flor, & taõ efficàs a ſua conſideração, que lhe fez rebentar o ſangue por todos os poros do Corpo: *Factus eſt ſudor ejus, ſicut guttæ ſanguinis decurrentis interram.*

Advertiram muytos Padres com Santo Ireneu, que cada pequena guttula deſte ſanguineo fuor tinha a fórma, & figura de hũ perfeyto globo: *Sicut guttæ ſanguinis... alii cum Ireneo vertunt globos ſanguinis.* Sem duvida quis Jeſu Chriſto q̃ Judas, & os ſeus ſequazes, por quẽ eſtava instantaneamente eſperando: *Ecce qui me tradet prope eſt,* viſſem, & reparaf- ſem nas fórmas, & figuras daquelle Sangue: que ſe o globo he a propria figura, & fórma

fôrma do Mundo, (como os Astrologos o figuram) sendo tantas as pequenas porções, & guttulas de sangue, quantos os globos, q̄ formavam; se tantos Mundos houvera, para tantos sem nenhũa duvida haveria sangue, porque para reparar tantos havia naquelle precioso Sãgue tantos Globos, *sicut gutta sanguinis... Globos sanguinis.*

O' Judas, bem parece q̄ tens o diabo no coração, *Joan. cum diabolus jam misisset in* 13. *cor;* quando taõ malevolo te mostras com aquelle precioso Sangue, q̄ tens à vista! pois sendo tu o mercador, & o vendedor deste Sangue, nem bom mercador, nem bom vendedor quizeste ser; naõ foste bom mercador, porque comprando este Sangue de graça ainda agora no Cenaculo: *Accipite, & bibite;* a tua malevolencia mostrou que quis mais beber o Sangue a Jesu Christo, q̄ aproveitarse da graça do seu Sangue. Tambem naõ foste bom vendedor, porque se aquelle Sangue,

representando tantos Mundos, quantos foram os globos, que formou, quis mostrar (como já disse) que se tantos Mũdos houvera perdidos, tantos tiveram naquelle Sangue o preço de seu resgate, hum Sangue q̄ tanto val, hum Sangue que poderia resgatar tãtos Mundos, como o vendeste somente por trinta dinheyros?

At illi constituerunt ei triginta argenteos. Mat 26.

Pois defengana-te, ò malevolo, que se foste o malequeres de Jesu Christo, elle muyto bem te soube conhecer a flor, porque no Cenaculo te deu a conhecer: *Unus vestrum me traditurus est.* Naõ queres que te aproveyte este Sangue? oh como receyo que de desesperado te vas enforçar: *Laqueo se suspendit;* & esta Mat 27. *ferà a unica cousa, em que (se fora possivel) poderia acharte alguma razaõ: porq̄ razaõ he naõ viva neste Mũdo hum homem taõ malevolo, que naõ quer viver em hum daquelles Mundos, que Jesu Christo lhe mostra naquelles*

quelles globos de seu Sangue: *Sicut guttae sanguinis... Globos sanguinis.*

Mas já sey q te não queres ainda enforçar, porque queres primeyro entregar nas mãos de seus inimigos a teu Divino Mestre. Supposto que assim he, chega, chega, que no Horto não só te espera, mas a ti, & aos que te seguem sahe ao encontro sem mais armas que o seu valor, sem mais escudo que a sua muyta paciencia. *Sur-*

Mat *gite, eamus: ecce appropinqua-*
26. *vit qui me tradet;* & supposto vens já de caminho, de

caminho tambem adverte que com esse mesmo valor, que ves, verás sem nenhũa duvida, nem repugnancia colhida a segunda flor, que he a sua prisão, em que Jesu Christo colheu a flor da sylva, por ser esta da prisão o mais proprio jeroglyphico, como advertio o douto Bar-

Bar-
rad.

Para representar a prisão de Jesu Christo não pôde haver flor mais propria que esta, porque se esta flor se vé presa entre tantos laços,

zallup

entre tantas prisões, & entre tantas varas, quantas são as varas, os laços, & as prisões da sylva; bem se vé collheffe Jesu Christo neste Passo esta flor, não só porq se vio preso entre tantos laços, & entre tantas prisões, quantas foram as muytas, & varias, cõ que o prenderam, (no sentir vario dos contemplativos) mas tambem porque se vio preso entre tantas varas, não de justiça, mas de injustiça, que por serem tantas, nem o mesmo Evangelista parece lhe acerta com o numero, *cum gladiis, & fustibus.*

Mat
26.

Costuma o Aspid andar sempre de companhia entre as flores, & como estas lhe não fojem, por se verem sempre presas, antes a qualquer acção sua voluntariamente se lhe inclinam, he tão traidor o Aspid, que com abocca pica aquella flor, q a si vé mais bem inclinada. Não podia entre as flores do ramallete da Payxaõ deyxar de andar hum Aspid na sua companhia. (mas quando em hũa companhia faltou

faltou hum Judas) Vio este Aspid q a flor de Jesu Christo já lhe não fugiria, pela suppor já presa, & assim fazendo acção de querer dar-lhe hum osculo: *Ave Rabbi*; esta Divina flor de Jesu Christo: *Ego flos campi*, se lhe inclinou volútaria para o receber, como foy revelado a Santa Brigida: *Christus Dominus se inclinavit ad osculum ejus suscipiendum*; & o mesmo foy ver este Aspid traidor, que a flor de Jesu Christo presa; tanto se lhe inclinava, que logo com aquella peçonhenta bocca picou atrevido aquella preta flor: *Osculatus est eum*.

26. Diz Vegecio q na bandeira desta Companhia, que com Judas veyo prender a Jesu Christo, vinha pintada hũa Aguia: *Gestabat in vexillo Aquilam*. Oh que bandeira taõ propria para esta prisaõ! pois trasia impressa hũa Aguia, a qual não sabe viver mais que de presas. Aguia infernal era a Aguia desta bandeira, pois se via seguida de tantos, & taes soldados, quantos de bayxo

della se alistavam: cada hum destes foy hũa Aguia nesta prisaõ de Jesu Christo, porque cada hum nelle empregou as suas garras como pode. *Cohors ergo, & tribunus, & ministri Judæorum comprehenderunt Jesum*. Bem pareceram estas Aguias filhas daquella Aguia infernal, que se as Aguias só tem por filhos aquelles, que melhor penetram os rayos do Sol, a nenhuma daquellas Aguias, q a seguiam, podia desconhecer aquella Aguia infernal do alto daquella bandeira: *Gestabat in vexillo Aquilam*; quando vio que cada hũa destas Aguias penetrou tanto os rayos do Sol de Jesu Christo: *Christus est Sol*, que nas suas garras levaram preso ao mesmo Sol com seus rayos: *Ligaverunt eum*.

O' Catholicos, já o ramallete de Jesu Christo tem com que prenda as flores da sua Payxaõ; mas que prisões taõ improprias para hum ramallete taõ mimoso, que entre milhares foy este só o escolhido: *electus ex millibus*.

Z Costumam

Sup.

Cat.

2.

Birg.

lib. 4.

Re-

vel.

cap.

66.

Mat

26.

Ve-

get.

lib. 2.

de

re

mili-

tari,

cap.

7.

Joan.
18.

Sup.

Al-
leg.

Joan.
18.

Cat.
5.

Costumam as flores nos ramalhetes prenderem-se cõ canutilhos de prata, & atarem-se cõ fios de fino ouro; porém no ramalhete da Payxaõ de Jesu Christo o canutilho de prata trocou-se em hũa grossa corda, & o fio do ouro converteu-se em hũa cadea de duro ferro.

Ay Jesu! que lá vos levam atado com hũa corda ao pescoco, & preso com hũa cadea ao nosso Ramalhete! Lá levam ao nosso Jesu por caza de impios juises para injustamente o sentenciarrem. Almas Catholicas, buscay em hũa destas cazas ao vosso Ramalheté; & já que em qualquer caza destas se vos representa o Passo da prisaõ, prendey-o tambem, & seja trocandolhe aquella grossa corda em finas cordas dos vossos corações, & convertendo-lhe aquella dura cadea de ferro em affectuosos grilhões das vossas almas: mas esperay, esperay hum pouco; deyxay-o correr aquellas cazas, porque sem duvida anda buscando as mais flores, q̃ lhe faltam

para o ramalhete de sua Payxaõ, conforme a representação do Horto.

Em caza de Pilatos achou Jesu Christo naõ menos q̃ duas flores para o seu ramalhete; foy a primeyra a flor jacintho, propria flor para os seus açoutes: porque se o jacintho he da cor do Ceo, & as flores que brota, são purpureas, como diz Breccorio: *Hyacinthus est herba coloris caelestis, sed florem habet purpureum*; quem deyxay de saber que aquelle sagrado Corpo he hum animado Jacintho, por ser o Ceo, que occultava o Verbo Divino; & quem deyxay tambem de ver que as flores, que nos açoutes brota aquelle animado Jacintho, são as flores purpureas de seu Sangue.

Seis algozes (diz São Jeronymo) foram os que açoutaram com fortes varas a Jesu Christo; & com vossa licença, meu São, dicera eu que estes foram seis jardineyros, que à violencia de sua malevola industria fizeram brotar as purpureas flores daquelle precioso Sãgue

nas

Breccorio: *Hyacinthus est herba coloris caelestis, sed florem habet purpureum*; quem deyxay de saber que aquelle sagrado Corpo he hum animado Jacintho, por ser o Ceo, que occultava o Verbo Divino; & quem deyxay tambem de ver que as flores, que nos açoutes brota aquelle animado Jacintho, são as flores purpureas de seu Sangue.

Hieron. cit. a 70.º sept. da Es. per. sa. p. 19.º

nas muytas varas, com que acontaram aquelle sagrado Corpo: mas ainda não dice- ra bem; porque o Jardiney- ro destas flores foy só Jesu Christo, por quanto só elle foy o Jardineyro das flores de sua Payxaõ. Notey eu que só em certa occasiaõ vendo a Magdalena a Jesu Christo, o tivesse por Jardi- neyro: *existimans quia hor- tulanus esset*. E que tem Jesu Christo mais nesta occasiaõ, que em outras, para que só agora pareça Jardineyro à Magdalena? Os Anjos o disseram: *Jesum queritis Nazarenum, crucifixum?* Buscais, Magdalena, a Jesu Nazareno crucificado? Na- zareno quer dizer flor: *Nazarenus id est floridus*; & buscar a Jesu Christo flori- do crucificado, bem se vé que era buscallo com as flo- res da sua Payxaõ; & como a Magdalena assim o busca- va, achou que destas flores só elle podia ser o Jardiney- ro, & por isso só nesta occa- siaõ Jardineyro he que lhe parece: *existimans quia hor- tulanus esset*.

Joan.
20.

Mar
ci
16.

Al-
leg.

De hũa coluna para dian- te não pode Hercules dar mais hum só passo, & assim nessa coluna dizem q gra- vou o seu *Non plus ultra*; porém o nosso Herculeo Jardineyro na coluna, em que colheu as purpureas flores dos seus açoutes, se escreveu algũas palavras, seriam estas duas, *plus ultra*, mais além, porque além des- ta coluna deu mais passos; mas se neste se representa- va Jardineyro das flores da sua Payxaõ, & além das que colheu na sua coluna tinha ainda mais flores q colher, certo era, que além da colu- na ainda havia de dar mais passos; & assim.

O primeyro que deu, foy para lhe porem na cabeça hũa coroa de settenta & do- us espinhos, & hũa purpura por escarnio aos hombros, & desta sorte o mostrou Pi- latos a todo aquelle povo: *Exivit ergo Jesus portans co- ronam spineam, & purpureum vestimentum*. Oh que vista tão lastimosa, & oh que vis- ta tão sentida?

Joan.
19.

Almas Catholicas, vinde,

& vede ao vosso Deos co-
roado de espinhos, & vesti-
do em hũa purpura; vinde,
& vede que esta vista he es-
tupenda, admiravel, & ma-
ravelhosa: *Vadam, & videbo*

Ex-
od. 3. *visionem hanc magnam. Que-*

ro ir, (diz Moysés) & que-
ro ver hũa vista estupenda,
admiravel, & maravelhosa.
E que visaõ serà esta? O

Ibid. *Dominus in flamma ignis de*
medio rubi: & videbat quòd
rubus arderet, & non combu-
reretur. Apareceu-lhe o
Senhor no meyo de hum es-
pinheyro cercado de cham-
mas, & ardendo o espinhey-
ro, não se consumiam os es-
pinhos. Oh que figura taõ
propria da que Pilatos ago-
ra mostra à quelle povo; &
senão, reparay bem.

The-
odor.
cit.
in
A-
lap.
Ex-
od. 3.
La-
hais
in
Ex-
od. 3.

O Filho de Deos (diz
Theodoreto) foy o q̄ appa-
receu a Moysés naquelle es-
pinheyro. *Theodoretus putat*
fuisse Filium Dei, & o Filho
de Deos entre espinhos foy
o q̄ Pilatos mostrou à quel-
le povo: *Totus Christus est in*
medio spinarum, disse hum
Douto. Os espinhos da-

quelle espinheyro bem mos-
travam que ao Filho de
Deos formavam hũa coroa,
porque cercandoo todo em
hum perfeyto circulo, no
meyo de todos elles he que
appareceu a Moysés, *de me-*
dio rubi, & os espinhos, com
que Pilatos mostrou a Jesu
Christo, não só tesseram hũa
perfeyta coroa, porque lhe
cingiram em circulo toda a
cabeça, mas quando aquel-
les tyrannos a fizeram, logo
em fôrma de coroa a forma-
ram: *Plectentes coronam de*
spinis, posuerunt super caput
ejus.

Sup:
cit.

Ma:
27.

Entre abrazadas cham-
mas appareceu o Filho de
Deos a Moysés naquelle es-
pinheyro, *in flamma ignis*;
& agrã daquella sagrada
purpura no abrazado da
sua cor bem mostrava que
entre brilhantes labaredas
mostrou Pilatos a Jesu
Christo; porque na purpu-
ra, & na grã (diz Santo Am-
brofio) resplandece hũa es-
pecie de fogo: *In cocco species*
ignis irrutilat. Finalmente
admirou-se Moysés de que
senão queymasse aquelle es-
pinheyro

Sup:

Am:

brof.

in

Psal.

117.

Ser-

mon:

18.
v. 4.

pinheyro com tanto fogo, videbat quòd rubus arderet, & non còbureretur: & quem se não admira de ver q̄ entre tantas chammas, como em Jesu Christo ardiam, não se consumiram os espinhos, porque estes muyto bem se lhe divisavam na cabeça, portans coronam spineam?

Sup.
cit.

Mas cesse já toda a admiração, porque se os espinhos fenaõ queymam com tanto fogo, he porque Jesu Christo quer colher neste Passo hũa flor para o seu ramalheite; & flor que se colhe entre espinhos, já se vé que deve ser a flor da rosa. Nasce esta naturalmente entre espinhos, mas dos espinhos não se vé que nasçam naturalmente as rosas; porém as rosas naquella divina cabeça se entre espinhos foram vistas, foy, porque dos mesmos espinhos brotaram: Certè mihi spine rosas Divinissimi sanguinis protulerunt, disse hum Contemplativo. Settenta & dous espinhos penetraram tyrannamente aquella Divina cabeça, & como ao entrar de cada hũ

Es-
perã-
sa
pñf.
21.

delles sahio logo hũa rota; settenta & duas saõ as rosas, que aquella Divina cabeça cercam em gyro, tessendo-lhe a coroa: Statim ex his fertum quoddam in formam coronæ conficitur.

Div.
Bon.
in
med.
Pas-
sion.
Chri
sti.

Haverà alma tão cega, a quem a vista daquellas rosas lhe não leve a pos si os olhos da alma? & haverà coração tão duro, a quem aquelles agudos espinhos não traspassem o coração? Sim ha, & saõ as almas, & corações daquelle barbaro povo, a quem a vista daquellas rosas leva tão pouco os olhos da alma, & a quem aquelles agudos espinhos traspassam tão pouco os corações, que com toda a ansia pedem a Pilatos em altas vozes não só que lhe tire diante dos seus olhos a Jesu Christo assim coroadado: Tolle, tolle; senão q̄ em hũa Cruz o crucifique: Crucifige, crucifige eum.

Joan.
19.
Luc.
23.

Oh barbaros, que não sabeis o que pedis; pedis a Pilatos que ponha a Jesu Christo em hũa Cruz? Isso mesma he o que elle quer; que

que como a Cruz he certamente a hastea do ramalhe da sua Payxaõ, esta he a que com todo o cuydado anda buscando em trinta & tres annos q̄ tem de idade, & por falta desta he que não tem tessido já o seu ramalhe: o que supposto, day lhe já essa Cruz, & vereis que as flores, que tem colhido, se unem muyto a essa sagrada hastea no mesmo tempo, em que lhe puzerdes a Cruz às costas: *Bajulans sibi crucem.*

Joan
19.

Mas ay, que forte, & pesado madeyro he o que vos põem às costas, meu Jesu:

Lud. Venerabile lignū Crucis grossum, & multum grave ponūt super humeros. Porém se as flores da vossa Payxaõ tem tanto de pesadas, não necessitam de menos forte madeyro, em que se sustentem. Com este às costas vos levam a toda apressa para o Calvario, & para que neste caminho vos não faltasse tambem a melhor flor, a flor de vossa Mãe Sãtissima he a que com vosco se encontra neste caminho. Oh que

Lud.
de
Sax.
2. p.
vita
Chri
sti,
cap.
26.

pena foy a desta Flor ver neste caminho a este Filho! & oh que tormento foy o deste Filho ver neste caminho a esta Flor. Lirio lhe chamou este Filho nos seus Cantares: *Sicut lilium, sic amica mea*: porém neste Passo trocou-se este Lirio em Rosa branca, porq̄ mudando a cor, desmayada, & sem sentidos cahio Maria Santissima nos braços daquellas santas mulheres, q̄ a acompanharam: *Semimortua facta est, & exanimata: mulieres sanctae sustentantes Dominam meam.*

Cãt.
2.

Lud.
de
Sax.
2. p.
vita
Chri

O' mulheres santas, day-nos essa desmayada Rosa, porque a queremos pôr no peyto para o descanso; day-nos essa desmayada Rosa, porque lhe queremos dar o coração para almofada; day-nos essa desmayada Rosa, porque ainda os nossos olhos tem lagrymas para burrifar esse desmayo; mas como he possivel que nos dem agora esta Senhora, se seu Filho para colher esta Rosa entre seus braços, lhe deu aquelle alento, que bastou,

sti,
cap.
26.

tou, para correr para elle cõ os braços abertos: *Maria*

Sum. cucrrit, ad Christum ample-

Bon. xandum, disse São Boaventura.

Mat in Oh como para hũa flor se colher he forsa que se

27- haja de cortar, para neste

n.40 Passo seu Filho colher esta

desmayada Rosa, os fios de

hũa aguda espada foram os

que com toda a forsa tyrannamente a cortaram, como

lhe tinha já profetizado o

Luc. 2. Santo velho Simeão: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius.*

Colhida já esta Rosa, subio Jesu Christo ao alto da-

quelle monte, aonde colheu aquelles tres cravos, se he

que não foram quatro; (como quer algum contempla-

tivo) mas ou fossem quatro, ou tres, o certo he, q aquel-

les cravos não sahiram da-

quelle ramallete com facilidade, porque à violencia

de martellos foram muyto bem pregados naquelle sa-

grado Corpo. Muyto cre-

ceram aqui agora as flores da Payxaõ de Jesu Christo,

naõ só porque nesta hastea se uniram todas, mas porq

naõ havia flor neste ramallete, que para o atormen-

tar não sahisse fóra do seu natural: *Flos omnis carnis*

repletur fracturis, disse São

Bon. Boaventura. Porém não he

Mat in muyto que crescessem tanto

estas flores, quando foram

regadas não menos que com

quatro rios de sangue, os

quaes saindo de hũ só rio,

(que hum rio de sangue era todo aquelle sagrado Cor-

po: *Fluvius incipit scaturire sanguineus*) correram copio-

samente pelas quatro fixu-

ras dos cravos. Oh Parayso

celeste, & verdade yramen-

te Parayso Terreal! Assim

te considero, Corpo Santifimo, quando vejo que de

hum só rio de sangue bro-

tam quatro rios diversos

para te regar as flores: *Flu-*

vius egrediebatur, qui inde dividitur in quatuor capita.

O sangue já se vé que he

muyto, & naturalmente não

põde já viver muyto hum

corpo, que de si lança tanto

sangue; & assim porq Jesu Christo quer já morrer, por

isso colhe para o seu ramallete a flor Gyrafol. Anda

Sum. Bon. in Mat 26.

Esperãsa pãt. 19. in me- dio.

Gen. 2.

esta flor tanto à vontade do Sol material, que do Oriente até o Occidête naturalmente se lhe vay sempre inclinando em final da obediencia, que lhe tem; & Jesu Christo andou tanto à vontade de seu Eterno Pay, Sol verdadeyro, como lhe chamou Laureto: *Sol designat Deum Patrem*, que do Oriente até o Occidente, que val o mesmo, desde que Jesu Christo nasceu até que morreu, tâto lhe foy inclinado, q̄ lhe obedeceu em tudo quãto lhe mandou: *Misit me vivens Pater... factus obediens usque ad mortem*. A' vista do Sol material anda tambem sempre a flor Gyrafol com aquelle movimento, q̄ lhe permite a sua immobilidade; & à vista do Sol de seu Pay andou sempre o Gyrafol de Jesu Christo todo o tempo, que neste Mundo andou, *Pater in me est*. Finalmente se tanto que à flor Gyrafol falta o Sol com a sua assistencia, morre logo esta flor, o Gyrafol de Jesu Christo viveu em quanto o Sol de seu Pay lhe assistio;

porém tanto que se vio deyxado só para padecer, (que esta he a explicação dos Padres neste lugar) tanto q̄ a assistencia do Sol de seu Pay lhe faltou, como elle mesmo amorosamente se queyxa: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* sem mais demora morreu logo o Gyrafol, & espirou com todas as suas flores o ramalhete de Jesu Christo: *expiravit*.

Mas entre essas flores, q̄ espiraram, lá lhe vejo de novo hũa flor muyto ao vivo, a qual he para elle hũa lançada, que tem no lado, *unus militum lanceâ latus ejus aperuit*. Digo que he hũa flor viva esta flor, porque vejo lança de si sangue, & agoa: *Continuò exivit sanguis, & aqua*. A flor pela parte em que està, bem se conhece, porque se està no peyto, & chega ao coração de Jesu Christo, que a tanto (diz São Boaventura) chegou aquella lançada: *Unus militum lanceâ attigit costam, & transfixit etiam ipsum cor*: sendo o peyto a lamina do amor,

Alleg.

Joan. 6. Pan- li ad Phil. 2. cap. 2.

Joan. 11.

Mat. 27. Mar. ci. 15.

Joan. 21.

Ibid.

Sum. Bon. in Mat. 27. n. 116.

amor, & o coraçãõ o feu af-
 sento: *In latere est amor, nam
 Syto. in eo est cor, quod sedes est amo-
 6. ad ris*; bem se vé que esta flor
 ad- he amor perfeyto; amor
 dit. perfeyto por se dar naquel-
 in le lado: *In latere est amor*;
 7. an. amor perfeyto por entrar
 19. no coraçãõ, *in eo est cor, quod
 2. 6. sedes est amoris*; & amor per-
 feyto, por passar pelas bali-
 zas da mesma morte; *expira-
 vit... unus militum lanceã la-
 tus ejus aperuit.*

Oh ditosa alma esposa de
 Jesu Christo, já tês este Ra-
 malhete da sorte que o que-
 rias; querias este ramalhete
 de myrrha: *Fasciculus myr-
 rhæ dilectus meus mihi*: taõ
 Cat. myrrhadõ está já o ramalhe-
 1. te, que perderam os alentos
 de todo as suas flores; que-
 rias este ramalhete myrrha-
 do para o peyto, *inter ubera
 Ibid. mea commorabitur*, lá per-
 noytaste com elle; *inter ube-
 Bibl. ra mea pernoctavi*: mas foy
 ma. porque o soubeste tesser de
 novo na contemplaçãõ das
 suas flores: *In meditatione
 Gbif Passionis Christi singula ejus
 ler. tormentata tanquam in uno fas-
 in ciculo collecta servetur a spon-
 1. 1.*

so, diz Ghislerio.
 O' almas Catholicas, que-
 reis como esposas que sois
 de Jesu Christo, pòr este ra-
 malhete de sua esposa nos
 vossos peytos? Naõ pode-
 rà ser, se o naõ tesserdes co-
 mo ella na meditaçãõ de
 suas flores. O Ramalhete
 aqui está myrrhado, porém
 a vossa contemplaçãõ bem
 o pòde representar muyto
 ao vivo; as flores aqui estão
 sem nenhum alento, porém
 as vossas lagrymas tem effi-
 cacia para reverdecer estas
 flores; as prisões são só as
 que faltam: mas naõ faltam,
 naõ as prisões, porque os
 corações ainda tem finas
 cordas, & as almas affectuo-
 sas ligaduras, como já vos
 disse, que estas só são as que
 servem. Excitem-se pois os
 sentidos para acontempla-
 çãõ, abram-se os olhos para
 as lagrymas, quebrem se as
 cordas dos corações, arran-
 quem-se as ligaduras das al-
 mas, & começay atesser o
 ramalhete da Payxaõ. E se
 para se tesser hum ramalhe-
 te com as flores de outro, he
 necessario desfazerse pri-
 meyro

Su-
da-
rio.

meyro o ramallete, eu vou desfazendo este ramallete da Payxaõ flor por flor; & flor por flor ide cada hum de vòs colhendo para de novo o tesser.

Estas duas plantas já vedes que são de cravos, & andando sempre estas plantas à flor da terra, notareis que as vedes agora muyto fundas, mas he porq' por huma, & por outra parte lhe arrebetaram os cravos. Em pé se tiveram atégora estas Divinas plantas, porém o odio cortou tanto por ellas, que em pé já senão podem ter; mas ay plantas Divinas, quem vos colheu esses cravos? Seria aquella vossa Magdalena, que sempre no Calvario vos assistio? Não duvido; porque se só pôde colher esses cravos quem fober muyto bem regar essas plantas, ninguem melhor que a Magdalena as foubere regar, pois sobre ellas começaram, sem acabar de correr, as suas lagrymas: *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus.* Quereis, ò almas Catholicas, colher estes cravos

para o vosso ramallete? Pois regay como a Magdalena perennemête estas myrrhadas plantas.

Estes sagrados joelhos pelo roxo, que nelles vedes, são dous lirios, porém adverti, que são dous lirios dobrados, não só porque são dous, senão porque muytas vezes se dobraram, pondo-se na terra, & só no Horto não se dobraram menos que tres vezes estes sagrados joelhos: *Oravit tertio positus genibus.* E o fim para que no Horto, & sempre se dobraram, foy para pedir a seu Eterno Pay fosse sempre feyta a sua vontade, que era de nos salvar: *Pater, non mea voluntas, sed tua fiat.* Mas ay sagrados joelhos, como vos vejo pisados! Mas não he muyto que assim vos veja, quando o peso de hũa Cruz vos fez com o muyto peso dobrar. O' almas Catholicas, colhey estes sagrados Lirios, porém colhey-os dobrados, para que nelles, como em espelho, vejaís o como a Deos se deve pedir.

Nestas mãos tendes duas flores

Luc.
7.

Mat
26.
Luc.
22.

Ibid.

flores da Sylva, porque nestas mãos he que se puzeram bem apertadas as prisões. Mas o' mãos Divinas, se estais tão rotas, como estais tão presas? Se o odio vos pões nesse aperto, o nosso amor vos quer soltar, porq se o odio foy a causa desta morte, sendo (como diz Salamaõ) o amor tão forte como a morte : *fortis est ut mors dilectio*, bem pôde soltar o amor a quem a odiosa morte prendeu. O' almas Catholicas, colhey, & lançay mão destas mãos, & destas flores ; porém adverti, que estas que agora colheis, são as duas unicas flores, que entre todas as mais da Payxaõ só levaram as palmas.

Neste Lado, já vos disse, colheu este Senhor o amor perfeyto, mas se colheu esta flor, foy porque neste peyto he que se recolheu o mais perfeyto amor. A flor bem se pôde já colher, porque está bem aberta esta flor, & se hum Thomé incredulo teve mão para a colher ; *non credam... affermanum tuã in*

latus meum ; credulos, & incredulos colham todos esta flor ; & advirtam huns, & outros, que se viram agora flores, que entre as mais da Payxaõ levaram as palmas, esta flor do Lado comfigo leva hum coração.

Vede já todas as mais flores, que faltam neste sagrado rosto. Para esta bocca se passou a flor jacintho, porque se esta tem a cor celeste, abri a flor desta bocca, & vereis que lá dentro certamente tem o Ceo ; & se naõ, perguntay àquelle ditoso Ladraõ aonde foy que o achou, & dirvos ha q foy nesta bocca : *Hodie mecum eris in Paradiso*. Mas já vejo que me estais dizendo: Como he possivel seja flor de jacintho esta bocca, se nunca teve hum ay : *Non aperuit os suum*, quando na flor jacintho hum ay se vé escritto em cada folha? Tendes razão ; mas se nesta bocca faltaram os ays, ponde-lhos vòs, & assim ao colher deste jacintho dizey de todo o coração : Ay minha Flor ! Ay meu Jacintho ! Ay meu Jesus !
Nestes

Cat.
8.

Joan.
20.

Luc.
23.

Nestes dous olhos he q se vem, ou não se vem, porque estaõ fechados, dous Gyrafoes ; mas se o Gyrafol nas suas mesmas folhas, em que abre, se sepulta quando o Sol lhe falta ; vendo se estes dous Gyrafoes deyxados do Sol Divino: *Deus meus,*
Sup. Deus meus, ut quid dereliquisti me? que podiam fazer, tenão sepultarem-se nas mesmas duas folhas, que os abria. Colhey, almas Catholicas, estes dous Gyrafoes, & estimay muyto estas duas flores, porque nellas levais não menos que dous olhos da cara a Jesu Christo.

Nesta cabeça vereis que estaõ as rosas já sem espinhos, & arazão he: porque os espinhos como eram as minhas, & as vossas culpas, consumiram se os espinhos quando a redempção dos peccados se consummou: *Consummatum est.* O' almas Catholicas, colhey estas rosas, mas não as colhais com culpas, porque as poreis outra vez entre espinhos.

Naõ ha mais flores, que

ver neste Ramalhete, mas se todas as flores tem suas varas, aonde estaõ as varas destas flores? Eu desta parte não as vejo, voltemos o Ramalhete, & vejamos se por vêtura ficaram cá desta parte. Sim Catholicos, aqui estaõ, porque cada golpe destes he hũa vara assinalada. Oh que bem, meu Jesu, se deram as flores nestas varas ! o odio bem sey que as deu, mas a vossa misericordia foy a que lhe fez brotar as flores. Colhey, Catholicos, estas varas, se quereis levar as flores da misericordia.

Todas as suas flores tendes neste Ramalhete, se bem o souberdes tesser ; & supposto sois almas esposas de Jesu Christo, abri os braços a este Ramalhete, & ponde-o no peyto ; abri-lhe os braços, & day-lhe o coração, dizendo com aquella esposa : *Fasciculus myrrhae Câr. dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* Dentro nos corações vos quere-
 mos, Ramalhete das nossas almas ; no peyto vos quere-
 mos

mos pòr, divinas flores; mas
te fois flores da misericor-
dia, tambem na bocca vos
queremos traser, não só
para a nossa veneração, se-

não para que ao pronunciar
cada hũa flor destas flores
se ouça nas nossas boccas a
vossa Misericordia.

*Laus Deo, Virgini Matri Mariae,
& Sancto Josepho.*





INDICE

Dos lugares da sagrada Escriitura.

Os numeros denotam as paginas.

Ex Lib. Genesis.

Cap. 1. **I**N principio creavit
Deus Cælum. 48.

1. *Faciamus hominem ad imagi-
nem, & similitudinem nostram.*
113. & 142.

1. *Creavit Deus hominem.* 138.

1. *Luminare maius, luminare
minus.* 182. & 226.

1. *Spiritus Domini ferebatur su-
per aquas.* 186.

Cap. 2. *In quocunque enim die
comederis, morte morieris.* 67.
113. & 146.

2. *Inspiravit in faciem ejus spira-
culum vitæ.* 150.

2. *Fluvius egrediebatur, qui in-
de dividitur in quatuor capita.*

359.

Cap. 3. *Ipsa conteret caput tuum.*
64.

3. *Tulit de fructu, deditque viro
suo, qui comedit.* 68.

3. *Eritis sicut Dii.* 72. & 114.

3. *Ait Dominus ad serpentem:
Super pectus tuum gradieris.*
72.

8. *Intellexit ergo Noe, quòd ces-
sasset aquæ super terram.* 76.

8. *At illa venit ad eum portans
ramum olivæ.* 76.

Cap. 14. *Melchisedech Rex Salem,
proferens panem, & vinum.*
222.

Cap. 19. *Respicens que uxor ejus
post se, versa est in statuam sa-
lis.* 175.

Cap. 22. *Tolle filium tuum, quem
diligis, Isaac, & offeres eum in
holo-*

- holocaustum. 203.
21. *Risum fecit mihi Deus.* 203.
- Cap. 28. *Tulit de lapidibus: tulit lapidem, & erexit in titulum.* 2.
28. *Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta Cæli.* 5.
28. *Tulit de lapidibus, qui jacebant, & supponens capiti suo, dormivit.* 302.
28. *Surgens ergo Jacob, tulit lapidem, quem supposuerat capiti suo, & erexit in titulum.* 303.
- Ex Lib. Exodi.
- Cap. 3. *Ego sum qui sum.* 7.
3. *Moyfes, Moyfes... sed veni, & mittam te ad Pharaonem, ut educas populum meum, filios Israel de Egypto.* 28.
- Cap. 4. *Quid est quod tenes in manu tua? Respondit: Virga.* 28. & 29.
3. *Vadam, & videbo visionem hanc magnam.* 356.
3. *Apparuit ei Dominus in flamma ignis de medio rubi: & videbat quod rubus arderet, & non combureretur.* 356.
- Cap. 5. *Induratum est Cor Pharaonis.* 245. & 219.
5. *Quis est Dominus?* 245.
5. *Deus Hebræorum vocavit nos, ut eamus viam trium dierum in solitudinem, & sacrificemus Domino Deo nostro.* 245.
- Cap. 7. *Devoravit virga Aaron virgas eorum.* 143.
7. *Versa est in colubrum.* 143.
7. *Vocavit autem Pharaos sapientes.* 220.
- Cap. 17. *Sume tecum de senioribus Israel: & virgam, qua percussisti fluvium, tolle in manu tua.* 247.
17. *Percuties que petram.* 247.
17. *En ego stabo ibi coram te super petram.* 248.
- Cap. 18. *Digitus Dei est hic.* 220.
- Cap. 31. *Ut sciatis quia ego Dominus.* 7.
31. *Deditque Dominus Moyse duas tabulas testimonii lapideas.* 7.
- Cap. 33. *Ostende mihi gloriam tuam.* 10.
33. *Non videbit me homo, & vivet.* 10.
33. *Est locus apud me, & stabis.* 10.
33. *Cumque transibit gloria mea, ponam te in foramine petreæ, & videbis.* 11.
- Ex Lib. Numerorum.
- Cap. 20. *Loquimini ad petram.* 247.

20. *Egressæ sunt aquæ largissimæ.* 248.

Ex Lib. Deuteronomii.

Cap. 27. *Et edificabis altare de lapidibus, quos ferrum non tetigit, & de saxis informibus, & impolitis: & offeres super eo holocausta.* 20.

Ex Lib. Josue.

Cap. 10. *Stetit Sol in medio Cæli.* 60. & 231.

10. *Sol contra Gabaon ne movearis.* 230.

Cap. 24. *Tulit lapidem pergrandem, posuitque in Sanctuario.* 15.

24. *En lapis iste erit vobis in testimonium, quod audieritis omnia verba Domini, quæ locutus est vobis.* 15.

Ex Lib. Regum. 1.

Cap. 13. *Altare, altare, hæc dicit Dominus.* 246.

Ex Lib. Regum. 4.

Cap. 20. *Vis ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur*

totidem gradibus? 276.

Ex Lib. Job.

Cap. 2. *Ecce in manu tua est.* 129.

Cap. 19. *Manus Domini tetigit me.* 129.

19. *Quis mihi tribuat ut scribantur sermones mei? quis mihi det ut exarentur in libro stylo ferreo, & plumbi lamina, vel cæte sculptantur in silice?* 33. & 328.

19. *Pelli meæ, consumptis carnibus, adhæsit os meum.* 331.

19. *Rursum circumdabor pelle meæ.* 331.

Ex Lib. Psalmorum.

Cap. 2. *Filius meus es tu, ego hodie genui te.* 48.

Cap. 17. *Posuisti ut arcum æreum brachia mea.* 134. & 216.

Cap. 18. *In omnem terram exivit sonus eorum.* 230.

18. *Exultavit ut gigas ad currendam viam.* 296.

Cap. 36. *Gladium evaginaverunt peccatores.* 130.

Cap. 39. *Legem tuam in medio cordis mei.* 8.

Cap. 47. *Mittit crystallum suam sicut buccellas.* 18.

Cap. 50. *In peccatis concepit me mater*

- mater mea.* 136.
- Cap. 71. *Benedictum nomen maiestatis eius in æternum.* 38.
71. *Reges Tharsis, & insulæ munerera offerent.* 209.
- Cap. 74. *Inclinavit ex hoc in hoc.* 112.
- Cap. 77. *Panem Angelorum mā. ducavit homo.* 254.
- Cap. 80. *De petra mele saturavit eos.* 295.
- Cap. 81. *Ego dixi: Dii estis.* 236.
- Cap. 88. *Thabor, & Hermon in nomine tuo exultabunt tuum brachium cum potentia.* 35.
- Cap. 89. *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies hesternæ, quæ præterit.* 260.
- Cap. 90. *Non accedet ad te malum.* 88.
- Cap. 109. *Virgam virtutis tuæ emittet Dominus ex Sion.* 29.
109. *Tu es Sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech.* 51. & 222.
109. *Ex utero ante luciferum genui te.* 104.
109. *De torrente in via bibit: propterea exaltabit caput.* 199.
- Cap. 110. *Memoriam fecit mirabilium suorum.* 158. & 308.
110. *Initium sapientiæ timor Domini.* 339.
- Cap. 119. *Sagittæ potentis acutæ*

cum carbombus desolatoriis.

334.

- Cap. 138. *In libro tuo omnes scribentur.* 136.

Ex Lib. Proverbiorum.

- Cap. 9. *Miscuit vinum, & proposuit mensam.* 97.
- Cap. 31. *Facta est quasi navis.* 243.

Ex Lib. Canticorum.

- Cap. 1. *Fasciculus myrrhæ dilectus meus.* 68. 202. 239.
1. *Oleum effusum nomen tuum.* 75.
1. *Lectulus noster floridus.* 75.
1. *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* 347.
- Cap. 2. *Columba mea in foraminibus petreæ.* 16.
2. *Enipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos.* 16.
2. *Ego flos campi.* 69. 228. 353.
2. *Sonet vox tua in auribus meis.* 96.
2. *Ne suscitatis, neque evigilare faciatis dilectam, quoadusque ipsa velit.* 261.
- Cap. 3. *Num quem diligit anima mea vidistis?* 122.

3. *Tenui eum, nec dimittam.* 215.
- Cap. 4. *Absque eo, quod intrinsecus latet.* 94.
4. *Sicut vitta coccinea labia tua.* 266.
- Cap. 5. *Ego dormio, & cor meum vigilat.* 95.
5. *Comedite amici, & bibite, & inebriamini charissimi.* 95.
5. *Aperi mihi.* 200. 215.
5. *Caput meum plenum est rore, & cincinni mei guttis nocturnum.* 201.
5. *Ille declinaverat, atque transierat.* 201.
5. *Expoliavi me tunicam meam.* 215.
5. *Lavi pedes meos.* 215.
5. *Labia ejus lilia distillantia myrrham.* 266.
5. *Electus ex millibus.* 353.
- Cap. 6. *Quasi aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol.* 141. 226.
- Cap. 7. *Venter tuus sicut acervus tritici vallatus liliis.* 54.
- Cap. 8. *Quaesi vi illum, & non inveni.* 95.
8. *Fortis est ut mors dilectio.* 120. 363.
8. *Pone me ut signaculum super cor tuum.* 122. 155. 215.
8. *Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris meae.* 215.
8. *Fuge dilecte mi.* 271.
- Ex Lib. Ecclesiastici.
- Cap. 24. *Ab initio, & ante saecula creatus sum.* 111.
24. *Ego ex ore Altissimi prodivi primogenita.* 111. 150.
- Ex Prophetia Isaiae.
- Cap. 6. *Clamabant, & dicebant: Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus exercituum.* 118.
6. *Vidi Dominum sedentem.* 142.
- Cap. 9. *Parvulus enim natus est nobis, & filius datus est nobis.* 212.
- Cap. 11. *Erit sepulchrum ejus gloriosum.* 23.
11. *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet.* 49. 111.
11. *Requiescet super eum spiritus Domini.* 45.
- Cap. 14. *Similis ero Altissimo.* 237.
14. *Sedebo in monte testamenti.* 322.
- Cap. 30. *Ecce nomen Domini de longinquo.* 36.
- Cap. 45. *Verè tu es Deus absconditus.* 162. 223. 295.

Cap. 48. *Gloriam meam alteri non dabo.* 59.

Cap. 49. *Ecce in manibus meis descripsi te.* 267.

Cap. 53. *Oblatus est quia ipse voluit.* 269.

Ex Prophetia Jeremiæ.

Cap. 11. *Eradamus eum de terra viventium, & nomen ejus non memoretur amplius.* 38.

Cap. 31. *Fœmina circumdabit virum.* 274.

Ex Prophetia Oseæ.

Cap. 13. *Ero mors tua ò mors.* 70. 127.

Ex Prophetia Zachariæ.

Cap. 4. *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum.* 267.

Ex Prophetia Malachiæ.

Cap. 4. *Orietur vobis Sol.* 26. 105. 148. 183. 218. 282.

4. *Sanctas in pennis ejus.* 124. 132. 282.

Ex Div. Matthæo.

Cap. 1. *Jacob autem genuit Judam.* 1.

1. *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph.* 56. 41.

1. *Joseph autem vir ejus cum esset justus.* 41.

1. *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.* 41.

1. *Joseph fili David noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* 42.

1. *Voluit occultè dimittere eam.* 45.

1. *Jesse autem genuit David regem.* 46.

1. *Liber generationis Jesu Christi.* 138.

Cap. 2. *Invenerunt puerum cum Maria Matre ejus.* 12. 207.

2. *Magi ab Oriente venerunt.* 206.

2. *Vidimus stellam ejus.* 206.

2. *Apertis thesauris suis obtulerunt ei aurum.* 208.

2. *Procidentes adoraverunt eum.* 209.

Cap. 4. *Venite post me, & faciam vos fieri piscatores.* 228.

4. *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* 311.

4. *Dic ut lapides isti panes fiant.* 13. 311.

4. *Mitte te de orsum.* 311. 321.

4. *Ductus est Jesus in desertum à Spiritu.* 311.

4. *Si filius Dei es.* 13. 311.

4. *Dominum Deum tuum adorabis,*

- bis, & illi soli servies. 313.
 4. Ostendit ei omnia regna mundi, & gloriam eorum. 315.
 4. Statuit eum super pinnaculum templi. 321.
 Cap. 5. Beati qui sitiunt iustitiam. 76.
 5. Vos estis sal terræ, vos estis lux mundi. 170. 228. 229.
 5. Non potest civitas abscondi supra montem posita. 170.
 5. Neque accendunt lucernam, & ponunt eam sub modio. 181.
 5. Ut luceat omnibus. 181.
 5. Hic magnus vocabitur. 181.
 5. Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona. 229.
 Cap. 10. Nihil enim est opertum, quod non revelabitur. 192.
 10. Quod in ore auditis prædicare super tecta. 194.
 10. Nolite timere eos, qui occidunt corpus. 195.
 Cap. 11. Non surrexit inter natos mulierum maior Joanne Baptistâ. 109. 156.
 Cap. 12. Sicut enim fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus, sic erit filius hominis in corde terræ tribus diebus, & tribus noctibus. 22. 299.
 Cap. 13. Nonne hic est filius fabri? 49.
 13. Simile est regnum cælorum homini negotiatori qui ærenti bonas margaritas. 309.
 Cap. 16. Quem dicunt homines esse filium hominis? 189.
 16. Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo. 340.
 Cap. 17. Vade ad mare, & eum piscem, qui primus ascenderit, tolle: & aperto ore ejus, invenies staterem, da eis pro me. 91.
 Cap. 21. Commota est universa civitas, dicens: Quis est hic? 59.
 21. Alii cædebant ramos de arboribus. 60.
 Cap. 23. Jerusalem, Jerusalem, quæ occidis prophetas, & lapidas eos, qui ad te missi sunt. 296.
 Cap. 25. Lapidas eos. 294.
 Cap. 26. Accipite, & comedite: hoc est corpus meum. 51. 52. 53. 166. 185. 217.
 26. Accipite, & bibite: hic est calix sanguinis mei. 52. 53.
 26. Tollat Crucem suam, & sequatur me. 74.
 26. Unus vestrum me traditurus est. 80. 351.
 26. Quid vultis mihi dare? 82. 350.
 26. Qui intingit mecum manum in paropside. 83.
 26. Peccavi tradens sanguinem justum. 83.

26. *Inclinato capite emisit spiritum.* 127.

26. *Fregit, deditque discipulis suis.* 164.

26. *Invenit eos dormientes: sic non potuistis una hora vigilare mecum?* 236.

26. *Oravit tertio.* 236.

26. *Flevit amare.* 341.

26. *Tristis est anima mea usque ad mortem.* 349.

26. *At illi constituerunt ei triginta argenteos.* 351.

26. *Surgite eamus: ecce appropinquavit qui me tradet.* 352.

26. *Transseat a me calix iste.* 112.

26. *Ave Rabbi: osculatus est eum.* 353.

Cap. 27. *Et posuit illud in monumento suo novo, quod exciderat in petra.* 22.

27. *Imposuerunt super caput ejus.* 75.

27. *Laqueo se suspendit.* 89. 351.

27. *Plectentes coronam de spinis, posuerunt super caput ejus.* 356.

27. *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* 360. 364.

27. *Verè filius Dei erat iste.* 12.

Cap. 28. *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* 94. 151. 284.

28. *Angelus Domini descendit: & accedens revolvit lapidem.* 300.

Ex Div. Marco.

Cap. 14. *Tu es Christus filius Dei? Ego sum.* 106.

14. *Audistis blasphemiam: quid vobis videtur?* 106.

14. *Accipit Jesus panem.* 217.

14. *Sedete hic.* 235.

14. *Assumpsit Petrum, & Jacobum, & Joannem.* 235.

14. *Hic est sanguis meus, qui pro multis effundetur.* 188. 292.

14. *Cæpit pavere.* 306.

14. *Surgite, eamus: ecce qui me tradet, prope est.* 306.

14. *Accipite, & bibite.* 351.

Cap. 15. *Emissa voce magna.* 159. 167.

15. *Posuit eum in monumento, quod erat excisum de petra.* 299.

15. *Advolvit lapidem ad ostium monumenti.* 299.

Cap. 24. *Ecce qui me tradet, prope est.* 350.

Cap. 26. *Cœnantibus autem eis, accepit Jesus panem.* 162.

Ex Div. Luca.

Cap. 1. *Ecce ancilla Domini.* 6. 102.

1. *Fecit mihi magna, qui potens est.* 6. 280.

1. *Respexit humilitatem ancillæ suæ.* 100. 111. 140.

1. *Ave gratiā plena.* 100. 281.
 1. *Virtus Altissimi obumbrabit tibi.* 100. 281.
 1. *Concipies in utero, & paries filium.* 102. 274.
 1. *Filius Altissimi vocabitur.* 102. 291.
 1. *Cogitabat qualis esset ista saluatio.* 103.
 1. *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco.* 107.
 1. *Præibis enim ante faciem Domini.* 156.
 1. *Mirati sunt universi.* 158. 161.
 1. *Factum est in die octavo venerunt circumcidere puerum.* 156.
 1. *Manus Domini erat cum illo.* 161. 167.
 1. *Posuerunt omnes, qui audierant in corde suo.* 161.
 1. *Hic erit magnus.* 279.
 1. *Ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes, quia fecit mihi magna.* 280.
 1. *Spiritus Sanctus superveniet in te.* 281.
 1. *Vocabis nomē ejus Jesum.* 291.
 1. *Fecit potentiam in brachio suo.* 301.
 1. *Suscepit Israel puerum suum.* 301.
 Cap. 2. *Vocatum est nomen ejus Jesus.* 25.
 2. *Postquam consummati sunt dies octo.* 26.
 2. *Ut circumcideretur puer.* 27.
 2. *Erat subditus illis.* 51.
 2. *Claritas Dei circumfulsit illos.* 221.
 2. *Gloria in altissimis Deo.* 294.
 2. *Tuam ipsius animam pertransibit gladius.* 359.
 Cap. 6. *Stetit in loco campestri.* 117.
 6. *Qui vexabatur a spiritibus immundis, curabantur.* 117. 124.
 6. *Virtus de illo exibat.* 117. 124.
 6. *Descendens Jesus de mote.* 118.
 Cap. 7. *Lacrymis cæpit rigare pedes ejus.* 362.
 Cap. 8. *Semen est verbum Dei.* 246.
 8. *Aliud supra petram: & natum aruit.* 246.
 8. *Exiit, qui seminat seminare.* 246.
 Cap. 11. *Beatus venter, qui te portavit.* 142.
 Cap. 13. *Illusit indutum veste alba.* 86.
 Cap. 22. *Hoc facite in meam commemorationem.* 53.
 22. *Factus in agonia.* 127. 306. 349.
 22. *Apparuit illi Angelus confortans eum.* 306.
 22. *Factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram.* 350.
 Cap. 23.

Cap. 23. Remisit eum ad Pilatum. 87.

23. Crucifige, crucifige. 357.

23. Hodie mecum eris in paradiso. 363.

24. Ego sum, nolite timere. Videte, quia ego ipse sum: palpate, & videte... Adhuc autem illis non credentibus. 233.

Ex Divo Joanne.

Cap. 1. Unigenitus, qui est in sinu Patris. 48. 301.

1. In principio erat Verbum. 110. 138.

1. Verbum caro factum est. 114.

1. In principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum, & Deus erat Verbum. 138.

1. Deum nemo vidit unquam. 140.

1. Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Joannes. 156.

1. Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem. 162.

1. Elias es tu? Propheta es tu? Non sum. 165.

1. Ecce agnus Dei. 245.

1. In ipso vita erat. 296.

Cap. 3. Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret. 212.

3. Hoc est autem iudicium. 212.

3. Spiritus ubi vult spirat. 304.

Cap. 6. In me manet, & ego in

illo. 51. 81. 243.

6. Sanguis meus verè est. 81. 108.

6. Ego sum panis vivus. 95.

6. Caro mea verè est: sanguis meus verè est. 108. 159.

6. Quomodo potest hic nobis carnem suam dare? 108. 144. 103.

6. Qui bibit meum sanguinem habet vitam. 146.

6. Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. 180.

6. Quis auferat hunc panem, vivet. 180. 296.

6. Caro mea verè est cibus: & sanguis meus verè est potus. 188.

6. Misit me vivens Pater. 282. 360.

6. Hic est panis, qui de Cælo descendit. 296. 308.

Cap. 8. Digno scribebat in terra. 196.

8. Primus in illam lapidem mittat. 196.

8. Nemo te condemnavit? Nemo Domine: Nec ego te condemna- bo: vade, & jam amplius noli peccare. 196.

Cap. 9. Lavi, & video. 184.

9. Fecit lutum ex sputo: lenivit lutum super oculos meos. 183.

9. Vade, lava in natatoria Siloe. 183. 198.

Aa 4 9. Lavi,

9. *Lavi, & vidi.* 198.
- Cap. 11. *Tollite lapidem.* 344.
- Cap. 12. *Venit hora, ut clarificetur Filius hominis.* 221.
12. *Venit ergo vox de Cælo: & clarificavi, & iterum clarificabo.* 221.
12. *Non propter me hæc vox venit, sed propter vos.* 221.
12. *Nunc iudicium est mundi, nunc princeps hujus mundi ejicietur foras.* 221.
12. *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.* 241. 214.
- Cap. 13. *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* 78. 257.
13. *Erat autem nox.* 162.
13. *Cum dilexisset, dilexit.* 217. 257.
13. *Sciens Jesus quia venit hora ejus.* 257. 283.
13. *Cænâ facta.* 283.
13. *Si non laveris te, non habebis partem mecum.* 340.
13. *Vos mundi estis.* 340.
13. *Exemplum enim dedi vobis.* 341.
13. *Flevit amarè.* 341.
13. *Cum diabolus jam misisset in cor.* 351.
- Cap. 17. *Pater, ego te clarificavi.* 47.
17. *Manifestavi nomen tuum hominibus.* 48.
- Cap. 18. *Cur me cædis?* 85.
18. *Regnum meum non est de hoc mundo.* 185.
- Cap. 19. *Stabant juxta Crucem Jesu Mater ejus.* 12. 112.
19. *Plectentes coronam de spinis, imposuerunt capiti ejus.* 86.
19. *Veste purpurea circumdederunt eum.* 86.
19. *Consummatum est.* 34.
19. *Noli scribere, Rex Judæorum.* 38.
19. *Dicit Matri suæ: Mulier, ecce filius tuus.* 107. 286.
19. *Lancæa latus ejus aperuit: continuo exiit sanguis.* 133. 159. 76. 36.
19. *Continuo exiit sanguis, & aqua.* 360.
19. *Ex illa hora accepit eam discipulus in suam.* 286.
19. *Exiit ergo Jesus portans coronam spineam, & purpureum vestimentum.* 355.
19. *Tolle, tolle.* 357.
19. *Bajulans sibi Crucem.* 358.
19. *Consummatum est.* 364. 70.
- Cap. 20. *Cum ergo sero esset, & fores essent clausæ ubi erant discipuli congregati.* 233.
20. *Ascendo ad Patrem meum.* 257.
20. *Non dum enim ascendi ad Patrem.* 257.
20. *Ex-*

20. *Existimans quod horulanus esset.* 355.

20. *Non credam... affer manum tuam in latus meum.* 363.

Ex Actibus Apostolorum.

Cap. 6. *Non poterant resistere sapientiae, & Spiritui, qui loquebatur* 298.

6. *Intuentes eum omnes viderunt faciem ejus, tanquam faciem Angeli.* 300.

Cap. 7. *Lapidabant Stephanum.* 295.

7. *Ecce video Calos apertos.* 300.

7. *Vidit gloriam Dei, & Jesum.* 300.

Ex Epistola Sancti Pauli ad Romanos.

Cap. 5. *Omnes in Adam peccaverunt.* 136.

5. *Charitas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis.* 212.

Ex Epistola 1. ad Corinthios.

Cap. 7. *Præterit enim figura hujus mundi.* 202.

Cap. 10. *Petra autem erat Christus.* 295.

Cap. 11. *Qui manducat, & bi-*

bit indigne, judicium sibi manducat, & bibit. 257.

11. *Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur.* 292.

Cap. 13. *Videmus nunc per speculum.* 154.

Ex Epistola ad Galatas.

Cap. 2. *Christo confixus sum Cruci.* 66.

Ex Epistola ad Philipenses.

Cap. 2. *Factus obediens usque ad mortem.* 360.

2. *Habitu inventus ut homo.* 185.

Ex Epistola 2. ad Timotheum.

Cap. 2. *Non coronabitur, nisi qui legitime certaverit.* 148.

Ex Epistola ad Hebræos.

Cap 9. *Christus assistens pontifex introivit semel in sancta, æternæ redemptionis inventa.* 37.

9. *Statutum est hominibus semel mori.* 238.

Ex Epistola 1. Sancti Petri.

Cap. 5. *Fratres, vigilate: quia ad ver-*

adversarius vester diabolus tãquam leo rugiens, circuit, quaerens quem devoret: cui resistite fortes. 345.

Ex Epistol. 2. Sancti Petri.

Cap. 3. *Unus dies apud Dominũ, sicut mille anni.* 260.

Ex Lib. Apocalypsis.

Cap. 4. *In circuitu sedis quatuor animalia.* 251.

4. *Ante thronum tanquam mare vitreum.* 252.

Cap. 5. *Erat numerus eorum millia millium.* 187.

5. *Accepit librum: & cum aperuisset librum, quatuor animalia ceciderunt coram agno.* 178.

5. *Vidi agnum tanquam occisum.* 178. 250.

5. *Ne fleveris: ecce vicit leo de tribu Juda aperire librum.* 250.

5. *Et accepit librum.* 250.

5. *Vidi librum scriptum intus, & foris signatum sigillis septem.* 336. 338.

Cap. 12. *Ecce Draco magnus habens capita septem.* 73.

12. *Signum magnum apparuit in Cælo.* 147.

12. *Mulier amicta Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum.* 148.

12. *Datæ sunt mulieri alæ duæ, ut volaret.* 149.

12. *Draco persecutus est mulierem.* 149.

12. *Projectus est Draco ille magnus.* 319.

12. *Factum est prælium magnum in Cælo, Michael, & Angeli ejus præliabatur cum Dracone.* 120.

Cap. 21. *Vidi sanctam Civitatem, sicut sponsam ornatam viro suo.* 172.



INDICE

das cousas mais notaveis.

A

Adão. Livro, em que se lê a geração humana. 138.

Adoração. Quando começaram a ser adoradas as Imagens, principalmente de Christo, & da Virgem Senhora nossa. 3. Naõ se pôde fazer ao demonio sem queda. 326.

Agua. Divisa de Jupiter. 239. Pintada na bandeyra dos soldados, que prenderam a Christo. 353.

Alemães tem as Aguias por divisa. 239.

Alexandre. Junto ao leyto aonde dormia, rebêtou hũa fonte de azeite. 75.

Altar foy a penha, que Jacob levantou. 5.

Amor. O mais insigne pintor. 115.

Foy seu retrato São Sebastião. 116. Das suas azas tira o divino Amor as pennas para voarem as suas settas.

132. Inventor do espelho. 115.

Fez setta de si mesmo para tender a hum amante. 214. Sua transforma-

ção admiravel 214.

Anagrama de São Bartholomeu. 226.

Anjos. Logo no Ceo applaudiram a festa da Cõceyção da Senhora. 141.

Anteon. Lutando com Hercules como ficou vencido? 71.

Santo Antonio. Cordeyro de Deos. 178. Como Sol cega, & dá vista juntamente. 182.

Apostolos. São as doze cazas do Zodiaco da Igreja. 232.

Arvores eram antigamente os livros, em que se escrevia. 29.

Aspid foy Judas quando entregou a Christo. 352.

B

Balança do amor pesando as eternidades. 269.

Balas como maçãs teve a morte para nós, & maçãs como balas tem o cypreste da Cruz para a morte. 67.

Bandeyra da companhia dos soldados, que prenderam a Christo, trafia pintada hũa aguia. 353.

Baptista.

Baptista. Quem elle he ve-se pela sua sombra. 164. Representado na sua imagem no Sacramento. 157. Poderia ser Narciso de si mesmo. 161. O que he, & o que não he 167.

S. Bartholomeu. Sol dos Bemaventurados. 226.

Braços. São arco, de que se despedem as setas do amor. 134. Nos d' Cruz esteve o diabo quando Christo espirou. 71. Os da Cruz venceram a serpente infernal. 72.

C
Cabeça de Adão estava sepultada ao pé da Cruz. 63.

Calix. Figura da sepultura 307.

Cegar, & dar vista juntamente fez Santo Antonio. 182.

Ceo estrellado foy o Apostolado de Christo. 231.

Christo Jardineyro das flores da sua Payxaõ. 355. Na sua Payxaõ com semelhanças de Gyralol. 36.

Circuncisão. A sua cicatrice foy figura do nosso peccado. 27.

Conceção. Logo foy applaudida no Ceo pelos Anjos. 141. A sua propria materia. 139.

Coração. He a fonte donde nascem os sacrificios para Deos. 21.

Coração. Da terra vulgarmente e falando he o coração dos homens. 22.

Cordeyro de Deos Santo Antonio. 178.

Corpo humano tem a perfeyta figura de Cruz. 65. Corpo de Christo Sacramento he espelho. 155.

Cruz de que arvores foy formada? 60. Exaltada nas quatro arvores, de que se compõem. 61. Foy a hastea do ramalhete da Payxaõ. 358.

Crystal que cousa he? 18.

Cypreste. Figura da morte. 68. As suas maças para a morte são balas. 67.

D

Dadivos. Não deu Christo 'o seu Sangue immediatamente depois do seu Corpo. 80.

Desculpa que poderia ter o Baptista, se se arrojaße às agoas a buscar o seu retrato. 161.

Desposorio. He verdadeyro o do novo Sacerdote com Christo Sacramento. 52. No desposorio do novo Sacerdote ha palavras significativas, & mutuo consentimento de vontades. 52. O de S. Joseph foy verdadeyro, santo, & do Ceo. 44.

Dia da Esperansa consta só de tres horas. 293.

Diabo esteve nos braços da Cruz, quando Christo espirou. 71. Tentado com as suas mesmas tres tentações, com que tentou a Christo no deserto. 313.

E

Ecco que cousa he? 17.

Eleyção em que consiste? 226.

Enganar com a verdade. 195.

Escultor foy Jacob quando profeticamente artificiou de varias penhas a Imagem de Penha de França, collocando-a

- locando-a sobre hũa grãde Penha. 2.
Esculturas. Quando tiveram principio as das Imagens? 17.
Espelho. Foram três os inventores, que o acharam. 154.
Espinhos. Viram-se na rosa do Sangue de Christo. 86.
Estatua. O titulo que Jacob levantou, foy hũa estatua, & Imagem da Virgem Senhora nossa. 2. & 3. De muitas, & várias pedras unidas, conforme pedia a medição do corpo humano, formavam as suas estatuas os Escultores Egypciacos. 3. Foy Deos o primeyro, que a formou no Parayso. 113.
Santo Estevam. Contratador de pedras. 309.
Eternidade. Até o fim, & eternidade para sempre, sua distincção. 268.

F

- Faltas.* Que não parecem nada, & no Purgatorio avultam muyto. 342.
Figura da Vittoria. 67. Levãtada ao Menino Jesus pela sua estrella. 209.
Flores. Que Christo colheu no Horto da sua Payxaõ. 349.
Folhas da palma tem a figura de espada. 73.
Fonte de azeyte, que rebentou junto ao leyto de Alexandre. 75.
Força do destino, ou da predestinação. 199.
Fortaleza da alma na memoria, no entendimento, & na vontade. 119.
Fortaleza do amor he a mesma que a da morte. 121.

Furto foy o que fez Judas no Sacramento. 80.

G

- S. Gens.* Comediante representando tres jornadas. 195.
Grandesa do sentimento na ausencia de quem se ama. 266. A do Baptista representada occupa todo o circulo do espelho do Sacramento. 158.
Gyrasol foy Christo na sua Payxaõ. 360.

H

- Hera* em cada hũa folha tem hum coração. 21.
Heracles com a pelle do leão às costas. 238. Sua particular luta com Anteon. 71.
Homens parecem peyxes. 226. São semelhantes à hera. 21.
Horas. Quaes são as do amor, & da saudade? 258. Quantas se contam no Relogio da Esperansa? 277.

I

- Jesus* he livro, em que se imprimiram as cinco letras deste nome. 26. Este nome todos os annos apparece com effusão de sangue. 27. He Sol coroado com rayos. 218.
Imagens. Quaes foram as primeyras, que foram adoradas? 3. A do Baptista representada no espelho do Sacramento. 157.
Inventores do espelho. 154.
S. Joseph no portal de Belem figura va hum Sacerdote. 50. Na terra hũa expressã

expressa figura do Eterno Pay. 41.
 Santificado no ventre. 41.
Judas assemelhado no Aspid. 352.
 Foy o primeyro, que roubou o Sacramento. 80.
Justiça figurada na agoa. 76.

L

Laminas. Nas de pederneyra se debuxam os exemplares na vida. 140.
Leão produz fogo dos ollos comprimidos. 335.

Letras. As quatro do nome de Jesu significam os quatro lenhos, de que se formou a sagrada Cruz. 34. As cinco do nome de Jesus denotam as cinco Chagas. 34. As letras dos peccados escrittas na agoa do Baptismo, logo se apagam. 197.

Livros eram antigamente as arvores. 29. Na Contadoria geral de Deos ha hum, em que se escrevem todas as creaturas. 136. Tres se consideram: da geração Divina, da geração humana, & da geração de Christo. 137. O Sacramento he livro. 139. O de Job era do Purgatorio. 331. No do Apocalypse se liam os peccados dos homens. 327. Livro em que se lê o mal dos mãos, & o mal dos bons. 344.

Luz. Os seus effeytos. 181.
Luta celebre de Hercules com Anteon. 71.

Luziménios levam a todos os olhos. 229.

M

Mão de Christo quando mostra os

peccados, he para os perdoar. 197.
Maria Santissima como Penha de crystal multiplica a sua presença. 19. As suas perfeções vistas na Penha bem mostram não serem de artifice humano, senão divino. 19. Como Penha he pedra de ara do Corpo, & Sangue de Christo Sacramento. 23. Como Penha he tambem pedra de ara dos nossos sacrificios. 22. Como Penha he caza de Deos, Porta do Ceo, & Altar. 5. Não está escrita no livro geral, em que todos se escrevem. 136. He livro, em q se lê a geração de Christo. 137. Como em livro escreveu nella o Eterno Pay ao divino Verbo. 138. He verdadeyro Mappa do Ceo 140. & 141.

Metamorfofis admiravel do amor. 214.

Misericordia figurada no titulo da Cruz. 74.

Morte figurada na myrrha. 68. Tambem no cypreste. 68. Crucificada na Cruz. 68. Seus effeytos. 126.

Mundo. Não ha nelle fermosa sem senão. 136.

N

Nascimento do Baptista foy como luz. 162.

Narciso pela sua imagem, que viu nas agoas, se precipitou. 160.

Nome Santissimo de Jesus escrito na pedra, com que David derribou ao Gigante 32.

Oliveyra.

O

Oliveyra. Symbolo da vitoria, & da misericordia. 74.

Odio o mais insignie pintor. 115.

Naõ tem settas do amor, porq̃ naõ tem aljava, em que as recolha. 130.

Ordem Militar da Estrella, que houve em França. 205. Dedicada a Maria Santissima 209.

Ossos do leão comprimidos produzem fogo. 335.

P

Palma. Suas folhas faõ de espada. 73.

Pectados. O de Adão foy o general do exercito peccaminoso, contra quem se oppos o cedro da Cruz. 63. Escrittos na agoa do Baptismo immediatamente se apagam. 197.

Pedras. A de Jacob levantada em titulo, foram tres pedras unidas em hũa só. 4. Na primeyra tiboã da ley, que Deos deu a Moysés, estavam escrittos só os tres primeyros preceytos do Decalogo, & na segunda os sette. 8. A com que David derribou o Gigante, levava escritto o Santissimo Nome de Jesus.

Pedras singulares, que a Santo Este-
vam fizeram tiro. 396.

S. Pedro tem nome de pedra, & era pederneyra. 240.

Penha. He a Se hora como Penha

caza de Deos, Porta do Ceo. & altar de sacrificios. 5. A sua Imagem teve principio em Jacob 2. Cento, &

tantos annos tem a Imagem da Pe-

nya sendo por natureza branca, Ve-

nus com o seu sangue a fez verme-

lha. 81. He o Sangue de Christo.

82.

na de existencia. 9. Naõ ha nella que cortar, porque naõ ha nella que lançar fóra. 20.

Peyxes faõ os homens. 226. Os pey-xes na rede faõ os Irmãos de qual-quer Irmandade. 91.

Pintores. Os mais insignes faõ o odio, & o amor. 115.

Portal de Belem foy templo. 50.

Presepio foy altar. 50.

Q

Queda no templo he precipicio. 323.

Queyxas de Christo contra as pe-dras. 246. Amorosa queyxã de Christo. 264.

Quem deyxã de parecer o que he, para em menos. 343.

R

Ramalhete figura de Christo cruci-ficado. 69. Ramalhete da Payxaõ. 347. per totum.

Redempção começada na Circuncisaõ. 28.

Relicario foy o Baptista dos peytos montanhese de Judea. 161.

Relogio da Esperança 274. Do amor, & da saudade. 257. Do Sol o Sacra-mento. 283. E tambem foy relo-gio do Sol o vètre da Senhora. 274.

Retrato do amor Saõ Sebastiaõ. 116.

Dos homens nas mãos de Christo. 267.

Rosa sendo por natureza branca, Ve-nus com o seu sangue a fez verme-lha. 81. He o Sangue de Christo.

82. Tambem nelle se vio com espinhos. 86.

S

Sacerdote novo, verdadeyramente se desposa com Christo Sacramentado.

52. Deve ter todo o seu fundame na candidés dos lirus, quando celebra. 55.

Sacramento. A Carne, & Sangue de Christo figurados em duas pedras. 4. Assemelhado ao crystal. 18. Dizem que Judas o não commungára.

89. He livro. 139. He espelho. 155. He finete do amor. 217. He Relogio do Sol. 283.

Sal Evangelico aperta, preserva, & dá gosto. 174.

Sangue de Christo he rosa. 82.

Sudade he insupportavel quando na mesma hora se vé, & não vé a cousa amada. 263.

S. Sebastião. Foy Christo o que amorosamente o asetteou. 130.

Semelhança do Baptista reproduzida no Sacramento 165.

Sepultura figurada no Calix. 307.

Serpente infernal apertada nos braços da Cruz, foy vencida. 72.

Settas com que o diabo fere, não são suas, sennaõ de Deos. 130.

Signo, ce estes do Zodiaco da Igreja são os Apostolos. 332.

Sol. Os seus rayos vestem a Maria Santissima quando concebida. 148. Coroadado de rayos foy Jesus. 218.

Sombra. A do Baptista o dá a conhecer. 164.

T

Tiro admiravel do Eterno Pay a Santo Estevam. 301.

Titulo. He tao antigo o da Penha, que na ley antiga teve a sua origem. 2. Aquelle que Jacob levantou, sendo hum só, se compunha de tres diversos titulos. 4.

Triunfo da Cruz com o cedro, com o cypreste, com a palma, & com a oliveyra. 60. *per totum.*

V

Vara. Na de Moyés estava escritto o Santissimo nome de Jesus. 29. Esta era quadrangular. 30. Em cada angulo se lia húa das letras de Jesus.

31. Foy esta figura expressa da Conceçção da Senhora. 143. Húa vara secca na mão de S. Joseph miraculosamente se vio florida. 45.

União he propriamente o amor. 120.

Venus com a purpura do seu sangue fez vermelha a rosa, q̄ era branca. 81.

Ventre de Maria Santissima foy hū admiravel Relogio da Esperansa.

274. *per totum.* Foy Relogio do Sol. 274.

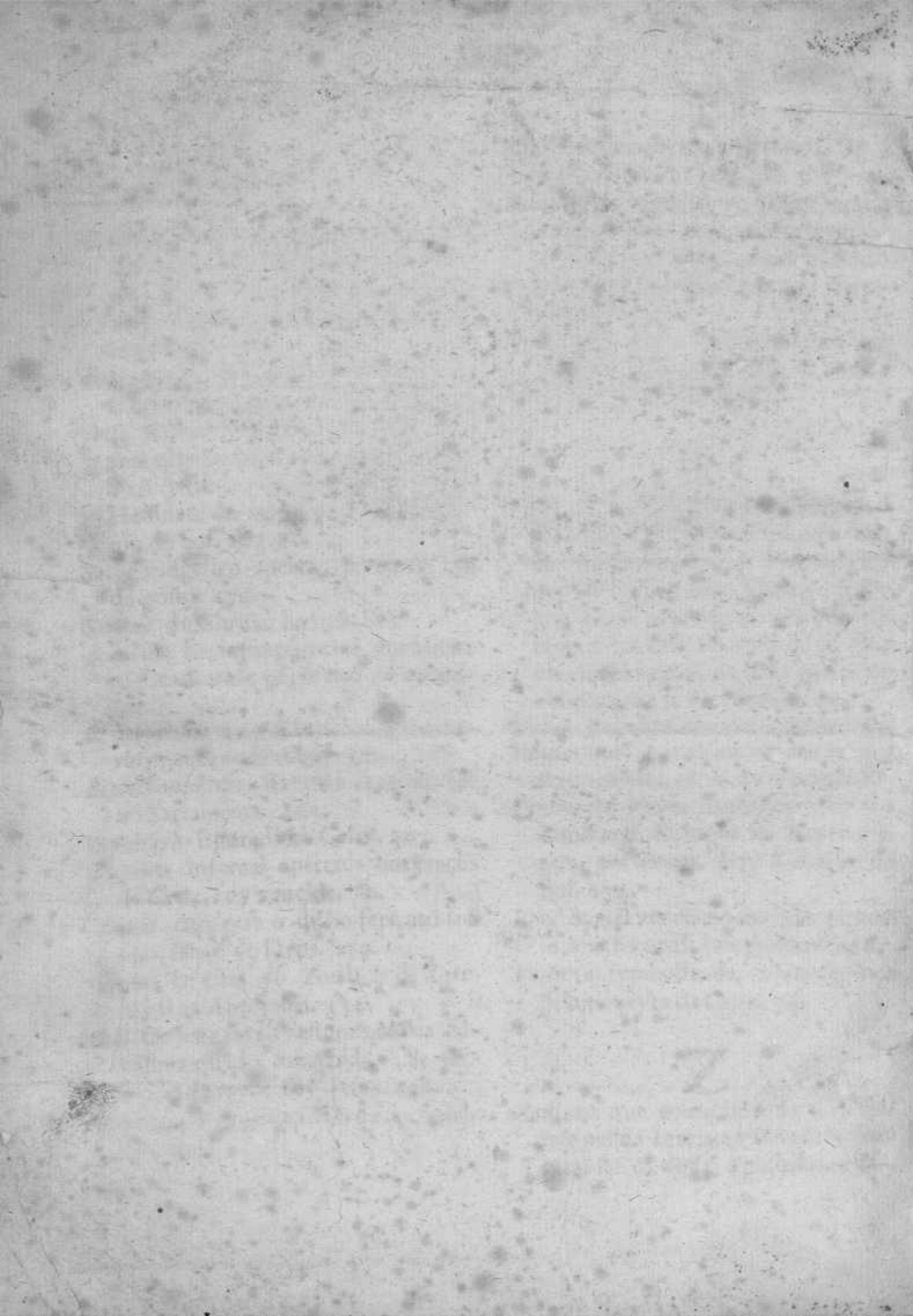
Ver, & não ver na me ma hora a quem se ama, he cousa insupportavel. 263.

Vittoria symbolizada, & conseguida pela oliveyra da Cruz. 74.

Z

Zodiaco que cousa he? 231. Figurase nelle a Igreja. 232. As suas doze cazas são os doze Apostolos. 232.









ANT
106